

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
SAN TIAGO DANTAS – UNESP, UNICAMP E PUC-SP

GIOVANA DIAS BRANCO

*As relações Rússia-Occidente: projeção internacional e autoimagem segundo o Clube Valdai e  
Vladimir Putin*

São Paulo - SP  
2023

GIOVANA DIAS BRANCO

As relações Rússia-Occidente: projeção internacional e autoimagem segundo o Clube Valdai e Vladimir Putin

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais, na área de concentração “Instituições, Processos e Atores”.  
Orientador: Luís Alexandre Fuccille.

São Paulo - SP  
2023

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”  
Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais – Biblioteca  
Graziela Helena Jackyman de Oliveira – CRB 8/8635

Branco, Giovana Dias.

B816 As relações Rússia-Occidente : projeção internacional e autoimagem segundo o Clube Valdai e Vladimir Putin / Giovana Dias Branco. – São Paulo, 2023.

182 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Luís Alexandre Fuccille.

Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) –  
UNESP/UNICAMP/PUC-SP, Programa de Pós-Graduação em  
Relações Internacionais San Tiago Dantas, São Paulo, 2023.

1. Rússia (Federação) – Relações exteriores – Séc. XXI. 2. Rússia (Federação) – Política e governo – Séc. XXI. I. Título.

CDD 327.47

GIOVANA DIAS BRANCO

As relações Rússia-Occidente: projeção internacional e autoimagem segundo o Clube Valdai e Vladimir Putin

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência para obtenção do título de Mestre em Relações Internacionais, na área de concentração “Instituições, Processos e Atores”.  
Orientador: Luís Alexandre Fuccille

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luís Alexandre Fuccille (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)

Profa. Dra. Daniela Vieira Secches (Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais)

Prof. Dr. Samuel Alves Soares (Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”)

São Paulo, 10 de março de 2023

Aos meus pais, Alberto e Simone, e minha irmã, Júlia,  
por acreditarem nos meus sonhos.

À tia Vera, que me mostrou como ensinar é um ato de  
amor.

Ao Sirius, meu grande companheiro de estudos.

A todos aqueles que acreditam que a educação é a sua  
forma de mudar o mundo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro concedido (88887.620851/2021-00). As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações aqui expressas são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão das instituições que apoiaram esta pesquisa.

Ao PPGRI San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp, PUC-SP) pela oportunidade de realizar o meu mestrado junto aos grandes especialistas da área, e ao meu orientador Luís Alexandre Fuccille pelo suporte. Agradeço também aos queridos professores que me auxiliaram em minha pesquisa, como o Prof. Dr. David Magalhães, meu eterno mentor acadêmico, e a Profa. Dra. Bárbara Motta, por me ajudar em um momento de grande necessidade. Não poderia deixar de agradecer aos professores que confiaram no meu trabalho e me ofereceram grandes oportunidades nos últimos anos, como a Profa. Dra. Priscila Villela e o Prof. Dr. Laerte Apolinário Jr. Ainda no âmbito acadêmico, agradeço aos meus colegas de turma e de grupos de estudo, como o GECI-PUC, o LEEM e o LEA-USP, por se engajarem com minha pesquisa e me apresentarem novas visões sobre o tema. Em especial, agradeço ao Gustavo Oliveira, que esteve próximo em todo o desenvolvimento do meu mestrado me oferecendo novas perspectivas. Aos professores da minha banca de avaliação, Daniela Vieira Secches e Samuel Alves Soares, nunca me esquecerei dos seus comentários profundamente construtivos.

Para além de todos os que me apoiaram academicamente durante os últimos dois anos, é igualmente necessário agradecer a todos que estiveram ao meu lado de forma pessoal. Meu maior 'obrigada' será para a minha família, que me celebrou em palestras, publicações e entrevistas, mas que também me apoiou em momentos de dúvidas e ansiedade. Agradeço ao meu pai por se dispor a ler e corrigir todos os meus textos, além de debater comigo sobre temas tão caros para mim. Agradeço aos meus amigos, em especial Cássio, Diva e Clara, que me acompanharam em tantos momentos e me ouviram falar incessantemente sobre a Rússia. Por fim, agradeço ao Filipe por acreditar no meu potencial mesmo quando eu duvidei, e por ser minha dupla que faz a vida ser mais leve.

## RESUMO

Este trabalho pretende compreender como, desde o retorno de Vladimir Putin à presidência em 2012, o Estado russo passou por uma reconstrução de identidade em termos de sua autoimagem e sua projeção internacional. Apesar de não ser um momento de ruptura com o período anterior, o ano indicado pode ser compreendido como um marco nas relações com os países ocidentais na medida em que a Era Putin se torna mais nacionalista e conservadora, o que pode ser observado por meio de uma política externa mais incisiva. Partindo de uma definição de identidade que considera tanto a projeção internacional quanto a autopercepção como elementos basilares para a formação do *Eu Estatal*, procuramos observar como tais elementos se comportaram no período de 2012 a 2020. Para tanto, analisamos o Clube Valdai de Discussão Internacional como um ator responsável por projetar os interesses e as visões de mundo da Rússia entre seus pares no sistema internacional – sobretudo entre a classe acadêmica – e Vladimir Putin como o principal formulador da autoimagem do Kremlin enquanto uma grande potência. Entretanto, a identidade é sempre construída de forma relacional entre os atores e, com isso, torna-se igualmente dependente das percepções do *Outro* sobre o *Eu* que se pretende projetar. Considerando o dilema histórico vivido pela Rússia em relação ao Ocidente, variando entre momentos de maior mimetização dos costumes, valores e instituições, e momentos de afirmação da soberania e da cultura russas, optamos por concentrar a presente análise da identidade russa em relação ao bloco abstrato que denominamos Ocidente.

**PALAVRAS-CHAVE:** identidade estatal; Clube Valdai; Era Putin; Ocidente.

## **ABSTRACT**

This work intends to understand how, since the return of Vladimir Putin to the presidency in 2012, the Russian State has undergone a reconstruction of identity in terms of its self-image and its international projection. Despite not being a moment of rupture with the previous period, the indicated year can be understood as a milestone in relations with Western countries as the Putin Era becomes more nationalist and conservative, which can be observed through a more incisive foreign policy. Starting from a definition of identity that considers both international projection and self-perception as basic elements for the formation of the State Self, we seek to observe how such elements behaved in the period from 2012 to 2020. For that, we analyze the Clube Valdai de Discussão Internacional as an actor responsible for projecting Russia's interests and worldviews among its peers in the international system – above all among the academic class – and Vladimir Putin as the main formulator of the Kremlin's self-image as a great power. However, identity is always built in a relational way between the actors and, therefore, it becomes equally dependent on the perceptions of the Other about the Self that is intended to be projected. Considering the historical dilemma experienced by Russia in relation to the West, varying between moments of greater mimicry of customs, values and institutions, and moments of affirmation of Russian sovereignty and culture, we chose to focus the present analysis of Russian identity in relation to the abstract bloc what we call the West.

**KEY WORDS:** state identity; Valdai Club, Putin Era, West.



## RESUMEN

Este trabajo pretende comprender cómo, desde el retorno de Vladimir Putin a la presidencia en 2012, el Estado ruso ha experimentado una reconstrucción de identidad en cuanto a su autoimagen y su proyección internacional. A pesar de no ser un momento de ruptura con el período anterior, el año señalado puede entenderse como un hito en las relaciones con los países occidentales a medida que la Era Putin se vuelve más nacionalista y conservadora, lo que se puede observar a través de una política exterior más incisiva. Partiendo de una definición de identidad que considera tanto la proyección internacional como la autopercepción como elementos básicos para la formación del Yo Estatal, buscamos observar cómo se comportaron tales elementos en el período de 2012 a 2020. Para ello, analizamos el Clube Valdai de Discussão Internacional como actor responsable de proyectar los intereses y cosmovisiones de Rusia entre sus pares del sistema internacional -sobre todo entre la clase académica- y Vladimir Putin como principal formulador de la autoimagen del Kremlin como gran potencia. Sin embargo, la identidad siempre se construye de forma relacional entre los actores y, por tanto, se vuelve igualmente dependiente de las percepciones del Otro sobre el Yo que se pretende proyectar. Considerando el dilema histórico vivido por Rusia en relación con Occidente, oscilando entre momentos de mayor mimetismo de costumbres, valores e instituciones, y momentos de afirmación de la soberanía y cultura rusas, optamos por centrar el presente análisis de la identidad rusa en relación al bloque abstracto lo que llamamos Occidente.

**PALABRAS CLAVE:** identidad estatal; Club Valdái; Era Putin; Occidental.

## РЕЗЮМЕ

Эта работа призвана понять, как с момента возвращения Владимира Путина на пост президента в 2012 году российское государство претерпело реконструкцию идентичности с точки зрения своего образа самого себя и своей международной проекции. Несмотря на то, что указанный год не является моментом разрыва с предыдущим периодом, его можно понимать как веху в отношениях с западными странами, поскольку эпоха Путина становится более националистической и консервативной, что можно наблюдать через более острую внешнюю политику. Исходя из определения идентичности, рассматривающего как интернациональную проекцию, так и самовосприятие как базовые элементы формирования государственного Я, мы стремимся проследить, как эти элементы вели себя в период с 2012 по 2020 годы. Для этого мы анализируем Клуб «Валдай». de Discussão Internacional как актор, ответственный за проецирование интересов и мировоззрения России среди ее коллег в международной системе, прежде всего среди академического класса, и Владимир Путин как главный формировщик представления Кремля о себе как о великой державе. Однако идентичность всегда строится в отношениях между акторами и, следовательно, становится в равной степени зависимой от представлений Другого о Себе, которое предназначено для проецирования. Принимая во внимание историческую дилемму, с которой столкнулась Россия по отношению к Западу, варьируя между моментами большей мимикрии обычаев, ценностей и институтов и моментами утверждения российского суверенитета и культуры, мы решили сфокусировать настоящий анализ российской идентичности на отношениях к абстрактному блоку, который мы называем Западом.

**КЛЮЧЕВЫЕ СЛОВА:** государственная идентичность; Клуб Валдай; Путин; Вестерн.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	–	Brasão de Armas do Império Russo, versão de 1883 .....	24
Ilustração 2	–	Fluxos de interdependência das identidades, interesses e política externa .....	39
Gráfico 3	–	PIB per capita anual da Rússia entre 1990 e 2020 .....	66
Gráfico 4	–	Taxa de desemprego na Rússia entre 1991 e 2021 .....	67
Mapa 5	–	Mapa da expansão da OTAN desde 1997 .....	78
Gráfico 6	–	Itens de exportação russa em 2000 .....	86
Gráfico 7	–	Itens de exportação russa em 2004 .....	87
Gráfico 8	–	Itens de exportação russa em 2008 .....	88
Gráfico 9	–	Itens de importação russa em 2000 .....	90
Gráfico 10	–	Itens de importação russa em 2004 .....	91
Gráfico 11	–	Itens de importação russa em 2008 .....	91
Gráfico 12	–	Gastos militares dos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU (P5) .....	93
Gráfico 13	–	PIB total da Federação Russa (US\$) .....	104
Ilustração 14	–	Fluxo de ideias em escala nacional .....	108
Ilustração 15	–	Correlação entre códigos e subcódigos no MAXQDA .....	114
Ilustração 16	–	Nuvem de palavras dos 120 <i>Valdai Papers</i> analisados no MAXQDA .....	115
Ilustração 17	–	Correlação entre códigos e subcódigos no MAXQDA, discursos anuais de Vladimir Putin .....	137

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Lista de códigos da análise de conteúdo dos <i>Valdai Papers</i> realizada no MAXQDA .....	113
Tabela 2 –	Lista de códigos da análise de conteúdo dos discursos de Vladimir Putin no Clube Valdai realizada no MAXQDA.....	135
Tabela 3 –	Códigos mais frequentes nos <i>Valdai Papers</i> e nos discursos presidenciais	136
Tabela 4 –	Grandeza dos códigos nos discursos presidenciais nos encontros do Clube Valdai, de 2012 a 2020 .....	138

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OTAN	Organização Tratado do Atlântico Norte
ISA	<i>International Studies Association</i>
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
EUA	Estados Unidos da América
PIB	Produto Interno Bruto
CEI	Comunidade dos Estados Independentes
OML	Ordem Mundial Liberal
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
SIPRI	<i>Stockholm International Peace Research Institute</i>
P5	5 países permanentes do Conselho de Segurança
BRICS	Grupo formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CFDP	<i>Council on Foreign and Defense Policy</i>
RIAC	<i>Russian International Affairs Council</i>
MGIMO	<i>Moscow State Institute of International Relations of the Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation</i>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2</b>	<b>A IDENTIFICAÇÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS .....</b>	<b>20</b>
<b>2.2</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>20</b>
<b>2.3</b>	<b>A formação do <i>Eu</i> e do <i>Outro</i> .....</b>	<b>21</b>
2.3.1	A formação das identidades dos Estados: o caso russo .....	32
2.3.2	A análise de discursos e documentos para a captura das identidades nacionais..	40
2.3.2.1	O processo de tomada de decisão em política externa na Rússia .....	43
<b>2.4</b>	<b>Rússia: Europa, Ásia ou Eurásia? .....</b>	<b>44</b>
2.4.1	Europa ou Ásia: o debate entre ocidentalistas e eslavófilos .....	45
2.4.2	Eurásia: o surgimento do Eurasianismo e do Neoeurasianismo .....	48
<b>2.5</b>	<b>Concepções de uma identidade civilizacional .....</b>	<b>51</b>
2.5.1	O alargamento dos laços identitários: carácter civilizacional da identidade russa	54
<b>2.6</b>	<b>Conclusões do capítulo: um novo mundo, uma nova Rússia .....</b>	<b>59</b>
<b>3</b>	<b>AS RELAÇÕES ENTRE A RÚSSIA E O OCIDENTE .....</b>	<b>61</b>
<b>3.1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>61</b>
<b>3.2</b>	<b>A Rússia como grande potência .....</b>	<b>62</b>
3.2.1	O declínio da década de 1990 .....	64
3.2.2	Uma Rússia enfraquecida sob Yeltsin .....	68
3.2.2.1	O Conceito de Política Externa de 1993 .....	71
3.2.3	A expansão da OTAN e a exclusão da Rússia .....	76
<b>3.3</b>	<b>O Ocidente ambivalente: alternativa ou ameaça? .....</b>	<b>79</b>
3.3.1	O Conceito de Política Externa de 2000 .....	81

3.3.2	<i>O boom das commodities</i> e a integração econômica .....	85
3.3.3	Dmitri Medvedev e o <i>reset</i> .....	93
3.3.3.1	O Conceito de Política Externa de 2008 .....	95
<b>3.4</b>	<b>Conclusões do capítulo: o ressentimento russo .....</b>	<b>96</b>
<b>4</b>	<b>A PROJEÇÃO INTERNACIONAL RUSSA POR MEIO DO CLUBE VALDAI .....</b>	<b>100</b>
<b>4.1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>100</b>
<b>4.2</b>	<b>2012: o retorno de Vladimir Putin à presidência .....</b>	<b>102</b>
<b>4.3</b>	<b>As prioridades da política externa russa: uma análise do Clube Valdai ...</b>	<b>105</b>
4.3.1	<i>Valdai Papers</i> : análise quantitativa .....	109
4.3.2	<i>Valdai Papers</i> : retratos da reemergência russa .....	116
4.3.2.1	Desenvolvimento econômico e social .....	116
4.3.2.2	Interesses Nacionais .....	118
4.3.2.3	Ocidente .....	121
4.3.2.4	Ordem Mundial .....	124
4.3.2.5	Ásia .....	126
4.3.2.6	Identidade/ <i>Status</i> .....	128
4.3.2.7	Espaço pós-soviético .....	130
<b>4.4</b>	<b>Conclusões do capítulo: tendências do governo Putin .....</b>	<b>132</b>
<b>5</b>	<b>A AUTOIMAGEM DA RÚSSIA SEGUNDO VLADIMIR PUTIN .....</b>	<b>133</b>
<b>5.1</b>	<b>Introdução .....</b>	<b>133</b>
<b>5.2</b>	<b>Encontros anuais com o Clube Valdai de Discussão Internacional .....</b>	<b>134</b>
5.2.1	2012: O mesmo líder para uma nova Rússia .....	138
5.2.2	2013: A identidade como força motora .....	139
5.2.3	2014: Novas regras para a ordem mundial .....	141

5.2.4	2015: Um mundo em conflito .....	143
5.2.5	2016: Pensando o amanhã .....	144
5.2.6	2017: Do conflito à cooperação .....	146
5.2.7	2018 e 2019: Estabilidade e desenvolvimento .....	148
5.2.8	2020: Um mundo em isolamento .....	150
<b>5.3</b>	<b>Conclusões do capítulo: a autoimagem da Rússia segundo seu presidente.</b>	<b>150</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>152</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>157</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>175</b>
	APÊNDICE A: Nuvem de palavras dos <i>Valdai Papers</i> publicados em 2014 ...	<b>175</b>
	APÊNDICE B: Nuvem de palavras dos <i>Valdai Papers</i> publicados em 2015 ....	<b>176</b>
	APÊNDICE C: Nuvem de palavras dos <i>Valdai Papers</i> publicados em 2016 ....	<b>177</b>
	APÊNDICE D: Nuvem de palavras dos <i>Valdai Papers</i> publicados em 2017 ...	<b>178</b>
	APÊNDICE E: Nuvem de palavras dos <i>Valdai Papers</i> publicados em 2018 ....	<b>179</b>
	APÊNDICE F: Nuvem de palavras dos <i>Valdai Papers</i> publicados em 2019 ....	<b>180</b>
	APÊNDICE G: Nuvem de palavras dos <i>Valdai Papers</i> publicados em 2020 ...	<b>181</b>
	APÊNDICE H: Nuvem de palavras dos <i>Valdai Papers (Special Issues)</i> .....	<b>182</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Quando Nikolai Karamzin publicou o conto *Pobre Liza* em 1792 e estabeleceu os padrões que posteriormente seriam característicos da prosa russa e de toda a literatura nacional, é possível que não imaginasse que a discussão filosófica que permeia a sua obra continuaria no cerne dos debates sobre a Rússia e seu lugar no mundo. O enredo baseado na vida cotidiana e embebido de sentimentalismo e nacionalismo – elementos fortemente influenciados pelas obras francesas que invadiam as casas da nobreza russa no período – retoma as raízes compreendidas como verdadeiramente nacionais para a construção da personagem Liza, uma camponesa “essencialmente russa”. Em contraposição, a personagem Erast é um estrangeiro que constitui a primeira representação do chamado “homem supérfluo”, arquétipo que posteriormente seria explorado por autores como Puchkin e Dostoiévski. A mensagem principal é clara: a chegada do estrangeiro foi responsável por corromper a Rússia verdadeira e pura, deixando-a em ruínas<sup>1</sup>.

Embora mais de 200 anos tenham se passado, não é incomum encontrar expressões de uma postura moralista e nacionalista em relação às características “verdadeiramente russas” em contraposição aos costumes de outras regiões do mundo, sobretudo dos países ocidentais. Tais evidências são normalmente acompanhadas pela tentativa de afirmar a existência de um espaço privilegiado dos russos em meio aos grandes processos históricos, como atores naturalmente ocupantes de um lugar central nos processos decisórios. Ao longo de seu período imperial, a Rússia foi compreendida como um ator essencial para a estabilidade do sistema europeu, tendo em vista algumas de suas capacidades materiais como extensão territorial e amplo exército. Mais recentemente, ao longo da Guerra Fria, os russos exerciam influência não apenas na Europa, mas também em todo o mundo. Entretanto, permanece sob disputa qual o *status* da Rússia no sistema internacional: uma potência decadente ou reemergente?

Seria compreensível uma dúvida inicial sobre a importância de se debruçar sobre a identidade dos Estados na atualidade, tendo em vista que cada vez mais ressaltamos os aspectos de um mundo globalizado em que diversos comportamentos e características passaram a ser

---

<sup>1</sup> É latente o embate entre as ideias de “nacional” e “estrangeiro” como antíteses na literatura russa, reforçadas pela clivagem criada a partir da construção da cidade de São Petersburgo aos moldes europeus, em contraposição à antiga capital Moscou, berço dos costumes tradicionais. Segundo Orlando Figes, “esses escritores estabeleceram a antítese entre artifício estrangeiro e verdade nativa, razão europeia e coração ou ‘alma’ russa que seria a base da narrativa nacional no século XIX. No âmago desse discurso estava o antigo ideal romântico do solo nativo – de uma Rússia ‘orgânica’ e pura, não corrompida pela civilização. São Petersburgo era apenas engano e vaidade, um dândi narcisista a observar o tempo todo o seu reflexo no rio Neva. A Rússia real ficava nas províncias, um lugar sem pretensões nem convenções estrangeiras onde as simples virtudes ‘russas’ se mantinham preservadas. Para alguns, a questão era o contraste entre Moscou e São Petersburgo.” (FIGES, 2018, p. 96).

compartilhados pelos vários atores. Entretanto, um olhar mais atento para as relações internacionais nos revelaria um mundo que é ao mesmo tempo conectado e dinâmico, mas também profundamente desigual, dividido e pautado pela desconfiança. A globalização que se fortaleceu ao final da Guerra Fria não foi capaz de criar um sistema de segurança estável entre os Estados, embora estes tenham tentado criar mecanismos de *accountability* e interação recorrente: as diversas cúpulas das Nações Unidas seriam apenas um exemplo deles. Nem mesmo o Conselho de Segurança, desenhado para manter as grandes potências do sistema em constante diálogo umas com as outras, foi capaz de promover relações de confiança entre seus membros.

Ainda sim, qual é a importância de um estudo dedicado especificamente à identidade russa? Apesar de todos os Estados terem uma identidade própria, pouco são aqueles que a vocalizam com frequência em suas relações com os demais atores do sistema. Um exemplo de sucesso seriam os Estados Unidos, que conseguem defender recorrentemente o seu *status* de defensor do chamado “mundo livre”, bem como de liderança internacional entre os países democráticos. A Rússia é um outro exemplo, tendo em vista que constantemente vocaliza seu *status* de grande potência como uma característica essencial da sua identidade, sobretudo devido a sua extensão territorial e suas capacidades militares. É interessante, todavia, que isso seja um elemento de constância ao longo de sua história: nos períodos imperial, soviético e democrático, a Rússia sempre mantém vivo o seu discurso de identidade. Torna-se necessário, portanto, nos afastarmos de qualquer visão que retrate a Rússia como um país distante e exótico (FIGES, 2018, p. 26).

É igualmente preciso reconhecer as limitações que todo pesquisador há de encontrar na tentativa de captar impressões da consciência nacional de um povo. Sobretudo em casos como a Rússia, nosso objeto de estudo, poderiam ser observadas inúmeras identidades coexistentes, uma vez que se trata de um país grande, diverso, e sujeito às influências externas. Sobre qual Rússia, então, estamos nos referindo? Apesar de não partirmos do pressuposto de que o Estado é um ator unitário, mas sim constituído por inúmeros atores e grupos sociais distintos, entendemos que existe uma identidade predominante entre os tomadores de decisão em política externa, os quais são responsáveis por retratar tal identidade central para os demais atores do sistema. Nesse sentido, ao nos referirmos à “identidade russa”, estamos falando sobre a identidade do Estado russo enquanto agente das relações internacionais.

Conforme afirmamos anteriormente, as questões de *status* e identidade permeiam toda a história política russa, estando presentes nos mais diversos governos. Buscaremos demonstrar, ao longo da presente pesquisa, algumas das identidades defendidas pelos presidentes russos

desde o fim da Guerra Fria e a dissolução da União Soviética, momento em que as relações do país com o bloco ocidental adquirem nova centralidade entre os políticos russos, tendo em vista o estado de fragilidade do país em termos econômicos, políticos e sociais. Ademais, nos concentraremos em analisar o período entre 2012 e 2020, momento em que tendências nacionalistas e conservadoras se fortalecem nos discursos oficiais com o retorno de Vladimir Putin à presidência da Federação. Dessa forma, buscaremos responder à pergunta: como as mudanças de narrativa em relação ao bloco ocidental, sobretudo a partir de 2012, são responsáveis por reconstruir tanto o comportamento em política externa quanto a própria identidade russa, a qual se torna mais incisiva e conflituosa?

Para tanto, realizaremos uma análise de conteúdo de documentos e discursos de dois atores principais: o presidente russo Vladimir Putin e o Clube Valdai de Discussão Internacional. Ao observarmos tais declarações, poderemos captar dois aspectos complementares da identidade russa: a sua autopercepção, exemplificada na figura do presidente e na forma como ele expõe os interesses russos; e a sua projeção internacional a partir das publicações do Clube, que exportam as visões da Rússia para os demais países do sistema. Tais atores, segundo nossa análise, são interligados na medida em que há uma participação presidencial constante nas atividades do Valdai, bem como as próprias origens do Clube remontam uma ligação com grandes instituições de formulação de política externa na Rússia. Dentre tantas outras, a principal vantagem de analisarmos a conexão entre a academia e a política é a visão sobre os desenvolvimentos políticos e sociais na Rússia contemporânea (KACZMARSKA, 2019, p. 241). Nossa hipótese, portanto, é que podemos observar uma reconstrução da identidade da Rússia em relação ao Ocidente, a qual muda os seus posicionamentos e a sua política de poder a partir de uma percepção mais profunda de insegurança ontológica, isto é, da constituição de ameaças ao seu próprio *Eu*.

Tal percepção de ameaça originada no bloco ocidental – principalmente nas atuações da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)<sup>2</sup> - fica evidente na declaração do presidente do dia 21 de fevereiro de 2022, quando ele afirma:

Só pode haver uma resposta – isso não tem relação com nosso regime político ou algo assim. Eles simplesmente não precisam de um grande país independente como a Rússia por perto. Esta é a resposta para todas as perguntas. Essa é a origem das políticas

---

<sup>2</sup> A Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) é uma aliança militar de defesa coletiva criada em 1949 após a assinatura do Tratado de Washington. Em meio à Guerra Fria, a OTAN teve como concorrente o chamado Pacto de Varsóvia, o qual constituía a aliança militar dos países ligados à União Soviética. Embora não exista nenhuma menção direta em seus documentos fundadores, o objetivo central dos Estados-membros da OTAN era conter qualquer ameaça ou avanço soviético na Europa ocidental, sendo muitas vezes questionada a razão de sua existência após o fim da Guerra Fria e da ameaça da URSS no continente.

tradicionais da América em relação à Rússia. Eis a atitude em relação às nossas propostas de segurança. Hoje, uma olhada no mapa é suficiente para ver em que medida os países ocidentais cumpriram sua promessa de conter a expansão ao leste da OTAN. Eles simplesmente nos traíram. Nós vimos cinco ondas de expansão da OTAN, uma atrás da outra [...]. Como um resultado, a Aliança e sua infraestrutura militar alcançaram as fronteiras russas. Essa é uma das principais causas da crise de segurança europeia; isso teve um dos mais negativos impactos em todo o sistema de relações internacionais e proporcionou a perda de confiança mútua (RÚSSIA, *Address by the President of the Russian Federation*, 2022, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Tal declaração contém elementos que serão abordados posteriormente, como a tentativa de aproximação da Rússia em relação aos países ocidentais e o posterior ressentimento gerado com a percepção de que os russos não tiveram seus interesses levados em consideração no período pós-Guerra Fria. Se desde os anos 1990 até 2013-2014 houve tentativas de aproximação e cooperação em áreas como comércio e segurança, atualmente vivemos em um cenário de desconfiança e inimizade entre os Estados. Para compreender as mudanças e continuidades presentes nesse processo, nossa pesquisa estará organizada da seguinte forma: no capítulo 1, abordaremos algumas definições de identidade nas Relações Internacionais, com a intenção de observar como os russos se compreendem historicamente como participantes centrais do sistema internacional; no capítulo 2 abordaremos o período de 1991 a 2012, no qual podem ser observadas algumas tentativas de aproximação com o bloco ocidental, bem como momentos em que tal relação se torna menos amigável. Neste capítulo, mobilizaremos o conceito de identidade tratado anteriormente a partir dos Conceitos de Política Externa, documentos que revelam os interesses e percepções dos governos russos em relação ao sistema internacional.

No capítulo 3, concentraremos a análise no período de 2012 a 2020, momento em que consideramos haver um aprofundamento dos discursos conservadores e de comportamentos incisivos em relação aos países ocidentais. Para tanto, realizaremos uma análise de conteúdo de documentos publicados pelo Clube Valdai de Discussão Internacional<sup>4</sup>, os quais nos relevam como a Rússia se projeta internacionalmente entre comunidades epistêmicas, as quais constituem espaços privilegiados para a difusão de ideias e identidades. Em seguida, no capítulo

---

<sup>3</sup> No original: “*There can Only be one answer – this is not about our political regime or anything like that. They just do not need a big and independent country like Russia around. This is the answer to all questions. This is the source of America’s traditional policy toward Russia. Hence the attitude to all our security proposals. Today, one glance at the map is enough to see to what extent Western countries have kept their promise to refrain from NATO’s eastward expansion. They just cheated. We have seen five waves of NATO expansion, one after another [...]. As a result, the Alliance, its military infrastructure has reached Russia’s borders. This is one of the key causes of the European security crisis; it has had the most negative impact on the entire system of international relations and led to the loss of mutual trust.*” (RÚSSIA, *Address by the President of the Russian Federation*, 2022).

<sup>4</sup> Analisaremos os documentos denominados *Valdai Papers*, cuja publicação tem início apenas em 2014. Nesse sentido, a análise de conteúdo para a compreensão da projeção internacional russa através do Clube será dedicada ao período entre 2014 e 2020.

4 será abordado o mesmo período de intensificação e oficialização de uma identidade mais nacionalista e conservadora por parte da Rússia. Na tentativa de responder à nossa pergunta de pesquisa, sobre a reformulação do comportamento internacional russo e da sua própria identidade frente ao Ocidente, faremos uma outra análise de conteúdo dos discursos de Vladimir Putin nos encontros anuais do Clube Valdai, com o objetivo de compararmos os temas gerais mais explorados pelos acadêmicos e pelo presidente. Dessa forma, esperamos encontrar duas visões complementares e conectadas sobre *o que a Rússia é*, bem como *qual o espaço que ela ocupa nas relações internacionais*.

A partir dos resultados obtidos em nossas análises histórica e empírica, finalizaremos a pesquisa com nossas considerações finais, explorando não apenas os períodos anteriormente mencionados, mas também os reflexos de tais mudanças de comportamento para as ações tomadas em 2022. Segundo nossa hipótese, uma nova identidade russa se consolida a partir de 2012, tornando o Estado e seus aparatos mais nacionalistas, conservadores e agressivos, o que criou um cenário favorável para o início de um conflito internacional em seu estrangeiro próximo. Embora alguns indícios de ressentimento e insatisfação com a atuação ocidental já pudessem ser observados em outros momentos, as decisões tomadas em fevereiro de 2022 consolidam uma nova fase da política externa russa, a qual confronta o Ocidente de forma mais direta e se aproxima do Oriente em busca de novos aliados. A Rússia estaria, após o processo descrito e analisado na presente pesquisa, em busca de consolidar o seu projeto de um mundo multipolar, no qual os seus interesses de segurança seriam levados em consideração pelas demais potências do sistema.

## 2 A IDENTIFICAÇÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

### 2.1 Introdução

O estudo das identidades nas Relações Internacionais não é uma novidade, embora ainda seja relativamente recente quando comparado com os temas mais tradicionais da área como guerra, paz, Análise de Política Externa e a própria discussão sobre o Estado e os chamados “interesses nacionais”. Entretanto, a partir das grandes transformações vivenciadas coletivamente ao final da década de 1980 e início da década de 1990, a discussão sobre a identidade parece ocupar um espaço privilegiado nas pesquisas de internacionalistas, tendo em vista que novas explicações eram necessárias para compreender os acontecimentos do período, visto que as teorias clássicas pouco eram capazes de oferecer explicações para o colapso soviético e a formação do que viria a ser a Federação Russa no sistema internacional.

Mais do que nos debruçarmos sobre a discussão das identidades, buscaremos compreender os momentos de crise das mesmas, visto que se tratam de períodos de grande ruptura com o *status quo* produzido no tempo passado. Tendo a Rússia como objeto de estudo central, os momentos de transformação se tornam extremamente interessantes na medida em que a história mais recente do país é marcada, aparentemente, pela continuidade: olhares mais superficiais teriam dificuldade de identificar grandes diferenças entre o período imperial czarista, o soviético e a Rússia contemporânea, sobretudo em termos de liderança e centralização de poder. Entretanto, os momentos de transição entre os períodos mencionados foram marcados por mudanças tectônicas na identidade nacional, o que talvez seja mais fácil de identificar quando pensamos na emergência da Revolução Russa em 1917 e todas as mudanças políticas, econômicas e sociais que surgiram como produto dela.

Segundo Stefano Guzzini, existem três formas possíveis de crise de identidade: “(i) nenhuma identidade, (ii) não mais a identidade previamente estabelecida, (iii) e nenhuma identidade ainda” (GUZZINI, 2020, p. 41-42). No caso da Rússia pós-soviética, a crise vivida no início da década de 1990 seria uma combinação da segunda com a terceira, tendo em vista que a realidade material soviética entrara em colapso, tornando o chamado *homem soviético* (ALEKSIÉVITCH, 2016) uma identidade existente, porém obsoleta e incompleta, o que gerou o questionamento internacional sobre o próprio *status* russo de grande potência tendo em vista que ainda não havia sido formada uma nova identidade nacional para a Federação Russa. Dessa forma, o tradicional *heartland* russo, embora tenha historicamente se posicionado como detentor de uma vocação natural para a centralidade nas decisões políticas globais, experimenta

um momento de intensos questionamentos e de redefinições da sua autoimagem e da sua projeção internacional após 1991.

O presente capítulo tem, portanto, o objetivo não apenas de recuperar a própria formação da identidade do Estado russo, mas também de discutir o momento de ruptura que se apresenta a partir do “fracasso civilizacional” soviético e propicia o nascimento de uma Rússia mais insular e radical do que os seus antepassados políticos. A crise ontológica, em conjunto com a incompreensão ocidental daquilo que viria a ser o Estado russo no século seguinte, proporcionaram um ambiente fértil para a emergência de um nacionalismo exacerbado e uma autocracia populista em Moscou. Embora amplamente abordada pelos pesquisadores de Relações Internacionais, a identidade russa é normalmente compreendida a partir de um espectro maniqueísta de bem-mal e certo-errado, do qual buscaremos nos afastar ao longo deste trabalho. É preciso recordar, sobretudo, que as identidades são construídas de forma relacional e, portanto, existe uma parcela de contribuição ocidental nas ações e nos posicionamentos externos da Rússia vistos nas últimas décadas e vice-versa.

## 2.2 A formação do *Eu* e do *Outro*

Desde o seu período imperial, a Rússia vive uma crise de identidade que é marcada por momentos de mudanças e continuidades. Nesse sentido, algumas questões permanecem centrais ao longo do tempo: o que é a Rússia? Qual é o seu lugar no mundo?<sup>5</sup> Quais são seus objetivos principais no sistema internacional? Ademais, é preciso ressaltar que a Rússia nunca abandona totalmente a sua história, sempre retomando antigas questões relacionadas ao poder e ao *status* do Estado nos períodos anteriores como forma de encontrar respostas à sua ansiedade ontológica no presente. Mais recentemente, o colapso do sistema soviético na década de 1990 desafiou o entendimento que os russos tinham de si próprios enquanto ocupantes de um lugar privilegiado na política internacional, mas também a percepção externa sobre a robustez da recém-criada Federação Russa no novo mundo marcado pela breve unipolaridade norte americana. Cada nação percebe um acontecimento internacional de forma distinta, de acordo

---

<sup>5</sup> Uma questão recorrente nos estudos de vertente construtivista é a tendência à antropomorfização do Estado, tido como ator principal das Relações Internacionais. Segundo Stefano Guzzini, “embora seja possível argumentar que os representantes estatais se referem a outros Estados como se estes últimos tivessem uma identidade humana – atribuindo intenção, agência e, portanto, responsabilidade -, esse tipo de identidade coletiva é decerto diferente de uma identidade individual.” (GUZZINI, 2020, p. 124). Dessa forma, evitaremos o uso da pergunta “quem?” ao nos referirmos aos atores estatais e suas identidades, nos afastando da proposição de Alexander Wendt de que “Estados são atores reais para os quais podemos legitimamente atribuir qualidades antropomórficas como desejos, crenças e intencionalidade” (WENDT, 1999, p. 197, *tradução nossa*).

com o lugar que ocupa dentro do sistema, e o ano de 1991 foi percebido como um momento de inflexão do protagonismo russo na geopolítica mundial.

As questões levantadas sobre a identidade russa marcam diversos momentos da constituição do Estado nacional, com ênfase nos debates acadêmicos e artísticos que ocorreram ao longo do século XIX, cujos representantes se dividiam entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas (SEGRILLO, 2014). Tais debates foram marcados não apenas pela discordância do que a Rússia era naquele momento, mas sobretudo do que ela *deveria ser* no futuro, carregando, portanto, uma visão normativa sobre a formação da imagem que o Estado produzia e exportava de si próprio e a comparação intrínseca com o seu próprio passado (CLUNAN, 2009, p. 2). No que se refere às construções do que a Rússia era, é possível perceber uma dualidade constante decorrente da posição geográfica ambígua de uma país que se localiza, ao mesmo tempo, em dois continentes: a Europa e a Ásia. Para além da simples questão de localização, estes dois polos apresentam significados distintos nas formações sociais ao longo do tempo, tendo em vista que os europeus, ao ocuparem o centro gravitacional da Modernidade<sup>6</sup>, construíram a sua própria identidade a partir da alteridade com os povos orientais, os quais eram compreendidos como detentores de identidades antagônicas e irremediáveis a partir de um suposto choque de civilizações: “[...] nem o termo ‘Oriente’ nem o conceito de ‘Ocidente’ têm estabilidade ontológica; ambos são constituídos de esforço humano – parte afirmação, parte identificação do Outro.” (SAID, 2021, p. 13).

Na política russa mais recente, a dualidade e a crise ontológica que permeiam a formação da identidade nacional após o colapso soviético são representados pela retomada do conceito de “mundo russo”, o qual foi criado na década de 1990 e utilizado oficialmente em 2008 no Conceito de Política Externa. A expressão representa a ligação civilizacional entre os povos russos e seus “compatriotas no estrangeiro” (*compatriots abroad*) e reforça o vínculo entre um grupo territorialmente disperso de falantes de russo, mas culturalmente definidos enquanto um único povo (SUSLOV, 2018, p. 332). Ao contrário do processo de diferenciação nacional que ocorreu no continente europeu, no qual os povos aprofundaram seus

---

<sup>6</sup> Segundo Marshall Berman, “ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o *seu* mundo transformando-o em *nosso* mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiências e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz.” (BERMAN, 2019, p. 21-22). A Modernidade é, portanto, intrinsecamente contraditória e com uma pretensão universal que, na realidade, manteve-se restrita ao chamado “mundo desenvolvido”. Como veremos ao longo do texto, a Rússia foi um dos espaços de exclusão da modernidade até a ascensão do czar Pedro I, que importou para o país as práticas modernas europeias e as tornou obrigatórias entre a população russa.



particularismos frente aos vizinhos, a formação da identidade nacional russa se dá a partir de um movimento inverso, no qual o Estado é responsável por zelar pela segurança de grupos dispersos em um amplo território, futuramente separados por fronteiras políticas compreendidas como artificiais. Há, portanto, grande dificuldade em delimitar o que e quem constitui o chamado “mundo russo”, ideia que adquire um papel fundacional para a construção da identidade russa em oposição às identidades dos povos europeus:

[...] as interpretações geopolíticas e palingenéticas do “mundo russo” reforçam quadros mentais, hostis à ideia de modernidade e modernização, enquanto as duas primeiras etapas do desenvolvimento conceitual do “mundo russo” foram explicitamente posicionadas como instrumento de modernização. Como Alexandr Dugin admite abertamente, a ideia de “mundo russo” é baseada em um modelo de identidade, que não poderia ser institucionalizado no contexto dos “critérios ocidentais da Modernidade” (DUGIN, 2015, p. 408). (SUSLOV, 2018, p. 345, *tradução nossa*)<sup>7</sup>.

Dessa forma, um dos principais elementos fundadores da identidade russa é o seu distanciamento em relação às ideias modernas que surgiram na Europa ocidental, espaço que foi por muito tempo compreendido como “o Ocidente” – apenas mais recentemente na história que é possível observar a inclusão da América do Norte (notadamente, Estados Unidos e Canadá) como parte desse grande bloco de identidades compartilhadas. Portanto, a formação de alteridade entre *Eu* e *Outro* nas relações internacionais não acontece exclusivamente entre dois Estados, uma vez que existem exemplos de aproximação e diferenciação com um “*Outro generalizado*” (*generalized Other*), um grupo de referência ou um *Outro significativo* que é propositalmente vago (HOPF, 2002, p. 9). Na construção da identidade russa, as ideias abstratas de Ocidente e Modernidade podem ser consideradas como esse *Outro* que exerce um papel alternativo àquilo que se compreende como “ser russo”. Entretanto, veremos que nem sempre a relação entre eles foi de diferenciação, uma vez que alguns grupos ocidentalistas tinham como objetivo a aproximação da Rússia com a Europa a partir de um movimento de inspiração e mimetismo da sua cultura e seus costumes (FIGES, 2018).

---

<sup>7</sup> No original: “[...] the geopolitical and palingenetic interpretations of the “Russian world” reinforce mental frames, inimical to the idea of modernity and modernization, whereas the first two stages of the Russian world’s conceptual development were explicitly positioned as an instrument for modernization. As Aleksander Dugin openly admits, the idea of the “Russian World” is based on a model of identity, which could not be institutionalized in the context of the “Western criteria of Modernity” (западные критерии Модерна, zapadnye kriterii Moderna) (DUGIN, 2015, p. 408)”. (SUSLOV, 2018, p. 345).

### Ilustração 1 - Brasão de Armas do Império Russo, versão de 1883



Como um dos símbolos de representação das diversas dualidades que permeiam a construção da identidade russa, destacamos o Brasão de Armas que remonta do período imperial, durante o reinado de Ivan III, que carrega uma águia bicéfala como elemento central (ver ilustração 1). A águia de duas cabeças que passivamente olha tanto para o Ocidente quanto para o Oriente foi escolhida pelo czar após seu casamento com a princesa bizantina Sofia Paleóloga, importando para o Império Russo um símbolo que já era utilizado pelo Império Bizantino como representação da união entre Igreja e Estado. Posteriormente à queda de Constantinopla em 1453, os czares denominaram Moscou a “Terceira Roma”, identificando a capital imperial como último bastião da cristandade (BUSHKOVITCH, 2020). Ademais, posteriormente foram incluídas no brasão três coroas acima da águia, muito provavelmente como representação da união entre a Grande Rússia, a Pequena Rússia, e a Rússia Branca (atuais Rússia, Ucrânia e Bielorrússia, respectivamente), embora também sejam interpretadas como representações da anexação dos Reinos de Kazan, Astrakhan e Sibéria. Apesar de o brasão não ter sido utilizado durante o período soviético por remeter à autocracia imperial, o símbolo foi retomado em 1993 após um decreto do então presidente Boris Yeltsin, incluindo todos os elementos originais<sup>8</sup>. Mais uma vez, tal qual veremos posteriormente, as elites políticas

<sup>8</sup> Para mais informações sobre os símbolos do Estado russo, ver coletânea da Universidade de Coimbra. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/depllc/CER/cerfed/simb>. Acesso em 05/07/2022.

russas buscaram no passado algumas narrativas e simbologias na tentativa de compreender e fortalecer a identidade estatal no presente, sobretudo àquelas ligadas ao mito de grandeza nacional e da Rússia como grande potência natural (CLUNAN, 2009, p. 57; LEICHTOVA, 2014, p. 28).

Na história russa recente, é possível identificar três grandes períodos distintos, os quais carregam subdivisões internas em relação às narrativas construídas sobre o Estado e seu papel no sistema: a Rússia imperial (1721-1917)<sup>9</sup>, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) (1922-1991)<sup>10</sup>, e a Rússia pós-soviética ou Federação Russa (1991- hoje). Embora sejam períodos distintos entre si tanto em relação à forma de governo quanto aos objetivos oficiais de política externa, é possível identificar um elemento em comum entre eles: a ideia de que a Rússia teria uma vocação de grande potência<sup>11</sup>, independentemente da sua configuração política, econômica e social. A identidade russa – compreendida como sua autopercepção<sup>12</sup> e seu papel internacional (GUZZINI, 2020, p. 138) – embora tenha adquirido novos contornos ao longo do tempo em decorrência dos acontecimentos internacionais que alteraram a percepção dos demais Estados sobre o país e seu povo, mas também em virtude de acontecimentos internos que mudaram sua própria concepção de si, mantém em sua essência uma crença sobre a posição privilegiada que a Rússia deve ocupar no sistema internacional em decorrência de sua grandeza e sua história de participação ativa nos palcos políticos mundiais. Segundo Magda Leichtova,

A política externa russa há muito se baseia no conceito da Rússia como uma superpotência internacional. Esse conceito, como já mencionamos, vem sendo codificado gradativamente por meio de obras de ficção, trabalhos acadêmicos no campo da ciência geopolítica, geopolítica e história, baseado na expansão territorial russa como um “traço natural” da Rússia. Esse conceito é uma característica tão permanente na identidade russa que pode ser, até certo ponto, considerado o tipo de ponto de Arquimedes que mencionamos na introdução deste capítulo. Embora esse conceito seja resultado de uma construção social, é um conceito suficientemente firme para prever

---

<sup>9</sup> No ano de 1721, Pedro I (também conhecido como Pedro, o Grande) recebeu o título de czar de toda a Rússia, dando início ao período imperial cujo símbolo foi a construção da nova capital, São Petersburgo.

<sup>10</sup> O período entre 1917 e 1922 foi marcado não apenas pela Revolução Russa, a qual foi responsável por derrubar a dinastia Romanov e acabar com o czarismo na Rússia, mas também por instabilidades internas e externas em torno da formação do novo governo e das discussões entre os próprios grupos revolucionários (mencheviques e bolcheviques) sobre os futuros rumos que o país deveria tomar. Dessa forma, por ser um período de questionamentos e disputas entre as próprias lideranças, não é possível identificar uma identidade nacional que se sobressaísse sobre as demais durante esses anos, sendo um período que não será incluído na presente análise.

<sup>11</sup> Uma das origens da ideia da Rússia como grande potência natural data do período de jugo mongol, momento em que o combate bem-sucedido aos invasores propicia a criação de narrativas sobre o poder dos povos que viviam na atual planície compreendida como Rússia. Há, portanto, uma influência oriental para a concepção da Rússia como grande potência.

<sup>12</sup> Ao longo da pesquisa, utilizaremos os conceitos de “autopercepção” e “autoimagem” como sinônimos e, portanto, com a possibilidade de serem intercambiáveis. Ambos se referem, no limite, às construções subjetivas que determinado ator faz de si mesmo no que tange a sua identidade.

que a Federação Russa não irá recuar nos próximos anos. (LEICHTOVA, 2014, p. 12-13, *tradução nossa*)<sup>13</sup>.

Assim como o conceito de identidade, há também inúmeras interpretações sobre a constituição do *status* das grandes potências ao longo do tempo. Partiremos das proposições dos autores da chamada Escola Inglesa, que compreendem que o sistema internacional não é formado apenas por uma lógica materialista, mas também a partir de conceitos sociais – as ideias, as normas, os valores e as instituições também exercem um importante papel – que permitem a consolidação de uma sociedade de Estados (ACHARYA & BUZAN, 2019). Os Estados, por sua vez, não apenas são os principais atores desse sistema, como também experienciam a institucionalização da sua própria identidade a partir do compartilhamento intersubjetivo entre si, o qual permite a formação de regras e normas em comum (WATSON & BULL, 1984; BUZAN, 2014). Tais ideias anteciparam o surgimento da Teoria Construtivista nas Relações Internacionais na medida em que não descartam a relevância dos aspectos materiais da política internacional – a grande militarização, por exemplo, é um elemento importante para a compreensão de grandes potências – mas adicionam o papel das ideias e das identidades em um sistema de interações contínuas entre os atores.

Nas Relações Internacionais, o tema da identidade estatal passou a ser discutido entre os acadêmicos apenas a partir do final da década de 1980, período de ascensão da Teoria Construtivista e outros expoentes da Teoria Social. O então presidente da *International Studies Association* (ISA), Robert Keohane, chamou o momento vivenciado pela disciplina de um debate entre racionalistas e reflexivistas, retornando à questão metodológica que também foi central no chamado Segundo Grande Debate entre os tradicionalistas e os behavioristas (NOGUEIRA e MESSARI, 2021). Dentre os racionalistas se encontravam os grupos realistas e liberais, os quais tinham claros programas de pesquisa, hipóteses robustas, metodologias aplicáveis e possível falseabilidade da análise; por outro lado, compunham o grupo dos reflexivistas os pesquisadores feministas, da Teoria Crítica, pós-modernos e pós-estruturalistas, os quais tinham como objeto de análise questões como identidade, gênero, cultura e raça, além de pesquisas com aparente falta de rigor científico e dados empíricos pouco observáveis.

---

<sup>13</sup> No original: “*Russian foreign policy has long relied on the concept of Russia as an international superpower. This concept, as we have mentioned before, has been gradually codified through works of fiction, academic works in the field of geopolitical science, geopolitics and history and based on Russian territorial expansion as a “natural trait” of Russia. This concept is such a permanent characteristic of Russian identity that it can be to a certain degree considered the sort of Archimedean point that we have mentioned in the introduction to this chapter. Although this concept is a result of a social construction, it is a concept that is firm enough to expect that the Russian Federation will not back away from it in the following years.*” (LEICHTOVA, 2014, p. 12-13).

Nesse contexto, desenvolve-se a Teoria Construtivista no campo das Relações Internacionais, cujo objetivo inicial era oferecer uma via média (WENDT, 1999, p. 40) entre ambos os grupos: trazer a identidade como principal elemento de análise em uma pesquisa que mantivesse os padrões teóricos e metodológicos utilizados pelos racionalistas desde a formação da disciplina. Dentre os pesquisadores deste campo, não há consenso sobre o significado e a definição do conceito de identidade (VUCETIC, 2017), o qual tem sido moldado e apropriado de acordo com os objetivos de cada pesquisa. Segundo Alexander Wendt, “no sentido filosófico, uma identidade é tudo o que faz de uma coisa o que ela é” (WENDT, 1999, p. 224, *tradução nossa*)<sup>14</sup>, podendo ser classificada a partir de quatro tipos distintos: (1) pessoal ou corporativa; (2) tipo; (3) papel; (4) coletiva, as quais apresentam características próprias. Caso usássemos tal tipologia, estaríamos nos referindo às identidades corporativa e de papel, tendo em vista que buscamos analisar do Estado a partir do seu “*Eu coletivo*” (*group Self*), bem como a formação de papéis na relação intersubjetiva com outros atores (WENDT, 1999, p. 224-227) no caso da Rússia. Entretanto, optamos por utilizar a definição apresentada por Stefano Guzzini, para quem a identidade de um Estado pode ser compreendida como sua autopercepção e o seu papel internacional (GUZZINI, 2020, p. 138), ou seja, a forma como o Estado se entende a nível doméstico e como ele procura se projetar internacionalmente.

Segundo Alexander Wendt, um dos principais teóricos da vertente construtivista, era necessário desenvolver uma “teoria fina” (WENDT, 1999, p. 1-2) capaz de possibilitar uma pesquisa sobre o mundo social constitutivo dos Estados (WENDT, 1998, p. 103), no qual deveria ser considerado o papel central das ideias:

O movimento mais importante é refazer os conceitos sobre o que é feita a estrutura internacional. Na minha opinião, é exatamente o que Waltz diz que não é: *um fenômeno social e não material*. E uma vez que a base de sociabilidade é um conhecimento compartilhado, isso leva a uma visão idealista da estrutura como uma “distribuição de conhecimento” ou “ideias até o fim” (ou quase, de qualquer maneira)<sup>15</sup>. (WENDT, 1999, p. 20, *grifo nosso, tradução nossa*).

Embora considere a estrutura internacional enquanto um fenômeno social, a Teoria Social proposta por Wendt não rompe completamente com a Teoria de Política Internacional de Kenneth Waltz, uma vez que mantém a premissa de que os Estados são a principal unidade

<sup>14</sup> No original: “*In the philosophical sense an identity is whatever makes a thing what it is*”. (WENDT, 1999, p. 224).

<sup>15</sup> No original: “*The most important move is to reconceptualize what international structure is made of. In my view it is exactly what Waltz says it is not: a social rather than material phenomenon. And since the basis of sociality is shared knowledge, this leads to an idealist view of structure as a “distribution of knowledge” or “ideas all the way down” (or almost anyway)*.” (WENDT, 1999, p. 20).

de análise, isto é, a teoria se manteve essencialmente estadocêntrica (VUCETIC, 2017, p. 5). Apesar de concordarmos com o autor que as grandes mudanças sistêmicas ocorrem por meio da atuação dos Estados, ressaltamos que estes não são unitários e sólidos, tendo em vista as diversas disputas entre diferentes grupos de interesses no nível de análise doméstico (GUZZINI, 2020, p. 124, 127). Dessa forma, ao escolhermos o Estado como objeto de estudo, é preciso compreendermos que estamos olhando apenas para uma única vertente deste, muito provavelmente aquela defendida pelas elites no poder que sobrepuseram sua visão e seus objetivos sobre os demais<sup>16</sup>, e não para a sua totalidade, a qual é formada pela agregação de partes que existem em sua individualidade (WENDT, 1999, p. 218). Portanto, a presente análise não se propõe a compreender o Estado russo em toda a sua completude e complexidade, mas sim as identidades formuladas e reproduzidas por alguns grupos influentes, sobretudo no campo acadêmico.

A Teoria Construtivista parte do pressuposto, portanto, de que o sistema internacional é socialmente construído, no qual as ideias exercem um importante papel para a formação não apenas das identidades dos Estados, mas também de sua percepção entre os demais atores e da constituição de ameaças. As estruturas intersubjetivas entre os atores são responsáveis pela formação de significados coletivos entre os agentes, os quais determinam a forma de anarquia adotada no sistema (WENDT, 1999, p. 231; ZEHFUSS, 2001, p. 318). Esse processo se dá devido às diversas possibilidades de interação e mútua percepção entre os atores dentro de um espectro que varia entre positivo e negativo:

Dependendo de onde os Estados se enquadram no *continuum* de identificação positiva e negativa com outros Estados, eles estão mais ou menos dispostos a se engajar em práticas de segurança coletiva. Crucialmente, as concepções de si e do outro e, conseqüentemente, os interesses de segurança, desenvolvem-se apenas na interação<sup>17</sup>. (ZEHFUSS, 2001, p. 318, *tradução nossa*).

Como reforçado pelo argumento de Maja Zehfuss (2001), a identidade é um conceito passível de mudança a partir da própria agência na medida em que a interação entre os atores é alterada (ZEHFUSS, 2001, p. 319), afastando-se da concepção proposta por Wendt de que as

---

<sup>16</sup> “Assim, ‘identidade’ não se refere ao nível geral, e muito menos é uma propriedade do Estado ou da nação, mas se refere àqueles discursos particulares entre os atores políticos, seus observadores (mídia e academia) ou o público em geral dentro do qual a ‘posição de sujeito’ do país na política mundial é negociada. Em segundo lugar, o termo ‘identidade’ deve ser usado de maneira circunscrita. Ele corresponde ao que Rogers Brubaker e Frederick Cooper denominaram ‘autocompreensão’ e ‘subjetividade situada’, e é entendido como um conceito disposicional.” (GUZZINI, 2020, p. 125).

<sup>17</sup> No original: “*Depending on Where states fall on the continuum from positive to negative identification with other states, they will be more or less willing to engage in collective security practices. Crucially, conceptions of self and other, and consequently security interests, develop only in interaction.*” (ZEHFUSS, 2001, p. 318).

identidades são “relativamente estáveis” (WENDT, 1999, p. 21), embora o autor considere a rara possibilidade de mudanças estruturais. Existe, desse modo, uma dimensão agencial na construção da identidade de Estados, sobretudo de grandes potências. A interação social é, no limite, um conjunto de processos repetitivos de reconhecimento e afirmação de percepções, do qual emergem as identidades e os interesses nacionais como resultados mutáveis<sup>18</sup>. Desse modo, tornam-se interessantes objetos de estudo dois momentos desse processo: a constituição das identidades (atraindo as perguntas *como? Qual? Por quê?*) e a alteração das mesmas em um contexto de renovada interação entre os atores internacionais; uma vez que a teoria de Alexander Wendt não deixa claro o que de fato acontece quando as identidades são alteradas por meio da agência (ZEHFUSS, 2001, p. 326)<sup>19</sup>.

Ademais, não há uma definição única do conceito de identidade na ciência política (HOPF, 2002, p. x), o qual surge na Psicologia como referência à construção do *Eu individual (Self)*, mas que atualmente se refere às construções de identificação coletiva (VUCETIC, 2017, p. 2; CLUNAN, 2009, p. 3-4). Entretanto, pesquisadores da Teoria Social nas Relações Internacionais compreendem que o sistema é formado essencialmente por substratos sociais e intersubjetivos, os quais se revelam nos processos contínuos de interação entre os agentes; segundo Anne Clunan, identidades coletivas como as identidades nacionais dependem de processos de distinção positiva baseados na autoestima dos atores em relação aos outros grupos sociais com os quais interagem (CLUNAN, 2009, p. 4). Sendo impossível a existência de um agente no vácuo, isto é, na ausência de qualquer forma de interação com as demais unidades do sistema<sup>20</sup>, é possível dizer que de todo processo de interação resulta a noção e reafirmação do

---

<sup>18</sup> Edward Said questiona os motivos a partir dos quais buscamos conhecer o outro, que muitas vezes é responsável por influenciar o lugar ocupado pela identidade alheia dentro de um espectro de reconhecimentos possíveis: “[...] existe uma diferença entre o conhecimento de outros povos e outras eras que resulta da compreensão, da compaixão, do estudo e da análise cuidadosos no interesse deles mesmos e, de outro lado, conhecimento – se é que se trata de conhecimento – integrado a uma campanha abrangente de autoafirmação, beligerância e guerra declarada. Existe, afinal, uma profunda diferença entre o desejo de compreender por razões de coexistência e de alargamento de horizontes, e o desejo de conhecimento por razões de controle e dominação externa.” (SAID, 2021, p. 15). Embora o autor se refira aos encontros entre povos no sentido mais restrito, defendemos que essa lógica também pode ser aplicada quando analisamos os encontros entre Estados, os quais experimentam o mesmo processo de conhecimento e reconhecimento a partir de interesses distintos.

<sup>19</sup> Para Wendt, a mudança estrutural seria difícil de ocorrer devido às tendências homeostáticas naturais da chamada cultura, a qual se tornaria menos maleável na medida em que a internalização de tais tendências pelos atores se tornaria mais forte. Nesse sentido, não há uma discussão sobre como a mudança de identidade ocorre internamente aos atores estatais em *Teoria Social da Política Internacional* (1999) uma vez que a obra se propõe a apresentar uma teoria sistêmica das relações internacionais, e não uma teoria concentrada na capacidade de agência dos atores.

<sup>20</sup> “As identidades são sempre relacionais, mas apenas às vezes opostas. Caso contrário, visões discordantes concordam em um ponto crítico: as identidades só podem ser compreendidas de forma relacional. Não podemos saber o que é identidade sem relacioná-la com outra. Por exemplo, ser uma grande potência não tem sentido a menos que possamos conceber uma identidade de não-grande potência. [...] Também tem implicações metodológicas. Não podemos simplesmente atribuir identidades a pessoas, eventos e coisas como se fossem

*Eu* em relação ao *Outro*. A identidade de um Estado não é, portanto, um aspecto dado na natureza ou existente de forma prévia à interação: “o *Eu* e o *Outro* são mutuamente necessários, assim como são as suas identidades” (HOPF, 2002, p. 5).

Tal necessidade pode ser definida como a compreensão de si a partir da alteridade, sendo o outro agente da interação alvo tanto da identificação quanto da diferenciação. Em ambas as possibilidades, existe um questionamento e reposicionamento da própria concepção do *Eu*, que pode tanto reforçar uma identidade já existente quanto alterar a sua autocompreensão e o seu posicionamento frente aos demais atores. Segundo Sergei Moscovici,

Identities, ele escreve, “convencionalizam” os objetos, pessoas e eventos que encontramos. *As identidades simplificam e homogeneízam, tornando familiar o que era desconhecido em termos da identidade do Self*. Esses objetos, pessoas e eventos são “categorizados” porque os indivíduos têm a necessidade de entender<sup>21</sup>. (MOSCOVICI *apud* HOPF, 2002, p. 5-6, grifo nosso, tradução nossa).

Ao adquirir tal caráter de homogeneização e convencionalidade, as identidades oferecem aos atores um espaço comum para que suas interações sociais aconteçam a partir de um espectro de reconhecimento, o qual pode variar entre as noções de igual/amigo e diferente/inimigo. Sigmund Freud discorreu amplamente sobre o significado de *das unheimlich*, conceito que pode ser traduzido como o inquietante, o angustiante, ou o *infamiliar*, cujo significado seria resumido em “aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito tempo conhecido, ao bastante familiar.” (FREUD, 2010, p. 331)<sup>22</sup>. Dessa forma, para além da inquietação (ou mesmo angústia) causada por algo ou alguém inteiramente novo e desconhecido, esse sentimento torna-se ainda mais profundo no processo de reconhecimento de um estranho familiar, algo que é conhecido embora diferente. Tal estranhamento foi trabalhado por Fiodor Dostoiévski em *O Duplo*, obra que inspirou a posterior pesquisa de Freud sobre o *infamiliar*:

Pensando bem, ele tinha motivos reais para ficar tão perturbado. É que agora o desconhecido lhe parecia conhecido. Isso ainda não seria nada. De certo modo ele agora

---

objetivamente cognoscíveis. Em vez disso, temos que reconstruir a intersubjetividade fenomenológica que caracteriza uma coleção de identidades.” (HOPF, 2002, p. 7)

<sup>21</sup> No original: “*Identities, he writes, “conventionalize” the objects, people, and events we encounter. Identities simplify and homogenize by making the un-familiar familiar in terms of the identity of the Self. These objects, people, and events are “categorized” because individuals have a need to understand.*” (MOSCOVICI *apud* HOPF, 2002, p. 5-6).

<sup>22</sup> Segundo Freud, “a palavra alemã *unheimlich* é evidentemente o oposto de *heimlich, heimisch, vertraut* [doméstico, autóctone, familiar], sendo natural concluir que algo é assustador justamente por *não* ser conhecido e familiar. Claro que não é assustador tudo o que é novo e não familiar; a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que algo novo torna-se facilmente assustador e inquietante; algumas coisas novas são assustadoras, certamente não todas. Algo tem que ser acrescentado ao novo e não familiar, a fim de torná-lo inquietante. (FREUD, 2010, p. 331-332).



reconhecia, reconhecia quase de todo esse homem. [...] O senhor Golyádkin reconheceria por completo seu amigo noturno. O amigo noturno não era senão ele mesmo – o próprio senhor Golyádkin, outro senhor Golyádkin, mas absolutamente igual a ele -, era, em suma, aquilo que se chama de o seu duplo, em todos os sentidos... (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 70, 74).

No momento em que o *infamiliar* torna-se conhecido e a identidade alheia entra na matriz relacional do *Eu*, dá-se início ao estágio de construção da segurança ontológica do ator – compreendida como a segurança da noção do *Eu*, e não necessariamente da segurança física (MITZEN, 2006, p. 344) -, tendo em vista que é reforçada a sua autoconcepção frente ao outro relacional (BERGER e LUCKMAN, 1967, p. 100). A ansiedade ontológica (GUZZINI, 2020, p. 46) dos atores é resultado da falta de conhecimento e da incerteza, podendo gerar crises tanto domésticas quanto internacionais:

Os atores, portanto, alcançam a segurança ontológica especialmente ao rotinizar suas relações com os outros significativos. Então, uma vez que a agência continuada requer a certeza cognitiva que essas rotinas fornecem, os atores se apegam a essas relações sociais. Aplicada aos Estados, a busca de segurança ontológica releva outro, segundo dilema na política internacional: a segurança ontológica pode entrar em conflito com a segurança física<sup>23</sup>. (MITZEN, 2006, p. 342, tradução nossa).

Dessa forma, afirmamos que a Rússia vivencia dois processos paralelos de construção e consolidação de segurança ontológica: um relacional, sobretudo, mas não de forma exclusiva, em relação ao *Outro* ocidental ou europeu – que é retratado tanto como superior, quanto como degradado e imoral a depender da fonte e do objetivo do autor/documento – e um particular, em relação às comparações entre o *Eu* presente com o *Eu* passado<sup>24</sup>. É nesse segundo processo em que ocorrem os momentos de inquietação (FREUD, 2010) com aquilo que a Rússia *foi*, aquilo que *é* e aquilo que *deveria ser* não apenas em relação a sua autopercepção doméstica, mas sobretudo no que tange ao papel ou *status* internacional compreendido como ideal, natural ou “de direito”: “o inquietante [*unheimlich*] é, também nesse caso, o que outrora foi familiar [*heimisch*], velho conhecido.” (FREUD, 2010, p. 365). O elemento familiar na história da Rússia é o seu *status* de grande potência, o qual foi por vezes justificado a partir de suas

<sup>23</sup> No original: “Actors therefore achieve ontological security especially by routinizing their relations with significant others. Then, since continued agency requires the cognitive certainty these routines provide, actors get attached to these social relationships. Applied to states, ontological security-seeking reveals another, second, dilemma in international politics: ontological security can conflict with physical security.” (MITZEN, 2006, p. 342).

<sup>24</sup> Uma outra possibilidade de análise seria a observação da construção da identidade russa a partir da relação com o *Outro* asiático, tendo em vista a histórica relação entre os russos e os povos orientais. Entretanto, optamos por concentrar a análise na relação com os povos ocidentais devido aos recentes atritos entre ambos os lados, sobretudo entre Moscou e os membros da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte).

condições geográficas únicas (MACKINDER, 2020), mas que não parece se manter estável ao longo do tempo. A dificuldade no reconhecimento da identidade de potência – a qual lhe é tão conhecida tanto no período imperial, quanto no soviético – faz com que os tomadores de decisão da Rússia no presente encarem processos de angústia e insegurança ontológica, isto é, lidam diretamente com o *infamiliar*. Baseada na ideia de passado, a construção da identidade remete sempre ao futuro, ao conceito do que o agente *deveria ser*.

### 2.2.1 A formação das identidades dos Estados: o caso russo

Ao contrário da afirmação de Alexander Wendt, consideramos que as identidades são elementos em constante mudança, resultados de processos de construção e reconstrução a partir do convívio e da interação sociais, mesmo quando parecem ser elementos estáveis ao longo do tempo. Levando em consideração a instabilidade e a ausência de consenso em torno do termo, toda referência a uma identidade específica de um Estado diz respeito a momentos transversais no tempo, e não longitudinais, tendo em vista que a identidade é resultado de constantes processos de mudança e interação. Dessa forma, ao mencionarmos “a identidade russa”, trataremos de momentos e períodos específicos em que tais características sejam predominantes, sendo um interessante exercício a comparação de diferentes identidades possíveis ao longo da história do Estado a partir da delimitação de características comuns e divergentes. Ademais, torna-se útil a análise de outros campos conceituais como a política externa e os “interesses nacionais” (CLUNAN, 2009, p. 2-3) defendidos pelos governos enquanto elementos ao mesmo tempo influenciados e constitutivos da própria identidade:

Talvez a crítica mais comum seja que a identidade oferece aos cientistas sociais uma escolha extremamente infeliz: ou você define identidade de forma restrita, correndo o risco de rotular novamente uma categoria analítica já existente (como papel, regra, norma, grupo, localização social, posição do sujeito etc.), ou você o faz de maneira geral, arriscando a reivindicação totalizante sobre tudo o que a história e a cultura fizeram (BRUBAKER & COOPER, 2000). [...] Vista sob essa luz, a identidade estatal não é uma “coisa” e não está simplesmente “lá”; ao contrário, *está em constante evolução, sempre em formação e interação*. Ou, como diz Emmanuel Adler, “*torna-se em vez de ser*” (ADLER, 2013, p. 113).<sup>25</sup> (VUCETIC, 2017, p. 2-5, *grifo nosso, tradução nossa*).

---

<sup>25</sup> No original: “*Perhaps the most common criticism is that identity offers social scientists an exceedingly unhappy choice: either you define identity narrowly, whereby you risk relabeling an already existing analytical category (role, rule, norm, group, social location, subject position, etc.), or you do so generally, risking a totalizing claim on everything that history and culture has made (Brubaker & Cooper, 2000). [...] Seen in this light, state identity is not a “thing” and not simply “there”; rather, it is constantly evolving, always in formation and interaction. Or, as Emmanuel Adler puts it, “becoming rather than being”.*” (VUCETIC, 2017, p. 2-5).

Assim, o termo “identificação”<sup>26</sup> revela o caráter inacabado do processo de construção da identidade, que não pode ser compreendida como um fim em si mesmo ou como um elemento estável. Trata-se de um elemento contextual e situacional (BRUBAKER e COOPER, 2000, p. 15; GROTENHUIS, 2016, p. 113) que sustenta a noção de “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008) e que serve de base para o conceito de nação e todas as outras histórias contextuais sobre *Nós* em relação a *Eles* (GROTENHUIS, 2016, p. 26-27): as tradições, a cultura, os mitos fundadores e a língua que sustentam a noção de uma nacionalidade inerentemente diferente e separada das demais nacionalidades existentes. *Ser russo*, nesse caso, concomitantemente pressupõe *não ser alemão/francês/inglês* etc., embora muitas vezes possa se confundir com o *ser ucraniano/bielorusso* devido às inúmeras características culturais compartilhadas entre as nacionalidades:

Concentrar-se nos processos de identificação também oferece uma maneira útil de distinguir entre “cultura” e “identidade”. Enquanto a cultura pode ser vista como uma teia/depósito rica, porém suficientemente vaga, de vários parâmetros estruturais em uma sociedade (ideias, normas, símbolos, discursos etc.), *as reivindicações identitárias são geralmente mais nítidas na tentativa de definir/clarear a posição de alguém em uma determinada situação ou relação: ‘as identidades simplificam [...] tornando familiar o desconhecido/infamiliar’* (HOPF, 2002, p. 6). Entendida como uma tentativa ativa de reduzir a complexidade, sua nitidez repousa em uma interpretação selecionada de certos parâmetros culturais, o que torna as identidades (ou reivindicações de identidade) inevitavelmente mais finas do que a “cultura”.<sup>27</sup> (BERENSKOETTER, 2010, p. 3601, *grifo nosso, tradução nossa*).

Embora a nação e o nacionalismo sejam fenômenos modernos, as identidades preexistem a criação do Estado-nacional, uma vez que até mesmo as organizações sociais menos burocratizadas experienciam o processo de diferenciação e aproximação entre o *Eu* e o *Outro*, tendo em vista que deriva de uma etapa de formação da própria individualidade de cada um. Entretanto, para muitos a chamada Paz de Vestfália deu origem ao novo sistema internacional composto por Estados nacionais, oferecendo as bases para a ligação duradoura entre noções de identidade e a própria organização do Estado. Nesse sentido, é a partir de 1648 que as construções de alteridades se intensificam no chamado Norte Global, não apenas com a

---

<sup>26</sup> “A identificação, ao contrário da identidade, refere-se a um processo, a algo em construção. O termo evita, portanto, o perigo da reificação inerente à identidade entendida como um objetivo existente separadamente. Como processo, a identificação é algo que pode ser influenciado, é contextual e civilizacional.” (GROTENHUIS, 2016, p. 113).

<sup>27</sup> No original: “*Focusing on processes of identification also offers a useful way to distinguish between ‘culture’ and ‘identity’. Whereas culture can be seen as a rich yet sufficiently vague web/depository of various structural parameters in a society (ideas, norms, symbols, discourses, etc), identity claims are usually more sharp in attempting to define/clarify one’s position in a certain situation or relationship: ‘identities simplify [...] by making the unfamiliar familiar’ (Hopf 2002:6). Understood as an active attempt to reduce complexity, their sharpness rests un a selected interpretation of certain cultural parameters, which makes identities (or identity claims) inevitably thinner than ‘culture’.*” (BERENSKOETTER, 2010, p. 3601).

diferenciação dos europeus em relação aos demais povos tidos como “bárbaros” – sobretudo aqueles de origem africana e sul-americana – mas também entre si próprios, ressaltando os elementos distanciadores que caracterizavam um indivíduo como inglês ao invés de francês, e vice-versa.

Apesar das inúmeras diferenças existentes entre os povos europeus, que lentamente dividiam-se em nações distintas, existia uma base de influência comum entre eles: a cristandade latina centrada em Roma. Dessa forma, os recém-criados Estados nacionais europeus que buscavam monopolizar não apenas o uso legítimo da força física, mas também a legitimidade da força simbólica (BRUBAKER e COOPER, 2000, p. 15) por meio de aproximações e diferenciações do *Eu* com os *Outros*, partem de uma construção simbólica de elementos em comum que garantem a sua proximidade por um período. Por outro lado, esse cenário de proximidade e identificação é inicialmente restrito à Europa Ocidental, uma vez que as formações político-sociais da Europa Oriental se basearam em várias outras matrizes simbólicas, tal como na Ortodoxia<sup>28</sup>. Portanto, a raiz formativa das identidades coletivas (BRUBAKER e COOPER, 2000, p. 6, 19) na Europa Ocidental e Oriental é diferente, o que posteriormente gera um conjunto de estranhamentos e dificuldades de compreensão (LEICHTOVA, 2014) entre os povos.

Dessa forma, os agrupamentos sociais em torno da ideia da nacionalidade partem de matrizes diferentes quando comparamos a Rússia e os países da Europa Ocidental, o que conseqüentemente origina identidades diversas ao longo do tempo. Entretanto, como anteriormente ressaltado, a Rússia experimenta e representa inúmeras dualidades devido às suas características geográficas e às ideias que permearam o processo de construção da sua identificação estatal. Para Brubaker e Cooper, as identidades coletivas oferecem aos indivíduos de determinada sociedade os laços emocionais de um pertencimento distinto, que os inclui em um grupo que é essencialmente diferente de outros grupos nacionais (BRUBAKER e COOPER, 2000, p. 19-20); entretanto, a construção de uma alteridade entre aqueles que estão dentro e aqueles que estão fora das fronteiras de determinado grupo torna-se menos observável na existência de conflitos de identificação entre os próprios membros da nação (HOPF, 2002, p. 79-80; VUCETIC, 2017, p. 8-9). Entre os russos, por exemplo, há quem identifique o Estado com os valores e as representações europeias clássicas - baseadas no individualismo, no racionalismo, e no Iluminismo (BERMAN, 2019; SAID, 2021) -, bem como há quem o

---

<sup>28</sup> Segundo Ted Hopf, muitos consideravam que “ser russo” e “ser ortodoxo” eram equivalentes, tendo em vista a profunda ligação entre a formação da identidade e do Estado russo e a Igreja Ortodoxa. (HOPF, 2002, p. 168).

identifique com as influências eslavas mais tradicionais e, portanto, valorize as origens mais asiáticas da nação (SEGRILLO, 2016).

Nos estudos de vertente construtivista nas Relações Internacionais, existem diferentes visões acerca do papel da cultura e da história para a formação e consolidação das identidades nacionais: os teóricos clássicos consideram a relevância do papel das ideias de forma mais ampla, sem deixarem claro quais são essas ideias e como elas influenciam a formação de identidades (WENDT, 1992, 1999); pesquisadores com abordagens estruturais localizam as identidades como produtos da cultura e da história compartilhadas por um grupo, as quais apresentariam elementos “primordiais” (HUNTINGTON, 1996); construtivistas situacionais argumentam que as identidades são estruturas sociais cognitivas, valorizando a psicologia na formação de estruturas mentais coletivas (HOPF, 2002); enquanto construtivistas aspiracionais incorporam a psicologia aos trabalhos sobre identidade social para a formação de identificações coletivas (CLUNAN, 2009). É comum que as análises sobre a Rússia apresentem argumentos deterministas na tentativa de racionalizar e compreender ações de política externa que diferem daquilo que os países ocidentais consideram adequado. Entretanto, buscaremos nos distanciar dessas análises e oferecer uma visão mais holística acerca da formação e das transformações da identificação russa ao longo do tempo, a qual sofre efeitos da cultura, da história, da autoimagem<sup>29</sup> que os russos têm de si e da sua perspectiva de projeção internacional por meio de um *status* de grande potência (CLUNAN, 2009, p. 7-10). Seguiremos, portanto, a proposição de Zlotz e Lynch:

Na visão construtivista, as compreensões intersubjetivas compreendem estruturas e agentes. Essas normas, regras, significados, linguagens, culturas e ideologias são fenômenos sociais que criam identidades e orientam ações. Mais de uma pessoa precisa aceitar esses fenômenos sociais para que eles existam, e as pessoas se definem em relação a eles. Os entendimentos intersubjetivos são mais do que crenças agregadas de indivíduos. [...] Sentidos particulares se tornam estáveis ao longo do tempo, criando ordens sociais que os construtivistas chamam de estruturas e instituições. Regras e normas criam expectativas sobre como o mundo funciona, quais tipos de comportamento são legítimos, e quais interesses e identidades são possíveis. (KLOTZ & LYNCH, 20017, p. 7-8, *tradução nossa*).<sup>30</sup>

<sup>29</sup> “As autoimagens nacionais consistem em dois pilares: crenças sobre o Sistema apropriado de governança e missão de um Estado – o que é referido aqui como seu propósito político – e ideias sobre o *status* internacional, direitos e obrigações. Tais ideias envolvem julgamentos históricos sobre as experiências doméstica e internacional anteriores do Estado.” (CLUNAN, 2009, p. 10, *tradução nossa*). No original: “*National self-images consist of two pillars: beliefs about a state’s appropriate system of governance and mission—what is referred to here as its political purpose—and ideas about a state’s international status—its international rank, rights, and obligations. Such ideas entail historical judgments about the state’s prior domestic and international experiences.*” (CLUNAN, 2009, p. 10).

<sup>30</sup> No original: “*In the constructivist view, intersubjective understandings comprise structures and agents. These norms, rules, meanings, languages, cultures, and ideologies are social phenomena that create identities and guide actions. More than one person needs to accept these social phenomena in order for them to exist, and people define themselves in reference to them. Intersubjective understandings are more than aggregated beliefs of*

Apesar da disputa constante sobre o que a Rússia *deve ser* em termos da sua identidade estatal (aproximando-se mais da Europa ou da Ásia, e das ideias e valores por elas representadas), a qual será tratada mais adiante, permanece em todos os momentos da sua história o dualismo entre *ser* e *parecer*: mais recentemente, torna-se mais visível a incompatibilidade entre aquilo que a Rússia é (segundo alguns atores), e aquilo que ela parece ser<sup>31</sup>. Sobretudo após a década de 1990, a antiga ideia da Rússia como grande potência passa a ser questionada pelos demais países do sistema, os quais presenciaram os momentos de decadência e crise após o colapso da URSS na geopolítica mundial (RADCHENKO, 2020). Entretanto, o desejo pelo *status* de grande potência – e a crença de que tal *status* é intrínseco à própria concepção da identidade russa – continua presente nas políticas do Kremlin (VUCETIC, 2017, p. 7), que vem intensificando a projeção internacional do país como importante liderança regional.

Dentre os acadêmicos ocidentais, é recorrente uma visão em relação à Rússia pautada na incompatibilidade de suas identidades devido não apenas às matrizes fundadoras distintas, mas também às diversas autopercepções e interesses projetados pelos Estados no sistema internacional. A partir desse ponto de vista, a relação entre a Rússia e os países ocidentais tenderia ao conflito devido ao não entendimento mútuo entre as partes, as quais são levariam em consideração as particularidades alheias e as autoimagens do *Outro* em relação ao *Eu*. Entretanto, não necessariamente as identidades e os interesses projetados por meio da política externa constituem uma relação de causa e efeito, uma vez que podem existir em uma relação circular na medida em que alguns interesses parecem constitutivos de algumas identidades – por exemplo o interesse de projeção internacional de poder (seja ele duro ou brando) entre os Estados que se identificam com o *status* de grande potência. Os interesses nacionais são moldados não apenas por fatores materiais, mas também pela identificação, por fatores culturais, sociais e normativos em uma relação de co-constituição (CLUNAN, 2009, p. 6).

Nesse sentido, uma importante questão a ser levantada recai sobre a compreensão da identidade estatal como instrumento da política externa de determinado governo, ou como elemento fundador dos próprios “interesses nacionais”. Para os devidos fins deste trabalho, consideraremos a identificação como ambos: os interesses nacionais exemplificados por

---

*individuals. [...] Particular meanings become stable over time, creating social orders that constructivists call structures or institutions. Rules and norms set expectations about how the world works, what types of behavior are legitimate, and which interests or identities are possible.”* (KLOTZ & LYNCH, 2007, p. 7-8).

<sup>31</sup> É preciso ressaltar que a formação de identidades não é nem automática nem permanente (KLOTZ & LYNCH, 2007, p. 69), mas sim um conjunto de relações que são produzidas e reproduzidas por um conjunto de agentes (KLOTZ & LYNCH, 2007, p. 65).

determinadas escolhas de política externa são, ao mesmo tempo, influenciados e influenciadores da identidade, tendo em vista que fazem parte de uma relação de co-constituição<sup>32</sup> em constante mudança de acordo com o cenário geopolítico apresentado (RADCHENKO, 2020, p. 4). Buscamos, portanto, evitar a objetificação do conceito de identidade existente em diversos estudos construtivistas:

[...] mesmo o pensamento construtivista sobre identidade considera a existência da identidade como axiomática. A identidade já está sempre “lá”, como algo que indivíduos e grupos “têm”, mesmo que o conteúdo de identidades particulares e os limites que separam os grupos uns dos outros sejam conceituados como sempre em movimento. Mesmo a linguagem construtivista tende, portanto, a objetivar a “identidade”, a tratá-la como uma “coisa”, ainda que maleável, que as pessoas “têm”, “forjam” e “constroem”.<sup>33</sup> (BRUBAKER e COOPER, 2000, p. 27, *tradução nossa*).

Por outro lado, Berenskoetter ressalta a dificuldade de diferenciar o papel exercido pela identidade em relação a outros conceitos como cultura e interesses nacionais, tendo em vista que podem parecer sinônimos a depender das escolhas de cada pesquisador: a partir de uma lógica constitutiva, pode parecer que existe um processo evolutivo de cultura, identidade e interesses respectivamente, dando origem aos questionamentos sobre a real contribuição analítica da identidade nessa escala. É preciso especificar, portanto, que a identidade não exerce um papel intermediário tendo em vista que o próprio processo não é linear, mas circular e mutuamente construído e alterado. Entretanto, permanece nebuloso não apenas o que acontece quando as identidades deixam de ser “relativamente estáveis” (WENDT, 1999, p. 21), mas também a forma como ocorre essa alteração: as identidades dos Estados mudam de forma brusca ou gradual, sob quais condições? (BERENSKOETTER, 2010, p. 3599). Embora o termo apresente um aspecto vago e por vezes contraditório, não é proveitoso deixar de utilizá-lo nos estudos das Relações Internacionais, mas sim buscar iluminar aspectos específicos do conceito e do fenômeno que desejam ser explorados<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Essa visão se afasta dos argumentos de estudos construtivistas tradicionais que, segundo Berenskoetter, sugerem que os interesses são dependentes de conceitos de identidade (BERENSKOETTER, 2010, p. 3597).

<sup>33</sup> No original: “*even constructivist thinking on identity takes the existence of identity as axiomatic. Identity is always already “there,” as something that individuals and groups “have,” even if the content of particular identities, and the boundaries that mark groups off from one another, are conceptualized as always in flux. Even constructivist language tends therefore to objectify “identity,” to treat it as a “thing,” albeit a malleable one, that people “have,” “forge,” and “construct.”*” (BRUBAKER e COOPER, 2000, p. 27).

<sup>34</sup> Um problema recorrente nas pesquisas de Relações Internacionais é a ausência de uma definição específica para diversos conceitos e fenômenos muito abordados, como “poder” e “interesse nacional”. Entretanto, não acreditamos ser interessante o abandono de tais termos em decorrência da sua ambiguidade, uma vez que as pesquisas podem elucidar aspectos específicos na tentativa de buscar denominadores comuns para sua utilização.

Dessa forma, consideraremos que os chamados “interesses nacionais”, os quais podem ser capturados a partir de escolhas de política externa<sup>35</sup>, salvaguardam uma certa identidade do Estado: se a política externa sofre alguma alteração (seja ela a partir de atos físicos ou discursivos), é possível afirmar que os interesses e a identificação estatal também mudaram em algum grau (ver ilustração 2). Entretanto, permanece aberto o questionamento *sob quais circunstâncias* ocorre a modificação da identidade do Estado: as mudanças no próprio sistema ou as alterações na autopercepção do Estado são catalisadoras da mudança da identidade? Defenderemos que ambos. Ao optarmos pela definição de identidade proposta por Guzzini – identidade como autopercepção e papel internacionalmente exercido (GUZZINI, 2020, p. 138) -, chegaremos à conclusão que ambos podem ser pontos de partida para o surgimento de uma nova identificação que substitua a anterior: o Estado pode alterar as suas próprias percepções do *Eu* a partir de processos de questionamento e revisão domésticos, bem como pode sofrer influências das percepções que seus pares têm de si no sistema internacional. Para Klotz e Lynch, as identidades não são estáticas, mas sim potencialmente maleáveis, podendo se tornar institucionalizadas e parte do contexto em que os indivíduos agem (KLOTZ & LYNCH, 2007, p. 84).

---

<sup>35</sup> “Ao definir tanto a política externa quanto a política internacional como sociais, eles veem que ambas devem começar com as pessoas interagindo e com um mundo que é inextricavelmente social e material. Isso dá a qualquer relação social sua natureza dinâmica, e ao construtivismo, sua capacidade de ver as relações sociais em constante mudança. Muitos construtivistas rejeitam a noção de ver o mundo social como os positivistas o veem – como um mundo de relações reificadas, isto é, de conceitos abstratos e relações transformadas em objetos concretos e leis naturais de comportamento esperando para serem descobertas.” (KULBÁLKOVÁ, 2015, p. 22-23, *tradução nossa*). No original: “By defining both foreign policy and international politics as social, they see that both must start with people interacting in, and with, a world that is inextricably social and material. This gives any social relation its dynamic nature and constructivism its ability to see social relations as constantly changing. Many constructivists reject the notion of seeing the social world as positivists do – as a world of reified relations, that is to say, abstract concepts and relations made into concrete objects, and natural laws of behavior waiting to be discovered.” (KULBÁLKOVÁ, 2015, p. 22-23).



## Ilustração 2 - Fluxos de interdependência das identidades, interesses e política externa



Fonte: elaboração própria.

Nesse sentido, a identidade seria o aspecto mais subjetivo da formação do *Eu* em relação aos *Outros*, englobando um conjunto de valores e referenciais que servem como base para a autopercepção e para a projeção externa de um determinado ator. Esses mesmos valores e referenciais também influenciam os chamados “interesses nacionais” que, assim como a política externa, são constantemente objetos de interferência das elites políticas no poder<sup>36</sup>, as quais alteram os rumos do Estado a partir dos cenários econômicos, políticos e sociais impostos em momentos distintos (RADCHENKO, 2020). Portanto, a política externa pode ser percebida como a diretriz política de atuação para a conquista (ao menos discursivamente) dos interesses do Estado que, por sua vez, apresentam uma relação de co-constituição com a identidade nacional.

---

<sup>36</sup> “A interpelação refere-se ao processo pelo qual as pessoas aceitam ou adotam uma identidade articulada pelas elites. Os públicos são “aclamados” em identidades específicas por meio da reiteração de características próprias e dos outros. As pessoas presumivelmente aceitam ou abraçam ativamente as representações quando se reconhecem nesses grupos. Baseando-se em referências culturais e vocabulário comum, as elites tentam falar em uma linguagem que ressoe com seu público.” (KLOTZ & LYNCH, 2007, p. 80, *tradução nossa*). No original: “*Interpellation refers to the process through which people accept or adopt an identity articulated by elites. Publics are “hailed” into specific identities through the reiteration of characteristics of selves and others. People presumably acquiesce to, or actively embrace, representations when they recognize themselves in these tropes. Drawing on cultural references and common vocabulary, elites try to speak in a language that resonates with their audiences.*” (KLOTZ & LYNCH, 2007, p. 80).

### 2.2.2 A análise de discursos e documentos para a captura das identidades nacionais

Como mencionado anteriormente, a consolidação da identificação estatal ocorre a partir de um processo relacional entre os atores (HOPF, 2002; GUZZINI, 2020), os quais compartilham entre si uma intersubjetividade que permite a construção de sentidos comuns (WENDT, 1992, 1999). Esse processo ocorre em meio a um espectro de possibilidades de reconhecimento que não carrega, *a priori*, um significado valorativo ou uma divisão maniqueísta entre bom e ruim, apenas uma variação entre aquilo que é reconhecido e, portanto, compreendido como próximo do *Eu*, e aquilo que é desconhecido/diferente, entendido como distante ou mesmo oposto do *Eu*<sup>37</sup>. O desenvolvimento da alteridade está presente em todos os âmbitos das relações sociais: entre indivíduos, grupos de interesse, instituições, partidos, governos, Estados etc. que se reconhecem e se diferenciam a partir da interação, a qual pode ocorrer tanto pelo convívio direto quanto pela simples noção da existência alheia<sup>38</sup>.

O processo formativo das identidades ocorre por meio da interação contínua entre os atores (chamada de processo de co-construção ou co-constituição), os quais estabelecem entre si relações de identificação e alteridade (VUCETIC, 2017, p. 3). É na interação que se formam as noções de *Eu* e *Outro* (HANSEN, 2006, p. 17, 33), suas semelhanças e diferenças, além de possíveis relações de amizade, inimizade ou indiferença entre eles<sup>39</sup>. Todavia, Wendt ressalta que o comportamento dos atores é central para a transformação de suas identidades, concentrando-se apenas nos gestos físicos de sinalização de percepções e interesses entre *Alter* e *Ego* – os quais trataremos como *Eu* e *Outro*<sup>40</sup>. Embora os gestos físicos sejam importantes

---

<sup>37</sup> “Como Brewer escreve: ‘seja real ou imaginado, a percepção de que um grupo externo constitui uma ameaça aos interesses de sobrevivência do grupo interno cria uma circunstância na qual ... [aqueles que se identificam com o grupo interno sentem] medo e hostilidade em relação ao grupo ameaçador.’ (CLUNAN, 2009, p. 78, *tradução nossa*). No original: “As Brewer writes, “Whether actual or imagined, the perception that an outgroup constitutes a threat to ingroup interests of survival creates a circumstance in which . . . [those identifying with the ingroup feel] fear and hostility toward the threatening group.” (CLUNAN, 2009, p. 78).

<sup>38</sup> Os períodos de colonização foram amplamente marcados pelos processos de reconhecimento e diferenciação entre o *Eu* e o *Outro*, uma vez que o contato recorrente entre colonizadores e colonizados afetava a (re)formulação da identificação de ambos tanto a partir de elementos de proximidade entre os grupos, quanto através de características identificadas como diametralmente opostas. Dessa forma, ao identificarem os indivíduos dos povos originários como “sem alma” ou “selvagens”, os colonizadores europeus reforçavam a sua própria identidade como “religiosos” e “civilizados” a partir da alteridade.

<sup>39</sup> “Wendt aborda a identidade como a questão de quem é considerado parte do eu. Se outros Estados são considerados parte da noção de *Self*, em outras palavras, se a fronteira do *Self* é empurrada para fora da fronteira do Estado, Wendt argumenta que existe uma definição coletiva e não-egoísta de identidade.” (ZEHFUSS, 2001, p. 335, *tradução nossa*). No original: “Wendt addresses identity as the question of who is considered part of the self. If other states are considered part of the notion of self, in other words, if the boundary of the self gets pushed outward beyond the boundary of the state, Wendt argues that there exists a collective rather than egoistic definition of identity.” (ZEHFUSS, 2001, p. 335).

<sup>40</sup> “Outro pressuposto diz respeito à relação entre *Eu* e o *Outro*. Isso é discutido em detalhes posteriormente: basta dizer que teorizar nesse sentido pressupõe que o *Eu* requer um *Outro* para gerar sua própria identidade, mas muitas

para a análise das transformações das identidades entre os atores (inclusive por serem facilmente observados na realidade), eles não são os únicos elementos indicativos de alteração na interação social. Para além das mudanças comportamentais dos atores – que podem ou não indicar mudanças em seus interesses e suas identidades – os *atos linguísticos/comunicativos* também podem ser objetos de análise em estudos construtivistas, uma vez que o processo histórico é formado a partir de manifestações orais e físicas das vontades individuais e coletivas.

Embora não exista consenso se a transformação da identidade nacional ou internacional do ator ocorre a partir de um ato consciente dos tomadores de decisão (HOPF, 2002, p. 3), ou simplesmente se é resultado da mudança das interações sociais sistêmicas (GUZZINI, 2020, p. 127), torna-se cada vez mais necessária a análise das práticas retóricas, isto é, do processo discursivo que permeia a relação entre as unidades de análise (nesse caso, os Estados nacionais). Ademais, é preciso ressaltar que a linguagem entre os atores analisados não consiste somente em atos de fala, mas também em símbolos e significados compartilhados entre eles, tendo em vista que a linguagem é social e política (HANSEN, 2006, p. 15), formando uma estrutura de constrangimentos (BERGER & LUCKMAN, 2014) que precede e transcende a formação individual de cada um dos agentes a partir da criação de zonas de compreensão e entendimento. Compreendemos a linguagem, portanto, como uma estrutura que não é completamente fechada tendo em vista que constrói a identificação e a diferença simultaneamente. A pluralidade dos discursos proferidos revela, em última instância, as várias identidades em disputa tanto no nível doméstico quanto no internacional, provenientes de grupos de interesses distintos (CLUNAN, 2009). Esse cenário se torna ainda mais latente em casos de agentes multinacionais como a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em que existiam grandes clivagens entre a identidade oficial promovida pelo partido único e as várias identidades em disputa dentro de um mesmo território.

De todo modo, é possível capturar a identidade predominante a partir da análise dos discursos oficiais do Estado (proferidos por representantes da elite no poder)<sup>41</sup> na medida em que tal método possibilita que o pesquisador identifique elementos da teoria substantiva no

---

vezes trata esse Outro como uma ameaça ao *Eu*. Essa suposição torna o conflito e a subordinação inevitáveis em qualquer relação de identidade.” (HOPF, 2002, p. 3, *tradução nossa*). No original: “*Another assumption concerns the relationship between the Self and the Other. This is discussed in detail later; suffice it to say here that theorizing in this vein assumes the Self requires an Other to generate its own identity, but often treats that Other as a threat to the Self. This assumption makes conflict and subordination inevitable in any identity relationship.*” (HOPF, 2002, p. 3).

<sup>41</sup> “Os tomadores de decisão falam rotineiramente em termos de ‘interesses’, ‘necessidades’, ‘responsabilidades’, ‘racionalidade’ e assim por diante, e é por meio dessa conversa que os Estados se constituem e constituem os outros como agentes.” (WENDT, 1999, p. 10).

mundo real (WENDT, 1999, p. 6) através de um acesso contingente por meio da linguagem. Assim, não seria possível afirmar a existência de uma essência anterior à interação (HANSEN, 2006, p. 21,22), uma vez que a identidade de cada ator é construída sempre de forma relacional, isto é, social. Todo discurso ocorre por meio da linguagem, a qual é compreendida como instrumento e meio de inteligibilidade entre os agentes:

Toda sociedade é uma estrutura social cognitiva, toda sociedade compreende formações discursivas particulares que constituem essa estrutura, e todo indivíduo possui uma multiplicidade de identidades que podem ou não fazer parte de uma formação discursiva. [...] Berger e Luckmann chamam a própria linguagem de “estrutura restritiva” que “cria zonas de significado”.<sup>42</sup> (HOPF, 2002, p. 22, *tradução nossa*).

A análise da linguagem empregada nos discursos oficiais das elites no poder revela, em última instância, as escolhas dos tomadores de decisão na forma de representar o Estado tanto na compreensão das imagens de si, quanto na projeção do seu papel no sistema internacional<sup>43</sup>. Tais narrativas englobam seus interesses e suas visões de mundo, tanto em momentos de identidade estável quanto em momentos de crise e transformação – as quais sempre podem ser contestadas, por mais perenes que pareçam ser. Entretanto, é preciso ressaltar que as identidades estatais não são formadas e defendidas apenas por grupos e indivíduos que compõe a cúpula do poder, mas também pela própria sociedade que se autopercebe e se projeta internacionalmente. No caso da Rússia, isso foi um movimento muito claro ao longo do século XVIII, em que a classe artística e literária foi responsável pela formação de uma identidade nacional que não era compatível com aquela defendida pelo governo autocrático do czar (SEGRILLO, 2016; FIGES, 2018).

A escolha por analisar os discursos proferidos pelo governo central em detrimento das múltiplas narrativas da sociedade parte de uma questão metodológica a respeito da viabilidade da pesquisa. Se a opção tivesse sido realizar uma análise das manifestações identitárias da sociedade russa, a restrição necessária das fontes resultaria em uma análise pouco representativa da realidade, tendo em vista que seria possível abordar apenas um número limitado de visões e percepções do que a Rússia é entre os próprios russos. Nesse sentido, a opção pelos discursos oficiais do Kremlin parte não apenas da crença na maior viabilidade da pesquisa em si, mas

---

<sup>42</sup> No original: “*Every society is a social cognitive structure, every society comprises particular discursive formations that constitute that structure, and every individual has a multitude of identities that may or may not be part of a discursive formation. [...] Berger and Luckmann call language itself a “constraining structure,” one that “creates zones of meaning.”*” (HOPF, 2002, p. 22).

<sup>43</sup> “Os papéis localizam e definem o indivíduo em relação a um contexto social; são agrupamentos de práticas que constituem atores como objetos da experiência social (o ‘Eu’). [...] Os papéis identitários, por sua vez, são papéis internalizados, aspectos do senso de *Self* de um ator que refletem a apropriação de papéis e motivam o comportamento.” (MITZEN, 2006, p. 357).

também por compreendermos que a identidade oficial é a identidade internacionalmente percebida de um Estado. Por outro lado, temos consciência que uma instância não pode ser totalmente separada da outra, uma vez que as manifestações sociais influenciam as narrativas do Kremlin e vice-versa; portanto, torna-se necessário compreender algumas das ideias-base que sustentam o imaginário dual da identificação russa ao longo de sua história.

#### 2.2.2.1 O processo de tomada de decisão em política externa na Rússia

De modo geral, o processo de tomada de decisão em política externa na Rússia se mantém centralizado e pouco transparente, girando em torno dos debates entre o *status* russo como grande potência, as aspirações da Rússia de se desenvolver econômica e tecnologicamente, e as disputas internas sobre o melhor modelo para o desenvolvimento político nacional (KOLDUNOVA, 2015, p. 381). Desde os anos 1990, a principal dificuldade dos tomadores de decisão consiste em balancear as várias visões presentes no país sobre quais deveriam ser os rumos da nação, partindo de pressupostos diversos sobre a própria identidade russa: de forma a simplificar tais debates, Tsygankov dividiu os grupos entre integracionistas (ou ocidentalistas/atlantistas), balanceadores e pragmatistas (TSYGANKOV, 2005, p. 154-156). Segundo o autor, tais classificações reuniriam as três principais visões de política externa na Rússia: a de que a Rússia deveria se integrar completamente ao Ocidente; a de que o país deveria estabelecer relações políticas e laços comerciais com o Ocidente e com a Ásia, mantendo as parcerias pragmáticas com os países ocidentais enquanto expande sua influência rumo ao Oriente; e a de que a Rússia deveria perseguir seus interesses nacionais enquanto uma potência que é parte do mundo ocidental, respectivamente.

Tal pluralidade de ideias e visões sobre a identidade russa não estão presentes apenas nos debates políticos e acadêmicos, mas se refletem nos posicionamentos do governo ao longo do tempo, o qual variou de perspectiva de acordo com os cenários internacionais que se desenhavam. De acordo com o artigo 86 da constituição russa, o presidente torna-se o responsável por decidir sobre questões de política externa e de segurança do país, tornando-o o principal ator a ser observado quanto buscamos compreender tais processos (KACZMARSKA, 2019, p. 243). Entretanto, não trataremos o presidente russo – devido ao período abordado em nossa análise, nos concentraremos em Vladimir Putin – como um ator alheio às influências externas, como por exemplo a participação da classe acadêmica na formulação de pensamentos e na difusão de ideias acerca da identidade e do *status* da Rússia no sistema internacional.

Embora seja igualmente interessante a análise dos discursos formulados por cada um dos grupos mencionados e a sua influência nas decisões de política externa, optamos por observar nesta pesquisa a influência que acadêmicos e pesquisadores exercem sobre a política russa, especificamente o papel do Clube Valdai de Discussão Internacional na sua relação com o presidente Vladimir Putin. Tal perspectiva nos possibilitará compreender as formas pelas quais os principais temas e ideias de projeção internacional e autoimagem são enquadrados por discursos de ambos os atores mencionados, e como tais ideias são capazes de alterar as crenças da Rússia sobre o *Eu* e sobre o *Outro ocidental* (KUCHINS & ZEVELEV, 2012).

### **2.3 Rússia: Europa, Ásia ou Eurásia?**

Dentre as inúmeras disputas de narrativas em torno da identidade russa, ressaltamos a questão sobre seu pertencimento geográfico: a Rússia faz parte da Europa, da Ásia, ou da Eurásia? A ausência de limites físicos e geográficos claros para a localização espacial da Rússia no sistema internacional deu origem a uma inquietação ontológica acerca da sua própria identidade, uma vez que os conceitos “Oriente” e “Ocidente” passam a adquirir significados diversos ao longo do tempo (SAID, 2021). Dessa forma, após as reformas modernizantes realizadas pelo czar Pedro, o Grande, diversos grupos de intelectuais e artistas russos passaram a discutir e questionar não apenas sobre as origens da cultura e da identidade russas, mas sobretudo sobre os rumos que o Estado deveria tomar no futuro (LEICHTOVA, 2014, p. 30). O século XIX foi marcado, de modo geral, pelos ocidentalistas, que defendiam as origens europeias da Rússia e valorizavam as ideias modernas; pelos eslavófilos, que retomavam as origens eslavas orientais e valorizavam o papel das tradições e dos costumes religiosos; e pelos eurasianistas, que consideravam a Rússia um Estado único que sintetizava elementos ocidentais e orientais (SEGRILLO, 2014, 2016; LEICHTOVA, 2014).

Embora os grandes debates entre as classes artísticas e intelectuais tenham ocorrido no século XIX, ainda hoje é possível identificar tais discussões na sociedade russa, tendo em vista que os governantes no poder buscam retomar tais narrativas para localizar a Rússia no mundo político. Em 2013, Vladimir Putin fez um discurso em uma reunião do Clube Valdai de Discussão Internacional, no qual mencionou a importância da “autodeterminação nacional, cultural e espiritual” (PUTIN, 2013) para a compreensão do papel da Rússia no mundo globalizado:

Hoje precisamos de novas estratégias para preservar nossa identidade em um mundo em rápida mudança, um mundo que se tornou mais aberto, transparente e

interdependente. [...] Para nós (e estou falando dos russos e da Rússia), *as questões sobre quem somos e quem queremos ser são cada vez mais proeminentes em nossa sociedade*. Deixamos para trás a ideologia soviética e não haverá retorno. Os defensores do conservadorismo fundamental que idealizam a Rússia pré-1917 parecem estar igualmente longe da realidade, assim como os defensores de um liberalismo extremo ao estilo ocidental. *É evidente que é impossível avançar sem autodeterminação espiritual, cultural e nacional*. Sem isso, não seremos capazes de enfrentar desafios internos e externos, nem teremos sucesso em competições globais. E hoje vemos uma nova rodada de tais competições. Hoje, seus principais focos são econômico-tecnológicos e ideológico-informacionais. Os problemas político-militares e as condições gerais estão piorando. O mundo está se tornando mais rígido e, às vezes, renuncia não apenas ao direito internacional, mas também à decência básica. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2013, *grifo nosso, tradução nossa*).<sup>44</sup>

Ao retomar a importância da autodeterminação cultural russa, Vladimir Putin faz referência aos pensadores eslavófilos e eurasianistas do século XIX, os quais incluíram nos debates uma valoração contra o individualismo egoísta do Ocidente, reforçando a superioridade moral dos russos. Tais comparações – por vezes realizadas de forma implícita nos discursos – são mecanismos importantes da formação da identidade nacional, uma vez que são “projetados para fazer os membros da nação se sentirem positivos e distintos – em outras palavras, para aumentar a autoestima” (CLUNAN, 2009, p. 34). Nesse sentido, a compreensão da atual identidade nacional russa – e das transformações por ela sofridas nos últimos anos – depende da retomada de debates clássicos entre os próprios pensadores russos, que já experienciavam uma crise ontológica no século XIX.

### 2.3.1 Europa ou Ásia: o debate entre ocidentalistas e eslavófilos

A ausência de limites físicos que separem o continente europeu do asiático dá origem a uma ampla discussão sobre o lugar da Rússia no sistema internacional (não apenas geográfico, mas também político e social). Por ser um país de dimensões continentais que se estende tanto pela Europa quanto pela Ásia, a população russa sofre influência de diversos agrupamentos

---

<sup>44</sup> No original: “*Today we need new strategies to preserve our identity in a rapidly changing world, a world that has become more open, transparent and interdependent. [...] For us (and I am talking about Russians and Russia), questions about who we are and who we want to be are increasingly prominent in our society. We have left behind Soviet ideology, and there will be no return. Proponents of fundamental conservatism who idealize pre-1917 Russia seem to be similarly far from reality, as are supporters of an extreme, western-style liberalism. It is evident that it is impossible to move forward without spiritual, cultural and national self-determination. Without this we will not be able to withstand internal and external challenges, nor we will succeed in global competitions. And today we see a new round of such competitions. Today their main focuses are economic-technological and ideological-informational. Military-political problems and general conditions are worsening. The world is becoming more rigid, and sometimes forgoes not merely international law, but also basic decency.*” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai Discussion Club*, 2013).

sociais distintos entre si e passa a adquirir características que não são nem puramente ocidentais nem orientais. O Brasão de Armas imperial é, novamente, símbolo do dualismo russo: o Estado está, desde a sua formação inicial, dividido entre duas grandes concepções de mundo diferentes (Oriente e Ocidente). Foi apenas após a invasão dos mongóis que a antiga elite moscovita estabeleceu um governo centralizado e expansionista a partir da defesa da união dos povos eslavos, modelo semelhante aos europeus (BUSHKOVITCH, 2020).

Entretanto, o debate centrado em torno do questionamento sobre *o que a Rússia era* acirrou-se após as reformas modernizadoras promovidas pelo czar Pedro, o Grande, as quais foram consideradas radicais para a época. Dentre elas, a mais significativa foi a construção da cidade de São Petersburgo com o intuito de criar uma capital imperial que pudesse ser a “janela para o Ocidente”; para além de outras mudanças como a valorização dos costumes e do idioma francês, o imposto sobre a barba e o incentivo ao uso de vestimentas europeias. O czar buscava, ao impor tais reformas, criar uma sociedade russa à imagem e semelhança das europeias (com destaque para a sociedade francesa) e se afastar dos costumes tradicionais e “bárbaros” cultivados em Moscou (FIGES, 2018; SEGRILLO, 2016; BUSHKOVITCH, 2020).

A divisão social e as clivagens simbólicas entre Moscou e São Petersburgo que surgiram como resultado das reformas de Pedro I assumiram o papel de catalizadoras de uma autorreflexão crítica da própria sociedade russa e do papel por ela exercido. É nesse momento em que os membros da *intelligentsia*<sup>45</sup> russa passam a debater sobre a identidade nacional e as diversas possibilidades de compreensão do Estado e seu *status* frente aos conceitos de Oriente e Ocidente<sup>46</sup>. A publicação da “Carta Filosófica” de Petr Chaadaev deu início ao debate entre os grupos de ocidentalistas e eslavófilos, uma vez que o filósofo criticou o vínculo histórico com a cristandade ortodoxa e o atraso intelectual do país considerado “atrasado”:

Solitários no mundo, não demos nada ao mundo, nada lhe ensinamos. Não introduzimos nenhuma ideia na massa de ideias da humanidade, não contribuimos para o progresso da razão humana. [...] Um dos traços mais deploráveis de nossa peculiar civilização é que ainda estamos descobrindo verdades já assumidas pelos outros povos [...] A razão

---

<sup>45</sup> Diferente da concepção ocidental, o termo *intelligentsia* na Rússia é utilizado na referência de um grupo de indivíduos unidos por uma consciência comum, e não por um *status* privilegiado que tem como origem a classe social. A *intelligentsia* russa era composta por homens e mulheres de origem nobre, escritores, estudantes, filhos de servos emancipados etc., que tinham o acesso à educação e uma posição contrária à opressão czarista em sua maioria (BERNARDINI, 2018).

<sup>46</sup> “Os principais movimentos culturais do século XIX foram todos organizados em torno dessas imagens fictícias de nacionalidade da Rússia: os eslavófilos, com o seu mito acessório de ‘alma russa’, de um cristianismo natural do campesinato e o culto da Moscóvia como portadora de um modo de vida verdadeiramente ‘russo’ que idealizavam e puseram-se a promover como alternativa à cultura europeia adotada pelas elites instruídas desde o século XVIII; os ocidentalistas, com o culto rival a São Petersburgo, aquela ‘janela para o Ocidente’, com seus conjuntos clássicos construídos sobre terras pantanosas recuperadas do mar – símbolo da ambição iluminista e progressista de redesenhar a Rússia com bases europeias [...]” (FIGES, 2018, p. 25).



é que nunca marchamos junto com os outros povos. Não pertencemos a nenhuma das grandes famílias da raça humana. Não somos nem Ocidente nem Oriente e não temos as tradições de nenhum deles. Colocados como que fora do tempo, a educação geral do gênero humano não nos alcançou. (Chaadaev, 2009, p. 3 e 7 *apud* SEGRILLO, 2016, p.12).

O tom crítico e pessimista utilizado por Chaadaev revela uma outra face do que chamamos de dualismo russo, tendo em vista que o autor reforça seu descontentamento com a posição de inferioridade ocupada pela Rússia na história mundial ao não dividir o espaço de centro do progresso com a Europa. Esse discurso crítico se afasta da antiga narrativa de Moscou como a Terceira Roma (SEGRILLO, 2016), a qual coloca a Rússia como protagonista dos acontecimentos internacionais ao ser a herdeira legítima de dois grandes impérios, o que poderia lhe conferir um caráter de grandeza intrínseca. A divisão nacional passa a ser ainda mais evidente: por um lado, vemos discursos de uma Rússia atrasada, dependente e frágil; por outro, existem narrativas de uma Rússia como grande potência natural e com um importante papel na história mundial. Tal debate ainda oferece as principais diretrizes para a concepção da identificação russa em diferentes momentos políticos.

Por um lado, os eslavófilos valorizavam as origens eslavas e orientais do povo russo, materializadas nas comunas rurais em detrimento do “Ocidente pútrido”, tal como a expressão forjada por Stepan Shevyrev ao referir-se à superioridade espiritual da Rússia contra o materialismo egoísta da Europa (SEGRILLO, 2016, p. 23); por outro, os ocidentalistas ressaltavam a importância da filosofia francesa e alemã para o desenvolvimento da humanidade, as quais deveriam servir como inspiração para a própria transformação do *povo* em uma *nação russa*, fazendo com que a sua identidade seja muito próxima daquelas dos países ocidentais. Ambos os grupos tomavam posicionamentos extremistas ao ignorarem que as heranças orientais e ocidentais adquiridas pelo povo russo ao longo do tempo apresentam benefícios e malefícios para o seu próprio desenvolvimento enquanto nação soberana no sistema internacional, além de não compreenderem as reais capacidades de mudança de uma sociedade marcada pela autocracia czarista e pelo sistema da servidão até 1861.

Apesar de não haver mais um grande debate cultural e intelectual sobre as origens e os direcionamentos do nacionalismo e da identidade do país, as visões fundadoras de ambos os grupos permanecem presentes na política russa desde então:

Segundo Laruelle, houve uma “tripla escolha” da identidade civilizacional da Rússia: “ser um país europeu que segue o caminho ocidental de desenvolvimento; ser um país europeu que segue um caminho de desenvolvimento não-ocidental; ou ser um país não-europeu” (LARUELLE, 2016, p. 278). Aparentemente, a segunda dessas versões possíveis de identidade civilizacional foi escolhida pela elite russa. Mas deve ser lembrado que os imaginários civilizacionais podem estabilizar e se institucionalizar,

transformando civilizações em fatos sociais, (re)formando estruturas da política mundial em torno das relações inter-civilizacionais. (MASLOVSKIY, 2019, p. 543, tradução nossa).<sup>47</sup>

Ted Hopf identificou quatro identidades (estruturas sociais) predominantes na Rússia em 1955: *classe, modernidade, nação e o novo homem soviético* (HOPF, 2002). A dualidade entre as identidades centradas na modernidade e na pré-modernidade pode ser interpretada como uma expressão do debate entre ocidentalistas e eslavófilos respectivamente: por um lado, a identidade moderna era secular, urbana, supranacional e considerava a Rússia como centro das relações internacionais; por outro, a identidade pré-moderna era religiosa, rural, etno-nacional e considerava a Rússia como periférica. Sobretudo durante o período soviético, as antigas crenças e superstições “orientais” conviviam com o ideal do homem socialista moderno “ocidental”, uma vez que o dualismo identitário russo não se restringe a um determinado período histórico, mas sim durante toda a sua existência.

### 2.3.2 Eurásia: o surgimento do Eurasianismo e do Neoeurasianismo

O século XX foi marcado por um conjunto de mudanças na história política e social da Rússia: a Revolução Bolchevique em 1917 e a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1921 foram importantes marcos para a redefinição da identidade russa no sistema internacional. É nesse período que emerge o grupo dos eurasianistas, os quais afirmavam que a Rússia ocupava um lugar único no sistema ao representar a síntese entre Europa e Ásia, combinando características de ambos para criar uma identidade única. Nesse sentido, a URSS parecia, para alguns desses autores, uma grande representação do projeto eurasiano ao unir diferentes nações sob um governo centralizado que detinha poder em um amplo território (SEGRILLO, 2016).

Diferente dos eslavófilos que consideravam os povos eslavos como centro da formação nacional russa, os eurasianos olhavam tanto para as influências europeias quanto para as asiáticas na busca pelo “nacionalismo original” da Eurásia – um nacionalismo que é plural por definição, uma vez que o projeto eurasiano é multinacional e multiétnico em sua concepção.

---

<sup>47</sup> No original: “According to Laruelle, there was a ‘triple choice’ of Russia’s civilizational identity: ‘being a European country that follows the Western path of development; being a European country that follows a non-Western path of development; or being a non-European country’ (Laruelle, 2016: 278). Apparently, the second of these possible versions of civilizational identity has been chosen by the Russian elite. But it should be remembered that civilizational imaginaries can ‘stabilize and become institutionalized, turning civilizations into social facts by (re)shaping the structures of world politics around inter-civilizational relations’.” (MASLOVSKIY, 2019, p. 543).

Embora o termo “Eurásia” tenha surgido como uma síntese entre Europa e Ásia, alguns autores passaram a utilizar uma concepção geográfica separada dos dois continentes, a partir da criação de algo novo: “o termo Eurásia indica: essa é uma terceira coisa, uma civilização de um tipo especial, comparável em sua escala e originalidade, mas difere tanto do Oriente como do Ocidente com respeito a seu valor-conteúdo” (DUGIN, 2013, p. 38). Petr Nikolaevich Savitskii, por exemplo, definiu a Eurásia como um continente a parte e introduziu o conceito de espaço-desenvolvimento (*mestorazvitie*): “intersecção entre o espaço geográfico e o ambiente sociocultural que forma as diferentes unidades geográfico-culturais do mundo” (SEGRILLO, 2016, p. 131).

O autor eurasianista que ganhou maior destaque foi Alexandr Dugin com a obra *A Quarta Teoria Política*, na qual defende que a Rússia se contraponha aos Estados Unidos por meio da união entre nações europeias e asiáticas que originaria uma grande potência continental capaz de se impor no sistema internacional (DUGIN, 2012, p. 16). Segundo o autor, a identidade russa deve ser reformulada a partir de uma lógica de sobrevivência, uma vez que a globalização ocidental é percebida como ameaça ao desenvolvimento e ao protagonismo do Estado; nesse sentido, seria necessário o afastamento das ideias modernas e a recuperação de tradições como a religião, a família e a hierarquia social (DUGIN, 2013, p. 54). A Rússia adquire, nesse cenário, um papel messiânico a partir de valores moralmente superiores aos ocidentais:

Hoje muitas pessoas intuitivamente entendem que a Rússia não tem lugar no “admirável mundo novo” da globalização, da pós-modernidade e do pós-liberalismo. Primeiro, o Estado global e o governo mundial estão gradualmente abolindo todos os Estados-nação em geral. Mais importante é o fato de que *a totalidade da história russa é um argumento dialético com o Ocidente* e contra a cultura ocidental, a luta pela defesa de nossa própria (muitas vezes apenas intuitivamente compreendida) verdade russa, nossa própria ideia messiânica e nossa própria versão do “fim da história”, não importa como ela se expresse— através da Ortodoxia moscovita, do império secular de Pedro, ou da revolução comunista mundial. As mentes russas mais brilhantes viram claramente que o Ocidente estava se dirigindo para o abismo. Agora, olhando para onde a economia neoliberal e a cultura pós-moderna levaram o mundo, nós podemos ter certeza de que essa intuição, impulsionando gerações do povo russo a buscar por alternativas, era completamente justificada. (DUGIN, 2012, p. 43, *grifo nosso*).

Apesar do seu protagonismo internacional, Dugin não pode ser considerado o conselheiro do Kremlin tendo em vista que Vladimir Putin não chegou a concordar com suas ideias mais radicais embora também não tenha feito críticas contundentes ao autor. Nesse sentido, permanece presente a questão sobre qual seria o direcionamento seguindo pelos governos russos mais recentes: seriam ocidentalistas, eslavófilos ou eurasianos? Como eles formularam a autoimagem e o papel internacional da Rússia a partir dessas diretrizes históricas? Na década de 1990 é clara a inclinação ocidentalista do governo de Boris Yeltsin, que tinha

como objetivo principal retomar o *status* de grande potência após a intensa crise de identidade experimentada com o colapso soviético. Segundo Anne Clunan, é possível identificar cinco tendências de identidade nos anos 1990: ocidental, estatista, nacional-revisionista, neocomunista e eslava; as quais representavam diferentes percepções do que a Rússia era e qual o propósito internacional deveria seguir daquele momento em diante (CLUNAN, 2009, p. 60). Segundo Magda Leichtova:

Ao longo de sua existência, representantes da Federação Russa tentaram em várias ocasiões incorporar a Rússia ao clube do Estados ocidentais em vários graus de proximidade (desde a parceria com os EUA no início da década de 1990 até o renascimento de suas raízes europeias chefiado por Putin), mas ao mesmo tempo trouxeram consigo um conceito totalmente diferente de relações internacionais, levando logicamente a interpretações errôneas nas relações mútuas. As principais causas desses mal-entendidos foram a aplicação das expectativas liberais e democráticas ocidentais sobre os resultados da transformação russa, por um lado, e a percepção da Rússia de várias atividades do Ocidente como arrogantes, ameaçadoras ou marginalizantes para a Rússia, por outro. (LEICHTOVA, 2014, p. 25, *tradução nossa*).<sup>48</sup>

Novamente o debate sobre a identificação é central na sociedade russa, tendo em vista a perda não apenas de *status* internacional, mas sobretudo da autoimagem como grande potência. Apesar de buscar novas parcerias com os países ocidentais a partir de um movimento de mimetização – aderindo às organizações internacionais e reforçando o novo modelo democrático seguido domesticamente – o governo Yeltsin não foi capaz de combater a narrativa de uma Rússia pós-soviética decadente, que não podia ser considerada uma potência global nem regional nesse período. A ascensão de Vladimir Putin, por outro lado, reverte tal situação uma vez que o novo presidente chegou ao poder com o objetivo de retomar o antigo *status* de Moscou frente aos seus pares a partir de um posicionamento ocidentalista moderado (SEGRILLO, 2016):

Putin é um ocidentalista moderado porque parte de posições básicas ocidentalistas, mas também é um político pragmático e um *gosudarstvennik* (defensor de um Estado forte). Essas duas características extras fazem com que ele defenda os interesses nacionais russos de uma maneira pragmática. Não é que ele seja antiocidental *a priori* (ao

---

<sup>48</sup> No original: “Over the course of its existence, representatives of the Russian Federation have on several occasions attempted to incorporate Russia into the club of Western states in varying degrees of proximity (from partnership with the USA at the beginning of the 1990s to the revival of its European roots headed by Putin), but at the same time brought with it a wholly different concept of international relations, logically leading to misinterpretations in mutual relations. The main causes of these misunderstandings were application of Western liberal and democratic expectations on the results of the Russian transformation on one hand, and Russia’s perception of various activities of the West as being arrogant, threatening or marginalizing to Russia on the other.” (LEICHTOVA, 2014, p. 25).

contrário), mas se países do Ocidente procurarem subjugar, de maneira que considere inadequada, os interesses do Estado russo, Putin, agora senhor de um país economicamente mais fortalecido que a enfraquecida Rússia yeltsiniana dos anos 1990, se oporá firmemente. (SEGRILLO, 2016, p. 240).

Diferente de seu antecessor que buscava fazer parte do novo mundo globalizado – mesmo que nos termos da nova superpotência norte-americana – Putin tem por objetivo impor os interesses econômicos, políticos e militares da Rússia no sistema internacional, sem excluir a possibilidade de cooperação com o Ocidente em cenários que não prejudiquem seu posicionamento. Dessa forma, não é possível afirmar que o governo Putin seja antiocidental *a priori*, sobretudo em seu primeiro mandato, uma vez que prioriza decisões realistas na defesa dos interesses nacionais russos (SAKWA, 2008, p. 275-279). Como veremos posteriormente, esse cenário passa por alterações ao longo do tempo, uma vez que é reforçada domesticamente a percepção de que os interesses russos não foram respeitados pelas demais grandes potências do sistema internacional, principalmente em relação às ondas de expansão da OTAN. Dessa forma, em seus mandatos seguintes, percebemos discursos mais incisivos – e por vezes agressivos – do presidente Putin, mostrando uma mudança de paradigmas e de identidade nacional, afastando-se de posicionamentos pragmáticos em suas relações com o Ocidente e se impondo como uma grande potência (LEICHTOVA, 2014, p. 36).

## 2.4 Concepções de uma identidade civilizacional

A retomada do *status* internacional da Rússia como grande potência nas últimas décadas não aconteceu apenas com a valorização de aspectos materiais – como o tamanho do seu território, as riquezas naturais (sobretudo combustíveis fósseis), ou seu amplo arsenal militar e atômico – mas também por um conjunto de narrativas civilizacionais sobre a formação do Estado russo. Tais discursos sobre a identidade nacional continham um certo revisionismo imperial e soviético não por questões ideológicas, mas sobretudo pela defesa de um lugar privilegiado do país no sistema internacional:

As memórias comuns das distintas tradições não-ocidentais da Rússia e os esforços para buscar caminhos de desenvolvimento não-ocidentais, portanto, produziram aspirações conflitantes. Alguns membros da elite viam essa singularidade russa como base para o desenvolvimento futuro da Rússia. Outro viram nisso a razão do fracasso passado da Rússia em alcançar o nível desejado de desenvolvimento político e econômico, e uma razão para abraçar um caminho ocidental. Sobre essa questão de qual propósito político deveria fornecer a base para a nova identidade nacional da Rússia, a

elite [estava] dividida, da forma como a sociedade [estava] dividida. (CLUNAN, 2009, p. 57-58, tradução nossa).<sup>49</sup>

Da mesma forma que “a União Soviética não conseguia entender quem era sem se avaliar em relação ao *Outro* capitalista, imperialista” (HOPF, 2002, p. 85), a Federação Russa também formou uma nova identidade de forma relacional: tanto com o Ocidente e outras grandes potências, quanto com as suas próprias formações políticas do passado (TSYGANKOV, 2016, p. 147). Tais referenciais são importantes devido às ideias que carregam: a comparação com o Ocidente, principalmente com a Europa, acarreta na comparação dos europeus como ideais de desenvolvimento e progresso, como modelos dos ideais modernos e como parte de uma realidade geopolítica que impede o desenvolvimento russo enquanto grande potência mundial (STENT, 2008, p. 1092); ao mesmo tempo em que os períodos imperial e soviético também são retomados como exemplos de momentos em que a Rússia teria conquistado esse espaço privilegiado na política internacional.

Entretanto, a partir dos anos 2000, com a ascensão de Vladimir Putin ao poder, os paradigmas civilizacionais voltam a ocupar uma posição central em discursos oficiais devido à percepção de que os interesses russos não eram levados em consideração pelas demais potências, tendo em vista a década de crise e decadência econômica, política e social após a dissolução soviética (KARAGANOV, CHERNIAVSKAIA & NOVIKOV, 2016, p. 76). O ressentimento russo causado pelo isolamento internacional foi uma das motivações para o retorno a um passado distante, no qual a civilização russa era capaz de ditar e influenciar a política no continente; a Rússia inicia o seu afastamento gradual da ideia de integração ao Ocidente para fomentar as suas próprias visões de mundo e defender seu *status* de grande potência. Em contraposição ao racionalismo individualista ocidental, os russos reforçam a sua identidade civilizacional, que pode ser expressa nos costumes sociais, nas tradições religiosas e nos valores políticos e econômicos (HUNTINGTON, 1996), os quais são culturalmente distintos (TSYGANKOV, 2016, p. 148).

---

<sup>49</sup> No original: “*Common memories of Russia’s distinctive, non-Western traditions and efforts to pursue non-Western paths of development therefore produced conflicting aspirations. Some members of the elite viewed this Russian uniqueness as the basis for Russia’s future development. Others saw it as the reason for Russia’s past failure to achieve the desired level of political and economic development and a reason to embrace a Western path. On this question of what political purpose should provide the basis for new Russia’s national identity, “the elite [was] divided, the way society [was] divided.”* (CLUNAN, 2009, p. 57-58).

A ideia de civilização é reforçada com a chamada “diáspora russa”, evento que teria separado um conjunto de compatriotas por fronteiras artificialmente criadas ao longo do período soviético. Os novos Estados nacionais criados a partir de 1991 continham grandes somas populacionais de falantes de russo em seu território, o que fortaleceu a ideia de que o processo de identificação desses indivíduos era desterritorializado (SUSLOV, 2018, p. 334). Dentre os símbolos que os uniam, a língua russa era o principal deles, tendo em vista que estruturava o mundo mental de seus falantes e servia como base para a formação de valores, estereótipos e práticas “intrinsecamente russos”, mesmo que os indivíduos não estivessem mais em território nativo.

Unindo esse conceito ao de “mundo russo”, que já foi anteriormente explorado, é possível perceber o afrouxamento da ideia de soberania na relação do Kremlin com as antigas repúblicas soviéticas, tendo em vista que o governo russo exercia um controle político histórico sob a região, o qual apresentou uma ruptura em 1991. Dessa forma, ao atrelar indivíduos politicamente separados a partir de um idioma, uma religião e uma cultura em comum, o governo russo toma para si a responsabilidade de proteger os seus “compatriotas no estrangeiro”, retomando a interferência no espaço pós-soviético – a insegurança de indivíduos de nacionalidade russa vivendo em outros territórios foi uma das justificativas utilizadas pelo governo Putin na invasão do território ucraniano em 24 de fevereiro de 2022, evento que será discutido posteriormente. Embora os discursos sobre a identidade russa sejam baseados em conceitos e ideias aparentemente amplas, suas consequências são materialmente observáveis na política internacional.

Segundo o cientista político Stephen Shulman, a identidade nacional é formulada a partir de três elementos principais: identidade cívica, identidade cultural e etnicidade, os quais podem ser subdivididos em outros elementos: 1) a identidade cívica é composta por cidadania, território, desejo e consentimento, ideologia política, leis e instituições políticas; 2) a identidade cultural é formada a partir da religião, linguagem, e da tradição; 3) a etnicidade é formada a partir da ancestralidade e da raça (SHULMAN, 2002 *apud* GROTENHUIS, 2016, p. 127). Portanto, partindo desse modelo proposto por Shulman, as discussões acerca da identidade russa a partir do conceito de “mundo russo” estariam pautadas no campo da identidade cultural, cujos conceitos têm sido mobilizados mais intensamente pelo governo Putin após os acontecimentos no leste ucraniano em 2014, os quais serão posteriormente discutidos. Uma vez no campo da identidade cultural, a formação da identidade russa se distingue das formações das

demais nações europeias, as quais estão majoritariamente ligadas aos elementos da identidade cívica.

Há, portanto, uma cisão entre a identidade nacional russa e as identidades nacionais europeias/ocidentais: enquanto os países do chamado Ocidente viram seus processos de formação nacional nascerem a partir dos ideais iluministas disseminados desde a Revolução Francesa, a identidade russa tem suas origens no tradicionalismo religioso e político resultante dos vários séculos de poder autocrático e imperial ligado à Igreja Ortodoxa. Esse dualismo foi explorado por Hans Kohn como uma dicotomia entre o cívico e o étnico: segundo o autor, cívico e étnico seriam estruturas opostas ligadas ao conflito binário entre moderno-tradicional, liberal- iliberal, civilizado-não civilizado (KOHN, 2005). Tais dicotomias foram amplamente exploradas nas comparações entre Ocidente e Oriente (SAID, 2021, p. 29) como fonte de depreciação das nacionalidades orientais, pautadas pela religião, linguagem e tradição; mas, recentemente, são elementos de valorização por aqueles grupos que entendem a superioridade da identidade cultural sobre a identidade cívica, tendo em vista os recentes efeitos da globalização e da modernidade sobre as antigas formações nacionais. Nesse caso, o caráter civilizacional aparece como elemento de distinção da tradição oriental contra a decadência do Ocidente<sup>50</sup>.

#### 2.4.1 O alargamento dos laços identitários: caráter civilizacional da identidade russa

A identidade russa, desde sua formação, foi pensada em relação ao Ocidente, sobretudo a Europa ocidental: ora a Europa era tida como elemento de inspiração, ora como um inimigo a ser combatido (TOLZ, 2001). Nesse sentido, aqueles que viam o modelo europeu como algo a ser replicado em território russo criticavam as origens tradicionalistas da identidade russa, cujas bases foram fundadas nos monastérios ortodoxos pré-petrinos, uma vez que as entendiam como motivo de retrocesso e barbarismo. Em contraposição, os setores mais conservadores da sociedade que percebiam os ideais da modernidade ocidental como uma ameaça ao "russo verdadeiro" tendiam a valorizar o aspecto civilizacional que sustenta a formação da identidade nacional, sobretudo aspectos como o pluralismo étnico, as raízes asiáticas da cultura russa e a ligação entre o campesinato e a fé ortodoxa.

---

<sup>50</sup> Embora a distinção entre as raízes de formação das identidades ocidentais e orientais seja amplamente formulada a partir do nexos entre religião e civismo, é preciso ressaltar a profunda influência da cristandade na formação dos valores que norteiam as identidades ocidentais. Dessa forma, mesmo que exista um discurso pautado na ideia da laicidade, a religião também é central para as tradições e os valores do Ocidente.



Tal caráter civilizacional está sobretudo vinculado à formulação do conceito de "mundo russo", o que projeta no povo russo uma obrigação messiânica para com seus pares (*compatriots abroad*). Uma vez ligados pelo idioma, pela religião e pela cultura em comum, os indivíduos passam a ter entre si a responsabilidade de proteção não apenas física, mas também dos próprios valores defendidos historicamente pela chamada "civilização russa". Portanto, a característica que marca a identidade nacional russa é o "universalismo exclusivista", uma contradição intrínseca baseada na defesa dos valores e das características particulares, mas com o objetivo último de expansão e propagação dos mesmos. Atualmente, o governo russo tem utilizado essas definições como justificativa para a lógica das esferas de influencia, isto é, tem procurado transformar a presença russa em território estrangeiro em influência direta do Kremlin sobre esses mesmos espaços (SUSLOV, 2018, p. 338):

Para eles, ao contrário dos círculos de Shchedrovitskii e Pavlovskii, o “mundo russo” não era um instrumento de modernização; em contraste, foi um instrumento intelectual provando que a Rússia como uma civilização auto-suficiente não precisa de nenhuma modernização de recuperação, ou qualquer reconhecimento do Ocidente para esse assunto. O significado geopolítico implícito, a retórica civilizacional e o impulso anticestrista do conceito de “mundo russo” vieram à tona quando a Rússia foi reconsiderada recentemente como uma “civilização do Estado” (Linde 2016; Tsygankov 2016). *Essa retórica enquadra a visão do “Mundo Russo” como uma civilização distinta* (Laruelle 2015b), *situada em um território distinto, governado por um único sujeito político e lutando com outras civilizações por recursos e influências*. Seu significado passou a ser associado à ideia de “recolher as terras russas”, o que está longe, talvez até mesmo oposto, ao seu significado inicial de comunidade em rede de falantes de russo desterritorializados. (SUSLOV, 2018, p. 343, *grifo nosso, tradução nossa*).<sup>51</sup>

O objetivo de Moscou de aumentar sua projeção de poder nas antigas repúblicas soviéticas havia alcançado seu auge em 2014 com a anexação da península da Crimeia ao território da Federação Russa após a realização de um referendo (KARAGANOV, CHERNIAVSKAIA & NOVIKOV, 2016, p. 77); cenário que tomou novos contornos desde a recente invasão de tropas russas ao território ucraniano em 2022. Entretanto, em discursos presidenciais em anos anteriores já era possível identificar os novos rumos da política externa

---

<sup>51</sup> No original: “For them, unlike the circles of Shchedrovitskii and Pavlovskii, the “Russian world” was not an instrument of modernization; by contrast, it was an intellectual instrument proving that Russia as a self-sufficient civilization does not need any catch-up modernization, or any recognition from the West for that matter. The implicit geopolitical meaning, civilizational rhetoric, and anti-West-centrist thrust of the “Russian world” concept came at the fore when Russia was re-considered recently as a “state-civilization” (Linde 2016; Tsygankov 2016). *This rhetoric frames the vision of the “Russian World” as a distinctive civilization* (Laruelle 2015b), *situated on a distinctive territory, ruled by a single political subject, and struggling with other civilizations for resources and influences. Its meaning became associated with the idea of “recollecting the Russian lands”, which is far from, perhaps even opposite to its initial meaning as the network community of deterritorialized Russian-speakers.*” (SUSLOV, 2018, p. 343).

rusa, que indicavam uma virada ao leste e o aprofundamento das críticas à presença ocidental (sobretudo das tropas da Organização do Tratado do Atlântico Norte) em seu estrangeiro próximo, os quais apenas se tornaram mais sólidos com o atual conflito. Segundo o Presidente Putin, em discurso ao Clube Valdai de Discussão Internacional em 2013:

A Rússia – como o filósofo Konstantin Leontyev colocou vividamente – sempre evoluiu em “complexidade florescente” como uma civilização estatal, reforçada pelo povo russo, língua russa, cultura russa, Igreja Ortodoxa Russa e outras religiões tradicionais do país. *É precisamente o modelo de civilização estatal que moldou nossa política estatal.* Sempre procurou acomodar com flexibilidade a especificidade étnica e religiosa de determinados territórios, garantindo a diversidade na unidade. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai Discussion Club*, 2013, *grifo nosso, tradução nossa*).<sup>52</sup>

A partir do trecho citado acima, é possível identificar o uso de elementos retóricos que valorizam as origens da nacionalidade russa ligada ao Oriente, isto é, as origens campesinas, tradicionalistas e religiosas da identidade nacional russa. Ao falar sobre a linguagem e a cultura em comum, o Presidente Putin ressalta a existência de um povo russo que não se limita às fronteiras territoriais definidas após a Guerra Fria, uma vez que tais características podem ser encontradas em todo o antigo espaço soviético (posteriormente, veremos que esse mesmo argumento foi utilizado no discurso presidencial que declarou o início das operações militares na Ucrânia em fevereiro de 2022). Ademais, a menção à Igreja Ortodoxa como elemento de união nacional reforça o afastamento da Rússia em relação às ideias promovidas pelo secularismo ocidental, além de sua gradual aproximação e valorização de suas origens asiáticas. Esse processo ocorre na medida em que se solidifica no Kremlin a noção de que o racionalismo individualista internacionalizado pela hegemonia dos Estados Unidos e da Europa são contrários à “verdadeira identidade russa”, a qual teria sido enterrada com o colapso da União Soviética: “hoje a identidade nacional da Rússia está experimentando não apenas pressões objetivas decorrentes da globalização, mas também as consequências das catástrofes nacionais do século XX, quando experimentamos o colapso do nosso Estado em duas épocas diferentes” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai Discussion Club*, 2013, *tradução nossa*)<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> No original: “Russia – as philosopher Konstantin Leontyev vividly put it – has always evolved in “blossoming complexity” as a state-civilization, reinforced by the Russian people, Russian language, Russian culture, Russian Orthodox Church and the country’s other traditional religions. It is precisely the state-civilization model that has shaped our state polity. It has always sought to flexibly accommodate the ethnic and religious specificity of particular territories, ensuring diversity in unity.” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai Discussion Club*, 2013).

<sup>53</sup> No original: “today Russia’s national identity is experiencing not only objective pressures stemming from globalization, but also the consequences of the national catastrophes of the twentieth century, when we experienced the collapse of our state two different times.” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai Discussion Club*, 2013).

Essa percepção de que os valores russos originais seriam incompatíveis com os novos valores da globalização aparece mais claramente em declarações oficiais de Moscou a partir de 2012, ano marcado pelo retorno de Putin à presidência da Federação, embora não sem dificuldades (VAN HERPEN, 2013, p. 3). Após quatro anos de tentativa de aproximação e diálogo com as grandes potências ocidentais durante o governo de Dmitri Medvedev, Putin retorna ao cargo a partir de uma vertente anti-europeia e anti-americana, uma vez que se aprofunda a percepção de que foi negado à Rússia o espaço privilegiado de articulação de seus interesses no cenário internacional, narrativa que se fortalece na medida em que as condições materiais do país no período eram menos favoráveis do que aquelas no início dos anos 2000. Todavia, o ano de 2014 representou uma profunda inflexão nas relações de Moscou com os países ocidentais, tendo em vista que o conflito baseado em território ucraniano revelou as percepções opostas que existiam entre a Rússia e a União Europeia acerca do futuro do espaço pós-soviético. Os acontecimentos de 2022, nesse sentido, apenas coroam uma tendência de afirmação antiocidental que já vinha em andamento há muitos anos.

Segundo a narrativa oficial promovida pelo Kremlin, a população russa que vivia em território ucraniano desde o desmonte soviético não tinha seus direitos protegidos por Kiev; o que, somando-se a percepção geral de que os eventos na Ucrânia tiveram início devido à intervenção de países ocidentais (LEVADA-CENTER, 2016)<sup>54</sup>, gerou a necessidade de que o governo russo interviesse em prol dos seus interesses e da população de russos étnicos que vivem na região. Dessa forma, somam-se sete anos de presença extra-oficial de tropas russas na fronteira com a Ucrânia, combatendo ao lado de grupos separatistas pró-Putin contrários ao governo central de Kiev, representado pelo exército ucraniano na região. Portanto, em meio aos acontecimentos mencionados, tornou-se mais clara a retomada oficial de discursos ligados às noções de cultura, identidade, nacionalidade e mundo russo, tendo em vista a recente necessidade de Moscou de "defender" compatriotas russos em solo ucraniano.

Em dezembro de 2014, ao anunciar à Assembleia Federal a respeito da anexação da Crimeia, o presidente Vladimir Putin vincula tais acontecimentos à história russa, tendo em vista que a Crimeia seria um espaço com a fonte do desenvolvimento espiritual dos russos, uma

---

<sup>54</sup> A pesquisa realizada pelo Centro Levada em 2016 tem por objetivo compreender a percepção da população russa em áreas urbanas e rurais sobre os eventos que ocorreram na Ucrânia em 2014 e 2015, sobretudo em relação à anexação da Crimeia. Segundo essa pesquisa, em 2016 46% dos entrevistados acreditavam que os protestos em Kiev ocorreram devido à influência do Ocidente, os quais buscavam atrair a Ucrânia para a sua esfera de influência (LEVADA-CENTER, 2016). Embora o instituto não problematize narrativas oficiais, a percepção da população sobre esse caso estaria muito alinhada àquela promovida pelo Kremlin.

vez que abrigou o evento do batizado do Grande Príncipe Vladimir, dando origem à Rússia Cristã. O uso de um suposto evento histórico para justificar o desrespeito russo à soberania da Ucrânia revela o novo tipo de discurso oficial que se tornou mais comum por parte do Kremlin, utilizando elementos míticos/históricos como fonte de validação moral para suas decisões presentes. Segundo o presidente:

Este ano enfrentamos provações que só uma nação madura e unida e um Estado verdadeiramente soberano e forte podem suportar. *A Rússia provou que pode proteger seus compatriotas e defender a verdade e a justiça.* [...] Tomamos consciência da indivisibilidade e integridade da história milenar de nosso país. Passamos a acreditar em nós mesmos, a acreditar que podemos fazer muito e alcançar todos os objetivos. (RÚSSIA. Direcionamento à Assembleia Federal, 2014, *grifo nosso, tradução nossa*).<sup>55</sup>

Ao reforçar a indivisibilidade da história de mil anos do país, Putin trouxe para o momento presente as questões que fundaram as noções de identidade russa, as quais foram anteriormente citadas. Dessa forma, há nesse ato uma clara busca por legitimidade das ações oficiais por meio da concepção do povo russo enquanto uma civilização única, que deve defender seus próprios interesses frente às demais civilizações modernas (HANCOCK, 2007, p. 87). Segundo essa abordagem, a própria existência de fronteiras políticas separando a Rússia de seus países vizinhos - sobretudo da Ucrânia e da Bielorrússia - torna-se questionável na medida em que estas seriam apenas representações do poder e da influência da modernidade europeia e norte-americana em um espaço em que prevalecem os laços étnicos, culturais e civilizacionais entre os indivíduos.

Por meio de tais discursos civilizacionais, Moscou passa a promover a ideia de que russos e ucranianos seriam um único povo (RÚSSIA, 2021), uma vez que tinham em comum o passado histórico, o idioma, os costumes e a cultura, compondo, portanto, o chamado "mundo russo". Sendo os ucranianos parte da retórica do "mundo russo", a invasão militar e posterior anexação territorial tornam-se não apenas justificáveis, mas também necessárias aos olhos dos governantes do Kremlin, que viram aquele cenário como uma oportunidade de defesa dos seus

---

<sup>55</sup> No original: “*This year we faced trials that only a mature and united nation and a truly sovereign and strong state can withstand. Russia has proved that it can protect its compatriots and defend truth and fairness. [...] We have become aware of the indivisibility and integrity of the thousand-year long history of our country. We have come to believe in ourselves, to believe that we can do much and achieve every goal.*” (RÚSSIA. Direcionamento à Assembleia Federal, 2014).

interesses e reforço de sua antiga área de influência no chamado estrangeiro próximo. No trecho abaixo, é possível observar a ênfase nos conceitos que permeiam a ideia de uma civilização russa unificada principalmente a partir do Cristianismo:

*Além da semelhança étnica, uma língua comum, elementos comuns de sua cultura material, um território comum, embora suas fronteiras não fossem marcadas na época, e uma economia e governo comum nascente, o cristianismo era uma poderosa força espiritual unificadora que ajudou a envolver várias tribos e uniões tribais do vasto mundo eslavo oriental na criação de uma nação russa e de um estado russo. Foi graças a esta unidade espiritual que nossos antepassados pela primeira vez e para sempre se viram como uma nação unida. Tudo isso nos permite dizer que a Crimeia, o antigo Korsun ou Quersoneso e Sebastopol têm uma importância civilizacional inestimável e até mesmo sagrada para a Rússia, como o Monte do Templo em Jerusalém para os seguidores do islamismo e do judaísmo. (RÚSSIA. Direcionamento à Assembleia Federal, 2014, grifo nosso, tradução nossa).<sup>56</sup>*

Ao utilizar as bases do conceito de mundo russo como justificativa para as investidas militares na fronteira com a Ucrânia, Moscou mobiliza as ideias de "incerteza" e de "insegurança" quanto a existência da sua própria identidade em relação ao Ocidente. Haveria, portanto, a escalada da insegurança ontológica russa na medida em que os ideais modernos promovidos pela Europa e pelos Estados Unidos se tornaram mais influentes no espaço pós-soviético (MITZEN, 2006, p. 342), o que serviu como justificativa para que Moscou utilizasse os meios militares para defender a existência permanente do "mundo russo" na região, vista como sinônimo da manutenção da integridade física e da identidade cultural da região contra invasões externas.

## **2.5 Conclusões do capítulo: um novo mundo, uma nova Rússia**

Ao longo deste capítulo, buscamos retomar o processo formativo das identificações estatais, bem como criticar os inúmeros desafios da utilização de tais teorias para a compreensão das ações russas na atualidade. O fim da União Soviética pode ser compreendido, dessa forma, não apenas como um momento de crise, mas também como uma oportunidade para a

---

<sup>56</sup> No original: “*In addition to ethnic similarity, a common language, common elements of their material culture, a common territory, even though its borders were not marked then, and a nascent common economy and government, Christianity was a powerful spiritual unifying force that helped involve various tribes and tribal unions of the vast Eastern Slavic world in the creation of a Russian nation and Russian state. It was thanks to this spiritual unity that our forefathers for the first time and forevermore saw themselves as a united nation. All of this allows us to say that Crimea, the ancient Korsun or Chersonesus, and Sevastopol have invaluable civilizational and even sacral importance for Russia, like the Temple Mount in Jerusalem for the followers of Islam and Judaism.*” (RÚSSIA. Direcionamento à Assembleia Federal, 2014).

“reimaginação” daquilo que viria a ser a Rússia no século XXI. Os momentos de crise e posterior ansiedade ontológica que são vividos pelos russos sobretudo na década de 1990 se apresentam como uma grande virada na história do país, com as tentativas diversas para a sua re inserção internacional e para a reconstrução da sua autopercepção. Entretanto, torna-se latente o elemento *infamiliar* vivenciado pelos tomadores de decisão na Rússia durante o período, visto que a comparação e o espelhamento com as experiências políticas anteriores pareciam inevitáveis.

Embora a elite política russa ainda retomasse a “vocação de potência” do Estado, a realidade material não mais permitia a associação direta entre o país e o *status* internacional central. Ainda assim, a promoção de discursos civilizacionais e a retomada da grandeza histórica foram estratégias empregadas pelo Kremlin para o renascimento político russo, em um contexto em que as identidades são formadas e consagradas de forma relacional – é a partir da interação entre os atores que se constroem as noções do *Eu* e do *Outro* como figuras próximas ou distantes. No caso específico da reconstrução da identidade russa após 1991, a interação social entre a Federação e os demais Estados do sistema teve como resultado a desarticulação da antiga identidade de potência que convinha ao império czarista e ao governo soviético, tendo em vista a percepção externa do enfraquecimento generalizado de Moscou.

Tal crise de identidade, entretanto, não foi exclusiva do período mencionado acima. É importante ressaltar que toda a história de formação do Estado russo é permeada pelos questionamentos de *o que é a Rússia?* e *qual é o seu lugar no mundo?* Dessa forma, o interesse sobre o estudo da formação da identidade russa – sobretudo a discussão sobre o seu pertencimento ao continente europeu ou asiático – é recorrente entre as várias áreas acadêmicas das humanidades. Evidentemente, ainda são questões que carecem de maior aprofundamento, tendo em vista que a construção identitária russa é um processo ainda em andamento, como buscamos mostrar neste trabalho. A autoimagem nacional, bem como a sua projeção externa, estão constantemente passando por processos de transformação na medida em que as interações sociais mudam, sendo possível identificar inúmeras respostas às perguntas acima, a depender do momento da análise.

### 3 AS RELAÇÕES ENTRE A RÚSSIA E O OCIDENTE

#### 3.1 Introdução

No capítulo anterior, buscamos retomar o processo de construção das identidades nacionais a partir da interação social, bem como reforçar as dificuldades vividas pelo Estado russo nesse sentido. Ao nos concentrarmos nos períodos de crise identitárias, nos deparamos como diferentes abordagens selecionadas pelo Kremlin na busca de resolver cada uma delas ao longo do tempo, abordagens estas que variam devido ao próprio cenário internacional que se apresentava possível em diversos momentos, bem como a partir da influência de identidades construídas no passado. Após o colapso soviético, o questionamento sobre o lugar ocupado pela Rússia no sistema internacional tornou-se ainda mais latente, apoiado pela percepção generalizada de crise e enfraquecimento desta. Diante desse cenário, o governo de Boris Yeltsin buscou defender os interesses nacionais e manter o antigo *status* internacional do país através da busca pela integração com o Ocidente.

Os desdobramentos do fim da Guerra Fria ainda são abertos a interpretações. Mas, de modo geral, concorda-se que os Estados Unidos da América emergiram desse processo como a principal potência internacional, inaugurando o que poderia ser compreendido como um momento de unipolaridade americana. Entre os próprios russos, esse retrato dos anos 1990 não é completamente aceito, tendo em vista que alguns grupos ainda mantinham a visão de que a Guerra Fria teria terminado como um “empate” entre ambos os lados do conflito bipolar. Dessa forma, embora a recém-formada Federação Russa não tivesse mais as mesmas proporções econômicas, territoriais e militares que sua antecessora, o seu *status* de grande potência continuaria garantido entre os demais Estados. O desenrolar dos fatos nos mostra um cenário diferente.

Após a queda do muro de Berlim em 1989, e a declaração do fim da União Soviética em 1991, a imagem que prevaleceu da nova Rússia foi a de grande perdedora do conflito bipolar e de enfraquecimento generalizado das suas capacidades. Os russos não só perderam sua condição de grande potência, mas também permaneceram sendo avaliados a partir de um estigma da desconfiança e do medo por parte dos países ocidentais, que dissociaram apenas parcialmente a imagem do novo governo com os dias de Politburo (ROGSTAD, 2022, p. 6).

### 3.2 A Rússia como grande potência

Independentemente da configuração política de cada período histórico, parece ser um elemento comum na existência russa a sua vocação para ser uma grande potência (ZHEBIT, 2003, p. 165-166). É preciso, entretanto, evitar afirmações demasiado deterministas no que tange o *status* internacional russo e, em última instância, a sua identidade. Uma das possíveis explicações para a tendência mencionada é a existência de guerras e invasões territoriais incessantes durante sua existência política, uma vez que a ausência de barreiras naturais que separem a Rússia dos demais Estados se mostrou uma fraqueza política permanente entre seus governantes, os quais viram-se obrigados a investir em tecnologia militar e centralização política para o combate dos agressores. Nesse sentido, o atual *status* de grande potência é derivado de uma construção imagética e material do passado, momento em que a preocupação com o Ocidente se dava por meio da ameaça de novas invasões:

Mas a Rússia, “sentinela da Europa”, precisava suportar o impacto de seus ataques e, como consequência, o ímpeto para construir um Estado centralizado chegou mais cedo e com mais força no ducado da Moscóvia que no bem protegido Eleitorado de Brandemburgo ou na Comunidade Polonesa. Mas, a partir do século XVI, a ameaça militar vinda do Ocidente sempre foi muito maior que a do Oriente, a artilharia pesada e a infantaria moderna agora superavam com facilidade os arqueiros montados. (ANDERSON, 2013, p. 220).

Segundo Perry Anderson, o Estado absolutista no Oriente, embora claramente inspirado na experiência autocrática da Europa Ocidental, foi “a máquina repressiva de uma classe feudal que acabara de extinguir as tradicionais liberdades comunais dos pobres” (ANDERSON, 2013, p. 213), assumindo um direcionamento oposto em relação aos seus pares europeus. O czarismo russo se fortaleceu por séculos através da repressão, tornando-se o *ancien régime* mais duradouro do continente, enfrentando até mesmo a ameaça francesa<sup>57</sup>. O empréstimo do modelo político autocrático europeu, em conjunto com as suas próprias autopercepções, deu origem a narrativa nacional da Rússia como grande potência natural, a qual tem sido retomada no atual

---

<sup>57</sup> A revolução militar pela qual passaram os grandes impérios europeus não chegou à Rússia com a mesma velocidade, o que fez com que o czarismo lutasse, ao menos por um período, com duas ameaças muito distintas entre si: as invasões de povos orientais, que seguiam as formas tradicionais de combate e utilizavam armamentos de baixa complexidade; e a ameaça europeia, cujos exércitos já haviam se modernizado e implementado o uso de armas de fogo. Segundo Paul Kennedy, a revolução militar na Europa moderna significou “o aumento massivo em sua escala, custos e organização da guerra que ocorreram nos 150 anos que sucederam 1520”. (KENNEDY, 1989, p. 45, tradução nossa). No original: “the massive increase in the scale, costs and organization of war which occurred in the 150 years roughly following the 1520s”. (KENNEDY, 1989, p. 45).



governo de Vladimir Putin como forma de enfatizar um mito ancestral para promover o orgulho nacional.

Dessa forma, o absolutismo russo se constituiu enquanto uma das cinco grandes potências do continente naquele período, junto com a França, o Império Habsburgo, a Prússia e a Grã-Bretanha (KENNEDY, 1989, p. 74), os quais foram bem-sucedidos em seus processos internos de centralização política que, em conjunto com a burocratização crescente e a revolução militar, possibilitaram a emergência das nações (*nation-building*), as quais constituem uma importante base para a formação das identidades. O império russo passou a adquirir um importante papel da política europeia na medida em que Moscou abandonou as características “bárbaras” do estado Moscovita e seguiu um modelo político de inspiração ocidental, afastando-se das demais influências. O mito russo de grande potência nasce, portanto, tanto a partir de uma associação da Rússia com suas raízes orientais (sobretudo àquelas ligadas ao período do jugo mongol), quanto da comparação do absolutismo czarista com os grandes impérios europeus<sup>58</sup>. O espelhamento em relação às potências ocidentais se mantém presente até hoje, na medida em que a identidade nacional russa é também construída por meio da comparação e do reconhecimento de outras identidades.

A imagem do império russo enquanto grande potência sofreu uma queda após a Revolução Industrial, que alterou a balança de poder no continente. A Grã-Bretanha, berço desse processo, criou uma nova categoria de poder mundial e colocou-se a frente dela, deixando os demais impérios em uma posição de relativo atraso e subdesenvolvimento econômico. A Rússia czarista, por outro lado, continha mais características da servidão asiática do que da industrialização europeia (KENNEDY, 1989; ANDERSON, 2013; FIGES, 2018); apesar disso, manteve-se enquanto uma grande potência militar (característica pela qual a Federação Russa é reconhecida ainda hoje), o que ressalta uma outra contradição do seu posicionamento político: a Rússia é uma grande potência atrasada e, por vezes, com características semelhantes àquelas associadas ao Terceiro Mundo (HANCOCK, 2007). Nesse sentido, no início do século XIX, o czarismo apresenta um momento de relativo declínio internacional em relação ao Concerto das Grandes Potências (MAKARYCHEV & MOROZOV, 2011, p. 364):

---

<sup>58</sup> Segundo Paul Kennedy, “o impacto do homem ocidental foi, de todas as formas, um dos aspectos mais notáveis das dinâmicas de poder do século dezanove” (KENNEDY, 1989, p. 149, *tradução nossa*). Embora o foco do presente trabalho seja enfatizar as influências ocidentais na formação da identidade russa, tal presença – física ou simbólica – é observável em diferentes exemplos de construção nacional, uma vez que os povos europeus disseminaram seus ideais e valores por meio das grandes expedições colonizadoras, dos conflitos e da intensa atividade comercial com outros povos.

O poder *relativo* da Rússia foi o que mais declinou durante as décadas pós-1815 de paz e industrialização internacionais – embora isso não fosse totalmente evidente até a Guerra da Crimeia (1854-1856). [...] No entanto, no plano econômico e tecnológico, a Rússia perdia terreno de forma alarmante entre 1815 e 1880, pelo menos em relação a outras potências. (KENNEDY, 1989, p. 170, *tradução nossa*).<sup>59</sup>

É possível observar, nos diversos formatos políticos do Estado russo ao longo do tempo, o dualismo relacionado a sua autopercepção de grande potência e suas reais capacidades econômicas e materiais para sustentar esse *status* (MAKARYCHEV & MOROZOV, 2011, p. 355), faltando clareza no lugar que a Rússia ocupa e pretende ocupar nas relações internacionais (ZHEBIT, 2003, p. 153, 154). Dessa forma, observamos um “engajamento pragmático” variável do Kremlin com as demais potências internacionais, tendendo ao Ocidente ou ao Oriente na formulação de alianças e alinhamentos a depender do próprio posicionamento momentâneo nacional, além dos objetivos de projeção política, econômica e militar no futuro. Dessa forma, o período desde a década de 1990 é representativo das movimentações realizadas pela política russa na medida em que o seu próprio *status* foi alterado após a dissolução soviética e nos primeiros anos do governo de Yeltsin, cujas escolhas iniciais de política externa não foram seguidas após a ascensão de Putin.

### 3.2.1 O declínio da década de 1990

Após o período de autocracia czarista, no qual o *status* de grande potência foi reconhecido pela primeira vez pelos seus pares europeus, o Estado experienciou um grande abalo na sua formação política com a ocorrência da Revolução Russa, em que se passou a vislumbrar a queda do seu protagonismo internacional devido às crises que foram instauradas. Entretanto, a formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1921 inaugurou um novo momento de projeção nacional na medida em que a Rússia retornou ao seu posto de liderança regional. Ademais, o investimento em setores econômicos estratégicos e a consolidação de um bloco político de influência soviética no leste proporcionaram a renovação não apenas da sua autoimagem, mas também de seu reconhecimento mundial enquanto um Estado capaz de projetar seu poder e sua influência para além das suas fronteiras.

---

<sup>59</sup> No original: “Russia’s relative power was to decline the most during the post-1815 decades of international peace and industrialization – although that was not fully evident until the Crimean War (1854-1856) itself. [...] Yet at the economic and technological level, Russia was losing ground in an alarming way between 1815 and 1880, at least relative to other powers.” (KENNEDY, 1989, p. 170).

Nesse sentido, durante as sete décadas seguintes a sua criação, a URSS se consolidou enquanto um dos centros de poder do mundo bipolar, competindo apenas com o protagonismo norte-americano no bloco ocidental. Para além da “cortina de ferro”, o Kremlin exercia não apenas influência ideológica sobre os países orientais, mas também um certo grau de controle político e econômico sobre alguns deles, exercendo um papel central de liderança no leste. Dessa forma, o movimento observado no que tange a identidade russa consiste em um processo de ascensão, queda e reemergência: o império czarista tornou-se uma grande potência devido a sua grandeza territorial e militar; a União Soviética foi uma superpotência que se engajou em uma competição direta com os Estados Unidos pelo estabelecimento de zonas de influência e expansão ideológica; e a Federação Russa sob o governo de Vladimir Putin pode ser considerada uma potência emergente no sistema internacional.

Entretanto, cabe analisar brevemente o principal período de queda não apenas do *status* internacional do Estado, mas também das próprias condições materiais que sustentavam a autoimagem de grande potência<sup>60</sup>. A década de 1990 foi marcada por três grandes crises na história russa: uma crise política após a dissolução da URSS em 1991 e o posterior período conturbado de transição democrática; uma crise econômica devido a imensa perda de territórios e recursos após os processos de independência das ex-repúblicas soviéticas, além da crise de 1998 decorrente da crise nos países asiáticos; e uma crise social em um contexto de mudanças drásticas na realidade russa após décadas de aparente estabilidade na condição de vida da população. Ademais, soma-se as três crises mencionadas anteriormente uma quarta, menos evidente do que as outras: uma profunda crise de identidade em decorrência da perda de um papel de relevância global, o que impulsionou um sentimento nostálgico em torno dos ideais do chamado “homem soviético” (ALEKSIÉVITCH, 2016).

---

<sup>60</sup> Utilizamos aqui uma combinação das definições de “grande potência” dadas por John Mearsheimer (2014) e Paul Kennedy (1989), segundo os quais as grandes potências são determinadas a partir de suas capacidades militares relativas ou, em outras palavras, a partir do seu poder internacional que sempre deve ser medido em comparação com os demais atores do sistema. Sendo o poder – não apenas o militar, também conhecido como *hard power*, mas também o poder de influenciar os demais, ou *soft power* – sempre dividido entre todos os Estados no sistema internacional, as grandes potências buscam aumentar as suas próprias cotas de poder e influência, estando muitas vezes inclinadas à disputas entre si.

**Gráfico 3 - PIB per capita anual da Rússia entre 1990 e 2020**



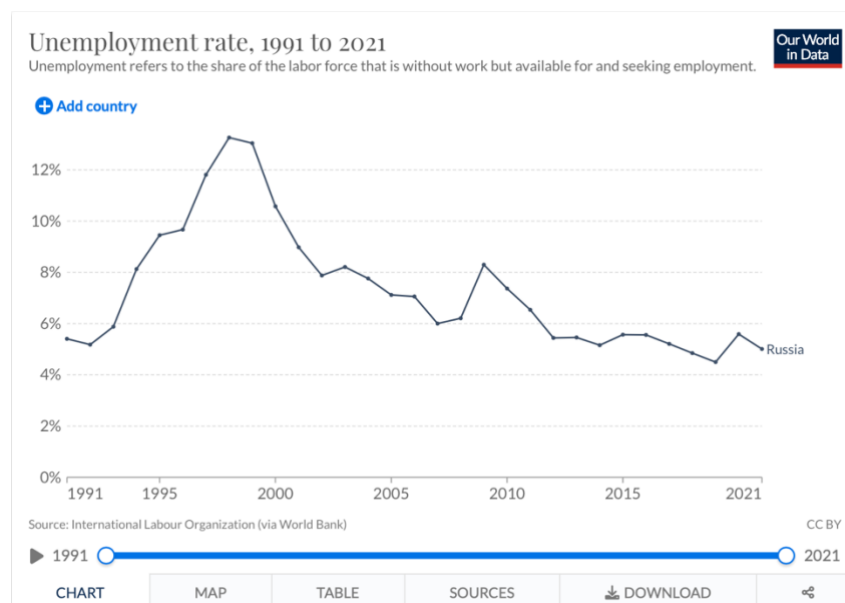
Fonte: Our World in Data, s/d.

A crise de identidade russa marcada pela perda do *status* internacional de grande potência não se tratou apenas de um processo no âmbito das ideias e dos conceitos compartilhados subjetivamente entre os atores, mas foi sobretudo um reflexo das crises materiais que marcaram a realidade da Rússia pós-soviética. Após a queda do muro de Berlim em 1989 e o colapso da URSS em 1991, o PIB per capita, que já vinha em tendência de queda, apresenta um declínio de aproximadamente 15% no início da década (ver gráfico 3), gerando inúmeras consequências distributivas entre a população que presenciou a criação de quinze repúblicas distintas no território que antes consistia em uma das superpotências do mundo bipolar (ZONOVA & REINHARDT, 2014, p. 501). Ademais, é possível observar no gráfico 3 que a crise da década de 1990 foi a mais grave desde então na história russa, ultrapassando inclusive a crise global de 2008 que teve início nos Estados Unidos. Portanto, a memória coletiva sobre tal período é marcada por grande ressentimento por parte dos russos, que viram o sistema anterior desaparecer (LEICHTOVA, 2014).

A crise econômica foi acompanhada de uma elevação na taxa de desemprego no mesmo período (ver gráfico 4), deteriorando as condições sociais construídas durante décadas pelo sistema soviético. Dessa forma, o pacto social que garantia a estabilidade do regime anterior foi quebrado, dificultando ainda mais o processo de transição de uma economia planificada e um governo centralizado – e até mesmo totalizante – para a abertura dos mercados e instauração de um governo democrático. Assim como os dados mencionados anteriormente, os anos 1990

tiveram a pior taxa de desemprego desde então, com pelo menos 5 pontos percentuais a mais do que no momento da crise de 2008. Nesse sentido, a percepção geral sobre esse momento da história russa consiste na associação do colapso social não apenas ao fim do regime, mas sobretudo a transição desenfreada ao modelo ocidental marcado pela abertura econômica e pela democracia. Portanto, a parcela da população que vivenciou as várias crises supracitadas apresenta a tendência de um comportamento revisionista e nostálgico em relação à URSS, não por motivações ideológicas, mas pela ideia de grande potência (CLUNAN, 2009; HOPF, 2002).

**Gráfico 4 - Taxa de desemprego na Rússia entre 1991 e 2021**



Fonte: Our World in Data, s/d.

O descontentamento social tornou-se ainda mais profundo na medida em que era iniciada a chamada “terapia de choque” do novo governo liberal (ZONOVA & REINHARDT, 2014, p. 503), associado ao crescente sentimento anti-ocidental e anti-americano. Na tentativa de uma integração melhor ao “mundo livre”, a relação com os Estados Unidos se tornou uma prioridade para a diplomacia russa no início dos anos 1990, inclusive com a aprovação da ideia de um “alargamento democrático” originalmente proposta por Bill Clinton em 1993 (ZONOVA & REINHARDT, 2014). Entretanto, a busca por uma nova legitimidade internacional por meio da integração ao Ocidente não garantiu um renovado *status* de potência à Rússia que, domesticamente, vivia um cenário de significativa perda territorial, diminuição ou perda dos laços com as 14 ex-repúblicas soviéticas, profunda crise econômica, insatisfação social e necessidade de fortalecer suas antigas fronteiras. O abandono da antiga posição russa e a

integração ao sistema capitalista e democrático foi, para os russos, um momento traumático em sua história.

### 3.2.2 Uma Rússia enfraquecida sob Yeltsin

Após o colapso da União Soviética, a capacidade nuclear adquirida no período anterior era a principal característica que equiparava a nova Federação Russa com os Estados Unidos, potência que assumiu o papel de única vencedora da Guerra Fria (HOPF, 2002, p. 223-224). Dessa forma, seria natural esperar que, embora as estruturas de poder soviéticas não mais existissem oficialmente após 1991, Moscou pudesse manter o *status* de poder e influência internacional conquistado por seus antecessores em virtude do amplo poderio militar ainda existente. Entretanto, a drástica alteração da realidade política e material – para além de considerações como a percepção que os demais países tinham da URSS e passaram a ter da Rússia, o que alterou as noções de prestígio – fizeram com que a Federação Russa não ocupasse mais um lugar central nos palcos da tomada de decisão internacional. Ao longo da década de 1990, a Rússia era uma potência decadente no sistema internacional:

Na Rússia pós-soviética, houve uma queda abrupta e imediata do PIB. O surgimento de novas fronteiras nacionais levou a problemas nas conexões ferroviárias e nos sistemas de transporte. As relações comerciais foram interrompidas e a burocracia estatal não conseguiu lidar com o caos institucional. Salários e pensões não foram pagos, e assim por diante, para não falar das milhares de vítimas de guerras civis locais no espaço pós-soviético. Será difícil para a população de um antigo Estado imperial aceitar a nova situação, especialmente quando a perda do império for repentina e inesperada. (VAN HERPEN, 2013, p. 76, *tradução nossa*).<sup>61</sup>

Com o descontentamento social latente e a economia próxima ao colapso, os novos líderes russos precisavam buscar legitimidade internacional para seu governo e para a implementação de suas políticas, sobretudo com o apoio dos Estados Unidos e dos países europeus. Dessa forma, a diplomacia russa assumiu como prioridade o estreitamento das relações com os Estados Unidos no início dos anos 1990, uma vez que pretendia forjar uma nova aliança entre parceiros (ZONOVA & REINHARDT, 2014, p. 502; RÚSSIA, 1993). Para além da relação com as grandes potências do sistema, o governo russo também tomou como

---

<sup>61</sup> No original: “*In post- Soviet Russia, there was an immediate steep fall in GDP. The emergence of new national borders led to problems in railroad connections and trans- port systems. Trade relations were interrupted, and the state bureaucracy could not cope with the institutional chaos. Salaries and pensions were not paid, and so on, not to mention the thousands of victims of local civil wars in the post-Soviet space. It will be difficult for the population of a former imperial state to accept the new situation, especially when the loss of empire is sudden and unexpected.*” (VAN HERPEN, 2013, p. 76).

prioridade as boas relações com as ex-repúblicas soviéticas que se tornaram os Estados da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), na tentativa de manter a influência em seu estrangeiro próximo<sup>62</sup>. Entretanto, apenas 12 das 15 repúblicas se uniram para a formação da CEI como forma de um “divórcio civilizado” com o passado soviético, uma vez que as demais decidiram romper completamente com Moscou ao ingressarem na Organização do Tratado do Atlântico Norte.

O cenário global que se formava no período foi, ao menos em parte, responsável pelo novo objetivo político russo de buscar a sua integração ao Ocidente, uma vez que a manutenção do seu *status* internacional de grande potência dependia da participação na nova ordem global de liderança norte-americana:

A expansão da OML [Ordem Mundial Liberal] no final da Guerra Fria estava igualmente ligada à hegemonia dos EUA e à extensão global dessa hegemonia na década de 1990, durante o “momento unipolar” dos EUA. Essa expansão foi geográfica, institucional e temática; incluiu a criação de novas instituições multilaterais e o desenvolvimento das existentes, como a UE [União Europeia], juntamente com o surgimento de práticas e normas mais explícitas e assertivas, incluindo a promoção da democracia e a manutenção da paz (incluindo a doutrina da Responsabilidade de Proteger [R2P]). (DAVID & DEYERMOND, 2021, p. 406, *tradução nossa*).<sup>63</sup>

Entretanto, apenas a adesão da narrativa e dos valores liberais não foi suficiente para tal manutenção, tendo em vista a fragilidade da Rússia em termos materiais e a imagem provocada pela liderança de Boris Yeltsin. Marcel Van Herpen comparou a crise da década de 1990 na

---

<sup>62</sup> É importante ressaltar que os interesses nacionais, independentemente do período em que abordamos da história política russa, não são elementos a serem descobertos ou encontrados pelos autores racionais auto interessados (KATZENSTEIN, 1996, p. 44 *apud* LEICHTOVA, 2014, p. 8). Os interesses são resultados das contínuas interações sociais entre os atores e a estrutura do próprio sistema internacional, portanto, qualquer alteração na forma de relacionamento do ator analisado com seus pares pode provocar uma mudança na formação de seus interesses enquanto Estado. Diferente da proposição de Wendt (1992; 1999), não consideramos que os Estados tenham interesses *a priori* da interação com os demais atores, ou mesmo intrínsecos a sua existência enquanto tal. De acordo com Magda Leichtova, “alguns interesses, assim como a simples sobrevivência ou o mínimo bem-estar físico, existem de forma separada de identidades sociais específicas; são relativamente genéricos. Mas muitos interesses de segurança nacional dependem de uma construção particular de autoidentidade em relação a identidade concebida dos outros. Isso foi certamente verdade durante a Guerra Fria. Atores muitas vezes não podem decidir quais são seus interesses até que saibam o que estão representando – “quem eles são” – o que em compensação depende das suas relações sociais.” (LEICHTOVA, 2014, p. 9-10, *tradução nossa*). No original: “Some interests, such as mere survival and minimal physical well-being, exist outside of specific social identities; they are relatively generic. But many national security interests depend on a particular construction of self-identity in relation to the conceived identity of others. This was certainly true during the Cold War. Actors often cannot decide what their interests are until they know what they are representing— “who they are”—which in turn depends on their social relationships.” (LEICHTOVA, 2014, p. 9-10).

<sup>63</sup> No original: “The expansion of the LWO at the end of the Cold War was similarly tied to US hegemony, and to the global extension of that hegemony in the 1990s, during the US’s ‘unipolar moment’. This expansion was geographic, institutional, and issue-related; it included the creation of new multilateral institutions and the further development of existing ones such as the EU, together with the emergence of more explicit and assertive practices and norms including democracy promotion and peacekeeping (notably including the Responsibility to Protect [R2P] doctrine).” (DAVID & DEYERMOND, 2021, p. 406).

Rússia com a Alemanha no período da República de Weimar, uma vez que ambos experienciaram a grande perda territorial em um contexto pós-imperial, o que afetou diretamente a autopercepção de suas populações. Tanto russos quanto alemães, em meio a uma realidade de crise, retomaram imagens de um passado mítico na tentativa de manter a sua própria identidade e restaurar a grandeza do período anterior. A Rússia pós-soviética não apenas carecia de um novo mito de grandeza nacional que pudesse ser retomado, mas também de uma liderança forte tal qual representado pelos czares e pelos líderes do Partido Comunista. Yeltsin, por outro lado, não guardava semelhanças com as lideranças da história russa no que tange a construção imagética e simbólica dos líderes.

A liderança enfraquecida de Boris Yeltsin era a representação da identidade russa naquele momento de sua história, no qual a nostalgia de um passado mítico se tornava tão presente entre a população que ansiava recordar da grandeza de outrora<sup>64</sup>. O fim do comunismo foi, para além de um choque econômico, político e social, o fim de um mito nacional em torno da ideia de libertação da humanidade das estruturas de um capitalismo opressor (VAN HERPEN, 2013, p. 82). Desse modo, o papel de vanguarda ocupado pela URSS não era só abandonado após 1991, mas também radicalmente alterado com a nova participação russa nas estruturas de poder ocidentais, dentre elas a própria economia de mercado capitalista. De modo geral, percebe-se o generalizado enfraquecimento russo, que é refletido na própria autopercepção nacional a partir da dissolução do chamado *homem soviético* (ALEKSIÉVITCH, 2016):

No caso da Rússia, se o *status* internacional anterior ou propósito político for visto de forma positiva, provavelmente criará aspirações entre as elites políticas atuais para recuperá-lo ou mantê-lo. Nesses casos, as autoimagens nacionais que promovem a restauração de *status* ou propósito são mais propensas a serem aceitas do que aquelas que as minimizam ou as rejeitam. Um *status* ou propósito passado que é percebido negativamente deve produzir aspirações para substituí-lo por um positivo. Nessas circunstâncias, as autoimagens nacionais que favorecem um novo *status* devem ser preferidas às que promovem o antigo. (CLUNAN, 2009, p. 40, tradução nossa).<sup>65</sup>

<sup>64</sup> Em uma pesquisa realizada pelo Levada Center entre os anos de 1992 e 2018, intitulada Orgulho e Identidade Nacional (*National Identity and Pride*), 72% dos entrevistados declararam, em abril de 1992, que a Rússia deveria manter o seu papel como superpotência. Esse valor apresentou expressivo aumento ao longo dos anos, alcançando 88% em novembro de 2018. (LEVADA Center, National Identity and Pride. Moscou, 1992-2018. Disponível em: <https://www.levada.ru/en/2019/01/25/national-identity-and-pride/>. Acesso em: 29/08/2022).

<sup>65</sup> No original: “*In the case of Russia, if Russia’s past international status or political purpose is viewed positively, it will likely create aspirations among present-day political elites to reclaim or maintain it. In such cases, national self-images that promote status or purpose are more likely to be accepted than those that downplay or reject them. A past status or purpose that is negatively perceived should produce aspirations to replace it with a positive one. In these circumstances, national self-images that favor a new status should be preferred over those promoting the old one.*” (CLUNAN, 2009, p. 40).



Como será discutido posteriormente, o período de governo Yeltsin foi compreendido como o momento de perda do *status* de grande potência e ausência de um propósito internacional claro, tendo em vista que o novo líder foi aparentemente responsável pela adesão da Rússia na nova ordem internacional liberal conduzida pelos valores e interesses norte-americanos. Ademais, a percepção de Boris Yeltsin como um líder cambaleante e inadequado reforçou a autopercepção de enfraquecimento entre os russos, que passaram a retomar as narrativas e os mitos do passado como forma de valorizar a sua própria posição no mundo frente à nova realidade de submissão. Especificamente no caso russo, os Conceitos de Política Externa são documentos que revelam as principais prioridades do governo em determinados momentos, podendo ser reflexos de como os russos se percebiam nas relações internacionais imediatamente após a queda do regime soviético e nos anos seguintes. A análise de tais documento possibilita, em alguma medida, a identificação da autoimagem dominante em determinado período da política nacional de acordo com a realidade global e doméstica; entretanto, uma vez que são ressaltados os objetivos nacionais centrais de determinado governo, bem como a sua própria atribuição de influência no sistema internacional, tal análise apresenta limites metodológicos ao não permitir ao pesquisador a compreensão de como tais afirmações são percebidas pelos demais atores estatais. Ainda assim, os Conceitos de Política Externa que serão analisados a seguir nos permitem observar a constante reafirmação da Rússia como uma grande potência, mesmo em momentos de profundo questionamento desse *status* pelos seus pares.

### 3.2.2.1 O Conceito de Política Externa de 1993<sup>66</sup>

Os anos 1990 foram, como ressaltado anteriormente, um marco divisor na história da Rússia: entre a população, havia a percepção de uma década marcada pela decadência doméstica e internacional, imagem que foi reforçada pela liderança cambaleante de Boris Yeltsin. Após o colapso soviético, a principal questão presente entre os membros da elite e da sociedade consistia no caminho que a Rússia tomaria para si no futuro, sobretudo com a manutenção do seu histórico *status* de grande potência (CLUNAN, 2009, p. 57). A sociedade,

---

<sup>66</sup> Os Conceitos de Política Externa da Rússia são documentos normalmente publicados ao início de novos mandatos presidenciais, com o intuito de estabelecer as principais diretrizes e objetivos do novo governo. Para além de oferecer um retrato sobre as políticas de governo que serão perseguidas, os documentos também incluem, de modo geral, as políticas de Estado que se mantêm ao longo do tempo, como a defesa das fronteiras e a busca pelos chamados “interesses nacionais”. Assim como a *Grand Strategy* divulgada pelo governo norte-americano, a centralidade dos Conceitos de Política Externa recai justamente sobre os elementos de mudança e continuidade em relação ao fazer diplomático e militar.

portanto, se dividiu entre aqueles que defendiam que o caminho a seguir era o da integração ao Ocidente, seguindo os valores defendidos pelos Estados Unidos – compreendidos como potência hegemônica do período – e aqueles que buscavam o retorno ao passado e a defesa de uma posição única da Rússia no sistema internacional:

Para eles, esses pontos positivos da história russa devem servir como guias para o seu futuro, em vez de um empréstimo cultural não-histórico e “não natural”. Para aqueles com tendências reformistas, essa insistência na distinção russa não descartou a tentativa de usar “padrões e normas globais” além de “maneiras russas” para resolver os problemas internos. (CLUNAN, 2009, p. 58-59, *tradução nossa*).<sup>67</sup>

O governo Yeltsin optou pela integração ao modelo ocidental como forma de ultrapassar a tripla crise dos anos 1990, implementando não apenas uma economia de mercado capitalista por meio de uma “terapia de choque”, mas também um sistema democrático em um Estado com forte tradição autocrática desde o período imperial. Dessa forma, as crises que marcaram o período são muitas vezes associadas ao processo de reformas ocidentalizantes, compreendidas por muitos russos como uma das razões para a profunda decadência do *status* internacional do país<sup>68</sup>. Entretanto, havia grande debate social sobre as várias autoimagens russas e os caminhos que o Estado deveria seguir no futuro. Anne Clunan (2009) identificou cinco propósitos principais presentes na sociedade e na elite política russas nos anos 1990, as quais estão ligadas as identidades defendidas por diferentes setores sociais: restauracionismo nacional, neocomunismo, eslavofilismo, estatismo e ocidental<sup>69</sup>.

Inaugurando um novo período na história política russa, o Conceito de Política Externa publicado em 1993 revelou as características principais dos objetivos e preocupações do novo

---

<sup>67</sup> No original: “For them these positive points of Russian history should serve as the guideposts for Russia’s future, rather than some non-historical, “unnatural” cultural borrowing. For those with reformist leanings, this insistence on Russian distinctiveness did not rule out trying to use “global standards and norms” in addition to “Russian ways” to solve internal problems.” (CLUNAN, 2009, p. 58-59).

<sup>68</sup> Em uma pesquisa realizada pelo Levada Center entre 1999 e 2018, intitulada Reclamações Contra as Ações do Governo (*Complaints against the actions of the government*), a maioria dos entrevistados declarou, em setembro de 1999, que a maior reclamação consiste na ausência de um plano bem-pensado para que o país saísse da crise (LEVADA Center, *Complaints against the actions of the government*. Moscou, 1999-2018. Disponível em: <https://www.levada.ru/en/2019/01/25/complaints-against-the-actions-of-the-government/>. Acesso em: 29/08/2022).

<sup>69</sup> Segundo Anne Clunan, os indivíduos dos grupos restauracionista e estatista priorizam a formação da Rússia em contraposição aos Estados Unidos, que se torna o principal rival tanto em termos de *status* quanto de propósito político; os neocomunistas retomam a grandeza alcançada no período soviético, bem como os mitos de vocação humanitária; os eslavófilos ressaltam a integração da Rússia com os falantes de russo em territórios para além das fronteiras nacionais, defendendo o estrangeiro próximo como uma área de influência russa; e os ocidentalistas buscam a adesão das credenciais políticas e econômicas ocidentais como meio para a retomada da posição de grande potência (CLUNAN, 2009).

governo em um período de crise generalizada, que impedia a competição direta com o Ocidente. O documento contém noções de que a implementação de reformas econômicas e a democratização seriam capazes de sozinhas restaurar o *status* de grande potência perdido com a queda da URSS; dessa forma, é possível afirmar que a liderança de Boris Yeltsin apresentou características ocidentalistas em suas concepções de política doméstica e internacional, reforçando a mimetização das instituições e dos valores das potências do Ocidente. Entretanto, foi um governo criticado posteriormente por assumir uma posição de submissão e não perceber que “o Ocidente estava mais interessado na fraqueza russa do que no retorno da Rússia ao centro” (HOPF, 2002, p. 215, *tradução nossa*).

Embora a análise de documentos de política externa não esgote os interesses defendidos pelo governo no período, ela nos permite compreender suas diretrizes e traçar tendências presentes na época<sup>70</sup>. A publicação periódica dos Conceitos de Política Externa na Rússia nos permite compreender os movimentos de mudança e continuidade nas percepções da elite política nacional em relação não apenas ao sistema internacional, mas sobretudo em relação ao seu papel e propósito enquanto importante ator desse mesmo sistema. Dessa forma, por mais que não sejam a concretização exata dos interesses e das opiniões da elite política de Moscou em relação a inserção da Rússia no sistema internacional, a comparação entre publicações contém tendências de política externa seguidas pela Federação Russa desde o início do processo de democratização, cujas estruturas básicas nos permitem compreender os passos considerados como mais importantes para que a Rússia mantivesse – ou recuperasse – o seu lugar de destaque entre as potências internacionais (LEICHTOVA, 2014, p. 39).

A análise realizada por Magda Leichtova em sua obra *Misunderstanding Russia* nos permite a comparação rápida entre os governos de Boris Yeltsin, Vladimir Putin e Dmitri Medveded, sobretudo devido à estrutura similar de organização da qual os documentos dispõem. Dessa forma, em conjunto com uma análise própria dos documentos mencionados, nos basearemos em suas conclusões para a compreensão dos interesses e objetivos dos períodos mencionados na tentativa de identificar as autoimagens e identidades predominantes em cada um. Como a autora deixa claro em seu trabalho, os documentos analisados adquirem um importante papel devido às características particulares da estrutura política russa, a qual é

---

<sup>70</sup> Os documentos de política externa produzidos pelas elites políticas dos Estados são formatos de expressão tanto dos seus objetivos quanto das suas identidades no sistema internacional, estabelecendo um meio de comunicação com os demais atores através da linguagem. Assim como Leene Hansen, consideramos os Estados como entidades muito verbais, tendo em vista que “as identidades precisam ser articuladas pela linguagem para terem presença política e analítica, portanto são dependentes do agenciamento político em relação a sua significância epistemológica e ontológica” (HANSEN, 2006, p. 21).

marcada pela continuidade dos indivíduos em cargos de poder. Nesse sentido, a publicação de um novo documento é, em última instância, a revalidação dos princípios de política externa do país cuja política doméstica é marcada pela continuidade, bem como da sua autoconfiança de superpotência (LEICHTOVA, 2014, p. 41).

De modo geral, o Conceito de 1993 ilustra a forma como o governo Yeltsin buscava projetar a Rússia no novo mundo pós-1991, tentando manter o antigo status de poder ao mesmo tempo em que aderiria aos modelos ocidentais. As características centrais de tal documento consistem na afirmação da Rússia como um país democrático (elemento necessário para a sua integração no sistema internacional na época); afirmação da sua integridade territorial e da autoridade de Moscou sobre todas as terras até as recém-formadas fronteiras nacionais; e a afirmação dos interesses russos nas ex-repúblicas soviéticas no que tange a segurança e os direitos dos russos vivendo nessas regiões<sup>71</sup> (RÚSSIA, 1993; LEICHTOVA, 2014, p. 41-42). Como forma de afirmar a superação do mundo bipolar dividido entre dois sistemas distintos, o documento de 1993 busca reiterar a transformação da Rússia em um país democrático capaz de forjar novas parcerias com os Estados ocidentais, que são caracterizados como centros econômico e financeiro do mundo, tecnológicos e científicos. É recorrente a afirmação do fim da divisão bipolar do mundo, na tentativa de criar uma imagem da nova Rússia que pudesse manter alguma distância da identidade soviética que havia se dissolvido pouco tempo antes, o que possibilitaria a mais fácil inclusão do país na tomada de decisões desprovida de conflitos ideológicos.

Persiste na história a condição de que, mesmo nos momentos de maior fragilidade, a elite política russa não abandonou a crença de que o país teria uma identidade “natural” de superpotência, sendo necessária “a inclusão total e natural da Federação Russa na comunidade mundial como uma grande potência com longa história, posição geopolítica única, poder militar suficiente e significativo potencial tecnológico, intelectual e ético” (RÚSSIA, 1993). Entretanto, a inclusão da Rússia no mundo moderno dependia da sua união com os países ocidentais de uma forma civilizacional, aderindo às tradições europeias e norte-americanas como forma de percorrer o mesmo caminho de desenvolvimento econômico (mantém-se nesse período a narrativa de um progresso unidirecional típica da modernidade, como abordada no primeiro capítulo). A Rússia precisaria espelhar-se no Ocidente para manter alguma

---

<sup>71</sup> Posteriormente, veremos que esse ponto permaneceu constante em todos os governos russos desde Yeltsin, adquirindo particular importância para Vladimir Putin. Mais recentemente, a segurança de populações russas vivendo para além das fronteiras nacionais da Federação se tornou um dos elementos de disputa mais centrais para a decisão de invadir o território ucraniano em fevereiro de 2022, ao menos em termos narrativos.

consideração de seus pares por seus interesses econômicos e políticos no sistema internacional, ou ao menos isso era o esperado. Todavia, a relação submissa aos aliados ocidentais não trouxe os ganhos esperados pelo Kremlin que, por sua vez, passou a ressentir as tentativas dos Estados Unidos de manterem o enfraquecimento internacional russo<sup>72</sup>.

Ademais, diferente dos documentos publicados pelos governos posteriores, o Conceito de Política Externa de 1993 apresenta subdivisões destinadas às regiões do mundo, para as quais daremos ênfase às seções IV e V, que tratam respectivamente da relação dos russos com os Estados Unidos e a Europa. É afirmado previamente que nenhum país seria considerado aliado ou inimigo *a priori*, tendo em vista que a Federação Russa buscava construir relações pragmáticas com os demais Estados a partir dos seus interesses nacionais. Por outro lado, “as relações com os Estados Unidos da América terão um dos primeiros lugares na escala de prioridades da política externa russa, correspondendo ao peso e a posição dos EUA nas relações internacionais” (RÚSSIA, 1993). Apesar de tal definição de prioridades parecer para muitos como uma atitude de submissão do governo de Boris Yeltsin aos norte-americanos, fica evidente no documento que as relações buscadas pela Rússia consistem na premissa de igualdade entre ambos os Estados: “é necessária a firme oposição às possíveis recuperações de manifestações imperiais na política de Washington, a qual buscava implementar uma política para tornar os Estados Unidos na ‘única superpotência’” (RÚSSIA, 1993). Portanto, embora o governo Yeltsin seja amplamente criticado por tomar uma posição ocidentalista no início da década de 1990, é possível que o tenha feito apenas em virtude de uma questão pragmática fundamentada no enfraquecimento econômico russo, uma vez que, em termos de autopercepção, a Rússia manteve a narrativa de um *status* privilegiado no sistema.

---

<sup>72</sup> “Vários anos após a publicação do documento, tornou-se evidente que a Rússia provavelmente não seria considerada um parceiro igualitário pelos países ocidentais, e que muitos dos antigos Estados soviéticos não eram (e não seriam) interessados nas garantias de segurança da Rússia e seus projetos de integração. A política externa russa variou de uma estratégia para outra de acordo com a situação (internacional, doméstica ou pessoal) que dispunha até depois da mudança de regime e da entrada de um novo presidente que formulou novos e mais claros objetivos.” (LEICHTOVA, 2014, p. 47, *tradução nossa*). No original: “Several years after the document was published, it became evident that Russia was not and probably would not be an equal partner with Western states, and that a number of former Soviet states actually were not (and would not be) interested in Russia’s guarantees of security and integration projects. Russian foreign policy thus logically stumbled from one strategy to another according to the (international, domestic or personnel) situation at hand until after a regime change and the entrance of a new President formulated new and clearer standpoints.” (LEICHTOVA, 2014, p. 47).

### 3.2.3 A expansão da OTAN e a exclusão da Rússia

Embora a elite política russa tenha procurado reforçar o posicionamento do país enquanto um Estado democrático e alinhado com os valores econômicos, políticos e sociais promovidos pelo Ocidente, não é possível dizer que a Rússia tenha sido realmente reintegrada no sistema internacional na década de 1990, sobretudo devido a permanência de um receio entre seus pares da possibilidade de um revisionismo soviético. A dificuldade enfrentada pela Rússia em estabelecer parcerias com as demais potências na ordem pós-Guerra Fria pode ser exemplificada pelo longo processo de adesão à Organização Mundial do Comércio (OMC) enfrentado por Moscou. Na tentativa de participar da globalização crescente no período e integrar a economia russa ao mercado capitalista, em 1993 Boris Yeltsin fez a solicitação para a entrada da Rússia no Acordo Geral sobre Tarifas Alfandegárias e Comércio (GATT, na sigla em inglês), a qual foi substituída por um pedido de adesão à OMC em 1995<sup>73</sup>.

O processo de adesão da Rússia à Organização levou 18 anos e exigiu das autoridades russas a assinatura de 30 acordos bilaterais de acesso ao mercado de serviços e outros 57 acordos sobre mercadorias nacionais, muitos deles cujas contrapartes eram os Estados Unidos e os países da União Europeia. A República Popular da China, por outro lado, embora apresentasse um governo comunista e um histórico de desentendimentos com as potências ocidentais, teve sua adesão à OMC concluída em 2001, embora o processo também tenha sido iniciado em 1995<sup>74</sup>. A comparação entre os processos de adesão de ambos os países à OMC revela o tratamento diferenciado dispendido à Rússia na década de 1990, apesar de Moscou já ter realizado a transição democrática e a abertura dos mercados, e Pequim manter a liderança do Partido Comunista Chinês.

Para além das barreiras à inclusão econômica da Federação Russa na nova ordem global, o processo de expansão da OTAN também pode ser compreendido como uma forma de intimidar a elite política russa e frear qualquer tentativa de revisionismo territorial em relação tanto ao império czarista quanto a URSS. A inclusão de muitas ex-repúblicas soviéticas na Organização representou uma grande perda de influência geopolítica de Moscou na região do Leste Europeu, uma vez que tais países buscavam, por meio da aproximação à Europa Ocidental, afastar-se da histórica dominação e interferência russa em suas políticas domésticas

---

<sup>73</sup> WORLD Trade Organization, Russian Federation, Geneva. Disponível em: [https://www.wto.org/english/thewto\\_e/acc\\_e/a1\\_russie\\_e.htm](https://www.wto.org/english/thewto_e/acc_e/a1_russie_e.htm). Acesso em: 08/09/2022

<sup>74</sup> WORLD Trade Organization, China, Geneva. Disponível em: [https://www.wto.org/english/thewto\\_e/acc\\_e/a1\\_chine\\_e.htm](https://www.wto.org/english/thewto_e/acc_e/a1_chine_e.htm). Acesso em: 08/09/2022.

e externas<sup>75</sup>. Desde 1999, 14 países passaram a compor a cúpula da OTAN (ver mapa 5), fazendo com que as fronteiras da Organização se aproximassem cada vez mais geograficamente da Rússia<sup>76</sup>. O Kremlin, por outro lado, percebeu a expansão da organização como uma violação de supostos acordos realizados ainda durante o período soviético<sup>77</sup>, os quais seriam a garantia de que a OTAN não tinha interesse em avançar para as regiões de histórica presença e influência da elite política russa (SAROTTE, 2022).

A relação entre ambos os lados, entretanto, não foi sempre marcada pela desconfiança e pelo conflito. Em meio ao processo de unificação europeia, o estabelecimento do Tratado 2+4 que previa o fim dos conflitos da Segunda Guerra Mundial, significou a possibilidade de cooperação entre os países ocidentais e os russos – naquele momento ainda sob o governo soviético. Entretanto, o início do processo de expansão rumos ao leste europeu após a reunificação alemã e a atuação dos membros da Organização nos Bálcãs deram início a um longo período de inimizade entre ambos os lados, o qual seria aprofundado anos depois. Embora alguma colaboração com os russos tenha sido cogitada algumas vezes, o estreitamento das relações nunca se concretizou.

A publicação do Conceito Estratégico em 1990 e do Novo Conceito Estratégico da OTAN em 1999 fez com que surgisse na Rússia o questionamento sobre a própria existência da Organização no momento imediatamente pós-Guerra Fria, tendo em vista que a *raison d'être* original já não existia mais<sup>78</sup>. Dessa forma, os membros do tratado passaram a adquirir, de

---

<sup>75</sup> “Discursos de retorno à ‘Europa’ ou ao ‘Ocidente’ ilustram que o *Eu* pode ser construído por meio de uma identidade que se articula tanto como superior ao *Eu* quanto como idêntica a ele. A construção de uma ‘Europa’ superior a ser emulada era o discurso político dominante dos países da Europa Central após a ruptura do comunismo em 1989, mas esse discurso simultaneamente apontava para inúmeros fatos que comprovavam a ‘europiedade’ do país em questão, tornando assim esses países idênticos, mas temporariamente separados da Europa. Discursos que envolver a construção do *Outro* como superior ao *Eu* são menos frequentes, mas existem.” (HANSEN, 2006, p. 35). No caso dos países do Leste Europeu, a sua identidade foi formulada, no pós-Guerra Fria, a partir da emulação dos valores ocidentais como forma de se afastar da dominação histórica exercida pela Rússia na região, o que cria não apenas um distanciamento político com Moscou, mas também um distanciamento ontológico.

<sup>76</sup> NATO, Member Countries. Disponível em: <https://www.nato.int/nato-welcome/index.html>. Acesso em: 07/09/2022.

<sup>77</sup>NATIONAL Security Archive. NATO Expansion: What Gorbachev Heard. Disponível em: <https://nsarchive.gwu.edu/briefing-book/russia-programs/2017-12-12/nato-expansion-what-gorbachev-heard-western-leaders-early>. Acesso em: 15/07/2021.

<sup>78</sup> Segundo o primeiro Secretário Geral da OTAN, Lorde Ismay, o objetivo da Organização era “manter os americanos dentro, os russos fora, e os alemães para baixo”. Embora o Tratado de Washington não nomeasse uma ameaça em comum de forma direta, a declaração citada demonstra a formação de uma aliança de defesa coletiva contra os avanços soviéticos e um possível revisionismo alemão. Tendo a Alemanha sido incorporada como membro da OTAN em 1955 e a URSS entrado em colapso em 1991, não haveria mais uma ameaça coletiva a ser combatida. Entretanto, como veremos posteriormente, os mais recentes documentos publicados pela Organização já identificam a Rússia e a China como Estados desestabilizadores da ordem mundial e, portanto, ameaças a todos os países-membros do bloco. Para mais informações, ver: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/declassified\\_137930.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/declassified_137930.htm).

forma gradual, uma posição de oposição a Moscou e de certa rivalidade na medida em que suas ações militares e discursivas eram percebidas como uma forma de encurralar a Rússia e impedir qualquer movimento expansionista e revisionista. Nesse sentido, “[...] essas ‘ameaças’ e ‘instabilidades’ não estavam simplesmente ‘lá’, mas apareceram a partir da própria articulação discursiva da OTAN para a (transformação da) racionalidade da aliança no pós-Guerra Fria.” (HANSEN, 2006, p. 22).

### Mapa 5 - Mapa da expansão da OTAN desde 1997

Expansão da Otan desde 1997



Fonte: BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60580704>. Acesso em: 27/09/2022.

O cenário posto era, portanto, de uma tríplice crise doméstica – política, econômica e social – durante a década de 1990, combinada com uma abertura comercial sem que houvesse um preparo econômico por parte do governo russo, a dificuldade de inserção internacional e da formação de parcerias com as potências ocidentais e com as ex-repúblicas soviéticas que buscaram se distanciar da influência de Moscou e a consolidação de uma nova ameaça representada pelos avanços da OTAN no Leste Europeu. Ademais, a intervenção da OTAN no Kosovo em 1999, a despeito da decisão de não-interferência do Conselho de Segurança da



ONU, reforçou a percepção do Kremlin de que seus interesses de política externa não seriam respeitados pelos membros da Organização. Dessa forma, dá-se início à construção de uma nova alteridade entre russos e ocidentais<sup>79</sup>, a qual será explorada apenas após o primeiro mandato presidencial de Vladimir Putin.

### 3.3 O Ocidente ambivalente: alternativa ou ameaça?

A conturbada década de 1990 se consolidou enquanto um período traumático na história russa, cuja população presenciou o colapso de uma superpotência, o fim de uma ideologia, uma profunda crise econômica e a perda de *status* internacional de um antigo império. Em complemento ao cenário mais amplo, as instabilidades domésticas causadas pela “teoria de choque” na abertura econômica e a liderança cambaleante de Boris Yeltsin foram responsáveis por afetar a autopercepção russa e, conseqüentemente, a sua projeção mundial. Ademais, a tradição personalista devido ao histórico de concentração de poder no país mostrou-se igualmente presente no período, momento em que a fragilidade doméstica e internacional foi associada a fragilidade do próprio líder que não foi capaz de mitigar os efeitos da transição política e econômica.

Embora fosse um objetivo da política externa de Boris Yeltsin, a Rússia não foi integrada a nova ordem mundial enquanto semelhante das demais potências, sobretudo dos Estados Unidos, mas sim foi insulada na medida em que o Ocidente ainda temia qualquer ação de afirmação do seu *status* de potência:

Como o primeiro líder da recém-independente Rússia, Yeltsin abraçou totalmente o Ocidente e suas instituições. Como Pedro, o grande, ele via a Rússia como um Estado europeu, embora tivesse ficado para trás. De acordo com Yeltsin, a política russa estaria focada além das antigas fronteiras soviéticas e seria marcada pelo “gradualismo, negociações, acomodações e solidariedade com o ‘mundo civilizado’ liderado pelos EUA”. O ministro das Relações Exteriores, Andrei Kozyrev, declarou que o objetivo da Rússia era “tornar-se um membro pleno da comunidade internacional” e ser visto como um Estado que “não é uma ameaça para seus próprios cidadãos nem para outros países”. (HANCOCK, 2007, p. 73, *tradução nossa*).<sup>80</sup>

<sup>79</sup> “Embora possa haver um *Outro*, é, portanto, fundamentalmente entrelaçado com a construção do *Eu Europeu*. A OTAN no pós-Guerra Fria (re)construiu-se como uma aliança baseada na defesa coletiva dos valores liberais e não como uma dissuasão contra uma ameaça territorial; e essa identidade promove uma promessa universal – todos os Estados podem e devem se tornar democracias liberais – ao mesmo tempo em que concede aos países ocidentais o privilégio de definir o conteúdo dessa universalidade.”

<sup>80</sup> No original: “*As the first leader of the newly independent Russia, Yeltsin fully embraced the West and its institutions. Like Peter the Great, he saw Russia as a European state, albeit one that had fallen behind. According to Yeltsin, Russian policy would be focused beyond the former Soviet borders and would be marked by ‘gradualism, negotiations, accommodation, and solidarity with the US-led ‘civilized world’’. Foreign Minister Andrei Kozyrev declared that Russia’s aim was ‘to become a full member of the international community’ and to be viewed as a state that is ‘a threat neither to its own citizens nor to other countries’.*” (HANCOCK, 2007, p. 73).

Entretanto, mesmo com as iniciativas de alinhamento e subordinação aos valores ocidentais tomadas pelo governo Yeltsin, a Rússia não foi compreendida como um possível parceiro estratégico para os Estados Unidos ou para os países da Europa Ocidental; pelo contrário, as ações da OTAN revelam a reformulação dos membros sobre sua percepção de ameaça sem, contudo, excluir a política externa russa do conceito. Dessa forma, o final da década de 1990 – e do século XX – foi um momento propício para grandes alterações na realidade política russa, sobretudo com o nascente ressentimento advindo da incapacidade (ou falta de vontade) ocidental de auxiliar os russos em sua grave crise econômica:

Com o Ocidente fora de seu pedestal, os Estados vizinhos da Rússia em turbulência, cidadãos russos sob ataque no Báltico, a Rússia se exercitando militarmente em conflitos regionais e Yeltsin sob sério desafio do Soviete Supremo, a política externa do governo focada nos EUA – chamada de visão atlantista – deu lugar a uma perspectiva eurasiânica. Os eurasiânistas enfatizaram a posição da Rússia como uma grande potência com seus próprios interesses e personalidade, com foco complementar nos antigos Estados soviéticos como esfera de influência russa. (HANCOCK, 2007, p. 80, *tradução nossa*).<sup>81</sup>

Em meio ao cenário de incerteza e crise, a renúncia de Yeltsin no fim de 1999 e a consequente ascensão de Vladimir Putin à presidência da Federação Russa foi percebida por muitos como a possibilidade de uma nova fase da história russa marcada pelo reerguimento doméstico e internacional. O “fenômeno Putin” (WHITE & McALLISTER, 2008) tinha como principais características o aprofundamento da autopercepção da Rússia como grande potência no sistema internacional, com um lugar de direito entre as demais lideranças globais; para além da manifestação do nacionalismo por meio do culto à liderança personalista do novo presidente – características que, em alguma medida, também são observadas em alguns períodos do governo Yeltsin. As eleições que confirmaram a permanência do sucessor de Yeltsin na presidência marcaram a primeira transição de poder democrática da história russa, com uma vitória massiva nas urnas e ampla aprovação nacional para os novos rumos nacionais que Putin poderia tomar. Grande parte do apoio popular dado ao novo presidente era originário da valorização da imagem de um novo líder:

---

<sup>81</sup> No original: “*With the West off its pedestal, Russia’s neighboring states in turmoil, Russian nationals under attack in the Baltics, the Russia militarily exerting itself in regional conflicts, and Yeltsin under serious challenge from the Supreme Soviet, the administration’s US-focused foreign policy – called the Atlanticist view – gave way to a Eurasianist perspective. Eurasianists emphasized Russia’s position as a great power with its own interests and personality, with a complementary focus on the former Soviet states as Russia’s sphere of influence.*” (HANCOCK, 2007, p. 80).

O que havia em Putin que atraiu os russos comuns? Mais do que qualquer outra coisa, de acordo com as pesquisas, foi a percepção de que ele era “energético, decisivo e obstinado”; quase metade dos entrevistados achou difícil identificar qualquer coisa que os desagradasse no presidente russo, e a única característica que atraiu mais desaprovção – que ele estava “conectado com Yeltsin e sua comitiva” – era de importância decrescente. (WHITE & McALLISTER, 2008, p. 615, *tradução nossa*).<sup>82</sup>

A ascensão de Putin à presidência marcou o início de uma nova narrativa, com mais prosperidade do que o período imediatamente anterior. Entretanto, a primeira transição democrática de poder e a construção de uma personalidade diferente da liderança prévia não significava a mudança radical das diretrizes de política externa, mas sim o início de uma mudança nos discursos sobre a identidade russa e o lugar que o país deveria ocupar nas relações internacionais, tendência que seria aprofundada a partir de 2012, ano em que Putin dá início ao seu terceiro mandato presidencial. Há, inclusive, grandes semelhanças entre os objetivos nacionais mencionados nos Conceitos de Política Externa de 1993 e 2000, o que revela maior continuidade do que ruptura no que tange o posicionamento russo no sistema internacional e a definição de prioridades de política externa. Todavia, no início dos anos 2000, o papel de Putin era “apenas projetar o que agora escapava de Yeltsin: confiança, autoridade, o porte militar que ele acreditada ser o anseio do país” (MYERS, 2018, p.161), retomando o sentimento de estabilidade entre a população.

### 3.3.1 O Conceito de Política Externa de 2000

Como forma de inaugurar o novo período político, em 2000 foi publicado um novo Conceito de Política Externa com o objetivo de refletir sobre as lições aprendidas pela elite política russa na década anterior, posicionar o recém-formado governo Putin e elencar as prioridades iniciais do novo presidente. O novo documento era mais específico e autoconfiante do que o publicado em 1993, devido à percepção interna de que os tempos difíceis haviam sido

---

<sup>82</sup> Outros pontos interessantes encontrados na pesquisa realizada por White e McAllister consistem na equivalência de características pessoais de Vladimir Putin (projetadas por meio da mídia russa na época) com uma boa capacidade de governar o país. Em pesquisas de opinião, os pesquisadores identificaram que Putin era valorizado por não consumir bebidas alcoólicas e por ser um bom pai e bom marido, características que elevariam o seu caráter não apenas como pessoa, mas também como presidente de uma grande potência. Tais elementos estabeleciam clara contradição com a liderança de Yeltsin, muitas vezes denominada “cambaleante” (WHITE & McALLISTER, 2008, p. 608). No original: “What was it about Putin that attracted ordinary Russians? More than anything else, according to the surveys, it was the perception that he was ‘energetic, decisive and strong-willed’; almost half of those who were asked found it hard to identify anything that dissatisfied them in the Russian president, and the single characteristic that attracted the most disapproval – that he was ‘connected with Yeltsin and his entourage’ – was of diminishing significance.” (WHITE & McALLISTER, 2008, p. 615).

superados e que a nova liderança seria capaz de reerguer a Rússia internacionalmente. Dentre os objetivos futuros listados no Conceito estão a manutenção da integridade territorial do país, o apoio ao direito internacional e a autoridade da ONU nas relações internacionais, a criação de condições apropriadas para o crescimento econômico russo, a criação de uma zona de países aliados no espaço pós-soviético, a proteção dos direitos dos russos que viviam em outros Estados e a construção de uma grande imagem internacional da Rússia (RÚSSIA, 2000; LEICHTOVA, 2014, p. 42).

É possível perceber, portanto, que os objetivos de política externa russa não foram profundamente alterados em relação àqueles publicados durante o governo Yeltsin<sup>83</sup>; além disso, o novo documento foi inaugurado com o reconhecimento de que a Rússia já havia superado o desafio básico de se estabelecer enquanto um ator independente nas relações internacionais (LEICHTOVA, 2014, p. 42). O elemento mais inovador da nova política externa é a concentração de parcerias não apenas com os países ocidentais, mas também do reconhecimento da importância das relações com os países asiáticos, diversificando alianças e criando um direcionamento para a identidade nacional. Nesse sentido, discursos de matriz eurasianista se tornaram mais presentes na medida em que o posicionamento único da Rússia no sistema passou a ser cada vez mais articulado como uma vantagem, e a possibilidade de recuperação do antigo *status* de potência tornou-se mais próxima na medida em que o governo era capaz de reerguer a economia.

Ademais, é sintomático no documento de 2000 a menção de que os interesses de segurança dos Estados-membros da OTAN não estavam de acordo com os interesses de política externa da Rússia, o que pode ser considerada a primeira materialização, por parte de Moscou, da inimizade (ou ao menos incômodo) com o bloco<sup>84</sup>. Nesse sentido, há um grande afastamento em relação aos objetivos estabelecidos em 1993, os quais consideravam o país aberto e

---

<sup>83</sup> Alguns dos objetivos nacionais mencionados no documento são “assegurar uma segurança confiável ao país, preservar e fortalecer a sua soberania e integridade territorial, alcançar posições firmes e prestigiosas na comunidade internacional, de forma consistente com os interesses da Federação Russa como grande potência, como um dos centros mais influentes do mundo moderno, que são necessários para o crescimento do seu potencial político, econômico, intelectual e *espiritual*” (RÚSSIA, 2000, *grifo nosso*). Acreditamos relevante destacar a inclusão do potencial espiritual da Rússia no documento publicado em 2000, uma vez que esse será um dos principais pilares discursivos ao longo dos governos de Vladimir Putin para a valorização da identidade russa no sistema internacional, bem como justificativa para atuações de política externa em prol da proteção do chamado “mundo russo” em seu estrangeiro próximo.

<sup>84</sup> A defesa do direito e das instituições internacionais aparecem no documento como uma forma de contornar as ações unilaterais dos Estados Unidos e do bloco europeu, rejeitando a ordem unipolar e garantindo a participação russa na tomada de decisões. Nesse sentido, a participação da Rússia no G8 e sua posição vitalícia no Conselho de Segurança das Nações Unidas são utilizadas como alternativas a qualquer tentativa de hegemonia ocidental sobre as relações internacionais (RÚSSIA, 2000). Segundo Adrian Rogstad, o convite para a participação da Rússia em clubes e organizações ocidentais pode ser compreendido como uma forma de “desestigmatizar” a imagem do país, embora a sua inclusão completa ainda não tenha sido realizada (ROGSTAD, 2022, p. 6).

inclinado à cooperação com a Organização (LEICHTOVA, 2014, p. 52). O novo Conceito Estratégico, por outro lado, previa algum grau de cooperação apenas mediante a possibilidade de concordância entre as partes sobre assuntos em disputa, sobretudo em relação às questões de segurança no Leste Europeu. Como mencionado anteriormente, a mudança da percepção russa em relação à OTAN foi alterada principalmente após a intervenção no Kosovo, considerada uma extrapolação das funções estabelecidas pelo Tratado de Washington. Nos trechos destacados abaixo, é possível observar tal ambiguidade quanto às relações entre a Federação Russa e os países europeus:

As relações com os Estados europeus é uma prioridade tradicional da política externa russa. O principal objetivo da política externa russa na Europa é a criação de um sistema estável e democrático de cooperação e segurança europeias. A Rússia está interessada no maior desenvolvimento do caráter multifuncional da Organização para Segurança e Cooperação na Europa (*OSCE na sigla original*) e fará esforços nessa direção. [...] A Rússia irá trabalhar para adaptar o Tratado de Armas Convencionais na Europa em um meio efetivo de segurança europeia e de comunicação de natureza compreensiva para a construção de medidas de confiança, incluindo, especificamente, atividades navais e de coalisão. [...] A Federação Russa vê a União Europeia como um dos seus principais aliados políticos e econômicos, e buscará desenvolver uma cooperação intensa, estável e de longo prazo sem flutuações de conveniência. (RÚSSIA, 2000).

Por outro lado, embora o primeiro mandato de Putin fosse marcado pela reformulação de algumas diretrizes nacionais e de certa insatisfação nas relações entre Moscou e a OTAN, a relação entre a Rússia e os países ocidentais manteve-se no âmbito da cooperação e da tentativa de integração a partir da tentativa de afirmar a Rússia como um país europeu não-ocidental<sup>85</sup>, central para a estabilidade e segurança do continente. Tópicos centrais para as partes eram o aprofundamento das estruturas democráticas na Rússia com a institucionalização do que ficou conhecido como “democracia soberana”, a performance da justiça internacional e os tratados para defesa antimíssil com os Estados Unidos (RÚSSIA, 2000; LEICHTOVA, 2014, p. 84, 88, 91). Entretanto, o ataque terrorista em 11 de setembro de 2001 reformulou a relação da Rússia com os Estados Unidos após o período de “paz fria” que seguiu a intervenção em Kosovo realizada pela OTAN (LEICHTOVA, 2014, p. 132). Diante de uma ameaça em comum, Moscou e Washington reavaliaram seus posicionamentos e deram início à cooperação militar na Ásia Central, o que reafirmou o *status* de importância russa no sistema:

---

<sup>85</sup> Em um encontro com cientistas e empresários na Escócia, em 2003, Putin afirmou que “a Rússia é parte da Europa, disso não há dúvida. [...] Devemos fazer de tudo para permitir que a Rússia e a Europa ajudem uma à outra a se desenvolverem de forma harmoniosa e estável. Temos um interesse mútuo um pelo outro porque até mesmo as estruturas da economia russa e da economia europeia se complementam mutuamente.” (ZYGAR, 2018, p. 49).

Para os líderes europeus, a orientação de Putin voltada à Europa marcou uma mudança significativa em uma direção positiva. Putin, quase no modelo de Catarina, a Grande, declarou que “a Rússia é parte integrante da civilização europeia” (Mankoff, 2009, p. 148), manifestando um claro interesse na cooperação com outros países europeus. Para os Estados europeus, essa foi uma mudança bem-vinda, pois na maior parte da década de 1990 a Europa foi objeto da política externa da Rússia; mas, ao mesmo tempo, ficou claro que a Rússia considerava os EUA a entidade decisiva na estrutura de poder do continente europeu. (LEICHTOVA, 2014, p. 131, *tradução nossa*).<sup>86</sup>

A política externa de Putin se diferenciava daquela promovida por Yeltsin na medida em que foi mais bem-sucedida na afirmação da Rússia como um ator independente e importante para a estabilidade regional, o que foi possível após a superação da tríplice crise enfrentada por seu antecessor. Dessa forma, embora a política externa russa ainda buscasse forjar alianças e parcerias com os países ocidentais – bem como defendido por Boris Yeltsin – a relação entre as partes dava-se menos por meio da subordinação e mais pelo entendimento entre iguais (ao menos a partir da expectativa da elite política russa). Gradualmente, o governo Putin recuperou uma imagem internacional respeitável da Federação Russa, a qual foi responsável por recuperar a sua autopercepção de potência na medida em que a realidade material se mostrava mais favorável do que nos anos anteriores<sup>87</sup>.

Conforme os gráficos 3 e 4, apresentados anteriormente, o primeiro mandato presidencial de Putin foi marcado pela grande alteração da realidade social na Rússia, com o crescimento do PIB e a expressiva queda na taxa de desemprego. A estabilização da situação doméstica foi um dos pilares defendidos por Putin em seu governo, a qual seria alcançada por meio do fortalecimento da unidade estatal pela construção de verticais de poder que, na prática, permitiram a maior concentração de poder pelo presidente (LEICHTOVA, 2014, p. 134). Ademais, a retomada das atividades do Conselho Rússia-OTAN em 2002 promovia maior interação entre as partes na tomada de decisões estratégicas no setor de segurança, fazendo com que o aparato institucional se tornasse a base de possíveis relações mais amistosas a partir do reconhecimento do *status* russo na região. Entretanto, na medida em que a Rússia se

---

<sup>86</sup> No original: “*For European leaders, Putin’s orientation toward Europe marked a significant shift in a positive direction. Putin, almost in the model of Catherine the Great, declared that “Russia is an integral part of European civilization” (Mankoff, 2009, p. 148), expressing a clear interest in cooperation with other European countries. For European states, this was a welcome change, as for most of the 1990s Europe was the object of Russia’s foreign policy; but at the same time, it was clear that Russia considered the USA to be the deciding entity in the power structure of the European continent.*” (LEICHTOVA, 2014, p. 131).

<sup>87</sup> Segundo o Conceito de Política Externa de 2000, “uma característica distinta da política externa russa é o seu equilíbrio. Isso foi predeterminado pela sua posição geopolítica como uma das maiores potências eurásianas, o que requer uma combinação ótima de esforços em todos os setores. Tal abordagem predetermina a responsabilidade russa em manter a segurança no mundo tanto em nível global quanto regional, e pressupõe o desenvolvimento da mútua complementariedade das atividades de política externa bilaterais e multilaterais” (RÚSSIA, 2000).

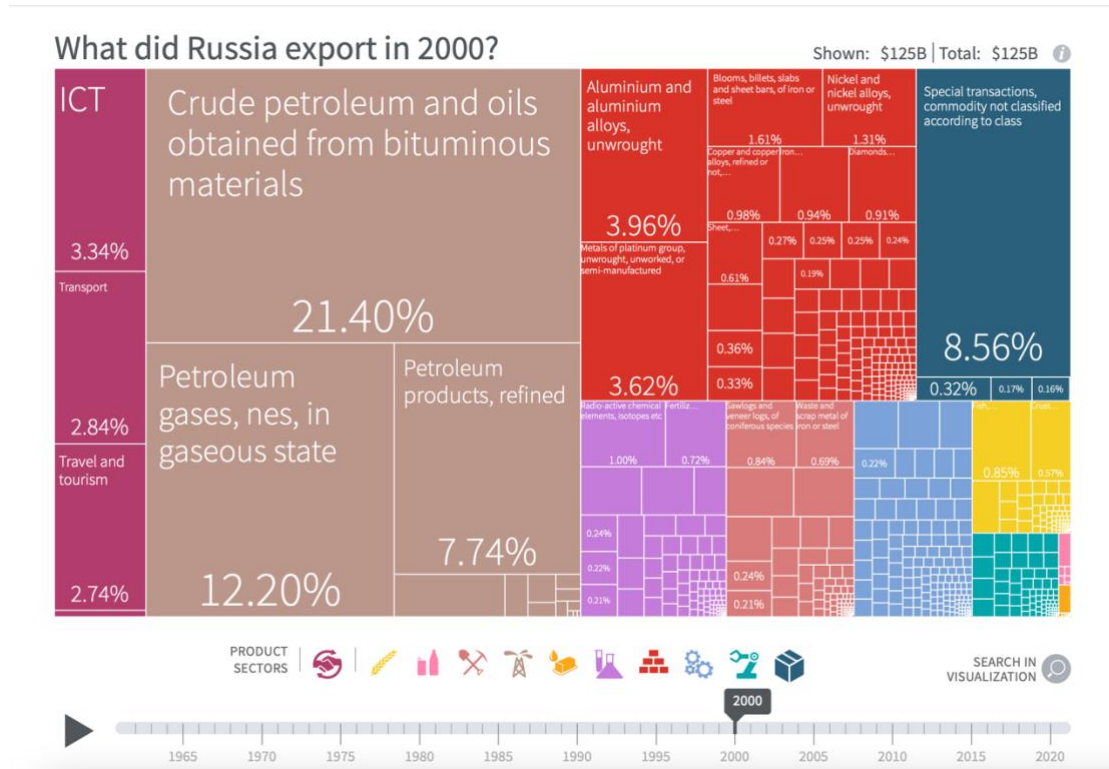
reorganizava internamente e se tornava capaz de promover seus interesses econômicos e militares, a relação com o Ocidente se tornava mais instável e belicosa.

### 3.3.2 O *boom* das *commodities* e a integração econômica

Os dois primeiros mandatos presidenciais de Vladimir Putin (2000-2008) coincidiram com a retomada do crescimento econômico russo por meio da exportação de *commodities* – principalmente com a exploração de recursos energéticos –, o reinvestimento nas indústrias e no setor de serviços interno, o aumento dos gastos militares e a formação de novas parcerias internacionais no âmbito da diplomacia comercial (ZYGAR, 2018, p. 27). O novo cenário que se formava internamente, além de se contrapor diretamente com a realidade econômica e social da década anterior, permitiu que a política externa russa se tornasse mais incisiva na defesa dos interesses nacionais, reposicionando a Rússia nos círculos diplomáticos dos tomadores de decisões mundiais. Como indicado anteriormente, a própria publicação do Conceito de Política Externa de 2000 já indicava os novos objetivos propostos pela elite política russa, sendo a retomada do *status* de grande potência o principal deles.

No mundo pós-Guerra Fria, no qual o sistema capitalista tornou-se predominante frente a alternativa proposta pela URSS até 1991, uma das principais fontes do poder internacional passou a ser a capacidade econômica do Estado, o que poderia torná-lo influente nas decisões políticas globais. Nesse contexto, a Rússia havia deixado de ser um Estado-párea há menos de uma década no momento em que Putin assumiu a presidência da Federação, com baixa experiência em uma economia de mercado e forte histórico de investimentos no setor militar e industrial. O cenário econômico no início dos anos 2000 era de baixa integração à economia globalizada e de alta dependência da importação de serviços, maquinários e alimentos. A partir da base de dados do *Atlas of Economic Complexity*, é possível realizarmos uma comparação da evolução econômica russa durante os dois primeiros mandatos de governo Putin:

Gráfico 6 - Itens de exportação russa em 2000



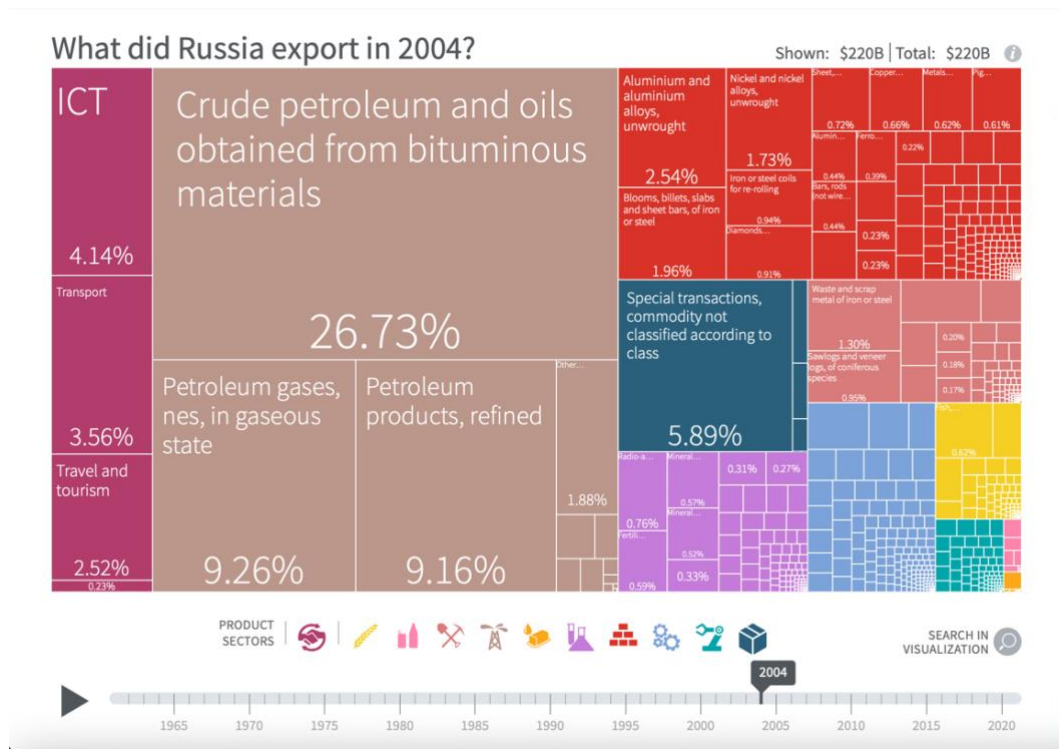
Fonte: Atlas of Economic Complexity. Disponível em:

<https://atlas.cid.harvard.edu/explore?country=186&product=undefined&year=2000&productClass=SI&TC&target=Product&partner=undefined&startYear=undefined>. Acesso em: 27/08/2022.

O gráfico 6 apresenta os principais itens de exportação da economia russa em 2000, ano em que Vladimir Putin chegou à presidência. É possível percebermos a grande concentração de combustíveis e materiais manufaturados na pauta de exportação do país, muito devido aos investimentos realizados pelo governo soviético para a expansão do setor industrial russo. Sendo, portanto, um país com grande dependência econômica de *commodities*, os ganhos recebidos a partir da exportação dos itens apresentam grande variação de acordo com o mercado internacional do setor, cujos preços são voláteis. Ao final do primeiro mandato presidencial de Putin, a situação econômica russa permaneceu similar àquela de 2000, conforme o gráfico 7:



Gráfico 7 - Itens de exportação russa em 2004

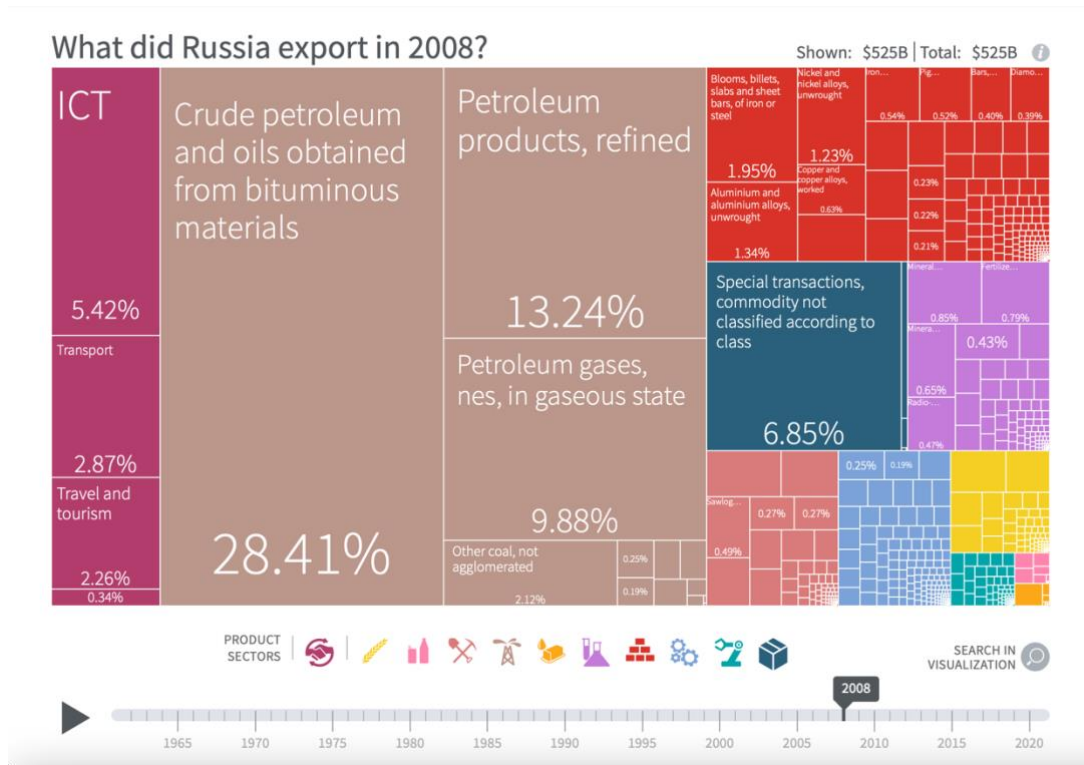


Fonte: Atlas of Economic Complexity. Disponível em:

<https://atlas.cid.harvard.edu/explore?country=186&product=undefined&year=2004&productClass=SI TC&target=Product&partner=undefined&startYear=undefined>. Acesso em: 27/08/2022.

Ao final de 2004, quando se completou o primeiro mandato de Putin na presidência da Federação, a dependência econômica russa em relação à exportação de combustíveis e outras *commodities* como alumínio, ferro e aço foi mantida, com a expansão da venda de petróleo bruto. Tendo em vista os preços crescentes de todas as *commodities* no mercado internacional no início dos anos 2000, a Rússia aumentou a exploração do setor na medida em que a venda de combustíveis fósseis permitia seu crescimento econômico e a recuperação das perdas financeiras sofridas com a grande crise de 1998. É precisamente nesse período que as condições de vida na Rússia melhoram em relação à década anterior, com o aumento da criação de empregos, o crescimento do PIB e o aumento de investimentos internos em infraestrutura. A realidade material em 2004 favoreceu a aprovação interna do governo, associando a liderança de Vladimir Putin à prosperidade do Estado. Dessa forma, a reeleição em 2004 foi, novamente, com números massivos a favor do então presidente.

**Gráfico 8 - Itens de exportação russa em 2008**



Fonte: Atlas of Economic Complexity. Disponível em:

<https://atlas.cid.harvard.edu/explore?country=186&product=undefined&year=2008&productClass=SI TC&target=Product&partner=undefined&startYear=undefined>. Acesso em: 27/08/2022.

Ademais, o gráfico 8 revela a pauta de exportações da Rússia ao final do segundo mandato de Putin. A partir da comparação com os dados apresentados anteriormente, é possível perceber o gradual aumento da dependência russa em relação a exportação de combustíveis fósseis, acompanhada da diminuição do investimento em outros setores da economia. Entretanto, embora a Rússia tenha enriquecido nos primeiros 8 anos de governo Putin, o que melhorou a qualidade de vida da população e aumentou a aprovação do governo, a dependência econômica de outros países também se tornou mais elevada na medida em que a matriz econômica nacional não era capaz de suprir as necessidades internas da população.

Dessa forma, ao longo da Era Putin percebe-se a instrumentalização do setor energético como fonte de poder político entre os países europeus, dependentes dos suprimentos russos. A política energética foi responsável pelo reerguimento econômico de Moscou, o qual possibilitou que o país exercesse maior influência regional e internacional a partir das negociações envolvendo a exportação de petróleo e gás natural (ALBUQUERQUE, PACHECO, LEITE & FUCCILLE, 2021, p. 131), e consolidasse seu lugar no cenário mundial. Os recursos

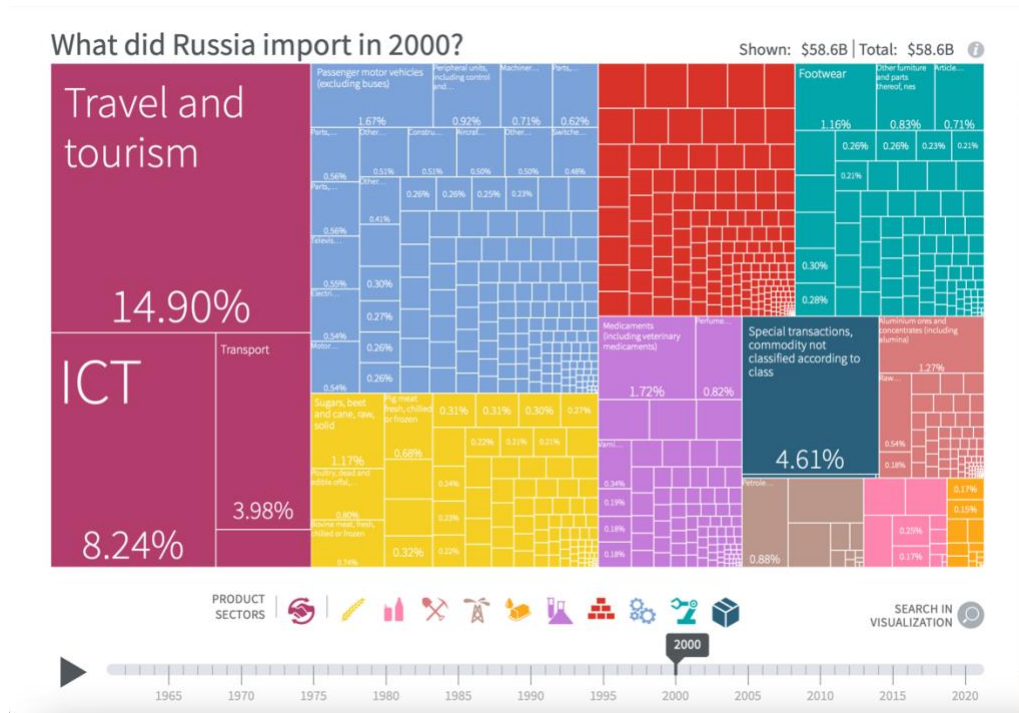
energéticos se tornaram, portanto, arma política do Estado russo (ALBUQUERQUE, PACHECO, LEITE & FUCCILLE, 2021, p. 139). Entretanto, apesar dos esforços de inserção econômica no sistema globalizado, a Rússia se manteve enquanto inimigo preferencial do chamado 'Ocidente', além de reforçar a estratégia de "escalar para desescalar" em relação ao desenvolvimento militar (COLBY, 2016, p. 5). Torna-se relevante, portanto, a análise da evolução das importações do Estado russo no mesmo período.

Em 2000, a maior parte das importações russas concentrava-se no setor de serviços, veículos e maquinários, alimentos e itens manufaturados, conforme representado na ilustração 9. Ademais, os principais países de origem das importações russas eram da Europa Ocidental<sup>88</sup>, elemento que pode ser interpretado como um sinal da melhora das relações da Rússia com o restante do continente, bem como da sua integração na economia mundial. Ademais, a matriz de importações abaixo revela uma grande fragilidade da economia russa na medida em que não consegue suprir grande parte das suas necessidades no setor industrial e alimentício, dependendo das boas-relações com os países que, em sua maioria, são membros da OTAN. Dessa forma, as relações políticas e econômicas foram adquirindo contornos contraditórios ao longo do tempo, uma vez que os discursos produzidos pelo Kremlin são de confrontação com o Ocidente de forma mais geral mas, em termos econômicos, a Rússia manteve certa dependência dos mesmos países.

---

<sup>88</sup> Dentre os parceiros econômicos russos em 2000, a Alemanha foi o que mais exportou para a Rússia, representando um total de 14,24% das importações da Federação Russa naquele ano. Fonte: *Atlas of Economic Complexity*. Disponível em: <https://atlas.cid.harvard.edu/explore?country=186&product=undefined&year=2000&tradeDirection=import&productClass=SITC&target=Partner&partner=undefined&startYear=undefined>. Acesso em: 27/08/2022.

**Gráfico 9 - Itens de importação russa em 2000**

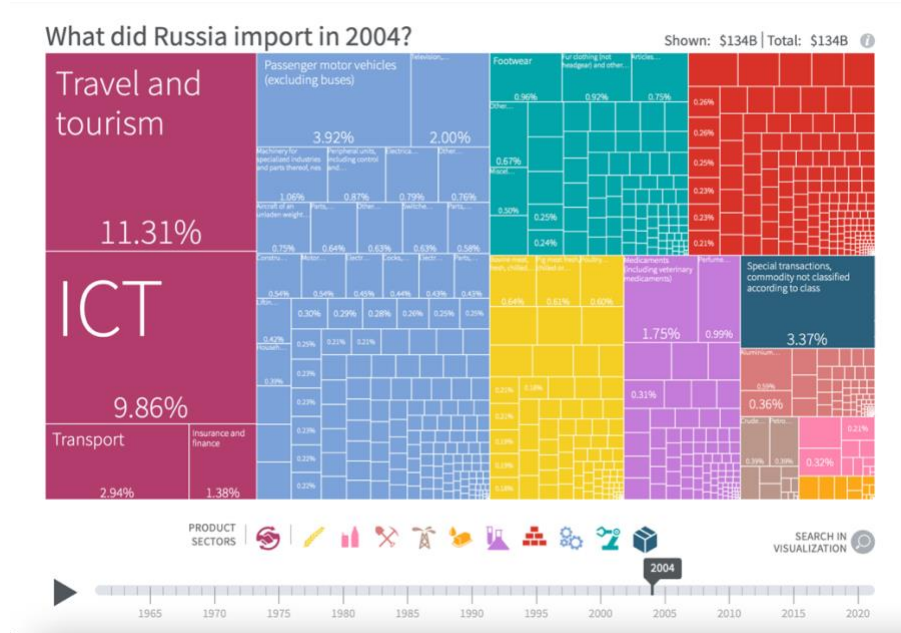


Fonte: Atlas of Economic Complexity. Disponível em:

<https://atlas.cid.harvard.edu/explore?country=186&product=undefined&year=2000&tradeDirection=import&productClass=SITC&target=Product&partner=undefined&startYear=undefined>. Acesso em: 27/08/2022.

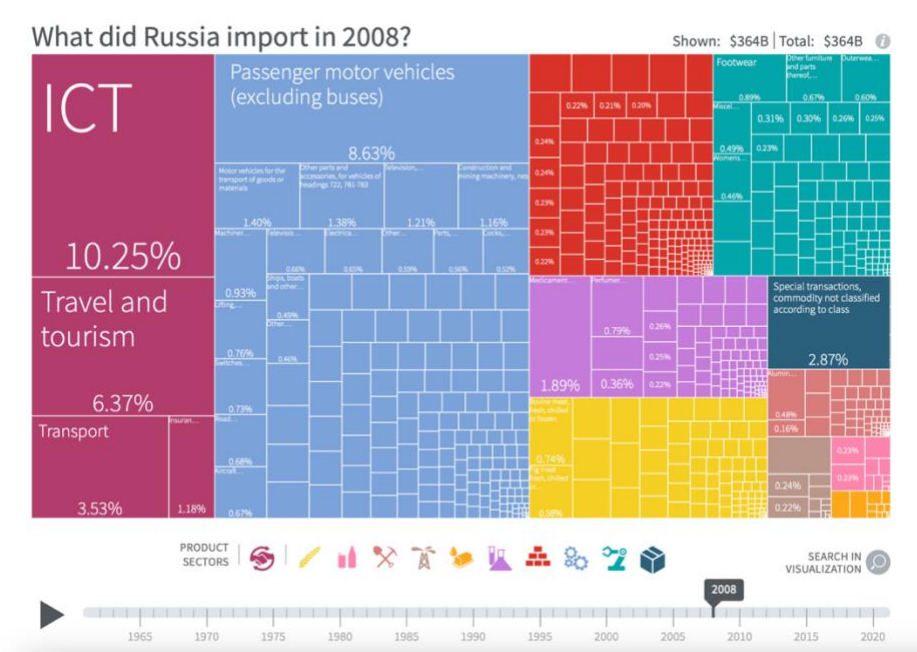
Em relação ao desenvolvimento da matriz de importações da Rússia nos anos seguintes, os gráficos 10 e 11 revelam o aprofundamento da dependência nacional em relação aos veículos e maquinários, o que pode ser analisado como o subdesenvolvimento da indústria nacional nesses setores na medida em que os investimentos eram concentrados para a exploração e exportação de combustíveis como o petróleo e o gás natural. Dessa forma, os primeiros 8 anos de governo Putin foram responsáveis pela consolidação da Rússia como um grande produtor energético, mas também pelo subdesenvolvimento de outros setores da economia.

**Gráfico 10 - Itens de importação russa em 2004**



Fonte: Atlas of Economic Complexity. Disponível em: <https://atlas.cid.harvard.edu/explore?country=186&product=undefined&year=2004&tradeDirection=import&productClass=SITC&target=Product&partner=undefined&startYear=undefined>. Acesso em: 27/08/2022.

**Gráfico 11 - Itens de importação russa em 2008**



Fonte: Atlas of Economic Complexity. Disponível em: <https://atlas.cid.harvard.edu/explore?country=186&product=undefined&year=2008&tradeDirection=import&productClass=SITC&target=Product&partner=undefined&startYear=undefined>. Acesso em: 27/08/2022.

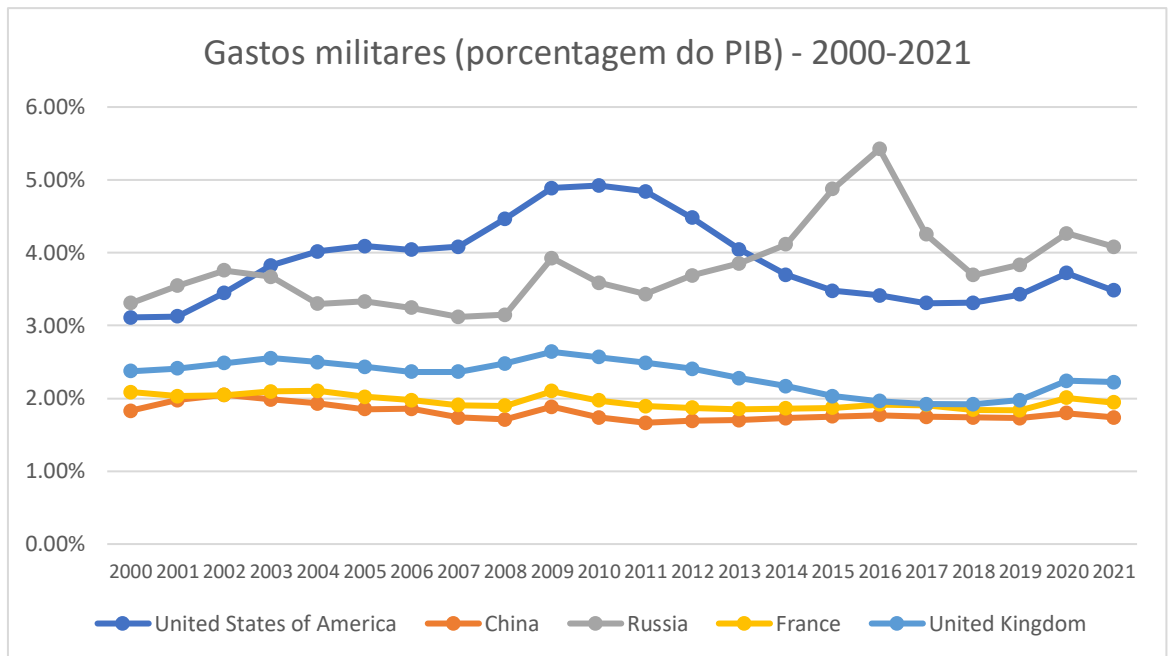
Além da matriz econômica russa de exportações e importações, a inserção internacional do Estado entre os anos de 2000 e 2008 também pode ser compreendida a partir do prisma militar, tendo em vista que grande parte do *status* de potência da Rússia baseava-se em seu arsenal nuclear herdado do período soviético. A associação entre poderio militar e gigantismo político foi forjada ainda no período monárquico europeu (PARET, 1986, p. 131), mas foram a revolução militar e a centralização política as principais responsáveis pelas grandes alterações na balança de poder do continente europeu desde então (KENNEDY, 1989, p. 75). A Rússia, nesse cenário, garantiu seu lugar junto às demais potências do continente ainda no império czarista, tendo em vista seu extenso território e seu exército no período. Durante a Guerra Fria, seu *status* de poder foi reforçado com a formação de amplo arsenal militar e nuclear em clara competição com os Estados Unidos, os quais tornaram-se uma importante herança para o novo Estado russo após 1991.

Devido a sua potência e ao seu alcance, o desenvolvimento de armas atômicas alterou as relações políticas existentes até então, as quais foram moldadas por novas concepções de ameaça não mais pautadas pela capacidade das massas (BEAUFRE, 2002, p. 60). Nesse sentido, apesar dos equipamentos convencionais relativamente desatualizados, a Rússia permanece capaz de oferecer uma ameaça a todos os países do sistema, uma vez que o poder de alcance das ogivas é suficiente para que seja um elemento de dissuasão entre os demais atores que temem tanto um primeiro ataque nuclear russo quanto sua capacidade de resposta (BEAUFRE, 2002, p. 66). Por mais que pareça improvável que qualquer país nuclearizado de fato utilize seus armamentos contra algum adversário (COLBY, 2016, p. 1), a mera possibilidade do emprego nuclear altera as relações entre os Estados, visto que a ameaça da destruição total confere aos países nuclearizados maior poder a partir dos efeitos psicológicos causados pela possibilidade da força e da violência, as quais não devem ser utilizadas. Existe, portanto, uma estabilidade nuclear entre os principais atores do sistema internacional, equilibrada por meio da ameaça mútua e do risco da liberação da ação violenta irrestrita.

Em um contexto de retomada do *status* de potência e de combate ao terror após os ataques em 11 de setembro de 2001, os gastos militares russos aumentaram no início do governo Putin como uma forma de reafirmar o poder do país no cenário internacional, bem como de se posicionar como um aliado estratégico para os Estados Unidos. O gráfico 12 representa a porcentagem do PIB destinada aos gastos militares nas 5 maiores potências do sistema entre 2000 e 2021, permitindo a rápida comparação entre os países de acordo com os dados do

*Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)*. No que tange os gastos do governo russo, percebemos o aumento da porcentagem do Produto Interno Bruto (PIB) destinada ao setor entre 2000 e 2002, justamente no período em que se iniciam as parcerias de combate ao terrorismo na Ásia Central e no Oriente Médio. Entretanto, nos demais anos dos primeiros mandatos presidenciais de Vladimir Putin, os gastos com o setor militar retornam ao patamar de aproximadamente 3% de PIB.

**Gráfico 12 - Gastos militares dos membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU (P5) em porcentagem do PIB, 2000-2021**



Fonte: base de dados do *Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)*. Disponível em: <https://milex.sipri.org/sipri>. Acesso em: 27/08/2022.

### 3.3.3 Dmitri Medvedev e o *reset*

Após completar seus primeiros dois mandatos como presidente da Federação Russa, Vladimir Putin deixa o cargo para se tornar primeiro-ministro de seu sucessor, Dmitri Medvedev. O período de 2008 a 2012 é analisado a partir de diferentes vertentes no que tange a política russa: alguns reforçam o caráter de ruptura com os anos imediatamente anteriores, com um posicionamento russo mais ocidentalista e receptivo à cooperação com os Estados Unidos e a Europa; enquanto outros analisam a partir do viés da continuidade com o primeiro

período de Putin no poder, com a manutenção dos seus objetivos e dos posicionamentos políticos. Nesse sentido, nossa análise buscará seguir uma via média entre ambas as perspectivas: embora Dmitri Medvedev tenha sido influenciado pela presença de Vladimir Putin no poder, mantendo algumas das diretrizes de política externa estabelecidas anteriormente, percebemos que tal governo buscou algum protagonismo próprio a partir de políticas como o chamado *reset*, que será abordado a seguir. Ademais, os traços de continuidade com os mandatos anteriores não necessariamente significam a permanência de Putin na tomada de decisão, uma vez que tais objetivos nacionais já haviam sido estabelecidos na década de 1990, conforme revelou a análise do Conceito de Política Externa de 1993<sup>89</sup>.

De todo modo, é possível observar a tentativa de Medvedev de estabelecer uma liderança diferente daquela proposta do Putin, com a construção de uma imagem de um presidente jovem, articulado com as mudanças tecnológicas e disposto a dialogar com o mundo ocidental de forma mais próxima (ZYGAR, 2018). Sobretudo quando pensamos no mal-estar diplomático causado pelo discurso de Vladimir Putin na Conferência de Segurança sediada em Munique, em 2007<sup>90</sup>, a chegada de um novo presidente com uma política externa mais voltada à cooperação com a Europa e os Estados Unidos pode ser compreendida como uma sinalização russa para a mudança de rumos da política internacional, reconstruindo a confiança mútua entre as grandes potências. Ademais, a chegada de Barack Obama à Casa Branca também poderia possibilitar a renovação das relações entre Moscou e Washington que haviam sido abaladas durante os anos anteriores.

É simbólico, portanto, que em 2009 a então Secretária de Estados dos EUA Hillary Clinton tenha entregado um botão vermelho com a palavra *reset* ao Ministro das Relações

---

<sup>89</sup> A comparação entre os documentos publicados em diferentes momentos da realidade política russa nos permite perceber a presença constante de alguns objetivos de política externa ao longo do tempo, independentemente do governante em cada período. Afirmar a Rússia como grande potência, manter boas relações com as ex-repúblicas soviéticas, desenvolver os sistemas democrático e capitalista e defender as instituições e o direito internacionais são alguns dos pontos mencionados em todos os Conceitos de Política Externa.

<sup>90</sup> Durante seu discurso na Conferência de Segurança em Munique, que ocorreu em 2007, o então presidente russo Vladimir Putin comentou abertamente sobre as insatisfações russas a respeito da ordem mundial vigente, sobretudo com a crítica direta às ações unilaterais dos Estados Unidos, bem como dos países europeus no que tange o espectro da segurança. Segundo Putin, “é óbvio que a expansão da OTAN não tem nenhuma relação com a modernização da Aliança ou com a garantia de segurança na Europa. Pelo contrário, ela representa uma séria provocação que reduz o nível de confiança mútua. E nós temos o direito de questionar: contra quem essa expansão é pretendida? E o que acontece com as garantias de segurança dadas pelos nossos parceiros ocidentais após a dissolução do Pacto de Varsóvia? Onde estão essas declarações hoje?” (RÚSSIA, 2007). No original: “*I think it is obvious that NATO expansion does not have any relation with the modernization of the Alliance itself or with ensuring security in Europe. On the contrary, it represents a serious provocation that reduces the level of mutual trust. And we have the right to ask: against whom is this expansion intended? And what happened to the assurances our western partners made after the dissolution of the Warsaw Pact? Where are those declarations today?*” (RÚSSIA, 2007).



Exteriores russo, Sergey Lavrov, na tentativa de dar início a um novo período de aproximação entre os dois países<sup>91</sup>. Entretanto, além de não construir uma base de apoio suficientemente forte na política interna, a imagem internacional da política externa de Medvedev foi profundamente afetada pelos conflitos com a Geórgia, a crise financeira de 2008 e a crise na Líbia, eventos que não possibilitaram o estabelecimento da Rússia como importante ator das relações internacionais. Dessa forma, o mandato presidencial de Dmitri Medvedev pode ser compreendido, ao menos em relação à política internacional, como um momento de transição do país: entre 2000 e 2008, a Rússia passava pelo processo de estabelecimento e fortalecimento das suas próprias instituições, bem como da sua economia, período que ficou marcado pelo objetivo futuro de retomar o *status* de importância do passado; em 2008, ano de inauguração de seu mandato, a Rússia já se afirma como ocupante de uma posição central, o que será aprofundado e remodelado nos mandatos seguintes de Putin.

### 3.3.3.1 O Conceito de Política Externa de 2008

Bem como os documentos analisados anteriormente, o Conceito de Política Externa de 2008 revela os objetivos nacionais a serem perseguidos pelo novo governo e a compreensão russa do sistema internacional no período. No geral, o Conceito aprovado por Dmitri Medvedev apresentou maior comprometimento russo com as instituições internacionais e com a cooperação do que comparado com os documentos de 1993 e 2000, o que pode ser decorrência do lugar de maior centralidade ocupado pela Rússia ao final da primeira década do século. Diferente do momento vivido ao longo do primeiro mandato de Vladimir Putin, a Rússia em 2008 já havia recuperado a sua potencialidade econômica com a exportação de combustíveis fósseis e participando ativamente da economia mundial a partir de arranjos políticos como o BRICS. Ainda assim, os objetivos de política externa mantinham elementos de continuidade com os governos anteriores, sobretudo no que tange a manutenção e o fortalecimento da sua soberania e integridade territorial, a afirmação de Moscou com centro influente e a promoção do potencial intelectual, político, econômico e espiritual da nação russa (RÚSSIA, 2008).

Além da substituição da menção de objetivos futuros para uma afirmação em relação ao *status* de centralidade ocupado pela Rússia no sistema internacional, o texto de 2008 também

---

<sup>91</sup> Embora o objetivo das partes tenha sido criar um momento simbólico de aproximação entre os Estados, a palavra *reset* (reinício) foi escrita de forma equivocada em russo, sendo na realidade substituída por *overload* (sobrecarga). Nesse sentido, o simbolismo de maiores laços entre Estados Unidos e Rússia se transformou em um elemento controverso à medida em que reforçava a permanente tensão entre os países.

revela um caráter de disputa civilizacional nascente, contestando a ideia de um mundo pós-ocidental (STUENKEL, 2018) baseado em um sistema de valores que diferia daquele compreendido como o “tradicionalmente russo”:

É a primeira vez que, na história contemporânea, a competição global está adquirindo uma dimensão civilizacional que sugere uma competição entre diferentes sistemas de valores e modelos dentro de um enquadramento de princípios universais de democracia e economia de mercado. [...] *A reação às possibilidades de perda pelo Ocidente histórico do seu monopólio nos processos globais encontra sua expressão, em particular, na política psicológica contínua de “conter” a Rússia*, incluindo o uso de abordagens seletivas da história, para esses propósitos, em relação à Segunda Guerra Mundial e ao período pós-guerra. (RÚSSIA, 2008, *grifo nosso*).

Ao mencionar as reiteradas tentativas ocidentais de contenção do Estado russo, o Kremlin parece demonstrar, de forma clara, o seu ressentimento quanto às políticas despendidas contra si desde o final da Guerra Fria, por meio das quais a inclusão russa no sistema internacional enquanto um parceiro preferencial do Ocidente não foi posta como uma prioridade. Tal descontentamento com a política internacional no período também aparece em críticas à expansão da OTAN no Leste Europeu, a qual foi responsável por recriar linhas divisórias no continente europeu no pós-Guerra Fria (RÚSSIA, 2008) e impedir o estabelecimento de relações estáveis, pragmáticas e previsíveis entre as partes. Nesse sentido, o Conceito de Política Externa de 2008 é uma continuidade dos documentos publicados anteriormente, na medida em que repete os objetivos nacionais a serem perseguidos pela Federação Russa, bem como suas insatisfações com a ordem vigente. A inovação em relação ao passado é o posicionamento mais incisivo em relação à própria autopercepção russa naquela realidade política, sobretudo em virtude do crescimento econômico promovido na primeira década do século XXI.

### **3.4 Conclusões do capítulo: o ressentimento russo**

Ao longo deste capítulo, procuramos discutir sobre os primeiros governos democraticamente eleitos na Rússia e os desafios encontrados por eles tanto no cenário doméstico quanto no internacional. Após o traumático período vivenciado na década de 1990, na qual o sistema soviético entrou em colapso e o governo de Boris Yeltsin não foi capaz de garantir à Rússia um espaço privilegiado nas relações internacionais, Moscou experienciou graves crises econômica, política e social que foram igualmente responsáveis por uma quarta crise no campo da identidade nacional. Desde o início da década de 1990, a autoimagem que

os russos tinham de si, bem como a sua representação internacional, passaram a ser questionadas devido às intensas transformações na realidade material.

Os primeiros oito anos de governo de Vladimir Putin tiveram como objetivo central a reemergência da Rússia no sistema internacional por meio de reformas econômicas e inserção nos mercados globalizados, reforma política com a consequente centralização do poder, reforma social com o objetivo de melhorar a condição de vida da população, e reforma na política externa, com o estabelecimento de objetivos nacionais tanto no seu estrangeiro próximo quanto em relação às demais grandes potências (VAN HERPEN, 2013, p. 9). No geral, pudemos mostrar que os objetivos estabelecidos no Conceito de Política Externa de 2000 foram atingidos, uma vez que a Rússia buscou ativamente a sua reinserção internacional como grande potência a partir da instrumentalização do setor energético e da agência diplomática do próprio presidente. Embora não fosse uma criação de seu governo, foi também nos primeiros mandatos como presidente de Putin que a proteção da população russa nas antigas repúblicas soviéticas aparece como uma prioridade nacional, o que futuramente seria transformada na instrumentalização do chamado “mundo russo”.

Nesse sentido, o status do país em 2008 era completamente diferente daquele de 2000. Após oito anos de política ativa, eram poucos os questionamentos sobre o lugar ocupado pela Rússia no sistema internacional, processo que é refletido a partir da autopercepção do Estado que aparece de forma mais assertiva no Conceito de Política Externa publicado em 2008, aprovado pelo então presidente Dmitri Medvedev. O novo governo, por outro lado, apresentou dificuldades em sustentar o *status* russo no sistema internacional tanto por razões externas – a crise econômica de 2008, por exemplo – quanto por questões domésticas – a presença de Vladimir Putin como primeiro-ministro é muitas vezes retratada como um elemento de conflito entre os objetivos do ex-presidente e de Medvedev para o futuro do país. Nesse sentido, durante o governo de 2008 a 2012 foi aprofundado um conjunto de ressentimentos relacionados à percepção externa que os demais países tinham da Rússia, muitas vezes não a reconhecendo a partir de uma relação entre iguais (o que teve como fator contribuinte a própria imagem do líder naquele momento, que se distanciava daquela promovida anteriormente por Putin na tentativa de se aproximar dos modelos ocidentais de governo).

O retorno de Vladimir Putin à presidência da Federação em 2012, portanto, pode ser compreendido como um momento de consolidação de ideias e tendências preexistentes e de radicalização do seu regime a partir do aprofundamento de políticas e discursos nacionalistas, repressão da oposição, cerceamento das liberdades e maior agressividade na política externa (VAN HERPEN, 2013, p. 5), dando início ao chamado “Putinismo”:

Putinismo é um sistema político híbrido e completamente novo, que combina elementos do fascismo clássico (*interbellum*) com o mais antigo, Bonapartismo proto-fascista, e moderno, populismo do século XXI. Esse sistema híbrido combina elementos modernos e pré-modernos. Ele combina repressão interna com a adoção de uma avançada economia capitalista globalizada. Se declara uma democracia moderna com um sistema partidário funcional, mas na realidade privatizou a esfera política, estabelecendo o monopólio de poder de um partido único a serviço de um clã. Prega ser uma “ditadura da lei”, mas se coloca acima da lei. Declara respeitar o direito internacional, mas escapa as regras elementares do direito internacional ao exercer bullying com seus vizinhos, invadir um Estado vizinho e desmembrá-lo. Declara que seus objetivos são de modernizar o país, mas os dois ingredientes principais de um país moderno, liberdade política e alternância de poder, estão ausentes. (VAN HERPEN, 2013, p. 8).<sup>92</sup>

A partir da definição de Van Herpen (2013) sobre o segundo momento de governo Putin, é possível dizer que se dá início a um novo modelo político na Rússia, cujas bases principais são a radicalização nacionalista, a concentração de poder e a redefinição da autoimagem internacional do país, modelo este que serviria de inspiração para diversos grupos da vertente da direita radical e extrema-direita na Europa que emergiam naquele momento. A alternativa populista e autocrática oferecida por Vladimir Putin a partir de 2012, frente ao discurso liberal-democrático característico dos governos ocidentais, será compreendida aqui não apenas como uma mudança de comportamento do governo russo, mas sobretudo como uma mudança na sua própria identidade estatal frente ao contexto latente de transformações e questionamentos que se impunha no início da década de 2010. O reinício da Era Putin em 2012 seria marcado, sobretudo, pela mobilização do crescente ressentimento russo que buscamos retomar ao longo deste capítulo, cujas origens recaem não apenas no colapso soviético, mas principalmente na não-inclusão da Rússia no sistema internacional tal qual esperado pelo Kremlin naquele período.

Dessa forma, buscaremos analisar as narrativas que marcaram o momento de radicalização do regime Putin como forma de identificar as mudanças na autopercepção e na projeção internacional da Rússia. Tais discursos serão representativos para a mudança da política externa como indício de uma mudança de identidade, visto que as decisões promovidas

---

<sup>92</sup> No original: “*Putinism is rather a totally new, hybrid political system that combines elements of classical (interbellum) fascism with older, Bonapartist proto-fascism, and modern, twenty-first century populism. This hybrid system combines pre-modern and modern features. It combines internal repression with the adoption of the advanced globalized capitalist economy. It claims to be a modern democracy with a functioning multi-party system, but has in fact privatized the political sphere, establishing the power monopoly of a single political party in the service of a clan. It preaches “the dictatorship of the law,” but puts itself above the law. It claims to respect international law, but breaches the elementary rules of international law by bullying its neighbors, invading a neighboring country, and dismembering it. It declares that its objective is to modernize the country, but two essential ingredients of a modern country, political freedom, and the alternation of power, are absent.*” (VAN HERPEN, 2013, p. 8).

pelo Kremlin são, de acordo com nosso argumento, motivadas pelo elemento central de promoção da Rússia como uma grande potência no sistema internacional. Tendo em vista que tal *status* não teria sido garantido por meio da mimetização ocidental – promoção da democracia, da economia de mercado e dos ideais liberais – o governo russo decide, a partir de 2012, alterar a rota das suas próprias políticas externa e doméstica como forma de alcançar seus interesses e objetivos nacionais (GUZZINI, 2020, p. 147). Nesse sentido, o período de 2012 a 2020 – sobre a qual nos debruçaremos a seguir - torna-se um interessante objeto de estudo para a compreensão não apenas da identidade russa, mas também da própria ordem mundial no pós-Guerra Fria e seus recentes questionamentos.

## 4 A PROJEÇÃO INTERNACIONAL RUSSA POR MEIO DO CLUBE VALDAI

### 4.1 Introdução

Os anos analisados nos capítulos anteriores demonstram um momento de significativa vulnerabilidade russa frente às demais potências do sistema internacional, sobretudo no início da década de 1990 em que ocorria a reorganização das suas estruturas econômica, política e social. Embora a chegada de Vladimir Putin à presidência da Federação em 2000 possa ser considerada um ponto de inflexão na política russa, o qual significaria o início de uma nova era de crescimento não apenas da economia nacional, mas também da sua importância política entre os grandes tomadores de decisão no mundo, tal evento não significou necessariamente uma mudança de rumos na política externa russa. Buscamos demonstrar que, de acordo com a publicação dos Conceitos de Política Externa em 1993 e 2000, os objetivos regionais e globais da Federação Russa pouco mudaram com a transição de governo em 2000, o que pode ser compreendido como a permanência de interesses mais perenes na própria história russa, tal qual a vontade de se estabelecer enquanto uma grande potência no continente<sup>93</sup>.

De todo modo, a afirmação da identidade nacional de potência só foi alcançada durante os primeiros mandatos presidenciais de Putin, que coincidiram com um cenário internacional favorável ao seu crescimento – sobretudo devido ao aumento dos preços das *commodities*. A estabilização econômica, após o enfrentamento de uma crise tríplice nos anos 1990, permitiu que a Rússia buscasse consolidar o seu projeto político internacional e passasse a confrontar mais ativamente algumas das ações dos países ocidentais, principalmente aquelas relacionadas à expansão da OTAN rumo às ex-repúblicas soviéticas. Embora as relações da Rússia com o Ocidente não tenham sido estáveis ao longo dos primeiros oito anos de governo Putin, variando entre momentos de aproximação e questionamento, é possível dizer que nesse período havia um vácuo ideológico na política russa, a qual era mais pragmática e *interest-driven* em relação

---

<sup>93</sup> Segundo Richard Sakwa, “a política externa russa passou por quatro estágios principais: o entusiástico *Atlanticismo* no início dos anos 1990; a ênfase mais cética na multipolaridade e no retorno a um tipo de *coexistência competitiva pacífica* ao final dos anos 1990; o *novo realismo* de Putin nos anos 2000, que buscou novamente estabelecer uma relação efetiva com o sistema atlântico mas se tornou um período de crescente alienação; culminando na quarta fase a partir de 2012, *neo-revisionismo*, uma retração sustentada contra as práticas hegemônicas ocidentais, se não mesmo contrária aos valores que as sustentam” (SAKWA, 2018, p. 9-10, *tradução nossa*). No original: “[...] *Russian foreign policy went through four main stages: the enthusiastic Atlanticism on the early 1990s; the more skeptical emphasis on multipolarity and the return to a type of competitive peaceful coexistence in the late 1990s; Putin’s new realism of the 2000s, which sought once again to establish an effective relationship with the Atlantic system but became a period of increased alienation; culminating in the fourth phase from 2012, neo-revisionism, a sustained pushback against Western hegemonic practices, if not against the values that sustain them.*” (SAKWA, 2018, p. 9-10).

às suas parcerias globais (TSYGANKOV, 2006, p. 1081). A aproximação com os países ocidentais, sobretudo os Estados Unidos, ocorreu não devido à mudança de posição russa e da sua autopercepção no mundo, mas a partir da necessidade interna de abandonar o estigma passado e construir uma nova identidade para o Estado. Tal cenário é mantido entre 2008 e 2012 sob o governo de Dmitri Medvedev que, embora tenha buscado uma maior aproximação com os Estados Unidos e a Europa, manteve os objetivos de política externa de seus sucessores em relação à autopercepção russa enquanto uma grande potência em ascensão.

O ano de 2012, portanto, pode ser analisado como um marco para as relações entre a Rússia e o Ocidente<sup>94</sup> (SAKWA, 2018, p. 8), tendo em vista a retomada de narrativas nacionalistas e messiânicas por parte do Kremlin que, combinadas com uma postura mais agressiva de sua política externa, evidenciam a busca pela reafirmação da Rússia como uma potência no sistema internacional a partir do questionamento mais direto sobre a ordem mundial vigente. A relação disfuncional entre Moscou e os países ocidentais nos anos 1990 foi gradualmente substituída por uma política incisiva – interpretada como sinal de agressividade – na tentativa de renegociar os termos do posicionamento russo. Dessa forma, o presente capítulo tem por objetivo analisar o período entre 2012 e 2020 na Rússia, identificando quais os fatores de mudança e de continuidade com os momentos anteriores em termos de comportamento de política externa.

A partir da combinação entre a análise histórica e análise de conteúdo, buscaremos compreender as origens da mudança de comportamento russo frente aos demais países, e em que medida ela representa ou não uma reconstrução da identificação estatal. Tais mudanças podem ser originadas tanto a partir dos membros do governo enquanto representantes “oficiais” dos chamados “interesses nacionais russos”, quanto de membros da sociedade capazes de influenciar a tomada de decisão em política externa, como participantes dos chamados *think tanks*. Dessa forma, partiremos da concepção de que *think tanks* são centros de reflexão politicamente orientada, que detêm influência a partir da promoção de ideias e pesquisas sobre políticas públicas (HAUCK, 2017, p. 2). Neste capítulo, observaremos a atuação do Clube Valdai de Discussão Internacional no período de 2014 a 2020<sup>95</sup>, a partir da publicação de *papers*

---

<sup>94</sup> É preciso deixar claro, entretanto, que o retorno de Vladimir Putin à presidência da Federação Russa em 2012 não consistiu necessariamente em um momento de ruptura com os governos anteriores, tendo em vista que as ideias e as autoimagens promovidas nesse período já existiam anteriormente entre a sociedade russa. Ainda sim, é possível utilizar essa data como um marco temporal nas relações entre a Rússia e o Ocidente como uma forma de simplificação analítica, uma vez que em tal ano ocorreu a troca de direção no Kremlin e, portanto, o início de um novo governo.

<sup>95</sup> Embora nosso escopo geral de análise seja de 2012 a 2020, momento que compreender os terceiro e quarto mandatos presidenciais de Vladimir Putin, nossa análise de conteúdo referente ao Clube Valdai se limita ao período

escritos por acadêmicos vinculados e convidados, cujos temas centrais abordam as grandes preocupações e tendências da política externa russa.

#### **4.2 2012: o retorno de Vladimir Putin à presidência**

As eleições de 2012 na Rússia, que tiveram como resultado o retorno de Vladimir Putin ao cargo de presidente da Federação após quatro anos como Primeiro-Ministro, deram início a um governo mais nacionalista, muitas vezes interpretado como radical em seus posicionamentos. Ao longo do presente trabalho, argumentamos que a partir de 2012 são observadas mudanças de comportamento tanto da política externa quanto doméstica na Rússia, momento em que a “Era Putin” se torna mais ideológica e menos pragmática a partir da defesa dos chamados “interesses nacionais” em toda a região de seu estrangeiro próximo, bem como a partir de uma confrontação mais direta com os países ocidentais. Comparado com as eleições de 2008, Putin recebeu menos votos do que o antecessor Dmitri Medvedev, o que pode evidenciar um menor apoio ao seu projeto de visão nacional (CSPP, 2022). Ademais, a organização não-governamental norte-americana *Freedom House*<sup>96</sup> passou a classificar o país como “não-livre” (FREEDOM HOUSE, 2022), uma vez que o retorno de Putin à presidência teria significado a inauguração de um período de repressão acelerada, restrições às iniciativas da sociedade civil, aprofundamento da marginalização dos grupos de oposição, intensificação do controle sobre a internet e a classificação de instituições estrangeiras como “agentes estrangeiros” como forma de elevar a desconfiança doméstica sobre esses atores. Todavia, embora a radicalização tenha ocorrido de forma mais institucionalizada a partir de 2012, tais ideias já estavam presentes na sociedade russa.

Atualmente, o relatório da *Freedom House* considera a Rússia como um “regime autoritário consolidado” (FREEDOM HOUSE, 2022), o que evidencia o seu afastamento não

---

entre 2014 e 2020, tendo em vista que a publicação dos *Valdai Papers* tem início apenas nessa data. Entretanto, não vemos a ausência de *papers* de 2012 e 2013 como um problema para a nossa análise, uma vez que as relações conflituosas com os países ocidentais se intensificam justamente a partir do ano de 2014 com o Euromaidan e a posterior anexação da Crimeia por parte da Rússia. Como forma de cobrir os dois anos ausentes na análise de conteúdo, realizamos uma análise qualitativa e histórica do período e seus acontecimentos centrais.

<sup>96</sup> A *Freedom House* é uma organização sem fins lucrativos sediada em Washington, fundada em 1941. Suas pesquisas e publicações têm por objetivo a defesa de valores liberais como a democracia, a autodeterminação dos povos, os direitos humanos, a liberdade de expressão e o estado de direito. Dessa forma, é possível afirmar que a instituição está alinhada aos princípios promovidos pelo bloco de países ocidentais, assumindo posturas críticas em relação às formas de governo que não se alinham com aquelas dos Estados Unidos e dos países europeus, por exemplo. Apesar de ser, portanto, uma instituição com um viés claro, a consideramos relevante para a presente análise uma vez que evidencia uma visão ocidental sobre os processos políticos da Rússia, sobretudo o chamado endurecimento das políticas do governo Putin.



apenas das relações com os países ocidentais, mas também das próprias instituições e ideias defendidas por eles. As várias manifestações sociais contrárias ao governo russo em 2012 evidenciam a tendência generalizada de insatisfação e instabilidade com o retorno do antigo regime (IOFFE, 2012), o que pode ter provocado o endurecimento das políticas repressivas do Kremlin que se consolidariam nos anos seguintes. A imagem que os demais países do sistema internacional tinham sobre a Rússia, entretanto, apenas se deteriora ao longo dos anos seguintes a partir do envolvimento de Moscou na guerra na Síria, na Ucrânia – com posterior anexação da Crimeia - e na Bielorrússia, bem como a partir de eventos domésticos como as reformas constitucionais realizadas em 2020, que incluiu reformas no gabinete com a adesão de figuras mais nacionalistas e radicais. Tais eventos, embora não sejam os únicos, podem exemplificar o processo de deterioração das relações com os países ocidentais, os quais passam a considerar a Rússia como uma ameaça ao invés de um parceiro estratégico. Dessa forma, a Rússia de 2012 não era a mesma Rússia que participou da luta ao terror em 2001<sup>97</sup> junto aos Estados Unidos, nem mesmo a Rússia que aceitou a política do *reset* em 2008.

É possível observar, dessa forma, o estabelecimento de um cenário de co-constituição das identidades russa e ocidental em relação uma à outra: ao mesmo tempo em que aumenta a percepção de Moscou de que o Ocidente não foi capaz de acomodar seus interesses políticos e econômicos, o que criaria a necessidade de um reposicionamento mais incisivo da sua política externa; aumenta, entre os países ocidentais, a percepção de que os russos se tornam uma ameaça à estabilidade regional ao assumirem uma política externa agressiva, a qual demandaria um posicionamento mais duro e condenador<sup>98</sup>. Da mesma forma, havendo a percepção ocidental de que a Rússia constitui uma ameaça para a sua própria segurança, os russos reagem a partir de uma política mais nacionalista e conservadora. Embora a evolução dos laços com os países ocidentais – e da noção de ameaça gerada por eles – possa ser um dos fatores explicativos para a mudança de comportamento internacional russo, torna-se igualmente necessário considerar as condições econômicas que permitiram a maior assertividade de Moscou entre seus parceiros, uma vez que 2012 foi marcado pelo aumento vertiginoso do preço das *commodities*, incluindo as energéticas (FOLHA DE S. PAULO, 2012; PARIZ, 2013).

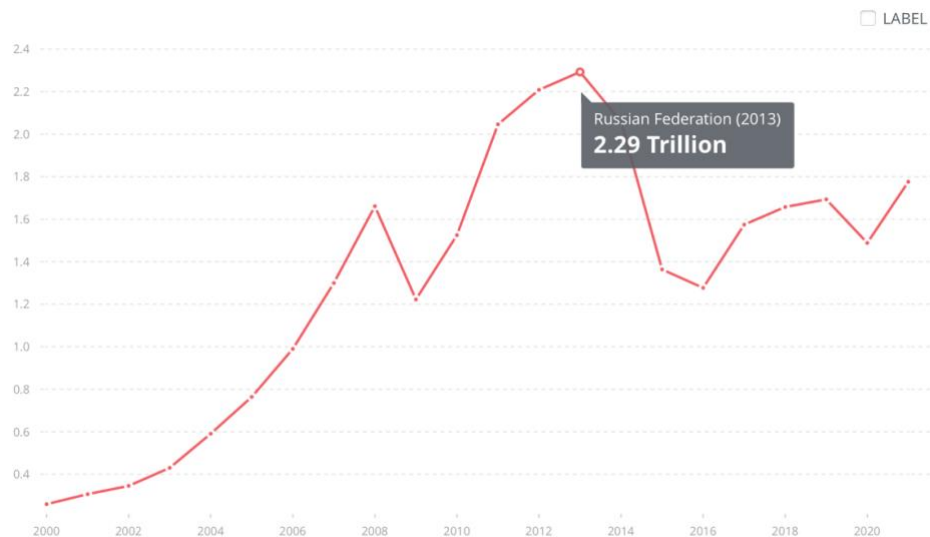
---

<sup>97</sup> A atuação conjunta entre Rússia e Estados Unidos após os atentados terroristas em 11 de setembro de 2001 pode ser classificada como um momento de cooperação estratégica entre os países, uma vez que a Rússia oferece seu apoio militar e seu espaço aéreo para a chamada “guerra ao terror” proposta por George Bush. Posteriormente, poucos são os eventos em que as duas grandes potências se alinharam dessa maneira, principalmente em assuntos ligados à segurança internacional.

<sup>98</sup> Tal visão de desconfiança em relação às escolhas de política externa russa já esteve presente em outros momentos anteriores ao retorno de Vladimir Putin à presidência, como durante as guerras na Chechênia e a intervenção na Geórgia em 2008.

O enriquecimento russo no mercado internacional de venda de energia permitiu que o presidente Putin redesenhasse os rumos de sua nação, dando início a um período que consideraremos como a “reemergência” da Rússia no sistema internacional, o que pode ser observado no gráfico 13 sobre o PIB total do país em dólares americanos que alcançou seu ápice em 2013 (2,29 trilhões de dólares). A partir de dados do Banco Mundial, no período de 2000 a 2020, compreendemos que o mercado internacional favorável às exportações de petróleo e gás natural permitiu que a Rússia passasse a exercer uma política energética de forma mais ativa no continente europeu, inclusive instrumentalizando o setor em detrimento dos seus interesses de política externa (ALBUQUERQUE, PACHECO, LEITE & FUCCILLE, 2021).

**Gráfico 13 - PIB total da Federação Russa (US\$)**



Fonte: Banco Mundial. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/russian-federation>. Acesso em: 06/11/2022.

Por outro lado, é interessante notar que, embora exista um claro cenário de contestação – e por vezes de confronto indireto – entre a Rússia e o Ocidente nesse período, não houve também um amplo questionamento da ordem internacional liberal por parte das elites políticas russas, as quais não assumem uma posição anti-liberal *a priori* uma vez que reconhecem que o reerguimento russo como grande potência só foi possível dentro deste sistema de normas, instituições e valores (CLUNAN, 2018, p. 47). Ainda assim, apesar de serem latentes as clivagens entre a Rússia e o Ocidente a respeito de temas como os direitos humanos e segurança, não está clara a existência de qualquer vontade, por parte do Kremlin, de promover uma

alternativa de ordem mundial anti-liberal (CLUNAN, 2018, p. 50) capaz de substituir a ordem do mundo pós-americano (STUENKEL, 2018).

### 4.3 As prioridades da política externa russa: uma análise do Clube Valdai

Para a melhor compreensão da mudança de comportamento – e de identificação – da Rússia no período de 2012 a 2020, torna-se importante a análise da atuação russa no sistema internacional, bem como da divulgação de seus interesses em termos globais e regionais. Embora a análise direta dos discursos presidenciais seja um caminho muito explorado por pesquisadores na tentativa de compreender os interesses nacionais e de determinado governo em um dado período, optamos por seguir uma metodologia de pesquisa diferente, não nos concentrando apenas nas declarações oficiais produzidas pelo Kremlin, mas também observando as produções de outros atores. Como forma de explorar os objetivos russos nos terceiro e quarto mandatos presidenciais de Vladimir Putin, bem como suas visões de mundo e percepções de ameaça aos interesses da nação, analisaremos os *papers* publicados pelo Clube Valdai de Discussão Internacional, um *think tank* com origens próximas ao governo russo.

O Clube Valdai foi fundado em 2004 por quatro grandes instituições educacionais russas: *Council on Foreign and Defense Policy* (CFDP), *Russian International Affairs Council* (RIAC), *Moscow State Institute of International Relations of the Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation* (Universidade MGIMO) e *National Research University Higher School of Economics*, com o objetivo inicial de “falar sobre a Rússia para o mundo” (VALDAI, 2022). Tal objetivo foi alterado a partir de 2014, ano em que o clube passou a produzir relatórios com o intuito de “formar uma agenda global e fornecer uma avaliação qualificada e objetiva de questões políticas e econômicas globais” (VALDAI, 2022). Dessa forma, o clube se torna um importante ator a ser analisado devido ao alinhamento de sua trajetória com aquela percorrida pelos tomadores de decisão no Kremlin, uma vez que, inicialmente, o objetivo de ambos era promover a maior integração da Rússia no sistema internacional a partir da apresentação da imagem de um novo país e da construção de relações de confiança mútua, e posteriormente o objetivo é transformado na tentativa russa de tomar para si um papel de liderança global e se afirmar enquanto grande potência.

Segundo Juliana Hauck, *think tanks* são essencialmente “focados em influenciar o processo político, tanto direta quanto indiretamente, com *expertise* e ideias relacionadas às políticas públicas que promovem junto de suas audiências visadas” (HAUCK, 2017, p. 16,

tradução nossa)<sup>99</sup>. Nesse sentido, não seria possível compreender tais grupos como “pontes neutras entre a academia e a política” (LADI; LAZAROU & HAUCK, 2017, p. 236), uma vez que são agentes cuja atuação pode promover mudanças políticas através da promoção de discursos e ideias. No caso do Clube Valdai, a participação recorrente de membros do governo russo em eventos do grupo seria apenas um dos indícios de sua não-neutralidade. Entretanto, a análise de documentos formulados por pesquisadores convidados poderia contrabalançar o possível viés pró-Kremlin existente no Valdai, uma vez que tais especialistas não apresentam vínculo direto com o Clube<sup>100</sup>. De toda forma, os *papers* serão compreendidos como amostras do pensamento político russo, uma vez que discutem temas relevantes para os tomadores de decisão no Kremlin.

Ademais, a estrutura de rede transnacional construída pelos membros do clube nos permite dizer que este *think tank* constitui uma comunidade epistêmica para a qual as ideias e o conhecimento são compreendidos como fonte de poder. Comunidades epistêmicas são redes de profissionais unidos por uma ideologia (união entre crenças normativas e causais), a partir da qual emerge uma alegação de autoridade sobre o conhecimento (HAAS, 1992). Em sua maioria, as comunidades epistêmicas buscam influenciar políticas públicas e apresentam maior influência em períodos de crise, choques externos e eventos em que a incerteza prevalece, momentos em que os *policy-makers* normalmente recorrem àqueles que produzem análises científicas e técnicas como forma de buscar uma solução. Sua grande limitação consiste na falta de imunidade à influência política na definição de quais serão os conhecimentos considerados *mainstream* em determinados momentos, cenário que pode ser observado no caso do Clube Valdai na medida em que seus eventos contam com a presença recorrentes de membros da elite política russa.

Embora tenha sido criado por instituições universitárias em 2004, o clube conta com a colaboração de diversos nomes influentes na política russa e internacional, como a própria participação recorrente de Vladimir Putin nos encontros anuais do *think tank*. Dessa forma, o Clube Valdai é visto no Ocidente como um esforço de propaganda russo a partir da

---

<sup>99</sup> No original: “[...] focused on influencing the political process, either directly or indirectly, with expertise and ideas related to public policies which they promote along with their target audiences.” (HAUCK, 2017, p. 16).

<sup>100</sup> Os documentos chamados de *Valdai Papers* são formulados por pesquisadores convidados e membros do Valdai, os quais realizam análises sobre temas relevantes tanto a partir da perspectiva russa quanto para o próprio sistema internacional. Embora tais publicações reflitam os posicionamentos de seus autores, e não necessariamente do clube, compreendemos que existe uma aceitação do Clube Valdai sobre as ideias compartilhadas. Estas, por sua vez, cumprem um papel duplo: ao mesmo tempo em que exploram as autoimagens russas e as exportam para os demais países, também levam para a sociedade russa as tendências e discussões internacionais. Tais publicações se tornam, em última instância, um meio de compartilhamento de ideias.

disseminação de conhecimentos produzidos a partir de visões nacionalistas sobre a ordem internacional ou como uma fonte de *soft power* do Kremlin (VAN HERPEN, 2016), tornando-se um importante elemento de compreensão das visões de mundo produzidas e disseminadas pelos russos nos últimos anos. A partir das informações disponíveis do próprio site da instituição, analisaremos o conteúdo dos *Valdai Papers* publicados a partir de outubro de 2014, momento em que o objetivo central do clube passa a ser se tornar uma fonte russa de *agenda setting* no sistema internacional, o que evidencia a autopercepção do país enquanto detentor de um *status* de centralidade nas relações internacionais. Embora os *reports* divulgados desde 2009 sejam igualmente interessantes e importantes, não nos debruçaremos sobre eles tendo em vista que abarcam um período de formação da identidade russa em sua reemergência, o qual já foi tangenciado no capítulo anterior. Nos concentraremos, portanto, no período de mudança do comportamento da Rússia frente aos demais países.

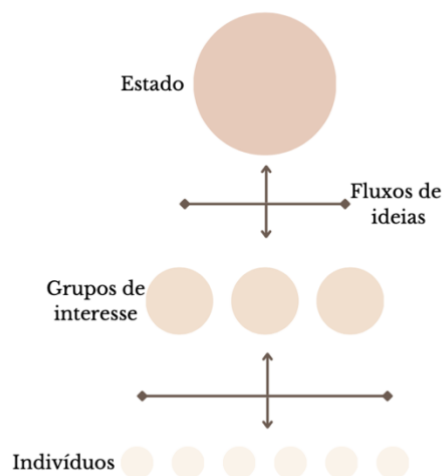
Como ressaltamos no primeiro capítulo, a formação da identidade do Estado depende do papel central exercido pelas ideias (WENDT, 1998), as quais são capazes de moldar tanto a autopercepção do país, quanto a sua projeção internacional (GUZZINI, 2020). Entretanto, as ideias não são o único elemento constitutivo da identificação nacional. O processo de construção de identidades – ou reconstrução, como procuramos demonstrar no caso da Rússia pós-soviética – depende da interação entre ideias e forças materiais, as quais não estão separadas fenomenologicamente (GOLDSTEIN & KEOHANE, 1993, p. 26). No capítulo anterior, buscamos detalhar as condições materiais russas a partir de 2000, momento em que seu crescimento econômico e seu investimento no setor militar possibilitaram que o país adquirisse maior protagonismo internacional. Esse processo, em conjunto com a produção e a reciclagem de ideias a respeito da sua “vocação de potência”, permitiu o início da reconstrução da identidade russa no sistema internacional. Segundo Keohane:

O importante é como as ideias e as capacidades materiais se misturam. As ideias desempenham um papel instrumental, ligando as preferências sobre os Estados do mundo com as estratégias. Mas elas também, como argumenta Wendt, constituem interesses, tornando significativos os objetivos potenciais particulares e tornando os outros menos consequentes. No nível geral, é claro que ambos os mecanismos podem operar. A questão interessante, então, não é se as ideias “importam”, muito menos se importam mais do que interesses materiais, mas “como” elas importam. (KEOHANE, 2000, p. 129, *tradução nossa*).<sup>101</sup>

<sup>101</sup> No original: “What is important is how ideas and material capabilities intermingle. Ideas do play an instrumental role, linking preferences about states of the world with strategies. But they also, as Wendt argues, constitute interests, by making particular potential objectives meaningful and rendering others less consequential. At the general level, it is clear that both mechanisms can operate. The interesting question, then, is not whether ideas ‘matter’, much less whether they matter more than material interests, but ‘how’ they matter.” (KEOHANE, 2000, p. 129).

Dessa forma, o cenário que possibilitou a reemergência da Rússia no sistema internacional combina tanto o seu crescimento e sua reorganização econômica após a década de 1990, quanto a retomada de narrativas que colocavam os russos como ocupantes de um papel central na tomada de decisão internacional. Apesar de reconhecermos a importância da análise sobre as capacidades materiais do país no período mencionado, nos limitaremos a uma observação superficial como a realizada no capítulo 2, para que nos concentremos na exploração das ideias promovidas pelo Clube Valdai e pelo Kremlin na tentativa de reforçar a sua identidade frente aos demais Estados. Conforme esquematizado de forma simplificada na ilustração 14, compreendemos que as ideias consideradas *mainstream* percorrem um fluxo entre as estruturas de poder de uma sociedade, originando-se entre os indivíduos, ganhando força e notoriedade entre grupos de interesse, até alcançar os tomadores de decisão que representam os interesses do Estado. O mesmo processo pode acontecer de forma inversa, tendo origem entre as elites políticas até chegar aos indivíduos e influenciar/moldar seus comportamentos.

#### Ilustração 14 - Fluxo de ideias em escala nacional



Fonte: elaboração própria.

Embora o Clube Valdai tenha posicionamentos próximos àquele defendido pelo Kremlin, seus membros não constituem parte formativa do grupo de tomadores de decisão na Rússia, mas sim exercem uma posição de influência sobre eles ao mesmo tempo em que também são influenciados (ademais, ressaltamos que grande parte dos *papers* foram escritos por pesquisadores convidados, muitos deles de origens ocidentais). Levando isso em consideração, nossa análise sobre a reconstrução da identidade russa a partir de 2012 acontecerá

da seguinte forma: o foco central será a compreensão da influência doméstica e internacional promovida por um grande *think tank* russo, que se torna não apenas um representante, mas também um exportador das próprias autopercepções e projeção internacional do Estado. A partir da leitura dos *Valdai Papers* publicados desde 2014, traçamos os principais assuntos de interesse da política externa russa e realizaremos uma análise quantitativa e qualitativa dos documentos. Posteriormente, os resultados encontrados serão comparados com os discursos presidenciais de Vladimir Putin (representando o Estado) nos encontros anuais do Clube Valdai; e nossa expectativa é observar o compartilhamento de ideias entre a projeção internacional da Rússia e a sua autoimagem estatal.

#### 4.3.1 *Valdai Papers*: análise quantitativa

A partir dos documentos disponíveis na própria plataforma *online* da instituição, realizamos uma análise – primeiro qualitativa e depois quantitativa - dos 113 documentos *papers* publicados entre outubro de 2014 e julho de 2020, bem como das seis edições especiais emitidas ao longo desses anos. Consideramos que a importância de tais publicações recai sobre o seu caráter de divulgação não apenas da imagem da Rússia para o restante do mundo, mas também dos principais temas de interesse de política externa do país em um momento em que, como mencionado anteriormente, observamos uma mudança de comportamento e de identidade promovidos pelo Kremlin. Nossa análise consistirá, portanto, em um universo de 121 documentos de posição abertos ao público, os quais serão posteriormente comparados com discursos de Vladimir Putin realizados nos encontros anuais do Valdai.

Utilizamos a seguinte estratégia empírica ao longo da pesquisa: a) ao partirmos do pressuposto de uma ontologia de que o discurso constrói a realidade social, procuramos capturar a realidade social da identidade russa por meio de uma análise de conteúdo dos documentos mencionados, com o objetivo de mapear a persistência de alguns temas e conceitos que classificaremos como fonte de continuidade, mudança ou ruptura com os períodos anteriores da análise; b) replicamos a classificação utilizada para a análise dos Conceitos de Política Externa abordados anteriormente a partir da divisão do texto entre os temas gerais *Ocidente*, *OTAN*, *Identidade/Status*, *Valores Liberais e Instituições*, *Democracia*, *Desenvolvimento econômico e social*, *Ordem Mundial*, *Interesses Nacionais*, *(In)segurança física*, *(In)segurança ontológica*, *Mundo Russo*, *Ásia*, *Oriente Médio*, *América Latina e África*; c) empregamos o *software* MAXQDA para a codificação dos documentos; d) utilizamos os parágrafos como unidades de análise, com a possibilidade de até dois códigos por segmento, tendo em vista nosso

objetivo de identificar os temas mais relevantes no período analisado; e) extraímos elementos visuais do MAXQDA a partir da codificação dos *papers* publicados ao longo dos anos de 2014 e 2020, com o intuito de identificar tendências e prioridades da política externa russa. Consideramos importante, portanto, justificar e elucidar a escolha dos códigos:

- 1- *Ocidente*: conforme buscamos apresentar nos capítulos anteriores, a ideia de Ocidente é um fator historicamente importante para a formação da identidade russa, tendo em vista o permanente nexos entre inspiração e mimetismo enfrentado pelos tomadores de decisão russos. Compreendemos como parte do código *Ocidente* as menções aos Estados Unidos e aos países europeus, não sendo relevante o teor qualitativo delas.
  - a. *OTAN*: como um subcódigo de *Ocidente*, a Organização do Tratado do Atlântico Norte é compreendida como grande fonte de insegurança física para a Rússia devido às ondas de expansão rumo aos países da antiga União Soviética. Dessa forma, a OTAN é o principal ator representativo da ideia/agenda de Ocidente, tornando-se um elemento central para a compreensão das relações estabelecidas com Moscou a partir do espectro entre amizade-inimizade.
- 2- *Identidade/Status*: o objetivo central da presente pesquisa é identificar as mudanças da identidade nacional russa ao longo do período entre 2012 e 2022, com o intuito de observar se o *status* da Rússia enquanto grande potência sofreu alguma alteração entre esses anos (tanto rumo à sua consolidação quanto da sua queda). Para tanto, entendemos ser vital a compreensão da autoimagem russa para tal processo, o que depende do olhar cuidadoso sobre as formas pelas quais a Rússia se posiciona e se classifica no sistema internacional. Compreendemos como parte do código *Identidade/Status* as menções sobre o espaço ocupado pela Rússia na atual ordem mundial, bem como do espaço que o país deseja ocupar no futuro.
- 3- *Valores liberais e Instituições Internacionais*: como assumimos que o Ocidente seria um dos principais interlocutores na formação da identidade russa, a avaliação dos valores e das Instituições Internacionais alinhadas e defendidas pelo bloco se torna relevante para a análise. Estão inclusas nesse código as ideias de direitos humanos, autodeterminação e soberania, individualismo etc.



- a. *Democracia*: subcódigo voltado para as menções sobre sistemas políticos e formas de poder a partir da matriz de valores liberais defendida e promovida pelos países ocidentais.
  - b. *Desenvolvimento econômico e social*: como integrantes do processo de globalização, os Estados passaram a moldar seus interesses e suas políticas externas a partir do objetivo do desenvolvimento econômico e social, isto é, visando a maior acumulação de riquezas no atual sistema capitalista.
- 4- *Ordem Mundial*: devido a nossa hipótese de que as mudanças de comportamento e identidade russas visavam o resultado de consolidação do *status* do país enquanto uma grande potência europeia e não-ocidental, consideramos importante a análise não apenas sobre a ordem mundial vigente no mundo pós-americano, mas também das possíveis alternativas propostas pela Rússia com o intuito de defender a multipolaridade global. Compreendemos como parte do código *Ordem Mundial* as menções sobre o sistema unipolar do pós-Guerra Fria, do protagonismo dos países ocidentais nas grandes decisões globais, do fortalecimento das demais regiões do mundo e das proposições de um papel central de Moscou.
- 5- *Interesses Nacionais*: embora os *Valdai Papers* não possam ser considerados como documentos de política externa, eles carregam consigo as percepções do que é o país no sistema, bem como das suas prioridades e seus interesses. Consideramos como parte do código *Interesses Nacionais* as menções explícitas sobre os objetivos russos em termos geopolíticos, estratégicos e militares.
- a. *(In)segurança física*: como descrevemos ao longo da pesquisa, a questão territorial sempre foi uma preocupação para os governantes na Rússia, tendo em vista a sua vulnerabilidade em termos geopolíticos. Ademais, também são consideradas parte do subcódigo as menções sobre ameaças nucleares e conflitos/intervenções regionais.
  - b. *(In)segurança ontológica*: ligado ao conceito de identidade, tal subcódigo engloba as ameaças à existência da Rússia enquanto Estado, tanto a partir da fragilização da sua soberania, quanto por meio do confronto à sua autopercepção e sua projeção internacional de grande potência.
- 6- *Espaço pós-soviético*: após o colapso da União Soviética, os territórios das antigas repúblicas passaram a ser de vital importância para a política externa russa, não apenas devido aos laços econômicos e estruturais entre os países, mas também por questões de segurança. Dessa forma, o código *Espaço pós-soviético* diz respeito a

toda a região da antiga URSS, conhecida atualmente como “estrangeiro próximo” da Rússia segundo alguns autores.

- a. *Mundo russo*: como observamos nos Conceitos de Política Externa, a retomada do conceito de “mundo russo” é um importante elemento narrativo para a defesa da expansão russa e da defesa dos seus interesses na região do seu estrangeiro próximo. Consideramos como parte do subcódigo *Mundo Russo* as menções aos laços identitários, históricos, linguísticos e culturais que uniriam a população russa pelo mundo, bem como as menções do espaço pós-soviético como parte fundamental da existência russa no sistema.
- 7- *Relações regionais*: para além das relações com o bloco ocidental (compreendido aqui como América no Norte e Europa ocidental), analisamos as menções às demais regiões do mundo e sua potencialidade estratégica para a Rússia.
- a. *Ásia*: nos últimos anos, temos observado uma virada ao leste da política externa russa, que vem priorizando as relações e parcerias com a China e a Índia em detrimento dos países ocidentais. Dessa forma, Pequim, Nova Delhi e os países da Ásia Central adquirem central importância para a reformulação da identidade russa uma vez que se tornam elementos de validação para o afastamento de Moscou do Ocidente. Consideramos como parte do subcódigo *Ásia* as menções sobre a China, a Índia e os países da Ásia Central.
  - b. *Oriente Médio*: a relevância dos países do Oriente Médio para a política externa russa é histórica, com o estabelecimento de alianças e parcerias estratégicas na região. Nos últimos anos, a chamada Primavera Árabe e a Guerra na Síria exacerbaram o protagonismo da região para as decisões geopolíticas russas.
  - c. *África e América Latina*: sobretudo devido aos BRICS, os subcódigos referentes aos países africanos e latino-americanos pretendem observar a importância de tais regiões para a política externa russa.

Após a leitura individual de cada um dos textos, cuja análise de trechos específicos realizaremos no decorrer do presente capítulo, seguimos com a codificação descrita acima com o intuito de mapear as principais tendências da política externa russa a partir da visão dos pesquisadores convidados pelo Clube Valdai de Discussão Internacional. Nossa expectativa inicial era de que os temas mais abordados nos *papers* desde 2014 seriam o *Ocidente*, a *OTAN*,

e a *(In)segurança física*, tendo em vista a crescente assertividade do posicionamento de Moscou frente aos países do eixo atlântico (SAKWA, 2018). Entretanto, nossa hipótese foi apenas parcialmente confirmada, uma vez que os subcódigos *Desenvolvimento econômico e social* e *Ásia* também apresentaram grande frequência nos documentos analisados. Ao todo, foram realizados 3013 códigos a partir da identificação dos temas principais de cada parágrafo dos *Valdai Papers*.

Entendemos que podem existir duas explicações alternativas para os resultados encontrados, que se desviam parcialmente da nossa expectativa inicial: a) a variável escolhida *Desenvolvimento econômico e social* pode ser muito ampla, abarcando diversos elementos em uma única classificação, o que pode influenciar no número final de aparições entre os documentos; b) ao invés de assumir um posicionamento de crítica direta aos países ocidentais, os pesquisadores do Clube Valdai se concentraram em olhar para a realidade russa em termos políticos e econômicos, dando preferência para as discussões sobre integração econômica, estabelecimento de alianças e parcerias, e o desenvolvimento do regime político na Rússia. Ademais, para além de um cenário de maior confrontação com os países ocidentais, uma tendência paralela da política externa russa é a chamada “virada para o oriente”, com o intuito de fortalecer as relações com os países asiáticos. Dessa forma, a grande presença do subcódigo *Ásia* evidencia essa mudança estratégica dos últimos anos. Abaixo, segue a lista de códigos e sua frequência nos documentos:

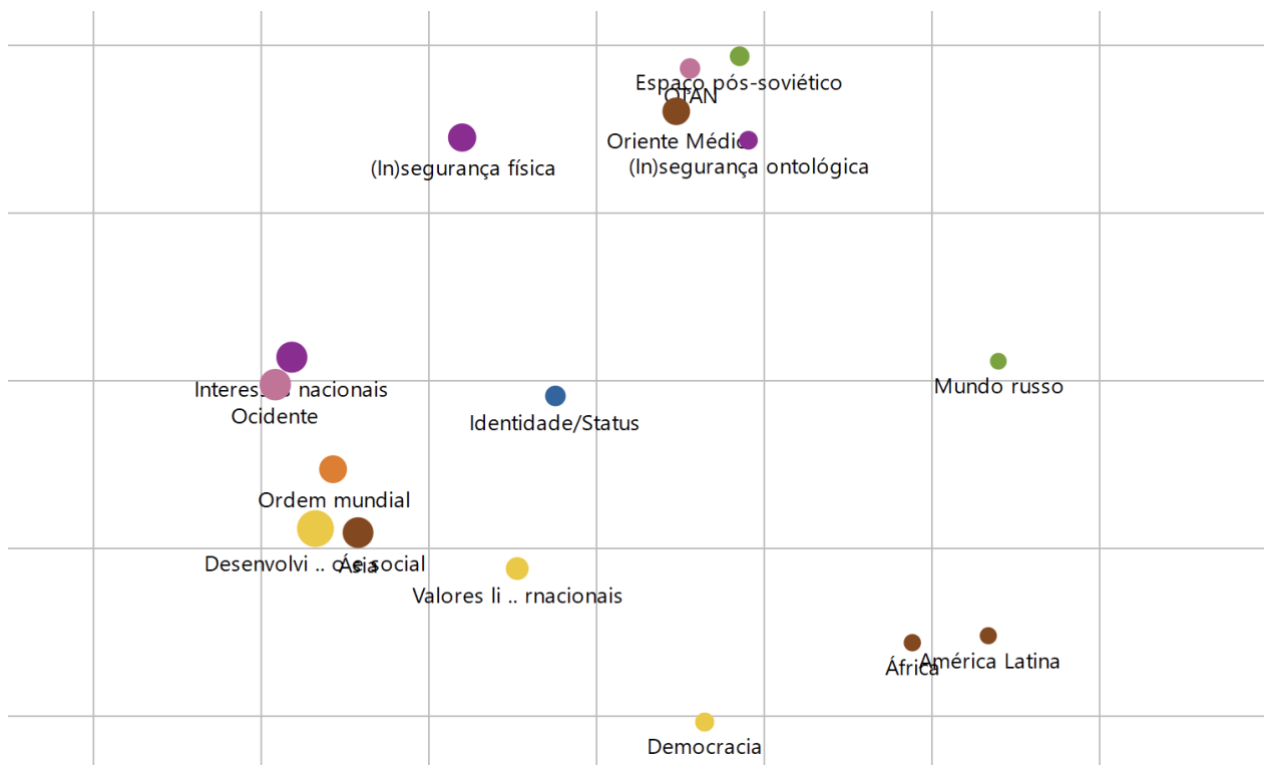
**Tabela 1 - Lista de códigos da análise de conteúdo dos *Valdai Papers* realizada no MAXQDA**

Lista de Códigos	Anotação	Frequência
Lista de Códigos		3013
Espaço pós-soviético		77
Espaço pós-soviético > Mundo russo		2
Interesses nacionais		361
Interesses nacionais > (In)segurança ontológica		52
Interesses nacionais > (In)segurança física		291
Ocidente		373
Ocidente > OTAN		96
Identidade/Status		100
Valores liberais e Instituições Internacionais		156
Valores liberais e Instituições Internacionais > Desenvolvimento econômico e social		506
Valores liberais e Instituições Internacionais > Democracia		60
Relações regionais		0
Relações regionais > América Latina		12
Relações regionais > Oriente Médio		276
Relações regionais > África		16
Relações regionais > Ásia		355
Ordem mundial		280

Fonte: elaboração própria.

Como é possível observar na tabela 1, os códigos e subcódigos mais frequentes nos documentos analisados são *Desenvolvimento econômico e social, Ocidente, Interesses Nacionais, Ásia e (In)segurança física*, respectivamente. Tal frequência nos revela que o bloco ocidental e seus valores, como a promoção da globalização e do sistema capitalista, são relevantes para a Rússia em termos de estratégia e política externa. Tal qual buscamos argumentar anteriormente, as relações com o Ocidente são fundamentais para a formação da própria autoimagem e projeção internacional russas, cenário que se reflete na busca pela integração econômica e social. Ademais, a grande menção aos países asiáticos, sobretudo China e Índia, evidencia a busca por novas parcerias a partir da percepção de que a sua identidade e seus interesses nacionais não eram respeitados pelos Estados Unidos e pela Europa Ocidental. As frequências dos códigos, em última instância, estão alinhadas com o processo de mudança comportamental da política externa russa que descrevemos anteriormente, a qual é refletida em sua projeção internacional.

**Ilustração 15 - Correlação entre códigos e subcódigos no MAXQDA**



Fonte: elaboração própria.

A ilustração 15, elaborada no *software* MAXQDA após a codificação das unidades de análise, evidencia as conexões entre os códigos e subcódigos em todos os documentos

analisados, revelando quais temas foram normalmente agrupados na formulação dos *papers*. Destacaremos, portanto, os três principais *clusters*: 1) *Espaço pós-soviético, OTAN, Oriente Médio e (In)segurança ontológica*; 2) *Interesses nacionais e Ocidente*; 3) *Ordem mundial, Desenvolvimento econômico e social, Ásia*. Tais agrupamentos representam grandes tendências na política externa russa nos últimos anos, como a crescente insatisfação com os avanços da OTAN e do Ocidente em regiões consideradas como “esferas de influência” russas, a ideia de um embate entre os interesses nacionais da Rússia e a representação ocidental, e a busca de uma ordem mundial mais multipolar a partir do estabelecimento de relações econômicas e militares com os países asiáticos, fortalecendo os polos de poder de potências emergentes.

A análise de conteúdo teve por objetivo central a identificação das prioridades russas, em termos de política externa, no período entre 2014 e 2020. Entretanto, apenas a frequência dos códigos não é suficiente para a compreensão do teor de tais menções, ou das imagens produzidas entre os russos sobre a ordem mundial nos anos citados. Dessa forma, prosseguiremos com a análise de trechos específicos de alguns dos documentos, com o objetivo de capturar as preferências e tendências do Kremlin de forma mais aprofundada. Abaixo, a ilustração 16 representa a nuvem de palavras e expressões mais frequentes nos 121 *papers* analisados, das quais ressaltamos “China”, “desenvolvimento econômico internacional”, “sanções”, “Síria”, “nuclear” e “europeu”. No apêndice, é possível consultar as nuvens de palavras dos documentos de acordo com seu ano de publicação.

**Ilustração 16 - Nuvem de palavras dos 120 *Valdai Papers* analisados no MAXQDA**



Fonte: elaboração própria.

#### 4.3.2 *Valdai Papers*: retratos da reemergência russa

Ao longo do presente capítulo, buscamos compreender as principais preferências da política externa russa a partir das produções técnicas e acadêmicas produzidas pelo Clube Valdai de Discussão Internacional, ator que consideramos relevante na medida em que exerce um papel de porta-voz não oficial das ideias presentes entre os tomadores de decisão no Kremlin. Em virtude do volume de documentos disponíveis, optamos por dividir nossa análise em duas etapas: uma quantitativa e uma qualitativa, com o intuito de captar os temas mais relevantes para a política externa russa. Dessa forma, manteremos a divisão sistemática dos textos de acordo com os códigos para que a análise siga o mesmo padrão definido anteriormente, facilitando a compreensão de seu conteúdo a partir de uma nova perspectiva metodológica.

##### 4.3.2.1 Desenvolvimento econômico e social

Como mencionamos anteriormente, o subcódigo *Desenvolvimento econômico e social* apresentou a maior frequência de aparições entre os documentos analisados, o que pode ser explicado tanto devido à importância do crescimento econômico entre os analistas de política externa e doméstica russa no período mencionado, quanto por uma limitação da nossa própria análise ao criar uma categoria ampla, a qual pode abarcar um grande número de temas. De todo modo, parece-nos coerente afirmar que, mesmo considerando uma outra análise sem a limitação mencionada, a ideia central do desenvolvimento econômico e político russos permaneceria com um destaque central entre os *papers* produzidos pelo Clube Valdai, uma vez que os acadêmicos convidados não apenas apresentam ao mundo os aspectos particulares da Rússia, mas também introduzem aos russos as tendências globais em termos econômicos, políticos e sociais. Sobretudo entre os documentos publicados em 2014 e 2015, atribuiu-se um papel central para a atuação dos BRICS enquanto parceiros da Rússia mesmo em um cenário de aumento das tensões em torno da crise na Ucrânia e da guerra na Síria, mas também da União Econômica Eurasiana como um importante competidor com o bloco europeu:

Isso fará com que os países do BRICS se tornem importantes aliados de Moscou, indispensáveis para manter a Rússia economicamente e diplomaticamente conectadas ao resto do mundo. [...] A pouca vontade dos BRICS de denunciar e isolar a Rússia pode ter menos relação com a opinião sobre a intervenção russa na Crimeia *per se* e mais com o seu ceticismo em relação à crença ocidental de que as sanções são uma

forma adequada de munir aqueles que são vistos como deslocados internacionais. (STUENKEL, 2015, p. 5,6, *tradução nossa*).<sup>102</sup>

Para além da relevância de coordenações econômicas alternativas àquelas estabelecidas com os países da Europa Ocidental em um momento em que as parcerias russas foram afetadas pela invasão e anexação da península da Crimeia, conforme descrito por Stuenkel, ressaltamos a semelhança com o momento presente em torno do conflito na Ucrânia desde fevereiro de 2022, em que os mesmos países dos BRICS se mantêm com importância central para evitar o isolamento total da Rússia no sistema internacional (APOLINÁRIO JR. & BRANCO, 2022). De todo modo, o *paper* publicado em maio de 2015 já revelava o início de uma maior confrontação entre Moscou e os países ocidentais na medida em que o Kremlin buscava defender os chamados interesses nacionais em seu estrangeiro próximo, contrariando as diretrizes definidas pelo Direito Internacional. Ademais, também em 2015 já se alertava para o esgotamento econômico russo em virtude da ausência de reformas capazes de redirecionar os esforços econômicos para outros setores para além do energético, o que poderia resultar no enfraquecimento do Estado frente ao sistema internacional:

A política econômica da Rússia dos últimos 15 anos exauriu o seu potencial. A Rússia de Vladimir Putin depende das exportações de energia, está operando predominantemente baseada nos interesses de grupos políticos e econômicos influentes, e não criou mecanismos para um desenvolvimento social sustentável. Sua classe política não é adequada aos requisitos do Estado e seu desenvolvimento econômico. (TSYGANKOV, 2015, p. 6, *tradução nossa*).<sup>103</sup>

Se levarmos em consideração a relevância dos *Valdai Papers* tanto na esfera internacional quanto na doméstica, a análise realizada por Andrei Tsygankov revela um ponto de vulnerabilidade da Rússia em um momento em que Moscou já agia, de forma mais incisiva, nos países da ex-União Soviética. No que tange a reemergência da Rússia enquanto grande potência, o desenvolvimento de uma economia dinâmica era vital para a defesa dos interesses políticos e militares, os quais foram fragilizados na medida em que o Ocidente tinha a

---

<sup>102</sup> No original: “*That will turn the BRICS countries into key allies for Moscow, indispensable for keeping Russia economically and diplomatically connected to the rest of the world. [...] The BRICS’ unwillingness to denounce and isolate Russia may have less to do with its opinion on Russia’s intervention in Crimea per se and more to do with its skepticism of the West’s belief that sanctions are an adequate way to punish whom it sees as international misfits.*” (STUENKEL, 2015, p. 5,6).

<sup>103</sup> No original: “*Russia’s economic policy of the past 15 years has exhausted its potential. Vladimir Putin’s Russia depends on energy exports, is operating predominantly based on the interests of influential political and economic groups and has not created mechanisms for sustainable social development. Its political class is not suited to the requirements of the state and its economic development.*” (TSYGANKOV, 2015, p. 6).

capacidade de isolar – ou ao menos enfraquecer - o Kremlin economicamente. Dessa forma, publicações de 2018 ressaltaram as novas diretrizes de Moscou em relação à virada para o leste, tendência existente desde 2012 com o retorno de Putin à presidência. No momento em que as relações com os países ocidentais se fragilizam, o Oriente se tornou um potencial parceiro russo não apenas no que tange as trocas econômicas, mas também na busca de objetivos políticos conjuntos (BLAKKISRUD, ROWE & VAKULCHUK, 2018, p. 3):

[...] a elite russa considerou que desenvolver o extremo oriente era uma condição necessária para manter a estabilidade interna e aumentar a competitividade internacional da Rússia. Apenas quando ambos os flancos do espaço eurásiano alcançassem verdadeiro equilíbrio, a Rússia poderia se reivindicar como um poder global moderno. (SHAOLEI & HENG, 2019, p. 5, *tradução nossa*).<sup>104</sup>

O tema do desenvolvimento econômico e social ganhou relevância na realidade russa não apenas no que tange a sua autoimagem interna, mas sobretudo enquanto catalisadores para a projeção internacional russa como grande potência. Dessa forma, as menções sobre esse tema geral estão conectadas com o tema da Ásia, uma vez que aproximação entre Putin e Xi Jinping se tornou mais recorrente a partir da formação dos BRICS como centro econômico alternativo àqueles estabelecidos no pós-Guerra Fria, mas também após a anexação da Crimeia em 2014. Posteriormente, abordaremos como o estabelecimento de relações mais próximas com o governo chinês se mostrou relevante no momento do conflito com a Ucrânia em 2022, impedindo o isolamento completo da Rússia nos cenários político e econômico globais.

#### 4.3.2.2 Interesses Nacionais

Estando presente em vários documentos analisados, o código *Interesses Nacionais* compreende não apenas aos objetivos geopolíticos e estratégicos do Kremlin, mas também às percepções de ameaça existentes entre as elites russas a partir de 2014 (os subcódigos *(in)segurança física* e *(in)segurança ontológica* trazem maior especificidade para a classificação). Como descrito anteriormente, as mudanças de comportamento observadas sobretudo a partir de 2012 foram estimuladas por duas percepções conectadas entre si: a de que a Rússia não havia sido devidamente incluída na Ordem Mundial do pós-Guerra Fria, e a de que o Ocidente representava uma ameaça para a existência russa (SAKWA, 2018). A partir da

---

<sup>104</sup> No original: “[...] *the Russian elite consider developing the Far East a necessary condition for maintaining internal stability and enhancing international competitiveness of Russia. Only when both flanks of the Eurasian space reach true balance, can Russia claim a modern global power.*” (SHAOLEI & HENG, 2019, p. 5).



análise dos trechos classificados dessa forma, foi possível observar a gradual mudança de comportamento da Rússia frente aos outros países do sistema, sobretudo em relação às tensões com a Ucrânia e à Guerra na Síria, eventos que proporcionaram a deterioração das relações com os Estados Unidos e a Europa Ocidental, além de promoverem os discursos mais nacionalistas por parte do Kremlin:

Há uma percepção crescente na Rússia agora de que a única contramedida eficaz seria retirar-se das obrigações atuais sob os regimes dos tratados START/SORT com os EUA, e aumentar significativamente a quantidade de ogivas estratégicas russas para ter o potencial de ultrapassar em qualquer caso o BMD dos EUA em um eventual 'ataque de resposta'. [...] A razão para isso (ainda antes da crise ucraniana) foi que as principais ameaças reais à segurança russa se originam do chamado 'arco de instabilidade' ao longo das fronteiras russas, e a única medida eficaz de dissuasão seria restaurar a força russa em capacidades nucleares de alcance intermediário e de curto alcance. (BARABANOV & WEITZ, 2014, p. 6, *tradução nossa*).<sup>105</sup>

No trecho acima, fica evidente a importância do armamento nuclear para a defesa dos interesses políticos da Rússia, uma vez que seria responsável por manter o *status* de grande potência do país. Ademais, os autores mencionam a existência de um “arco de instabilidade” nas fronteiras europeias da Rússia, referindo-se aos antigos países soviéticos que foram incorporados pela OTAN durante suas ondas de expansão. Embora as insatisfações do Kremlin com a proximidade de bases militares da Aliança já tivessem sido mencionadas por Putin em 2007, na Conferência de Segurança em Munique (RÚSSIA, 2007), é a partir do Euromaidan que esse assunto se tornou uma pauta mais recorrente entre a elite russa, tendo em vista o aumento da percepção de ameaça em seu estrangeiro próximo. De acordo com George Friedman:

A Ucrânia representava uma dupla ameaça para a Rússia. Primeiro, ela retirou da Rússia uma zona tampão que, com o tempo, poderia se tornar extremamente perigosa. Em segundo lugar, minou a reputação de extrema eficácia da FSB. Essa reputação tinha sido um dos alicerces de sua força, além de ser a base do atual regime russo. A Ucrânia era um problema em si, mas também era um problema para o regime. Além disso, e isso deve ser enfatizado, foi uma falha reconhecer o imperativo americano de minar as hegemonias regionais. Os americanos estavam seguindo um caminho previsível. Mas era um caminho que a Rússia não tinha condições de bloquear. [...] Embora a expansão da China seja uma ameaça apenas em questões econômicas, a Rússia é um poder

---

<sup>105</sup> No original: “*There is a growing perception in Russia now that the only effective counter-measure for Russia for this would be to withdraw from the current obligations under the START/ SORT treaties regimes with the U.S., and to raise significantly the quantity of the Russian strategic warheads to have the potential to overpass in any case the U.S. BMD in an eventual ‘response strike’.* [...] *The reason for this (yet before the Ukrainian crisis) was that the key real threats to the Russian security originate from the so-called ‘arc of instability’ along the Russian borders, and the only effective deterrence measure for them would be to restore Russia’s intermediate-range and shorter-range nuclear capabilities. The eventual Ukrainian plans to become an NWS will definitely intensify the discussions on withdrawing from the INF Treaty*”. (BARABANOV & WEITZ, 2014, p. 6).

expansionista genuíno. Ela deve se expandir para garantir as suas zonas tampão essenciais. (FRIEDMAN, 2014, p. 9, 10, *tradução nossa*).<sup>106</sup>

Além de abordar as percepções de ameaça que as instabilidades na Ucrânia geraram em Moscou, o autor também menciona o expansionismo como uma característica central da própria identidade estatal russa, a qual seria vital para a sua própria existência no continente. Nesse sentido, seria necessário que o “arco de instabilidade” (BARABANOV & WEITZ, 2014, p. 6) mencionado anteriormente se mantivesse enquanto uma zona tampão entre duas regiões de concentração de poder – Europa Ocidental e a Rússia – para que as relações entre ambos pudessem se manter no espectro da cooperação. A partir do momento em que um dos centros de poder realiza avanços sobre essa região, a percepção alheia de ameaça é ativada, possibilitando a emergência de um conflito no continente<sup>107</sup>. Embora a publicação seja de dezembro de 2014, Friedman acertou ao afirmar que “a Rússia simplesmente não pode conceder. Nem pode fechar um acordo, assim como os Estados Unidos não a cederão uma esfera de influência. Eles não precisam fazer isso. Portanto, as tensões entre ambos irão continuar e, em algum momento, escalar”<sup>108</sup> (FRIEDMAN, 2014, p. 10, *tradução nossa*).

Embora no período de 2014 a 2020 tenham existido outras possíveis fontes de insegurança à Rússia – como a imposição de sanções econômicas, a Guerra na Síria, e as manifestações populares na Bielorrússia – a expansão dos países membros da OTAN rumo ao Leste Europeu foi percebida como a maior causa da instabilidade no continente, fazendo com que a Rússia alterasse a sua política externa e passasse a confrontar mais diretamente as ameaças externas em seu estrangeiro próximo. Conforme discutimos no capítulo 2, a existência da Organização é um fator determinante na construção da identificação estatal russa no pós-

---

<sup>106</sup> No original: “Ukraine represented a double threat to Russia. First, it stripped a buffer zone away from Russia that over time could become extremely dangerous. Second, it undermined the FSB’s reputation for extreme effectiveness. That reputation had been one of the foundations of its strength. It was also the foundation of the current Russian regime. Ukraine was a problem in itself, but it was also a problem for the regime. In addition, and this must be emphasized, it was a failure to recognize the American imperative to undermine regional hegemony. The Americans were pursuing a predictable path. But it was a path that Russia was not in a position to block. [...] Where China is no threat for expansion in any but an economic fashion, Russia is a genuine expansionary power. It must expand in order to secure essential buffer zones”. (FRIEDMAN, 2014, p. 9,10).

<sup>107</sup> Segundo William Wohlforth, “não há nada de novo sobre a insatisfação da Rússia com a expansão de instituições ocidentais de segurança próximas às suas fronteiras. O que é novo é a vontade desses governos de pressionar mais forçosamente o seu caso.” (WOHLFORTH, 2015, p. 2). No original: “Nor is there anything new about Russia’s dissatisfaction with the expansion of western security institutions near its borders. What’s new is the willingness of these governments to press their case more forcefully”. (WOHLFORTH, 2015, p. 2)

<sup>108</sup> No original: “It also follows that Russia cannot simply concede. Nor it can reach an agreement, as the United States will not cede it a sphere of influence. It doesn’t have to. Therefore, tensions will both continue and to some extent escalate.” (FRIEDMAN, 2014, p. 10).

Guerra Fria, tendo em vista a implícita repulsão russa presente no Tratado de Washington. As ameaças criadas pelos países ocidentais foram, portanto, parcialmente responsáveis pela atuação internacional da Rússia hoje, bem como do endurecimento do seu regime político interno.

#### 4.3.2.3 Ocidente<sup>109</sup>

No primeiro capítulo, buscamos demonstrar como ocorre o processo de formação das identidades dos Estados de acordo com as Teorias Construtivistas das Relações Internacionais, com foco na formação da identidade russa. De acordo com os autores mencionados, o conceito de identidade é sempre relacional, isto é, depende não apenas da percepção do *Eu*, mas também da imagem formada pelo *Outro* – é na interação entre elas que as identificações são construídas e reconstruídas ao longo do tempo, estando em constante transformação. Ao longo da história russa, o Ocidente foi o principal *Outro* capaz de influenciar na sua autopercepção nacional tanto em termos de insegurança e ameaça, quanto a partir da busca de um mimetismo em relação à Europa Ocidental. Dessa forma, menções classificadas dentro do código *Ocidente* – e do subcódigo *OTAN* - carregam consigo sentidos dúbios: ora com um teor crítico e negativo, ora como fonte de inspiração e modernização. No período analisado da publicação dos *Valdai Papers*, a principal fonte de crítica por parte dos russos foi a atuação da OTAN desde o fim da Guerra Fria, compreendida como um conjunto de atos de agressão:

Na realidade, 30 Estados estão nesse momento sobre o guarda-chuva nuclear dos Estados Unidos, e esse número vem crescendo como parte da expansão ao Leste da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) após a desintegração da União Soviética. De fato, as raízes das atuais tensões entre Rússia e EUA são as expansões agressivas da OTAN, incluindo os Bálticos e os Balcãs. A Rússia, por outro lado, desenhou uma linha divisória quanto a OTAN anunciou em 2008 que Ucrânia e Geórgia “se tornariam membros da OTAN”.<sup>110</sup> (CHELLANEY, 2014, p. 8, *tradução nossa*).

<sup>109</sup> É importante reconhecer as inúmeras definições para o conceito de Ocidente, que deixa de adquirir aspectos puramente geográficos e passa a conquistar um caráter político sobre a divisão do mundo. Para os objetivos do presente trabalho, consideraremos o chamado “mundo ocidental” como a união entre os países da América do Norte e da Europa (HUNTINGTON, 1996), os quais também são, em sua grande maioria, integrantes da OTAN. Nesse sentido, o *Outro* ocidental seria formulado a partir da concepção de uma civilização comum entre esses Estados, os quais compartilham não apenas os mesmos valores, como também, as mesmas tradições ao longo da história. Reconhecemos, entretanto, que esta não seria a única definição possível para um conceito tão amplo e vastamente utilizado nas Relações Internacionais.

<sup>110</sup> No original: “*In reality, 30 states are currently ensconced under the US nuclear umbrella, and their number has been growing as part of the eastward expansion of the North Atlantic Treaty Organization (NATO) following the disintegration of the Soviet Union. In fact, the taproot of the ongoing US-Russian tensions has been NATO's aggressive expansion, including to the Baltics and the Balkans. Russia, however, drew a line in the sand when NATO announced in 2008 that Ukraine and Georgia “will become members of NATO.”*” (CHELLANEY, 2014, p. 8).

A partir do momento em que a Organização do Atlântico Norte passou a se expandir para o Leste Europeu (SAROTTE, 2021) e estabelecer bases militares próximas às fronteiras russas, a imagem do Ocidente entre os tomadores de decisão em Moscou foi alterada para o espectro da ameaça e da inimizade, sobretudo após a aproximação do bloco com os líderes da Ucrânia e Geórgia durante a Cúpula de Bucareste em 2008. Tendo isso como um consenso entre os analistas da política russa, surge uma nova linha de argumentação sobre a deterioração das relações entre o Kremlin e os países da Europa Ocidental e os Estados Unidos, atribuindo parte da culpa para a atuação pouco inclusiva desses países. Segundo Boris Kagarlitsky:

O problema para as classes dominantes ocidentais não foi causado pela política externa pragmática da Rússia, que permaneceu muito conservadora e moderada ao longo dos anos 2000, muito menos por sua política econômica, que abraçou plenamente os princípios gerais do neoliberalismo. Eles estavam preocupados com o papel potencial da Rússia na reconfiguração da ordem internacional. Paradoxalmente, os ideólogos e analistas neoliberais no Ocidente perceberam que a Rússia poderia desempenhar esse papel muito antes que essa ideia surgisse nas elites russas, que estavam claramente tentando fugir dessa missão histórica.<sup>111</sup> (KAGARLITSKY, 2015, p. 9, *tradução nossa*).

O trecho acima, de certa forma, resume os processos descritos anteriormente sobre a autopercepção da Rússia no sistema internacional: tanto seu *status* histórico de grande potência, quanto a mudança de comportamento após ações excludentes dos países ocidentais em relação ao Kremlin que, durante a era de Boris Yeltsin e no início do governo de Vladimir Putin, tinha por objetivo a integração da Rússia no sistema ocidental.<sup>112</sup> Nesse sentido, a recusa ocidental de compreender os russos como possíveis parceiros na construção da ordem mundial pós-Guerra Fria seria uma das origens do ressentimento que pode ser observado na atualidade, o qual se aprofundou após as intervenções russas na Crimeia e a imposição de sanções econômicas sobre o país.

---

<sup>111</sup> No original: “*The problem for the Western ruling classes was not caused by Russia’s practical foreign policy, which remained very conservative and moderate throughout the 2000s, let alone its economic policy, which fully embraced the general principles of neoliberalism. They were worried about Russia’s potential role in reconfiguring the international order. Paradoxically, neoliberal ideologists and analysts in the West realized that Russia could play this role way before this idea dawned on the Russian elites, who were clearly trying to shirk this historical mission.*” (KAGARLITSKY, 2015, p. 9).

<sup>112</sup> Para Richard Sakwa, “no momento em que a Rússia se percebeu sobre ameaça, passou a tomar medidas que projetavam uma imagem assertiva senão mesmo agressiva o que, em contrapartida, estimulou as percepções exacerbadas de ameaça entre seus vizinhos e, no limite, da aliança Atlântica como um todo” (SAKWA, 2018, p. 38). No original: “*As Russia perceived itself to be under threat, so it countered by measures that projected an assertive if not outright aggressive image, which in turn exacerbated the threat perceptions of its neighbors and ultimately of the Atlantic alliance as a whole.*” (SAKWA, 2018, p. 38).

Os anos de 2014 e 2015, portanto, representaram momentos de aprofundamento dos processos iniciados em 2012 com o início do terceiro mandato de Putin, uma vez que reuniram uma nova aproximação entre Kiev e os países membros da OTAN e da União Europeia, bem como a ampla condenação da atuação russa no sistema internacional. A imagem predominante foi a de que “ao menos que o líder russo tema que seu país imploda economicamente, as chances de uma reconciliação são pequenas, e mesmo no caso do colapso russo a reaproximação estaria longe de garantida. [...] profunda desconfiança permanecerá nos próximos anos.”<sup>113</sup> (STUENKEL, 2015, p. 5, *tradução nossa*). Entretanto, a desconfiança entre a Rússia e os países ocidentais não foi criada após as tensões em torno da Crimeia, ou mesmo com a expansão da OTAN nos anos 1990. A própria construção da ordem mundial no mundo pós-ocidental (STUENKEL, 2018) poderia ser uma das razões para a deterioração de qualquer cooperação entre os lados, uma vez que

A expansão do sistema de valores universais denegriu o modelo estadocêntrico tradicional das relações internacionais e foi percebido como uma ameaça não apenas pelo *status* da Rússia de grande potência, mas também para a sua segurança e existência enquanto um sujeito independente na política internacional.<sup>114</sup> (SAKWA, 2018, p. 7, *tradução nossa*).

[...] os Estados Unidos se imaginam agindo em nome da paz, justiça e bem-estar do mundo; e através de virtualmente qualquer medida, o sistema americano tem sido de sucesso, gerando uma prosperidade global sem paralelos.<sup>115</sup> (SCHWELLER, 2015, p. 14, *tradução nossa*).

Embora o sistema promovido pelos Estados Unidos no pós-Guerra Fria tenha sido bem-sucedido na promoção de uma maior prosperidade econômica entre alguns países, ele falhou na inclusão de potências emergentes e reemergentes enquanto importantes atores para a manutenção da estabilidade política, econômica e militar no mundo. Se no início dos anos 2000 ainda havia alguma expectativa de cooperação entre Moscou e o Ocidente, após a crise da Crimeia ficou claro que tais atores pertenciam a sistemas políticos completamente diferentes, consolidando a cisão no continente europeu (SUSLOV, 2016, p. 3). Ainda mais crítico às ações do Ocidente, Richard Sakwa ressaltou que

---

<sup>113</sup> No original: “Unless Russia’s leader fears that his country could implode economically, chances for a meaningful reset are slim, and even in a case of Russian collapse a rapprochement would be far from guaranteed. [...] deep-seated distrust will remain for years to come.” (STUENKEL, 2015, p. 5).

<sup>114</sup> No original: “The expansion of a universal value system denigrated the traditional state-centric model of international relations and was perceived as a threat not only to Russia’s status as a great power, but to its security and very existence as an independent subject of international politics.” (SAKWA, 2018, p. 7).

<sup>115</sup> No original: “[...] the United States thinks of itself as acting for the sake of peace, justice, and well-being in the world; and by virtually any measure, the American system has been an unqualified success, generating unparalleled global prosperity.” (SCHWELLER, 2015, p. 14).

[...] o sistema atlântico era cada vez mais incapaz de refletir criticamente sobre as implicações geopolíticas e de poder se suas próprias ações, uma espécie de niilismo geopolítico que acabou provocando a crise da Ucrânia. De uma aliança defensiva estabelecida para resistir à União Soviética, o novo atlantismo é tanto mais militante na promoção de seus interesses quanto mais agressivo culturalmente, estabelecendo-se como modelo de realização civilizacional. É incapaz de aceitar o pluralismo geopolítico na Europa e, portanto, tornou-se um órgão cada vez mais monista.<sup>116</sup> (SAKWA, 2015, p. 5, *tradução nossa*).

O convite para a participação nesse sistema não foi estendido à Rússia (SAKWA, 2015, p. 5), mesmo com os Estados Unidos não conseguindo manter a sua própria posição de “xerife internacional” (SUSLOV, 2016b, p. 5) em meio à ascensão de novos polos de poder. Dessa forma, a expansão do sistema atlântico – representado pela OTAN – não apenas impossibilitou a emergência de relações de cooperação com o Kremlin, como também criou um conjunto de zonas cinzentas de poder e influência no Leste Europeu (SAROTTE, 2021, p. 19). No momento em que a política externa russa se tornou mais incisiva na defesa dos seus interesses neste mesmo “arco de instabilidade” (BARABANOV & WEITZ, 2014), os países europeus e os Estados Unidos passaram a classificar as ações russas como “hostis e imprevisíveis” (TEBIN, 2017, p. 5), sem reconhecer sua influência na construção de uma Rússia essencialmente diferente daquela dos anos 1990. O desentendimento entre as partes teve origem, portanto, na compreensão ocidental de que existiriam valores universais sobre os quais o eixo atlântico teria uma autoridade suprema (SUSLOV, 2016, p. 6).

#### 4.3.2.4 Ordem Mundial

Intimamente conectado aos temas apresentados anteriormente, as críticas e menções sobre a ordem mundial – tanto no presente, quanto em um possível futuro – receberão destaque na presente análise, uma vez que entendemos este código como central para as tentativas de reposicionamento da Rússia como grande potência no sistema internacional. Foi a partir da insatisfação com a ordem unipolar que se estabeleceu após a desintegração soviética que a Rússia na Era Putin passou a não apenas criticar tal sistema, como também buscar alterá-lo com a defesa da inclusão de novos atores (ARKHANGELSKAYA & TAYLOR, 2014, p. 3). As

---

<sup>116</sup>No original: “*This meant that the Atlantic system was increasingly unable to reflect critically on the geopolitical and power implications of its own actions, a type of geopolitical nihilism that in the end provoked the Ukraine crisis. From a defensive alliance established to resist the Soviet Union, the new Atlanticism is both more militant in advancing its interests and more culturally aggressive, setting itself up as a model of civilizational achievement. It is unable to accept geopolitical pluralism in Europe, and thus has become an increasingly monistic body.*” (SAKWA, 2015, p. 5).

visões russas sobre a organização do poder global são, desse modo, determinantes no molde da sua própria identidade a partir da percepção de que o comportamento nacional sofreria mudanças com o objetivo de combater o sistema estabelecido no pós-Guerra Fria, levando à afirmação mais agressiva durante o governo de Vladimir Putin. A mudança do sistema imposto pelos Estados Unidos foi percebida, em última instância, como essencial para a promoção e manutenção da paz entre as regiões do mundo (CHELLANEY, 2014, p. 2), embora seja improvável que Washington apoiasse a ascensão de outros poderes (WOHLFORTH, 2015, p. 6):

Isso deixa os Estados Unidos com uma ameaça que os assombra há um século. Se a Eurásia ou a Península Europeia e uma grande parte do continente eurasiático, particularmente a Rússia, se unissem, poderiam ameaçar os Estados Unidos. A combinação de tecnologia, capital, recursos naturais e mão-de-obra poderia construir uma força naval capaz de desafiar ou dominar os Estados Unidos. Portanto, a estratégia central dos americanos é impedir a ascensão de qualquer hegemonia europeia.<sup>117</sup> (FRIEDMAN, 2014, p. 5, *tradução nossa*).

Para além da identidade, como buscamos abordar, as relações entre a Rússia e o Ocidente também compreendem questões da geopolítica clássica, como uma política conflituosa em torno de problemas territoriais e da competição pelo poder (GUZZINI, 2020, p. 19). Do lado russo, o pensamento geopolítico também se fortaleceu nos últimos anos em meio a sua crise ontológica após 1991, tendo em vista que ele “fornece coordenadas para pensar o papel do país nos assuntos mundiais” (GUZZINI, 2020, p. 42) e cria uma resposta para a ansiedade identitária a partir de uma lógica espacial e de poder. Sobre a necessidade da ampliação do atual sistema e da inclusão de novos atores para a manutenção da estabilidade global, William Wohlforth afirma que:

Enquanto esses compromissos permanecerem a base da posição global dos EUA, os Estados contra os quais esses compromissos são direcionados – especialmente a China e a Rússia – nunca poderão ser totalmente integrados à ordem. O resultado é impedir uma grande estratégia alternativa de concerto de grandes potências. Garantir os ganhos da cooperação institucionalizada hoje pode custar o preço de alienar parceiros potenciais amanhã. Esse problema cresce com a insatisfação dos Estados excluídos.<sup>118</sup> (WOHLFORTH, 2015, p. 8, *tradução nossa*).

---

<sup>117</sup> No original: “*This leaves the United States with one threat that has haunted it for a century. If Eurasia or the European Peninsula and a large part of the Eurasian mainland, particularly Russia, were to unite, they could threaten the United States. The combination of technology, capital, natural resources and manpower could construct a naval force that might challenge or overwhelm the United States. Therefore the core strategy of the United States is to prevent the rise of any European hegemon.*” (FRIEDMAN, 2014, p. 5).

<sup>118</sup> No original: “*As long as those commitments remain the bedrock of the US global position, states against which those commitments are directed—especially China and Russia—can never be wholly integrated into the order. The result is to foreclose an alternative grand strategy of great power concert. Securing the gains of*

No atual cenário, portanto, é latente a impossibilidade de ignorar os objetivos e interesses de países emergentes como Rússia e China, os quais não necessariamente buscam oferecer uma nova ordem mundial completamente diferente da atual, mas apenas tornar o sistema mais democrático (STUENKEL, 2015, p. 3). Os Estados Unidos não são mais um Estado hegemônico em termos militares, políticos e econômicos (TSYGANKOV, 2015, p. 2,3), o que estimula cada vez mais iniciativas de caráter multilateral entre os atores que buscam aumentar o seu protagonismo regional e global. É preciso, portanto, reforçar que não necessariamente tais atores emergentes são revisionistas e buscam superar a atual ordem na tentativa de maximizar o seu poder, inclusive devido à ausência de poder suficiente para tal (SCHWELLER, 2015, p. 5). Todavia, o atual processo de transformação é inegável:

O sistema internacional pós-Guerra Fria está em processo de transição, com mudanças observáveis no equilíbrio de poder e nas bases que sustentam a ordem internacional. Os atores contemporâneos, seja hegemonias reinantes, grandes potências remanescentes ou Estados intermediários, trazem diferentes perspectivas para suas estratégias.<sup>119</sup> (KOFMAN, 2018, p. 3, *tradução nossa*).

A partir do momento em que as elites políticas russas perceberam que havia alterações no equilíbrio de poder mundial – ou apenas a possibilidade de que tal mudança fosse possível – a Rússia alterou o seu comportamento e passou a defender e impor os seus interesses de segurança em torno de suas fronteiras. Isso ocorreu não apenas a partir da mudança das narrativas sobre quem a Rússia é, mas também por meio de novas parcerias com potências igualmente insatisfeitas com a divisão de poder no mundo, possibilitando a formação de uma aliança contrária à centralidade ocidental na tomada de decisões. Dentre os principais parceiros do Kremlin para a ampliação da ordem mundial, a China adquiriu posição central, sobre a qual abordaremos a seguir.

#### 4.3.2.5 Ásia

Anteriormente, abordamos o processo de virada para o leste da política externa russa tendo em vista a sua não integração no mundo ocidental, conforme descrito nas análises acima.

---

*institutionalized cooperation today may come at the price of having alienated potential partners tomorrow. This problem grows with the power and dissatisfaction of excluded states.*” (WOHLFORTH, 2015, p. 8).

<sup>119</sup> No original: “*The post-Cold War international system is in the process of transition, with observable changes in the balance of power and in the foundations underpinning the international order. Contemporary actors, whether reigning hegemonies, remaining great powers, or middle states, bring different perspectives to their strategies.*” (KOFMAN, 2018, p. 3).



A partir do momento em que o Kremlin não conseguiu forjar as parcerias que desejava no período pós-Guerra Fria e passou a ter a percepção de que seus interesses de segurança eram violados pela aliança atlântica, a aproximação com o governo chinês se mostrou uma grande oportunidade não apenas de crescimento econômico, mas também de formação de uma aliança política capaz de questionar a atual ordem mundial. Entretanto, a parceria com o gigante asiático não necessariamente foi ausente de conflitos e desconfianças, uma vez que tanto Pequim quanto Moscou buscam defender o seu protagonismo regional e o seu *status* de potência mundial. Segundo Hans-Joachim Spanger,

Assim como no caso da Rússia, também para os chineses, empurrar e puxar de alguma forma se complementam. No entanto, enquanto os EUA desempenham um papel central em ambos os casos, os desenhos estratégicos da Rússia e da China, além de seus resultados, diferem. Além disso, embora Moscou e Pequim estejam unidos no esforço de reequilibrar os EUA, virar para o Leste e virar para o Oeste, respectivamente, não conduz necessariamente à uma confluência dos objetivos geoestratégicos dos países. Em diz disso, essas viradas exigem uma gestão cuidadosa do potencial de conflito inerente a elas. [...] A visão original de Putin de uma ‘grande Europa’ de Lisboa a Vladivostok, compreendendo a EU e a EEU, está sendo substituída por uma ‘grande Ásia’ de Shanghai a São Petersburgo. Nesse sentido, a Eurásia, no mínimo, é considerada para se tornar o novo centro de gravidade econômico e político, onde a Rússia e a China dão o tom sem interferência indevida dos EUA. (SPANGER, 2016, p. 4,6, *tradução nossa*).<sup>120</sup>

Ao procurar isolar a atuação dos russos no sistema internacional, o bloco ocidental promoveu sua aproximação com os chineses, igualmente ansiosos por maior protagonismo nas decisões globais. Ambos os países foram, nos últimos anos, os principais opositores à unipolaridade norte-americana, constantemente pressionando pela inclusão de novas ideias nas tradicionais instituições internacionais do pós-guerra. “A parceria estratégica entre China e Rússia é indispensável para qualquer formato de uma Grande Eurásia uma vez que inclui o maior consumidor mundial de energia e o maior produtor energético global [...]”<sup>121</sup> (DIESEN, 2017, p. 8, *tradução nossa*), consolidando a aliança entre duas das maiores potências não-

---

<sup>120</sup> No original: “As is the case with Russia, for the Chinese, too, pushing and pulling somehow complement each other. However, while the USA plays a central role in both cases, Russia’s and China’s strategic designs and their results differ. Moreover, although Moscow and Beijing are united in their effort to rebalance the US, turning East and turning West, respectively, does not necessarily lead to a confluence of the countries’ geostrategic objectives. Rather, these turns call for a careful management of the conflict potential inherent in them. [...] Putin’s original vision of a “greater Europe” from Lisbon to Vladivostok, comprising the EU and the EEU, is being replaced by a “greater Asia” from Shanghai to St. Petersburg. In this sense, Eurasia, at a minimum, is considered to become the new center of economic and political gravity, where Russia and China set the tone without undue US interference.” (SPANGER, 2016, p. 4,6).

<sup>121</sup> No original: “A strategic partnership between China and Russia is indispensable for any format of a Greater Eurasia as the dyad includes the world’s largest energy consumer and the largest energy producer [...]”. (DIESEN, 2017, p. 8).

ocidentais da atualidade. De acordo com os trechos destacados, portanto, a necessidade de aprofundamento das parcerias com o governo chinês foi amplamente reconhecida pelos pesquisadores do Clube Valdai, bem como pelos tomadores de decisão no governo russo, os quais estão igualmente cientes dos possíveis problemas e conflitos que delas possam emergir futuramente.

#### 4.3.2.6 Identidade/Status

Conforme afirmamos diversas vezes ao longo da presente pesquisa, a identidade estatal da Rússia, suas características e suas mudanças são nosso principal objetivo de estudo, tendo em vista a intensificação de ações agressivas por parte do Kremlin nos últimos anos. Após mapearmos os vários assuntos que acompanham e justificam tal mudança de comportamento, nos debruçamos sobre as menções específicas sobre a autopercepção e a projeção internacional dos russos no sistema (GUZZINI, 2020). De modo geral, as características abordadas no primeiro capítulo – vocação de grandeza, defesa de um *status* histórico, motivações expansionistas e a dualidade entre seguir características mais ocidentais ou orientais – estão igualmente presentes nos *Valdai Papers* ao mencionarem as visões da Rússia sobre os vários temas gerais exemplificados anteriormente. A análise de Boris Kagarlitsky elucida a posição dual ocupada pelo Kremlin:

[...] é a presença da Rússia que torna os BRICS uma força geopolítica de pleno direito com potencial para alterar a configuração da economia global. Como único país europeu dos BRICS e única grande potência industrial antiga deste bloco que simultaneamente permanece parte da moderna periferia capitalista, a Rússia atua como uma espécie de ponte entre dois mundos, um veículo de tradições históricas, intelectuais, militares e industriais, sem as quais os países recém-industrializados seriam incapazes de proteger totalmente seus interesses no caso de um confronto com o Ocidente.<sup>122</sup> (KAGARLITSKY, 2015, p. 9, *tradução nossa*).

O trecho acima não apenas retoma a necessidade de reconhecimento da posição histórica da Rússia entre os países centrais, como também a coloca em uma posição de superioridade entre os próprios países emergentes, ignorando as capacidades industriais chinesas que ultrapassam as russas em diversos setores. Nesse sentido, tal posição privilegiada seria

---

<sup>122</sup> No original: “[...] it is Russia’s presence that makes BRICS a fully-fledged geopolitical force with the potential to alter the configuration of the global economy. As BRICS’s only European country and the only old industrial great power in this bloc that simultaneously remains part of the modern capitalist periphery, Russia acts as a kind of a bridge between worlds, a vehicle of historical, intellectual, military and industrial traditions, without which the newly industrialized countries would be unable to fully protect their interests in the event of a clash with the West.” (KAGARLITSKY, 2015, p. 9).

unicamente sustentada devido ao seu amplo arsenal nuclear, que permanece sendo uma grande fonte de poder e *status* internacional (CHELLANEY, 2014, p. 3). A Rússia teria, desse modo, “um lugar único no mundo” (TSYGANKOV, 2015, p. 5, *tradução nossa*).

Grande parte dessa posição de arrogância em relação ao demais países emergentes poderia ser originária de dois fatores: a ausência de uma identidade fixada e a necessidade de se impor globalmente (SCHWELLER, 2015, p. 5), e o sentimento de superioridade cultural em relação à Ásia, o qual difere completamente do complexo de inferioridade vivido em relação ao Ocidente (SPANGER, 2016, p. 11).

Ao mesmo tempo, a Rússia permanece insatisfeita com o legado de grande potência, perpetuamente preocupada com as próprias fraquezas, enquanto busca conter as várias forças que moldam o ambiente internacional. [...] Para a Rússia, esse confronto é sobre a sua própria sobrevivência como potência na ordem internacional, segurando não apenas a Federação Russa, mas também sua influência no antigo espaço soviético. Os líderes russos sempre buscaram a expansão para manter o que tomaram, agora estão desesperados para evitar uma maior fragmentação da influência e do território russo.<sup>123</sup> (KOFMAN, 2018, p. 3,6, *tradução nossa*).

O trecho retirado do *paper* de Kofman é ilustrativo do caráter existencial a partir do qual a Rússia vem buscando se reposicionar no sistema internacional e manter a sua influência no antigo espaço soviético, mesmo diante dos avanços da OTAN e da União Europeia entre tais países. Ademais, novamente foi ressaltada a insatisfação do Kremlin em relação a maior interferência ocidental em sua histórica zona de influência, a divisão internacional do poder e a dificuldade de inclusão dos interesses e objetivos nacionais russos entre os grandes tomadores de decisão nas instituições internacionais formadas a partir do sistema de valores promovido pelos Estados Unidos.

Nos documentos analisados, portanto, a questão do ressentimento russo com a atual situação internacional e a divisão de poder ficou evidente, o qual foi intensificado devido a sua própria autopercepção como naturalmente pertencente a uma posição de centralidade no sistema internacional. As expectativas não correspondidas do Estado russo não apenas geraram o recrudescimento do próprio regime político de Vladimir Putin, como também aumentam a desconfiança dos países ocidentais sobre as ações de Moscou. No próximo capítulo,

---

<sup>123</sup> No original: “*Meanwhile Russia remains an unsatisfied, legacy great power, perpetually concerned with its own weakness, while seeking to contend with various forces shaping the international environment. [...] For Russia this confrontation is about its own survival as a power in the international order, holding on to not just the Russian Federation, but its influence in the former Soviet space. Russian leaders have always sought expansion to keep what they took, now they are desperate to avert the further fragmentation of Russian influence and territory.*” (KOFMAN, 2018, p. 3,6).

abordaremos o período de 2020 a 2022, que entendemos ser o momento de intensificação das tendências descritas anteriormente. A invasão da Rússia ao território ucraniano em fevereiro de 2022 seria, dessa forma, a forma mais agressiva e incisiva encontrada pelos russos de defender os seus interesses de segurança e política externa nas zonas cinzentas cada vez mais próximas dos Estados Unidos e dos países europeus.

#### 4.3.2.7 Espaço pós-soviético

Intimamente ligado ao tema geral *Identidade/Status* está o tema *Espaço pós-soviético*, uma vez que a retomada de tal conceito ao longo do governo de Vladimir Putin pode representar não apenas sua tentativa de realizar um retorno histórico para a defesa da proximidade entre os povos de origem eslava, mas sobretudo como uma busca de manter a influência – e o poder – russo na região formada pelas antigas repúblicas soviéticas, principalmente Ucrânia e Bielorrússia. Buscando evitar a exaustão da presente análise, nos concentramos sobre este tema para o fechamento do presente capítulo, tendo em vista que compreendemos que as menções ao *Oriente Médio* e à *África* são menos significativas para a compreensão da identidade russa, e mais relacionadas ao contexto internacional do período. Este tema foi amplamente representado pelas insatisfações russas em torno da questão ucraniana, já que Kiev se transformou na última *buffer zone* entre Moscou e o mundo ocidental. De acordo com os analistas do Clube Valdai, “na periferia havia levantes, abertamente apoiados pelo Ocidente, que desafiavam o controle negativo russo. O mais grave deles ocorreu na Ucrânia, que representa um interesse nacional russo fundamental<sup>124</sup>” (FRIEDMAN, 2014, p. 8, *tradução nossa*).

Entretanto, mesmo buscando defender os seus interesses regionais, as análises reconheceram a posição de certa fragilidade da Rússia frente às demais grandes potências: “a expectativa não é que a EU entregue esses países à ‘esfera de influência’ da Rússia, mas que respeite os seus interesses econômicos e humanitários, bem como um processo de integração eurásiana que está ocorrendo naturalmente e trazendo benefícios para os Estados participantes”<sup>125</sup> (SUSLOV, 2016, p. 8, *tradução nossa*). O argumento central, igualmente

<sup>124</sup> No original: “Around the periphery there were uprisings, supported openly by the West, that challenged Russian negative control. The most serious of these occurred in Ukraine, which represents a fundamental Russian national interest.” (FRIEDMAN, 2014, p. 8).

<sup>125</sup> No original: “[...] the expectation is not that the EU hands over those countries to Russia’s “sphere of influence,” but that it respects Russia’s practical economic and humanitarian interests as well as a Eurasian integration process that is proceeding naturally and bringing benefit to the participating states” (SUSLOV, 2016, p. 8).

defendido pelo Kremlin, foi de que existia uma ligação histórica e permanente entre estes Estados com a Rússia, fortalecida por aspectos culturais, linguísticos, religiosos e étnicos em comum; e que os países europeus deveriam respeitar a “aproximação natural” entre eles ao invés de manter as constantes intervenções no Leste Europeu. Entretanto, como veremos no próximo capítulo, a Ucrânia se tornou um elemento central nessa disputa (TEBIN, 2017, p. 14):

A Rússia parou de tentar tomar o lugar da Europa (e transformar a Rússia na Europa), uma meta que políticos e filósofos russos conservadores e pró-reforma, como Tyutchev e Pedro, o Grande, vêm defendendo nos últimos 300 anos. Já não procura solidificar-se incorporando zonas limítrofes (países fronteiriços) que a separam de outras plataformas civilizatórias do Ocidente ou do Sul, ou incluindo-as na sua esfera de influência. Além disso, tende a aceitar a flexibilidade identitária dessas áreas como um fato da vida. A Rússia agora tem uma atitude mais cautelosa em relação ao envolvimento político e militar de longo prazo fora da fronteira nacional e mantém apenas uma presença seletiva nas regiões de importância prioritária.<sup>126</sup> (SILAEV & SUCHENTSOV, 2017, p. 17, *tradução nossa*).

Controlar a Ucrânia é um dos mais importantes desses imperativos. Todo o império russo, dos czares aos soviéticos, dependeu do espaço tampão que a Europa Oriental fornece ao núcleo da Rússia das outras potências fortes na planície europeia. A Ucrânia, o segundo maior país da Europa depois da Rússia, representa uma parte significativa desse setor.<sup>127</sup> (SHAPIRO, 2017, p. 7, *tradução nossa*)

Dos trechos acima, ressaltamos duas questões: a clara compreensão de que era necessário promover uma identidade própria, que se distanciasse de qualquer tentativa de mimetismo europeu, e a defesa da histórica zona de influência russa como uma questão de sobrevivência política, econômica e militar do próprio regime. Perder a presença na Ucrânia seria equivalente a perder uma parte do território russo para o Ocidente, contrariando todos os esforços do “império russo” (SHAPIRO, 2017) na região. Dessa forma, a presença de Moscou no território ucraniano, para além de uma clara violação do direito internacional, pode também ser analisada como um esforço de manter o seu protagonismo regional e defender o mundo russo, ao invés de uma ação expansionista de uma potência revisionista.

---

<sup>126</sup> No original: “Russia has stopped trying to take the place of Europe (and to turn Russia into Europe), a goal conservative and pro-reform Russian politicians and philosophers, such as Tyutchev and Peter the Great, have been advocating for the previous 300 years. It is no longer trying to solidify itself by incorporating limitrophe areas (border countries) that divide it from other civilization platforms in the West or the South, or by including them in its sphere of influence. Moreover, it tends to accept the identity flexibility of these areas as a fact of life. Russia now has a more cautious attitude to long-term political and military involvement outside the national border, and only maintains a selective presence in the regions of priority importance.” (SILAEV & SUCHENTSOV, 2017, p. 17).

<sup>127</sup> No original: “Controlling Ukraine is one of the most important of those imperatives. Every Russian empire, from the czars to the Soviets, has depended on the buffer space that Eastern Europe provides Russia’s core from the other strong powers on the European plain. Ukraine, the second-largest country in Europe after Russia, makes up a significant chunk of that real estate.” (SHAPIRO, 2017, p. 7).

#### 4.4 Conclusões do capítulo: tendências do governo Putin

O presente capítulo teve por objetivo capturar os principais elementos constitutivos da identidade russa, ao menos em termos narrativos. Dessa forma, nossa análise se concentrou nas publicações de Clube Valdai de Discussão Internacional, um *think tank* muito próximo ao Kremlin e responsável por tanto promover a imagem da Rússia entre os demais países, quanto levar para os russos as tendências globais em termos de política internacional. Ao nos afastarmos das narrativas e dos discursos oficiais do governo russo, temos a possibilidade de identificar não apenas as visões e críticas predominantes entre a classe acadêmica sobre o mesmo, mas também de compreender os principais elementos compartilhados entre eles, os quais poderiam ser descritos como tendências nacionais.

Dividimos nossa análise em duas partes: uma quantitativa e uma qualitativa. Na primeira, buscamos classificar os *Valdai Papers* publicados entre 2014 e 2020 de acordo com códigos de análise, cujos temas consideramos centrais para a compreensão da identidade russa. Na segunda, aprofundamos a análise de conteúdo a partir da relevância dos códigos, observando o teor qualitativo de suas frequências. Com isso, procuramos não apenas identificar os assuntos mais mencionados entre os acadêmicos do Clube, mas também classificar as principais tendências da política externa russa no período.

## 5 A AUTOIMAGEM DA RÚSSIA SEGUNDO VLADIMIR PUTIN

### 5.1 Introdução

No capítulo anterior, buscamos analisar as publicações do Clube Valdai de Discussão Internacional entre os anos de 2014 e 2020, período imediatamente após a chamada reemergência da Rússia no sistema internacional, sobretudo em termos econômicos. Ademais, durante a década de 2010 a Rússia assumiu um papel de protagonista no sistema internacional ao se envolver em eventos de grandes proporções globais como a guerra na Síria e a anexação da península da Crimeia, momentos em que os seus interesses nacionais ficaram mais evidentes, bem como as tensões com os países ocidentais. Nesse sentido, o período sobre o qual nos debruçamos anteriormente foi marcado por intensas disputas no cenário internacional e pela discussão cada vez mais presente sobre as modificações na ordem global, com o fortalecimento da multipolaridade. Em conjunto com o papel cada vez mais predominante da economia chinesa, a década passada foi um momento de reordenamento das relações entre as grandes potências.

Segundo nosso argumento, a Rússia passou por dois processos paralelos: um primeiro momento de (re)construção do próprio Estado, e um segundo de reação à ordem internacional vigente. Ao retomar as condições materiais necessárias para sustentar seu *status* de grande potência, o Kremlin passou a agir de forma mais incisiva no sistema internacional e impor seus interesses regionais e sistêmicos. O conflito na Síria, por exemplo, tornou-se um episódio em que não apenas pudemos observar uma disputa por influência em uma das regiões mais turbulentas do planeta, mas também uma demonstração de força militar entre potências na atualidade. Dentro desse contexto, vimos a deterioração das relações entre a Rússia e o bloco ocidental, bem como o fortalecimento dos laços com os países asiáticos.

Ao longo da presente pesquisa, nos propomos a responder à questão sobre uma possível mudança da própria identidade russa nos últimos anos, e não apenas uma mudança em seu comportamento no cenário global. Para isso, procuramos compreender como ocorreu a projeção internacional do país por meio do Clube Valdai de Discussão Internacional, um espaço de diálogo entre as classes políticas e acadêmicas sobre os temas pertinentes a Moscou e à toda a comunidade de Estados. Entretanto, defendemos que a identidade dos Estados é composta sobretudo por dois elementos: a projeção internacional, que analisamos anteriormente, e a autoimagem, sobre a qual nos debruçaremos a seguir.

Como ressaltamos anteriormente, a identidade de um Estado não é fixa ou dada, mas sim um conjunto de construções intersubjetivas de diferentes atores. Dessa forma, a depender do grupo focal ou indivíduo analisado, é possível encontrar nuances distintas do conceito de identidade. Embora muitas sejam as opções disponíveis para a compreensão da identidade russa, optamos por analisar os discursos de Vladimir Putin nos encontros anuais do Clube Valdai, momento em que o presidente expõe temas que considera relevantes e interage com os participantes da conferência, respondendo perguntas. Desde a formação do Clube, Putin manteve a tradição de participar anualmente do encontro com acadêmicos e líderes políticos, estabelecendo contato recorrente com ambos os grupos. Segundo ele, quando questionado sobre o motivo de estar presente em todas as reuniões anuais e criar um espaço de perguntas: “eu tenho dois objetivos. O primeiro é ouvir o que pessoas inteligentes têm a dizer. Eu sou realmente interessado nas suas visões; isso é bom para mim e meus colegas. E o segundo objetivo é fazer com que nossa opinião seja ouvida através de vocês. É isso. Acredito ser importante.”<sup>128</sup> (RÚSSIA, 2016, p. 62, *tradução nossa*). Nesse sentido, o presente capítulo terá como objetivo a análise da autoimagem da Rússia segundo Putin, que compreendemos ser o principal representante do Estado russo.

## 5.2 Encontros anuais com o Clube Valdai de Discussão Internacional

Para além da publicação de *reports*, *papers* e opiniões de especialistas, o Clube Valdai também organiza um conjunto de eventos com o intuito de “facilitar o diálogo de *experts* ao redor do mundo”. Um dos principais eventos do Clube é o encontro anual em que participam não apenas os membros do Valdai, como também pesquisadores convidados e lideranças internacionais. Realizado sempre em território russo, o encontro conta com a participação recorrente de Vladimir Putin, encarregado da última sessão de discursos e debates do evento. A estrutura do evento se mantém ao longo do tempo: o presidente Putin faz um discurso de abertura, expondo sua opinião sobre os principais temas discutidos nos dias do congresso, seguido de um momento de perguntas e respostas dos participantes da reunião.

Diferente dos *Valdai Papers* que começaram a ser publicados apenas em 2014, os discursos de Putin nos encontros do clube datam de antes; dessa forma, conseguiremos analisar o período de 2012 a 2020. Ademais, mantivemos a metodologia utilizada previamente: com o

---

<sup>128</sup> No original: “*I have two goals. The first is to listen to what clever people have to say. I am really interested in your views; this is good for me and my colleagues. And the second goal is to make our opinion heard through you. That is it. I believe it is very important.*” (RÚSSIA, 2016, p. 62).



apoio do *software* MAXQDA, codificamos as unidades de análise – parágrafos – dos discursos presidenciais, a partir da mesma lista de códigos apresentada (ver tabela 2). Embora saibamos que a divisão dos textos por meio de códigos previamente selecionados não seja um método ausente de limitações, inclusive devido aos possíveis erros de interpretação e classificação dos temas, acreditamos ser um formato de análise que nos permite perceber os principais temas de interesse para os atores observados. Para nós, mais relevante do que compreender o peso de cada menção ao longo do texto, é identificar os temas mais recorrentes e citados ao longo do período da análise.

**Tabela 2 - Lista de códigos da análise de conteúdo dos discursos de Vladimir Putin no Clube Valdai realizada no MAXQDA**

Lista de Códigos	Anotação	Frequência
Lista de Códigos		2142
Relações regionais		7
	Relações regionais > África	20
	Relações regionais > América Latina	1
	Relações regionais > Oriente Médio	197
	Relações regionais > Ásia	119
Ordem mundial		110
Valores liberais e Instituições		109
	Valores liberais e Instituições > Desenvolvimento econômico e social	299
	Valores liberais e Instituições > Democracia	115
Identidade/Status		124
Ocidente		320
	Ocidente > OTAN	18
Interesses nacionais		227
	Interesses nacionais > (In)segurança ontológica	56
	Interesses nacionais > (In)segurança física	232
Espaço pós-soviético		163
	Espaço pós-soviético > Mundo russo	25

Fonte: elaboração própria.

A tabela 2, ilustrada acima, reúne o total de codificações dos discursos anuais de Vladimir Putin no Clube Valdai: ao todo, foram 2142 códigos em 9 discursos, sendo os mais frequentes *Ocidente*, *Desenvolvimento econômico e social*, *(In)segurança física*, *Interesses nacionais* e *Oriente Médio*. Foi possível observar, portanto, grande semelhança com os códigos mais recorrentes entre os *papers*, o que pode ser compreendido como um alinhamento entre os temas mais relevantes tanto para a projeção internacional russa quanto para a sua autopercepção. No que tange as relações regionais, que representam a principal mudança dos códigos identificados nos discursos e nas publicações, é possível afirmar que a predominância do subcódigo *Ásia* nos *papers* ocorre por uma ênfase dos pesquisadores nas relações econômicas da Federação Russa e na aproximação com a China e outros países na região;

enquanto o subcódigo *Oriente Médio* tornou-se mais presente nos discursos presidenciais devido aos intensos questionamentos sobre a intervenção militar na Síria. Os demais códigos encontrados se mantêm iguais, alterando apenas a ordem de relevância. Na tabela abaixo, é possível comparar os cinco códigos mais recorrentes em ambas as análises:

**Tabela 3 - Códigos mais frequentes nos *Valdai Papers* e nos discursos presidenciais**

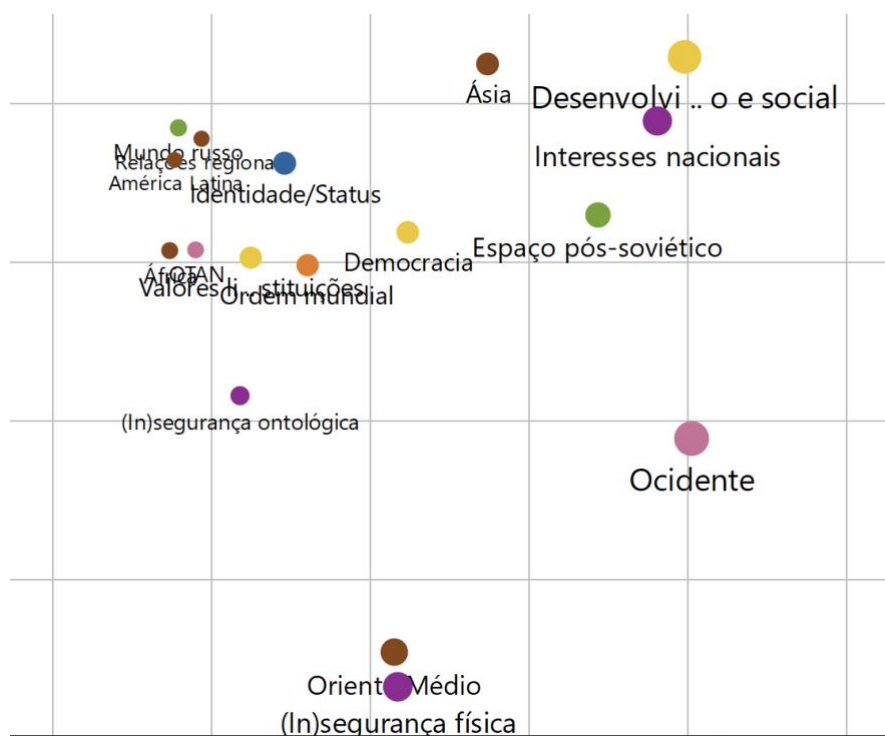
Ordem	Valdai Papers		Discursos presidenciais	
	Códigos	Frequência	Códigos	Frequência
1	Desenvolvimento econômico e social	506	Ocidente	320
2	Ocidente	373	Desenvolvimento econômico e social	299
3	Interesses nacionais	361	(In)segurança Física	232
4	Ásia	355	Interesses nacionais	227
5	(In)segurança Física	291	Oriente Médio	197

Fonte: elaboração própria.

Embora não seja possível comparar as frequências encontradas devido às diferenças entre o número de documentos analisados, ainda sim permanece compatível a comparação das ordens de relevância em ambos os casos. Dentre os resultados obtidos, ressaltamos a posição do subcódigo *(In)segurança física* nos discursos de Vladimir Putin, o que revelou a maior percepção de ameaça entre os representantes do Kremlin do que entre os acadêmicos que analisaram as relações e atuações da Rússia no período definido. A expansão da Organização do Atlântico Norte no espaço pós-soviético, a participação russa em conflitos regionais, o aumento da desconfiança entre as potências e a retirada russa e norte-americana de acordos de segurança são alguns dos eventos que influenciam a maior percepção de ameaça à integridade do território russo.

Ademais, para além da identificação dos principais temas abordados nos discursos de Putin durante os encontros anuais do Clube Valdai, destacamos abaixo o uso combinado de tais códigos a partir da percepção de afinidades entre os temas (ver ilustração 17). Diferente do mapa de códigos obtido entre os *papers* publicados pelo Valdai, o mapa dos discursos presidenciais apresentou *clusters* menos definidos, o que nos evidencia uma abordagem mais holística no que tange os interesses de política externa russa. Ao se pronunciar para os convidados e membros do Clube, Vladimir Putin apresenta um panorama geral dos eventos do último ano, os quais são discutidos posteriormente na sessão de perguntas e respostas.

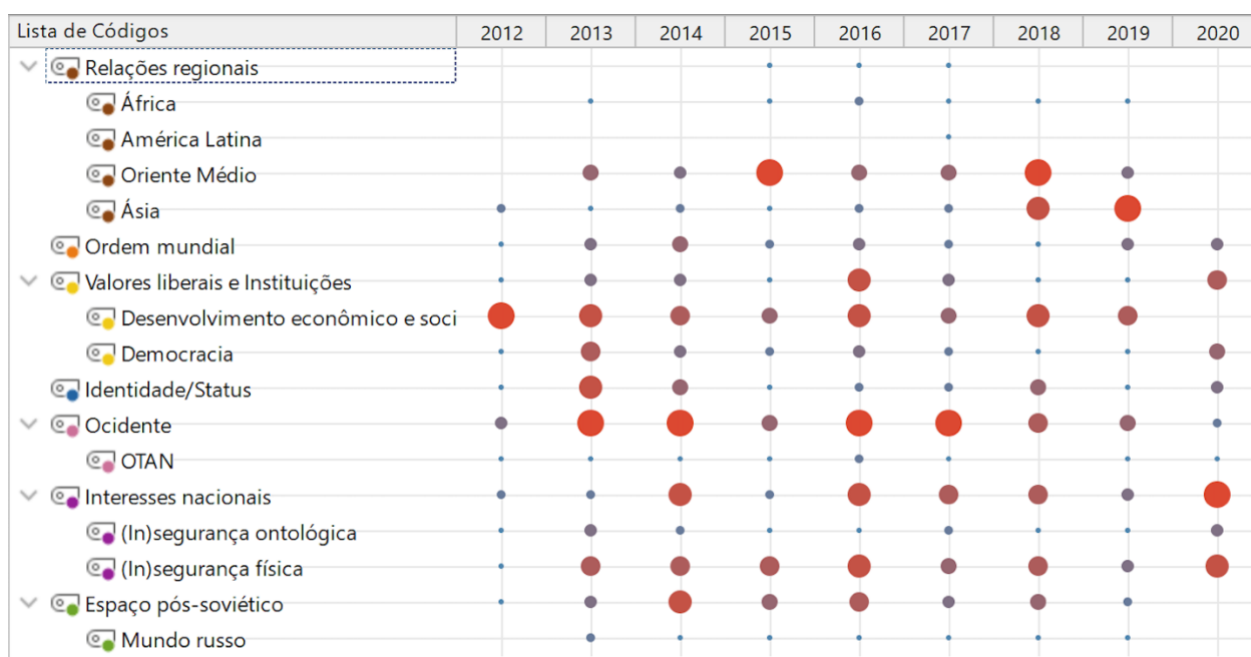
**Ilustração 17 - Correlação entre códigos e subcódigos no MAXQDA, discursos anuais de Vladimir Putin**



Fonte: Elaboração própria.

A cada encontro anual, portanto, os temas mais relevantes e frequentes no encontro de Vladimir Putin com os acadêmicos sofreram alterações de acordo com os acontecimentos internacionais e seus interesses de política externa. Na tabela 4, é possível observar quais foram os temas mais citados nos encontros de cada ano o que, em conjunto com uma análise dos eventos mais relevantes de cada período, nos proporciona a possibilidade de compreender as mudanças e continuidades na política externa russa. Diferente do capítulo 3, seguiremos com a análise individual de cada um dos discursos presidenciais no encontro do Valdai entre 2012 e 2020, ao invés de analisar as várias menções aos códigos principais. Buscamos, dessa forma, compreender o processo de mudança da autoimagem russa segundo o presidente ao longo dos anos a partir da classificação realizada no MAXQDA.

**Tabela 4 - Grandeza dos códigos nos discursos presidenciais nos encontros do Clube Valdai, de 2012 a 2020**



Fonte: elaboração própria.

### 5.2.1 2012: O mesmo líder para uma nova Rússia

Conforme a tabela 4, o retorno de Vladimir Putin à presidência da Federação foi marcado pela grande discussão sobre o desenvolvimento econômico e social da Rússia, influenciado pelos efeitos ainda presentes da crise financeira global e a consequente desaceleração econômica em todos os países. Nesse sentido, os demais temas receberam menor importância no discurso presidencial de 2012, que foi marcado pelas discussões sobre a dependência econômica russa do setor energético e as formas de investir em desenvolvimento do mercado nacional (RÚSSIA, *Meeting with the Valdai Discussion Club*, 2012). Para além da abordagem econômica e a exposição dos incentivos realizados pelo Kremlin na tentativa de tornar a economia russa mais dinâmica, Putin apresenta uma visão positiva sobre o cenário nacional:

Se pudéssemos combinar as capacidades tecnológicas da União Europeia com o vasto território da Rússia e as oportunidades que nosso país oferece, a sinergia resultante seria tremenda e nos tornaria todos nós mais competitivos. É triste, entretanto, que estejamos nos movendo muito lentamente nessa direção. [...] Nosso objetivo é diversificar, e eu tentei mostrar de forma abrangente os caminhos para a diversificação. Eu repito, uma das áreas principais é a melhoria das condições de negócio. Nessa base, nessa fundação,

nós esperamos atrair capital: tanto o nosso capital doméstico, mesmo que isso envolva a repatriação do nosso capital doméstico em outros países, quando o capital totalmente estrangeiro.<sup>129</sup> (RÚSSIA, *Meeting with the Valdai International Discussion Club participants*, 2012, tradução nossa).

Embora o retorno de Vladimir Putin ao cargo de presidente seja muitas vezes compreendido como um momento de abalo das relações entre a Rússia e os países ocidentais, conforme argumentamos previamente, o trecho destacado acima revela que nesse momento ainda não havia sido descartada a possibilidade de uma aproximação com eles, principalmente com os membros da União Europeia. Todavia, na medida em que aumentou a percepção russa de que seus interesses nacionais não são levados em consideração pelo Ocidente, aumentou a distância (política, econômica, diplomática etc.) do bloco em relação a Moscou. No encontro do Valdai do ano seguinte, por exemplo, Putin já seguiu uma linha muito mais nacionalista que, de certa forma, se contrapõe aos valores normalmente defendidos pelos líderes ocidentais.

### 5.2.2 2013: A identidade como força motora

Em seu discurso de 2013, Vladimir Putin surpreendeu sua audiência ao trazer os temas da identidade e do mundo russo para o centro das discussões, fazendo afirmações contundentes sobre o lugar ocupado pela Rússia no sistema internacional. É sintomático que estes tenham sido os temas abordados pelo presidente nesse ano, tendo em vista o início das tensões na Ucrânia no ano seguinte, as quais reacenderam as discussões sobre as relações entre o Kremlin e as antigas repúblicas soviéticas. Segundo ele:

[...] a identidade nacional da Rússia de hoje está experimentando não apenas pressões objetivas decorrentes da globalização, mas também as consequências das catástrofes naturais do século XX, quando nós experimentamos o colapso do nosso Estado em dois momentos diferentes. O resultado foi um sopro devastador nos códigos espirituais e culturais da nossa nação; nós nos deparamos com a ruptura de tradições e a consonância da história, com a desmoralização da sociedade, com um déficit de confiança e responsabilidade. Essas são as causas de muitos problemas urgentes que enfrentamos. Afinal, a questão da responsabilidade consigo mesmo, perante a sociedade e a lei, é algo fundamental tanto para nossa vida legal quanto do dia a dia. Após 1991 havia a ilusão de que uma nova ideologia nacional, uma ideologia desenvolvimentista, simplesmente apareceria por si mesma. [...] A prática nos mostrou que uma nova ideia nacional não iria simplesmente aparecer, nem que iria se desenvolver de acordo com as

---

<sup>129</sup> No original: “*If we could combine the European Union’s technological capabilities with Russia’s huge territory and the opportunities our country offers, the resulting synergy would be tremendous and would make us all more competitive. Sadly, however, we are moving only very slowly in this direction. [...] So, our goal is to diversify, and I tried to give a broad overview of the ways for diversification. I repeat, one of the key areas is improving business conditions. On this basis, on this foundation, we hope to attract capital: both our own domestic capital, even if it involves the repatriation of our domestic capital from abroad, and purely foreign capital.*” (RÚSSIA, *Meeting with the Valdai International Discussion Club participants*, 2012).

regras do mercado. *Um Estado e uma sociedade construídos espontaneamente não funcionam, assim como não funciona a cópia mecânica da experiência de outros países.* Esse empréstimo primitivo e tentativa de civilizar a Rússia a partir de fora não foram aceitos pela absoluta maioria do nosso povo. Isso ocorre porque o desejo por independência e soberania nas esferas espiritual, ideológica e de política externa é uma parte integral do nosso caráter nacional. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2013, grifo nosso, tradução nossa).<sup>130</sup>

Para além da afirmação da soberania do território e dos recursos nacionais, o excerto acima também carrega consigo a afirmação da soberania da própria identidade do Estado russo, a qual deveria se manter o mais independente o possível de qualquer influência externa. Ademais, ressaltamos a recusa de qualquer espontaneidade para a formação do Estado e da sociedade, os quais consideramos ser atores centrais para a formação da identidade russa. Nesse sentido, houve nesse discurso de Putin um tom muito mais nacionalista do que o anterior, bem como mais filosófico do que os pronunciamentos dos anos seguintes: a grande questão tratada em 2013 foi, portanto, a noção de insegurança ontológica da Rússia naquele período. Como forma de combater quaisquer ameaças vindas do estrangeiro, que cada vez mais passa a ser concebido como um *locus* de inimizade, seria necessária a valorização de tudo aquilo que é nacional e “verdadeiramente russo” em detrimento de qualquer forma de “cópia mecânica da experiência de outros países” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2013). Putin afirma que

É necessário curar essas feridas, e reparar os retalhos no nosso tecido histórico. Nós não podemos mais nos envolver em auto decepção, riscando as páginas feias ou ideológicas da nossa história, quebrando as ligações entre gerações, correndo aos extremos, criando ou desmascarando ídolos. Chegou o momento de parar de anotar apenas as partes ruins da nossa história, e nos repreender mais do que os nossos oponentes o fariam. A (auto)crítica é necessária, mas sem um sentido de valor-próprio, ou amor pela nossa pátria, tais críticas se tornam humilhantes e contra produtivas. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2013, tradução nossa).<sup>131</sup>

---

<sup>130</sup> No original: “[...] today Russia’s national identity is experiencing not only objective pressures stemming from globalization, but also the consequences of the national catastrophes of the twentieth century, when we experienced the collapse of our state too different times. The result was a devastating blow to our nation’s cultural and spiritual codes; we were faced with the demoralization of society, with a deficit of trust and responsibility. These are the root causes of many pressing problems we face. After all, the question of responsibility for oneself, before society and the law, is something fundamental for both legal and everyday life. After 1991 there was the illusion that a new national ideology, a development ideology, would simply appear by itself. [...] Practice has shown that a new national idea does not simply appear, nor does it develop according to market rules. A spontaneously constructed state and society does not work, and neither does mechanically copying other countries’ experience. Such primitive borrowing and attempts to civilize Russia from abroad were not accepted by an absolute majority of our people. This is because the desire for independence and sovereignty in spiritual, ideological, and foreign policy spheres is an integral part of our national character.” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2013).

<sup>131</sup> No original: “We need to heal these wounds, and repair the tissues of our historical fabric. We can no longer engage in self-deception, striking out unsightly or ideologically uncomfortable pages of our history, breaking links

Houve, portanto, a tentativa de alterar a autopercepção da Rússia por meio da recuperação do orgulho nacional e do afastamento das narrativas críticas ao passado. Ao retomar o próprio valor do seu país, o grande representante da Rússia reafirmou de forma mais incisiva o seu lugar entre as grandes potências do sistema, e o fez em um evento repleto de especialistas que divulgariam tal visão ao redor do mundo. Dessa forma, dentre os discursos que analisaremos neste capítulo, este é o mais diretamente ligado com a questão da identidade do Estado. Nos próximos excertos veremos uma outra forma de afirmação do *status* russo por meio da defesa dos seus interesses nacionais, sobretudo aqueles ligados aos conflitos no Oriente Médio e no espaço pós-soviético. Se em 2013 Putin apresentou a questão da insegurança a partir de um viés mais ontológico, nos próximos anos tal argumentação foi realizada a partir do viés da insegurança física no que tange a integridade nacional.

### 5.2.3 2014: Novas regras para a ordem mundial

No encontro anual de 2014, o tema principal discutido foi a ordem mundial e a percepção russa sobre a ausência de equilíbrio em tal ordem desde o fim da Guerra Fria. Segundo Vladimir Putin, o mundo naquele momento era repleto de contradições e inseguranças, uma vez que o sistema construído nos anos 1990 não foi capaz de abarcar os interesses de todos os atores e construir um equilíbrio funcional de pesos e contrapesos, fazendo com que muitas vezes a força bruta se tornasse o único recurso disponível entre os Estados (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2014). Para o presidente, a autodeclaração dos Estados Unidos como os grandes vencedores da Guerra Fria, bem como a imposição dos seus interesses “universais” nas demais regiões do mundo, foram responsáveis pelo profundo desequilíbrio causado pela ausência de uma nova balança de poder no sistema internacional. Dessa forma, seu pronunciamento carregou críticas mais diretas aos países do Ocidente e sua atuação após a dissolução da União Soviética:

Em uma situação em que há a dominação de um país e seus aliados, ou mesmo os seus satélites, a procura por soluções globais se torna normalmente uma tentativa de impor as suas próprias receitas universais. As ambições desse grupo se tornaram tão grandes que eles começaram a apresentar as suas políticas colocadas em prática em seus corredores de poder como se fossem as visões de toda a comunidade internacional. Mas

---

*between generations, rushing to extremes, creating, or debunking idols. It's time to stop only taking note of the bad in our history, and berating ourselves more than even our opponents would do. [Self]criticism is necessary, but without a sense of self-worth, or love for our Fatherland, such criticism becomes humiliating and counterproductive.”* (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2013).

esse não é o caso. A própria noção de “soberania nacional” se tornou um valor relativo para muitos países. Em essência, o que foi proposto foi a seguinte fórmula: quanto maior a lealdade ao único centro de poder mundial, maior a legitimidade desse ou daquele regime de poder. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2014, tradução nossa).<sup>132</sup>

No trecho destacado anteriormente, fica evidente o incômodo do presidente russo com o posicionamento norte-americano desde o fim da Guerra Fria, tendo em vista que o país teria imposto os seus próprios interesses em todo o mundo ao se considerar como único centro de poder internacional. Destacamos também a última frase, em que Putin comentou sobre a legitimidade de alguns regimes e a sua aparente dependência de um alinhamento com os valores liberais e ocidentais. Segundo essa visão, a legitimidade de um governo não depende do seu comprometimento com os interesses nacionais ou mesmo com um processo democrático, mas sim do seu alinhamento com os interesses dos Estados Unidos. Embora algumas críticas nesse sentido já tivessem sido realizadas anteriormente, os eventos de 2014 – sobretudo os relacionados à Ucrânia – foram responsáveis por exacerbar a insatisfação do Kremlin em relação à ordem mundial vigente.

Cada vez mais, Moscou passou a questionar as ações e os interesses do Ocidente, principalmente quando envolviam regiões do espaço pós-soviético e o enquadramento da Rússia como inimiga comum (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2014). Dessa forma, houve um redesenho da própria política externa do país ao alterar o seu comportamento em relação ao seu estrangeiro próximo, retomando a ideia de linhas divisórias no continente europeu e de uma esfera de influência própria. Nesse sentido, conforme argumentamos anteriormente, a Rússia se tornou mais incisiva na defesa dos seus interesses nacionais e do seu *status* de grande potência capaz de ditar a política internacional. Ressaltando os aspectos de insegurança tanto na ordem mundial quanto no espaço pós-soviético, Putin afirmou que

Hoje, já vemos um aumento acentuado na probabilidade de todo um conjunto de conflitos violentos com participação direta ou indireta das grandes potências mundiais. E os fatores de risco incluem não apenas conflitos multinacionais tradicionais, mas também a instabilidade interna em estados separados, especialmente quando falamos de nações localizadas nas interseções dos interesses geopolíticos dos grandes Estados, ou na fronteira de continentes civilizacionais culturais, históricos e econômicos. A

---

<sup>132</sup> No original: “*In a situation Where you had domination by one country and its allies, or its satellites rather, the search for global solutions often turned into an attempt to impose their own universal recipes. This group’s ambitions grew so big that they started presenting the policies they put together in their corridors of power as the view of the entire international community. But this is not the case. The very notion of “national sovereignty” became a relative value for most countries. In essence, what was being proposed was the formula: the greater the loyalty towards the world’s sole power center, the greater this or that ruling regime’s legitimacy.*” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2014).



Ucrânia, que tenho certeza de que foi amplamente discutida e que ainda discutiremos um pouco mais, é um dos exemplos desse tipo de conflito que afeta o equilíbrio de poder internacional, e acho que certamente não será o último. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2014, tradução nossa).<sup>133</sup>

O conflito ao qual Putin fez referência diz respeito ao gradual reordenamento global após os anos 2000 e suas consequências, com o surgimento de novos polos de poder capazes de desafiar a ideia de unipolaridade no sistema internacional. No momento em que tal competição se tornou mais presente, o mundo se transformou em um ambiente menos estável entre os Estados. Entretanto, o presidente deixou claro que não era um objetivo da Rússia clamar por um espaço especial em tal sistema, mas apenas respeitar os interesses alheios enquanto os seus próprios interesses são igualmente respeitados (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2014). Entretanto, na ausência de tal reciprocidade, eventos como a guerra na Síria e o conflito no leste da Ucrânia se tornariam cada vez mais constantes, tendo em vista o desequilíbrio internacional entre as grandes potências. Para que a estabilidade global fosse retomada seria necessário, portanto, reconhecer a emergência de um sistema multipolar e reorganizar as esferas de influência e poder de acordo com os principais atores.

#### 5.2.4 2015: Um mundo em conflito

Com a permanência de tropas russas na região leste da Ucrânia, a continuidade de imposição de sanções econômicas contra Moscou e as tensões no Oriente Médio, a reunião do Clube Valdai de 2015 foi inteiramente dedicada às discussões sobre um mundo dividido entre guerra e paz. Em contraposição com o discurso realizado em 2012, ano em que demos início à nossa análise, os temas abordados após três anos foram menos marcados pelo otimismo em relação a qualquer aproximação entre a Rússia e os países ocidentais. Pelo contrário, a reunião final do evento foi marcada pelas críticas à unipolaridade e pela exposição dos interesses nacionais de Moscou a partir da percepção de insegurança. Assim como exposto em 2014, a competição entre as grandes potências apareceu novamente como a possível causa de inúmeros conflitos e crises internacionais. Ademais, Vladimir Putin mencionou as “regiões fronteiriças”

---

<sup>133</sup> No original: “Today, we already see a sharp increase in the likelihood of a whole set of violent conflicts with either direct or indirect participation by the world’s major powers. And the risk factors include not just traditional multinational conflicts, but also the internal instability in separate states, especially when we talk about nations located at the intersections of major states’ geopolitical interests, or on the border of cultural, historical, and economic civilizational continents. Ukraine, which I’m sure was discussed at length and which we will discuss some more, is one of the examples of such sorts of conflicts that affect international power balance, and I think it will certainly not be the last.” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2014).

como as mais prováveis de abrigar conflitos, uma vez que representariam o encontro de interesses diversos de nações e blocos divididos. Nesse sentido, as linhas divisórias abordadas em seu discurso anterior já haviam se consolidado em 2015.

Levando em consideração o conflito entre Rússia e Ucrânia com início em 24 de fevereiro de 2022, é impossível não colocar em perspectiva os discursos realizados nesse período, sobretudo aqueles relacionados à expansão da OTAN no espaço pós-soviético. Embora não fosse a primeira vez que Putin fizesse tal comparação, em 2015 ele relacionou a adesão de novos países à Organização como uma manobra norte-americana para impor os seus valores e interesses em regiões historicamente sob influência russa:

Agora, sobre o tema da democracia se aproximando de nossas fronteiras. (risada). Você parece ser uma pessoa experiente. Você imagina que poderíamos nos opor a ter democracia em nossas fronteiras? Como é que você chama de democracia aqui? você está se referindo ao movimento da OTAN em direção às nossas fronteiras? É isso que você quer dizer com democracia? A OTAN é uma aliança militar. Não estamos preocupados com a democracia em nossas fronteiras, mas com a infraestrutura militar chegando cada vez mais perto de nossas fronteiras. Como você espera que respondêssemos nesse caso? O que devemos pensar? Esta é a questão que nos preocupa. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2015, tradução nossa).<sup>134</sup>

Cada vez mais, a OTAN passou a representar não apenas uma ameaça para a integridade territorial russa, mas também a personificação da ingerência ocidental em regiões com um vínculo histórico com Moscou. Conforme a tabela 4, os temas *Espaço pós-soviético*, *Ocidente* e *(In)segurança física* receberam grande destaque nesse ano, sendo superados apenas pelo código *Oriente Médio*. Assim como a aliança militar ocidental foi compreendida como um inimigo no continente europeu, a atuação dos Estados Unidos nos países do Oriente Médio também foi entendida como uma ameaça, uma vez que carregava a imposição de valores, formas de governo e costumes.

#### 5.2.5 2016: Pensando o amanhã

Apesar de a discussão de 2015 ter sido concentrada em poucos temas, o discurso realizado na conferência de 2016 foi mais amplo e diverso. Tendo como guia o tema central da

---

<sup>134</sup> No original: “Now, on the subject of democracy moving closer to our borders. (Laughter). You seem to be an experienced person. Do you imagine we could be opposed to having democracy on our borders? What is it you call democracy here? Are you referring to NATO’s move towards our borders? Is that what you mean by democracy? NATO is a military alliance. We are worried not about democracy on our borders, but about military infrastructure coming ever closer to our borders. How do you expect us to respond in such a case? What are we to think? This is the issue that worries us.”. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2015).

reunião – Um futuro em progresso: moldando o mundo de amanhã – Vladimir Putin retomou as questões relacionadas ao desenvolvimento econômico nacional em sua pauta, em conjunto com os já habituais comentários sobre a ordem mundial, a insegurança e os interesses da Federação Russa. Dessa forma, além de defender a multipolaridade e reafirmar o *status* russo de grande potência, o presidente também apresentou a Rússia como um país capaz de questionar a própria ordem econômica estabelecida após o fim da Guerra Fria, marcada pela globalização. Segundo ele, tal organização foi formulada para beneficiar apenas os seus criadores, não sendo vantajosa para os demais países que desejam ser incluídos em tal sistema:

Eles escolheram o caminho da globalização e da segurança para seus próprios entes queridos, para alguns poucos selecionados, e não para todos. Mas nem todos estavam prontos para concordar com isso. Podemos ser francos aqui, pois sabemos muito bem que muitos não concordaram com o que estava acontecendo, mas alguns foram incapazes de responder e outros ainda não estavam prontos para responder. O resultado, porém, é que o sistema de relações internacionais está em estado febril e a economia global não consegue se livrar da crise sistêmica. Ao mesmo tempo, regras e princípios, na economia e na política, são constantemente distorcidos e muitas vezes vemos o que ainda ontem foi tomado como verdade e elevado a *status* de dogma ser completamente revertido.<sup>135</sup> (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2016, tradução nossa).

As críticas em relação ao Ocidente se tornaram mais amplas na medida em que aumentava a insatisfação russa com a atuação do bloco: o sistema econômico, as intervenções militares, a universalização dos valores e a imposição de interesses são alguns dos tópicos mais questionados pelo presidente russo. Ademais, houve no discurso de 2016 um grande incômodo com as narrativas que retratam a Rússia como inimiga e potencial ameaça, uma vez que seu grande objetivo seria apenas manter a sua “identidade, liberdade e independência” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2016). Para tanto, o Kremlin pretendia manter uma política “multi-vetorial” direcionada tanto para os Estados Unidos e a União Europeia quanto para os países da Ásia, na tentativa de promover os interesses russos por meio do diálogo. Nesse sentido, as críticas realizadas em 2016 não foram relacionadas a uma possível

---

<sup>135</sup> No original: “*They chose the road of globalisation and security for their own beloved selves, for the select few, and not for all. But far from everyone was ready to agree with this. We may as well be frank here, as we know full well that many did not agree with what was happening, but some were unable by then to respond, and others were not yet ready to respond. The result though is that the system of international relations is in a feverish state and the global economy cannot extricate itself from systemic crisis. At the same time, rules and principles, in the economy and in politics, are constantly being distorted and we often see what only yesterday was taken as a truth and raised to dogma status reversed completely.*” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2016).

incompatibilidade das identidades russa e ocidental, mas sim como a ausência de um diálogo claro entre os blocos.

#### 5.2.6 2017: Do conflito à cooperação

Na medida em que o mundo se tornava cada vez mais dividido com a ascensão de governos mais nacionalistas, a imposição de sanções econômicas, as disputas sobre intervenções militares e a discussão recorrente sobre legitimidade, a Rússia se posicionava em eventos internacionais como uma grande defensora do direito internacional ou, em outras palavras, das “regras do jogo”. Isso ocorreu por dois motivos centrais: na medida em que os Estados ficam condicionados aos tratados internacionais e às definições das Nações Unidas, por exemplo, o seu espaço de atuação independente se torna reduzido; e ao defender tais princípios, o Kremlin buscava se afastar da imagem de um Estado-párea no sistema internacional. Ao mesmo tempo em que o governo russo buscava legitimar as suas próprias ações de acordo com os preceitos do direito internacional, também procurava questionar ou mesmo criticar as ações de alguns países. Em relação às tensões na Síria, por exemplo, o presidente Vladimir Putin disse:

Entretanto, existem alguns exemplos positivos na experiência recente. Como você provavelmente adivinhou, estou me referindo à experiência da Síria. Isso mostra que existe uma alternativa para esse tipo de política arrogante e destrutiva. A Rússia se opõe aos terroristas junto com o legítimo governo sírio e outros estados da região, e está agindo com base no direito internacional. Devo dizer que essas ações e esse avanço não foram fáceis. Há muito de discórdia na região. Mas temos nos fortalecido com paciência e, pesando cada movimento e palavra, estamos trabalhando com todos os participantes deste processo com o devido respeito aos seus interesses. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2017, tradução nossa).<sup>136</sup>

A menção à uma “política arrogante e destrutiva” pode ser interpretada como uma crítica às potências ocidentais que mantiveram certa ingerência nos países do Oriente Médio, muitas vezes realizando intervenções militares a partir da justificativa da democratização. Ao dizer que a Rússia se colocava ao lado do “legítimo governo sírio”, Putin deixou subentendido

---

<sup>136</sup>No original: “*Meanwhile, there are some positive examples in recent experience. As you have probably guessed, I am referring to the experience of Syria. It shows that there is an alternative to this kind of arrogant and destructive policy. Russia is opposing terrorists together with the legitimate Syrian Government and other states of the region and is acting on the basis of international law. I must say that these actions and this forward progress has not come easy. There is a great deal of dissension in the region. But we have fortified ourselves with patience and, weighing our every move and word, we are working with all the participants of this process with due respect for their interests.*” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2017).

que todas as ações contrárias ao mesmo estariam no espectro do ilegítimo, uma vez que seriam contrárias às vontades e aos interesses da outra nação – entretanto, achamos pertinente deixar claro que é questionável até que ponto o governo sírio de fato representava os interesses do povo naquele momento. No geral, portanto, a Rússia se posicionou de forma contrária às intervenções e pressões estrangeiras em relação ao conceito de soberania nacional.

Para Vladimir Putin, “todas as disputas devem ser resolvidas de maneira civilizada. A Rússia sempre favoreceu tal abordagem. Estamos firmemente convencidos de que mesmo os nós mais complexos – seja a crise na Síria ou na Líbia, na Península Coreana ou, digamos, na Ucrânia – devem ser desembaraçados em vez de cortados.” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2017, tradução nossa)<sup>137</sup>. Nesse sentido, a crítica aos países ocidentais veio combinada com a defesa de uma forma própria de compreender a democracia e outros valores liberais, por exemplo ao considerar legítimo o referendo realizado na península da Crimeia enquanto uma expressão da vontade popular:

Acontece que alguns de nossos colegas acham que existem "bons" lutadores pela independência e liberdade e existem "separatistas" que não têm o direito de defender os seus direitos, mesmo com o uso de mecanismos democráticos. Como sempre dizemos em casos semelhantes, esses padrões duplos – e este é um exemplo vívido de padrões duplos – representam sério perigo para o desenvolvimento estável da Europa e de outros continentes e para o avanço dos processos de integração em todo o mundo. [...] Ouvimos declarações sobre estarmos comprometidos em resolver questões globais, mas, na verdade, o que vemos são cada vez mais exemplos de egoísmo. Todas as instituições internacionais destinadas a harmonizar interesses e formular uma agenda conjunta estão sendo corroídas, e tratados internacionais multilaterais básicos e acordos bilaterais de importância crítica estão sendo desvalorizados. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2017, tradução nossa)<sup>138</sup>.

O desgaste das relações com os países ocidentais e com as instituições internacionais ficou mais aparente no discurso de encerramento do encontro de 2017, bem como a reiterada defesa da multipolaridade como forma de construir uma nova balança de poder entre as grandes

---

<sup>137</sup> No original: “All disputes must be resolved in a civilized manner. Russia has always favored such an approach. We are firmly convinced that even the most complex knots – be it the crisis in Syria or Libya, the Korean Peninsula or, say, Ukraine – must be disentangled rather than cut.” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2017).

<sup>138</sup> No original: “It turns out that some of our colleagues think there are ‘good’ fighters for independence and freedom and there are ‘separatists’ who are not entitled to defend their rights, even with the use of democratic mechanisms. As we always say in similar cases, such double standards – and this is a vivid example of double standards – pose serious danger to the stable development of Europe and other continents, and to the advancement of integration processes across the world. [...] We do hear declarations about being committed to resolving global issues, but, in fact, what we see is more and more examples of selfishness. All the international institutions designed to harmonize interests and formulate a joint agenda are being eroded, and basic multilateral international treaties and critically important bilateral agreements are being devalued.” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2017).

potências. O Ocidente enquanto elemento simbólico, seus valores e seus instrumentos de poder foram os focos principais da discussão realizada por Vladimir Putin, que concebeu a possibilidade de uma cooperação no futuro mediante o reconhecimento dos interesses russos em termos econômicos, geopolíticos e de segurança. Na ausência de tais reconhecimento e respeito, o sistema internacional permaneceria marcado pela competição entre os atores.

### 5.2.7 2018 e 2019: Estabilidade e desenvolvimento

Com o tema central “O mundo em que vivemos: estabilidade e desenvolvimento no século XXI”, a última sessão do encontro anual do Clube Valdai de 2018 contou com diversos temas, principalmente as discussões sobre o Oriente Médio, os países asiáticos e o desenvolvimento econômico global e da Rússia. Ademais, Vladimir Putin comentou sobre o maior estremecimento das relações de seu país com o Ocidente, sobretudo com os Estados Unidos de Donald Trump: para ele, os países ocidentais enfrentavam grandes crises políticas no momento, as quais alimentavam uma retórica anti-russa e dificultavam o estabelecimento de parcerias. Quando questionado sobre o *status* internacional da Rússia e possíveis ameaças para o seu exercício de poder, Putin respondeu:

Então, nesse sentido, nada mudou. Não vamos a lugar nenhum, temos um vasto território e não precisamos de nada de ninguém. Mas valorizamos nossa soberania e independência. Sempre foi assim, em todos os momentos da história do nosso Estado. Corre no sangue do nosso povo, como já disse várias vezes. Nesse sentido, nos sentimos confiantes e tranquilos. [...] Nossa identidade nacional é o que nos torna quem somos. É a nossa cultura e história. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2018, tradução nossa)<sup>139</sup>.

Dessa forma, a proteção não apenas dos interesses regionais da Rússia, mas também da sua identidade, permaneciam centrais para o presidente em 2018. A partir das suas percepções do *Eu* – ou da sua autoimagem, como denominamos ao longo da pesquisa – a Rússia seria capaz não apenas de afirmar o seu lugar entre as potências do sistema, mas também redefinir suas relações preferenciais e buscar parcerias mais vantajosas, por exemplo a partir da maior aproximação com a China. Tanto as intervenções militares no Oriente Médio quanto a anexação da Crimeia foram responsáveis pelo afastamento da Rússia em relação aos Estados Unidos e à

---

<sup>139</sup> No original: “So, in this sense, nothing has changed. We are not going anywhere, we have a vast territory, and we do not need anything from anyone. But we value our sovereignty and independence. It has always been this way, at all times in the history of our state. It runs in the blood of our people, as I have repeatedly said. In this sense, we feel confident and calm. [...] Our national identity is what makes us who we are. It is our culture and history.” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2018).

União Europeia, sobretudo em termos políticos e econômicos. Entretanto, embora costumemos nos referenciar a uma “virada para o leste” da política externa russa, é importante deixar claro que a relação com os países da Ásia não ocorre da mesma forma:

No entanto, o Japão impôs sanções contra nós. Você acha que isso parece um passo para aumentar a confiança? O que a Síria ou a Crimeia têm a ver com o Japão? Por que vocês fizeram isso? Para aumentar a confiança? No entanto, ainda não recusamos; nós estamos prontos para continuar este diálogo. Não estamos evitando contatos. Agora há pouco, seu colega chinês fez uma pergunta. Nós temos tido uma discussão sobre questões territoriais com a China por muitos anos, por 40 anos, na verdade. Você consegue imaginar isso? Quarenta anos. As relações Rússia-China viram muito naquela época, mas no final assinamos um acordo de amizade. E chegamos a um nível de entendimento entre a Rússia e a China que é avaliado como sem precedentes por ambos os nossos países. No entanto, a questão territorial ainda não havia sido resolvida naquela época. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2018, tradução nossa)<sup>140</sup>.

Todavia, mesmo com tais diferenças em termos de parcerias, os redirecionamentos dos esforços de política externa em direção à Ásia são evidentes. Nesse sentido, o presidente russo discutiu não apenas sobre o estabelecimento de crescentes acordos econômicos com os atores da região, mas também sobre a gradual substituição do dólar pelas moedas locais em transações comerciais como uma forma de forjar alianças independentes do sistema financeiro global, como o SWIFT. De certa forma, tais relações e manobras foram preparações fundamentais para o posterior isolamento russo em relação aos países ocidentais em decorrência do conflito com a Ucrânia. Como o discurso realizado em 2019 também teve a Ásia como tema central, decidimos unir as análises de ambos os anos:

Naturalmente, tendo usado com eficácia e sabedoria as oportunidades da globalização e tendo se tornado líderes econômicos, os Estados asiáticos estão se esforçando para desempenhar um papel maior na política mundial. Este é um processo absolutamente natural. Eles defendem suas próprias opiniões sobre questões internacionais importantes, valorizam sua independência e esperam que sua influência objetivamente crescente seja reconhecida. Acreditamos que isso é justo e atende às realidades de hoje e de amanhã. [...] O mundo tornou-se multipolar e, portanto, mais complicado em grande parte devido aos países asiáticos. Mas, como eu disse, a multipolaridade como tal não é uma panaceia. Tampouco significa que os problemas urgentes desaparecerão

---

<sup>140</sup> No original: “*However, Japan has imposed sanctions against us. Do you think this looks like a step towards increasing trust? What does Syria or Crimea have to do with Japan? Why did you do it? To increase trust? Yet, we still do not refuse; we are ready to continue this dialogue. We are not avoiding contacts. Just now, your Chinese colleague asked a question. We have been having a discussion over territorial issues with China for many years, for 40 years, in fact. Can you imagine that? Forty years. Russia-China relations saw a lot in that time, but in the end, we signed a friendship agreement. And we have reached a level of understanding between Russia and China that is assessed as unprecedented by both our countries. However, the territorial issue had not been resolved yet by that time.*” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2018).

por si mesmos. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2019, tradução nossa)<sup>141</sup>.

Em ambos os anos, pensar as formas de desenvolver econômica e socialmente uma Rússia cada vez mais afastada das potências ocidentais se manteve no centro das discussões, tendo em vista os grandes desafios enfrentados pelo país nesse sentido. A consolidação de novas parcerias e alianças foi fundamental para a política externa do período, a qual esteve focada em renegociar os termos da participação russa em termos globais.

### 5.2.8 2020: Um mundo em isolamento

Devido à emergência da pandemia de Covid-19, com as suas diversas consequências em todo o mundo, a reunião de 2020 foi inteiramente dedicada aos debates sobre a insegurança em termos de saúde global. Nesse cenário de maior isolamento entre os países, a questão dos interesses nacionais se tornou mais latente em diversos discursos políticos, inclusive àquele do presidente russo no Valdai. A insegurança física do país não esteve mais ligada exclusivamente às questões militares, mas sim ao fechamento de fronteiras para a proteção da população contra a doença, ao envio internacional de vacinas, ao comércio de insumos essenciais etc. Apesar de ser um momento importante para a história mundial recente, o discurso de Vladimir Putin em 2020 foge dos objetivos da nossa análise, embora possamos comentar que a pandemia foi mais um fator responsável pelo gradual distanciamento entre a Rússia e o Ocidente.

## 5.3 Conclusões do capítulo: a autoimagem da Rússia segundo seu presidente

Ao longo do presente capítulo, buscamos capturar as formas de autopercepção ou autoimagem da Rússia através dos pronunciamentos de Vladimir Putin nos encontros anuais do Clube Valdai de Discussão Internacional, um espaço de debate entre acadêmicos e líderes políticos. Da mesma forma que a análise realizada no capítulo anterior em relação aos *Valdai Papers*, utilizamos o *software* MAXQDA para codificar os discursos de Putin nos encontros de

---

<sup>141</sup> No original: “*Naturally, having effectively and wisely used the opportunities of globalization and having become economic leaders, the Asian states are striving to play a bigger role in world politics. This is an absolutely natural process. They uphold their own opinions on key international issues, treasure their independence and hope that their objectively increasing influence will be recognized. We believe this is only fair and meets the realities of today and tomorrow. [...] The world has become multi-polar and, hence more complicated largely owing to the Asian countries. But, as I have said, multi-polarity as such is not a cure-all. Nor does it mean that urgent problems will disappear by themselves.*” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2019).



2012 a 2020, com o objetivo de compreender quais os temas mais relevantes em cada uma das reuniões. Posteriormente, realizamos uma análise qualitativa de alguns excertos de tais pronunciamentos como forma de contextualizar tais discussões e compreender a localização da Rússia em relação aos países do Ocidente dentro do espectro entre cooperação e conflito.

Embora seja possível perceber uma mudança nas prioridades da política externa russa ao longo do período analisado, bem como uma mudança de comportamento em relação ao posicionamento da Rússia no mundo, não necessariamente houve uma mudança em sua autopercepção. Como descrevemos anteriormente, já em 2013 o presidente russo fazia menções sobre a identidade do Estado enquanto uma potência natural, sobretudo devido às suas capacidades materiais; discurso este que é reiterado nos anos seguintes na medida em que a cooperação com as potências ocidentais se torna mais difícil. Entretanto, foi possível observar a gradual reconstrução de tal identificação a partir do aprofundamento de tendências mais conservadoras, nacionalistas e críticas aos países ocidentais. A partir do momento em que a Rússia se tornou uma inimiga para o Ocidente, ao menos em termos discursivos, as alianças buscadas pelo país também se movimentaram rumo ao eixo asiático, a partir da defesa da multipolaridade como solução para o desequilíbrio de poder no sistema.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos a presente pesquisa em 2021, a pergunta que nos norteava era se as mudanças de comportamento da Rússia no sistema internacional poderiam ou não indicar uma mudança na própria identidade do Estado, tendo em vista que observávamos atitudes mais conservadoras, incisivas e, por vezes, agressivas em relação aos países ocidentais e seus valores. Especialmente no caso russo, o questionamento sobre a sua identidade sempre foi um objeto explorado por pesquisadores, escritores e políticos, uma vez que a Rússia é um país multiétnico localizado na intersecção entre a Europa e a Ásia ou, em termos mais gerais, entre o Ocidente e o Oriente. Ao ocupar o espaço intermediário entre duas grandes formações subjetivas distintas, a delimitação sobre *o que é ser russo* e suas características principais se torna mais fluida.

Ao compreendermos a identidade como um aspecto relacional, a pergunta que se deve fazer é qual a identidade de um ator em relação ao outro, uma vez que as interações entre eles são responsáveis por moldar as suas compreensões do *Eu* e do *Outro*. Embora seja possível analisar a identidade russa em relação à inúmeros atores diferentes, como a China e outros países asiáticos, por exemplo, optamos por concentrar nossa análise nas relações da Rússia com o Ocidente, uma vez que são historicamente debatidas entre os próprios russos. Ademais, é em relação aos países ocidentais que observamos o maior número de tensões nos últimos anos, tanto em termos discursivos e políticos como econômicos e militares. Nesse sentido, buscamos retomar as relações da Rússia com o Ocidente desde os anos 1990 até 2012, período em que começamos nossa análise mais aprofundada.

Conforme abordamos inicialmente, existem inúmeras definições sobre o conceito de identidade, tendo em vista que não há consenso entre os pesquisadores a respeito dos seus elementos fundamentais. Ademais, quando pensamos em um Estado, não existe apenas uma única identidade definida e compartilhada entre todos os seus indivíduos, mas sim um conjunto de identificações – complementares ou conflituosas – que coexistem dentro de uma mesma estrutura política. Optamos, portanto, pela definição de Stefano Guzzini, segundo a qual as identidades dos Estados são formadas a partir da sua autopercepção e da sua projeção internacional; além de escolhermos analisar a identidade do Estado russo, e não da sua sociedade. Buscamos compreender, a partir de tal conceito, como a Rússia percebe a si mesma e como o país se projeta no sistema internacional, com ênfase nas relações com os países ocidentais.

A partir do panorama histórico apresentado no segundo capítulo, percebemos que o *Outro ocidental* sempre esteve presente no imaginário russo, havendo uma tensão permanente entre o espelhamento e a afirmação independente. Nesse sentido, é clara a influência do Ocidente – primeiro da Europa, e depois dos Estados Unidos – na formação da identidade russa em ambos os níveis que analisamos, uma vez que o Kremlin alterou tanto a sua autoimagem quanto a sua projeção internacional de acordo com a percepção que tinha desses países. Ao longo da história, as relações entre o Estado russo e os Estados ocidentais passaram por diversas alterações dentro do espectro entre a cooperação e o conflito, sendo possível afirmar que constituem um elemento importante na formação de suas próprias identificações. No futuro, tão interessante quanto analisar a identidade russa a partir das influências ocidentais seria observar como a identidade do mundo Ocidental se constituiu a partir da presença russa na Eurásia.

Para a melhor compreensão do Estado russo na atualidade, a retomada histórica faz-se importante devido às muitas semelhanças entre suas formações políticas, bem como os elementos que as distinguem entre si. Partimos, então, de dois pontos: a percepção histórica russa de pertencimento a um lugar de grande potência, e o período de intensa fragilidade nos anos 1990. Após o colapso soviético, as três grandes crises enfrentadas pela Rússia – econômica, política e social – foram responsáveis não apenas pelo intenso enfraquecimento de suas condições materiais, mas sobretudo por alterar a percepção global de que o Estado russo não mais detinha o antigo *status* de grande potência. Havia, portanto, inconsistências entre a autoimagem russa, sua projeção internacional e a percepção dos outros países sobre a sua identidade.

Tais inconsistências se tornaram menores no momento em que Vladimir Putin assumiu o cargo de presidente da Federação Russa, dando início às reformas econômicas e sociais que possibilitaram a retomada do crescimento russo, sobretudo por meio da instrumentalização do seu setor energético. Na medida em que as condições materiais do país foram gradualmente retomadas, a questão da sua identidade – ou do seu *status* internacional – voltou a adquirir relevância entre os tomadores de decisão, os quais procuraram projetar a Rússia novamente como uma grande potência do sistema internacional. Entretanto, como argumentamos anteriormente, tal projeção não depende exclusivamente de um ato de vontade unilateral russo, mas também da percepção dos demais atores e, em certa medida, da relação que surgirá entre eles. Conforme buscamos mostrar, a autopercepção russa de potência não foi devidamente projetada internacionalmente durante os primeiros dois mandatos de Putin, uma vez que não houve uma aceitação completa das potências ocidentais em relação à inclusão dos russos e seus interesses.

Entretanto, nesse momento a Rússia ainda buscava se integrar ao centro global por meio do estabelecimento de relações amigáveis que permitissem a sua inclusão na nova ordem mundial do pós-Guerra Fria, comportamento que majoritariamente se manteve ao longo do governo de Dmitri Medvedev. Dessa forma, olhamos para o ano de 2012 não como um momento de ruptura com o período anterior, mas como um marco nas relações entre a Rússia e o Ocidente ao significar não apenas o retorno de Vladimir Putin à presidência, mas também o aprofundamento de tendências nacionalistas e conservadoras no Kremlin. É a partir desse momento, portanto, que nos questionamos sobre uma possível reconstrução de identidade do Estado russo ao se projetar internacionalmente de forma mais incisiva em relação aos seus pares ocidentais.

Dividimos a análise empírica em duas partes: primeiro observamos como ocorreu uma das formas de projeção internacional russa a partir do Clube Valdai de Discussão Internacional entre 2012 e 2020; e posteriormente buscamos compreender a autoimagem russa no mesmo período por meio dos discursos de Vladimir Putin nos encontros anuais do clube. É preciso adiantar, entretanto, que as evidências encontradas não são suficientes para afirmar que houve uma mudança da própria identificação estatal: embora o comportamento russo de fato tenha sido alterado nesse período, o que pudemos perceber principalmente na mudança da autoimagem promovida pelo presidente nos últimos anos, não necessariamente a sua projeção internacional mudou da mesma forma. Ademais, é preciso considerar que, pelo menos desde o período imperial, a Rússia se considera uma grande potência do sistema e vive um dilema constante em relação a como participar desse mesmo sistema em relação aos demais atores. Os elementos mais basilares da sua identidade, portanto, não foram drasticamente alterados no período analisado.

De todo modo, seria coerente nos questionarmos quanta mudança seria necessária para afirmarmos haver alguma mudança em termos de identidade, uma vez que a subjetividade do conceito não nos permite o simples cálculo matemático. Todavia, não estaríamos então observando um pequeno intervalo de um processo mais amplo e ainda inacabado? Os recentes acontecimentos na Ucrânia nos levam a crer que sim, visto que cada vez mais parece haver uma decisão russa em termos do antigo dilema em relação ao *Outro ocidental*, optando pela sua afirmação independente em detrimento da mimetização ou mesmo da integração. Nesse sentido, os discursos de Putin nos encontros anuais de 2021 e 2022 foram carregados de críticas mais contundentes em relação ao mundo Ocidental, bem como de uma afirmação mais firme do lugar ocupado pela Rússia nessa nova ordem multipolar:

A importância de um suporte sólido na esfera da moral, ética e de valores está aumentando dramaticamente no frágil mundo moderno. Na verdade, os valores são um produto, um produto único do desenvolvimento cultural e histórico de qualquer nação. O entrelaçamento mútuo das nações definitivamente os enriquece, a abertura expande seus horizontes e permite que eles tenham um novo olhar sobre suas próprias tradições. Mas o processo deve ser orgânico e nunca pode ser rápido. Quaisquer elementos alienígenas serão rejeitados de qualquer maneira, possivelmente sem rodeios. Qualquer tentativa de forçar os valores de alguém com um resultado incerto e imprevisível só pode complicar ainda mais uma situação dramática e geralmente produzir a reação oposta e um oposto de o resultado pretendido. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2021, tradução nossa).<sup>142</sup>

O poder global é exatamente o que o chamado Ocidente definiu em seu jogo. Mas este jogo é certamente perigoso, sangrento e, eu diria, sujo. *Ele nega a soberania dos países e povos, sua identidade e singularidade, e atropela os interesses de outros Estados.* De qualquer forma, mesmo que negação não seja a palavra usada, eles estão fazendo isso na vida real. Ninguém, exceto aqueles que criam essas regras que mencionei, têm o direito de manter sua identidade: todos os outros devem cumprir essas regras. (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2022, grifo nosso, tradução nossa).<sup>143</sup>

Os excertos acima, retirados dos discursos de Vladimir Putin nos encontros anuais do Clube Valdai de 2021 e 2022, são pequenas amostras da atual autoimagem russa como crítica da modernidade e defensora dos seus próprios valores e sua própria identidade frente à globalização e às tentativas de universalização com bases ocidentais. Embora tais características já tivessem aparecido anteriormente – ao longo do trabalho, citamos o discurso de Putin na Conferência de Segurança de Munique em 2007, bem como o discurso no Valdai em 2013, por exemplo – é apenas nos últimos anos que seu uso se torna mais sistemático por parte do presidente, que passa a enfatizar questões relacionadas à insegurança ontológica russa.

De acordo com a análise de conteúdo referente aos *Valdai Papers*, os temas relacionados à identidade e à insegurança ontológica da Rússia não receberam destaques nas publicações ao longo do período analisado, dando lugar aos temas do desenvolvimento econômico e da insegurança física do país. Nesse sentido, de acordo com nosso argumento, a projeção

---

<sup>142</sup> No original: “*The importance of a solid support in the sphere of morals, ethics and values is increasing dramatically in the modern fragile world. In point of fact, values are a product, a unique product of cultural and historical development of any nation. The mutual interlacing of nations definitely enriches them, openness expands their horizons and allows them to take a fresh look at their own traditions. But the process must be organic, and it can never be rapid. Any alien elements will be rejected anyway, possibly bluntly. Any attempts to force one’s values on others with an uncertain and unpredictable outcome can only further complicate a dramatic situation and usually produce the opposite reaction and an opposite from the intended result.*” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2021).

<sup>143</sup> No original: “*Global power is exactly what the so-called West has at stake in its game. But this game is certainly dangerous, bloody and, I would say, dirty. It denies the sovereignty of countries and peoples, their identity and uniqueness, and tramples upon other states’ interests. In any case, even if denial is the not the word used, they are doing it in real life. No one, except those who create these rules I have mentioned is entitled to retain their identity: everyone else must comply with these rules.*” (RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2022).

internacional russa seguiu um caminho distinto daquele proposto pelo presidente da Federação, com menos indícios de uma ruptura ou mesmo um afastamento em relação ao Ocidente. Entendemos que existem duas explicações principais para os resultados obtidos: a primeira é que de fato a classe acadêmica especializada em Rússia esteja mais preocupada em pensar fatores econômicos e militares tendo em vista os acontecimentos que marcaram o período analisado, seguindo uma linha de pesquisa mais “realista” em relação à participação russa no sistema internacional; a segunda é que os documentos analisados são, em sua maioria, produzidos por pesquisadores estrangeiros que se dedicam ao estudo da Rússia, mas que não necessariamente consideram a questão da identidade como um fato latente da sua política externa. Não descartamos a possibilidade de um resultado distinto caso a nossa análise tivesse sido realizada unicamente com pesquisadores russos.

De todo modo, pudemos observar uma tendência de radicalização do regime Putin e, possivelmente, um processo ainda em andamento de redefinição do *Eu russo* frente ao *Outro ocidental*. Ademais, levando em consideração o caráter ontológico da nossa pesquisa e, portanto, a impossibilidade de determinar com precisão o que constitui ou não uma mudança de identidade de um Estado, as alterações observadas na autoimagem russa nesse período são indicativas de um momento de reconstrução das bases de identificação do Estado russo a partir de ideais nacionalistas e tradicionalistas. Longe de esgotarmos a temática abordada, pesquisas futuras podem dar continuidade a esse trabalho não apenas observando os aspectos sobre os quais nos debruçamos, mas adicionando elementos como a participação da Igreja Ortodoxa Russa e do *Outro oriental* no repensar russo sobre si mesmo, entre outros.

## REFERÊNCIAS

- ABIRU, Taisuke. *Japan and the development of the Russian far East*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- ACHARYA, A.; BUZAN, B. *The Making of Global International Relations: Origins and Evolution of IR at its Centenary*. Cambridge, Cambridge University Press, 2019.
- AFONTSEV, Sergey. *Prospects for the transatlantic trade and investment partnership vis à vis Russia's interests*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- AKSENVONOK, Alexander. *The Syrian crisis: a thorny path from war to peace*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- ALBUQUERQUE, F.; PACHECO, C.; LEITE, A.; & FUCCILLE, A. *A instrumentalização do setor energético sob Putin-Medvedev (2000-2018) e o retorno russo ao tabuleiro geopolítico internacional*. Revista de Relaciones Internacionales, Estrategia y Seguridad. Vol. 16 (1), 2021.
- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *O fim do homem soviético*. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.
- ALTINAY, Hakan. *The good news you haven't heard and then some inconspicuous deliberations*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado Absolutista*. São Paulo, Editora Unesp, 2013.
- APOLINÁRIO JR, L. & BRANCO, G. D. *The BRICS countries and the Russia-Ukraine conflict*. Carta Internacional, 2022, p. 1-25.
- ARAPOVA, E. & DUGGAN, N. *On the brink: contemporary transformation of China's economic growth model*. Valdai Papers, 2020. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- ARAPOVA, E. & LISSOVOLIK, Y. *BRICS+: the global south responds to new challenges (in the context of China's BRICS chairmanship)*. Valdai Papers, 2022. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- ARBATOV, Alexey. *Understanding the US–Russia Nuclear Schism*. Survival, Vol. 59 (2), 2017.
- ARKHANGELSKAYA, Alexandra & TAYLOR, Ian. *What Africa needs*. Valdai Papers, 2014. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

AVATKOV, Vladimir. *Defense through leadership: turkey on the eve of its constitutional referendum*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

BAGCI, Hüseyin. *Strategic depth in Syria. From the beginning to Russian intervention*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

BAKLITSKIY, A. & WEITZ, R. *The Iranian deal: opportunities and obstacles for Russian-US cooperation*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

BARABANOV, O. & WEITZ, R. *Nuclear fears after Ukrainian crisis*. Valdai Papers, 2014. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

BARU, Sanjaya. *The Asian mirror for the Far East: an Indian perspective*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

BEAUFRE, A. General. *Introducción a la Estrategia*. Argentina, Editorial Rioplatense, 2002.

BENDETT, Samuel. *Battle robots' rivalry and the future of war*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

BERENSKOETTER, Felix. *Identity in International Relations*. In *The International Studies Encyclopedia*, Vol. VI, 2010, p. 3595-3611.

BERGER, Peter L., & LUCKMANN, Thomas. *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. New York: Anchor Books, 1967.

BERGER, Peter L., & LUCKMANN, Thomas. *Construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. 36ª edição. Petropolis, Editora Vozes, 2014.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo, Companhia de Bolso, 2019.

BERNARDINI, Aurora Fornoni. *Aulas de literatura russa – de Púchkin a Gorenstein*. São Paulo, Editora Kalinka, 2018.

BLAKKISRUD H., ROWE E. W., & VAKULCHUK R. *Russia's Far East initiatives in troubled geopolitical times*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

BORDACHEV, T., LIKHACHEVA, A. & ZHANG, X. *What Asia wants, or the four c's – consumption, connectivity, capital, and creativity*. Valdai Papers, 2014. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

BORDACHEV, Timofey. *Russia and China in Central Asia: the great win-win game*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.



BRUBAKER, Rogers, e COOPER, Frederick. “*Beyond ‘Identity’*”. *Theory and Society*, vol. 29, nº 1, 2000, p. 1–47.

BULL, Hedley. *Sociedade Anárquica: um estudo da ordem na política mundial*. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2002.

BURROWS, M. & MANNING, R. *Kissinger’s nightmare: how an inverted US-China-Russia may be game-changer*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

BUSHKOVITCH, Paul. *História concisa da Rússia*. Edipro, 2020.

BUZAN, Barry. *An Introduction to the English School of International Relations: The Societal Approach*. Cambridge/Malden, MA: Polity, 2014.

BUZAN, Barry. *The English School: an underexploited resource in IR*. *Review of International Studies*, 2001, p. 471-488.

BYSTRISKY, Andrei. *Reviving a species. Why Russia needs a renaissance of professional journalism*. Valdai Papers, Special Edition. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

BYSTRISKY, Andrei. *War is peace*. Valdai Papers, Special Edition. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

CAFRUNY, Alan. *Europe’s twin crisis: the logic and tragedy of contemporary German power*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

CAFRUNY, Alan. *Global trade war? Contradictions of USA trade policy in the Trump Era*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

CHELLANEY, Brahma. *The persistence of nukes: why nuclear weapons remain central to international power*. Valdai Papers, 2014. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2010.

COLBY, Elbridge. *The Role of Nuclear Weapons in the US-Russia Relationship*. Carnegie Endowment for International Peace. 2016.

CLUNAN, L. Anne. *The Social Construction of Russia’s Resurgence. Aspirations, Identity, and Security Interests*. The Johns Hopkins University Press, 2009.

COLLINS, J. & FUTTER, A. *Reflecting on the revolution in military affairs: implications for the use of force today*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

COLLINS, Jeffrey. *The Arctic in an age of geopolitical change: assessment and recommendations*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

CONNOLLY, Richard. *Russia's response to sanctions: how western sanctions reshaped political economy in Russia*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

DA SILVA, Danielle Costa; HERNÁNDEZ, Lorena Granja. *Aplicação metodológica da análise de conteúdo em pesquisas de análise de política externa*. Revista Brasileira de Ciência Política, p. 1-48, 2020.

DALBY, Simon. *Geopolitical Discourse: The Soviet Union as Other*. Alternatives, 1998, p. 415–42.

DAVID, M. & DEYERMOND, R. *Russia in the liberal world order*. In The Routledge Handbook of EU-Russia Relations: Structures, Actors, Issues. Routledge International Handbooks, 2021.

DE BONIS, Antonio. *Mafia: the state and the capitalista economy. Competition or convergence?* Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

DEODATO, E. & BORKOWSKA, I. *Universities as actors and instruments in diplomacy. The academic soft power potential*. Valdai Papers, 2014. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

DESAI, R. & HUDSON, M. *Beyond the dollar creditocracy: a geopolitical economy*. Valdai Papers, 2021. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

DESAI, Radhika. *Common dreams or vulgar delusions? Elite preoccupations in discourses about the 'commons'*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

DESAI, Radhika. *Geopolitical economy: the discipline of multipolarity*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

DIESEN, Glenn. *China's geoeconomics and the 'new Cold War'*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

DIESEN, Glenn. *Russia, China and 'balance of dependence' in Greater Eurasia*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

DIESEN, Glenn. *The global resurgence of economic nationalism*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

DINCER, O. & HECAN, M. *The legacy of statehood and its looming challenges in the Middle East and North Africa*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

DONALDSON, Robert H., e Vidya Nadkarni. *The Foreign Policy of Russia: Changing Systems, Enduring Interests*. 6º ed. Routledge, 2018.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O Duplo*. 2º ed. São Paulo: Editora 34, 2020.

DUGIN, Aleksandr. *Contra o Ocidente: Rússia contra-ataca*. Editora Austral, Porto Alegre, 2013.

DUGIN, Aleksandr. *A Quarta Teoria Política*. Versão digital, 2012.

ELSHEIKH, Nourhan. *Islam and global commons: the gap between principles and practices*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

FARDELLA, E. & PRODI, G. *The Belt and Road initiative and its impact on Europe*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

FEKLYUNINA, Valentina. *Soft power and identity: Russia, Ukraine and the 'Russian World(s)'*. European Journal of International Relations, 2016, p. 773-796.

FIGES, Orlando. *A People's Tragedy: A History of the Russian Revolution*. Nova York, Penguin Books, 1998.

FIGES, Orlando. *Uma história cultural da Rússia*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2018.

FREEDOM HOUSE. *Countries and territories*. Disponível em: <https://freedomhouse.org/countries/nations-transit/scores>. Acesso em: 06/11/2022.

FREEDOM HOUSE. *Freedom in the World 2013: Democratic breakthroughs in the balance*. Washington, 2013.

FREEMAN, Alan. *High end labor: the foundation of the 21<sup>st</sup> century industrial strategy*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

FREEMAN, Alan. *How many people need die? The real alternative to herd immunity*. Valdai Papers, 2020. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

FREUD, Sigmund. *O inquietante*. In: Freud (1917-1920) "O homem dos lobos" e outros textos. Companhia das Letras, 2010.

FRIEDMAN, George. *Strategic forecasting: the impersonal dimension of intelligence*. Valdai Papers, 2014. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

FUTTER, Andrew. *Nuclear weapons in the cyber age: new challenges for security, strategy and stability*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

FUTTER, Andrew. *Why we must prohibit cyberattacks on nuclear systems: the case for pre-emptive US-Russia arms control*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

FRYE, Timothy. *Weak Strongman. The Limits of Power in Putin's Russia*. New Jersey, Princeton University Press, 2021.

GOLDSTEIN, Judith & KEOHANE, Robert O. *Ideas and Foreign Policy: An Analytical Framework*. In *Ideas and Foreign Policy: Beliefs, Institutions, and Political Change*. Nova York, Cornell University Press, 1993.

GRIGORYEV, D. & SOMMERS, J. *Alt-right: a rise of radical alternative rightist movements in the Trumpist framework*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

GROTEHUIS, René. *Nation and State*. In: *Nation-Building as Necessary Effort in Fragile States*. Amsterdam University Press, 2016.

GROTEHUIS, René. *Nation-building: Identity and identification, process and content*. In: *Nation-Building as Necessary Effort in Fragile States*. Amsterdam University Press, 2016.

GUZZINI, Stefano. *A Reconstruction of Constructivism in International Relations*. *European Journal of International Affairs*, 2000, p. 147–82.

GUZZINI, Stefano. *O Retorno da Geopolítica na Europa? Mecanismos sociais e crises de identidade de política externa*. Editada Unesp, 2020.

HAAS, Peter M. *Introduction: Epistemic Communities and International Policy Coordination*. *International Organization*, vol. 46, n. 1, 1992, p. 1-35.

HAN, Hongyul. *Uncertain world economy: time to manage the global governance*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

HANCOCK, Kathleen. *Russia: Great power image versus economic reality*. *Asian Perspective*, vol. 31, n. 4, 2007, p. 71-98.

HAUCK, Juliana. *What are 'Think Tanks'? Revisiting the Dilemma of the Definition*. *Brazilian Political Science Review*, 2017, p. 1-30.

HIEKONEN, Nina. *The Issue of Russian Identity*. Tese (Mestrado em Relações Internacionais) – Departamento de Ciência Política na University of Tampere.

HOPF, Ted. *Social Construction of International Politics. Identities & Foreign Policies, Moscow, 1955 and 1999*. Cornell University Press, Nova York, 2002.

HOPF, Ted. *Discourse and Content Analysis: Some Fundamental Incompatibilities*. Qualitative Methods, 2004, p. 31-33.

HUNTINGTON, Samuel. *The clash of civilizations and the remaking of World Order*. Nova York, Simon & Schuster Paperbacks, 1996.

IOFFE, Julia. *Vladimir the unstable. For Putin, the third time might not be the charm*. Foreign Policy, 2012. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2012/05/07/vladimir-the-unstable/>. Acesso em: 06/11/2022.

JAE-YOUNG, Lee. *Russian far east development from Korean perspective*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

JAE-YOUNG, Lee. *The new northern policy and Korean-Russian cooperation*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

KACZMARSKA, Katarzyna. *Academic Community and Policymaking in Russia. Impact or Detachment?* Problems of Post-Communism, 2019, p. 240-252.

KAGARLITSKY, Boris. *Marxism in the post-globalization era*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

KARAGANOV, S., CHERNIAVSKAIA, K., NOVIKOV, D. *Russian Foreign Policy: Risky Successes*. Harvard International Review, 2016, p. 74-79.

KARAGIANNIS, Emmanuel. *The social roots of islamist militancy in the West*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

KASANTSEV, A. *Central Asia: secular statehood challenged by radical Islam*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

KASHIN, Vasily. *Industrial cooperation: path to confluence of Russian and Chinese economies*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

KENNEDY, Paul. *The rise and the fall of the Great Powers. Economic change and military conflict from 1500 to 2000*. Nova York, Vintage Books, 1989.

KEOHANE, Robert O. *Ideas part-way down*. Review of International Studies, 2000, p. 125-130.

KIKUCHI, Tomoo. *The prospects of international economic order in Asia Pacific: Japan's perspective*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

KLOTZ, Audie. & LYNCH, Cecilia. *Strategies for Research in Constructivist International Relations*. M. E. Sharpe, Nova York, 1962.

- KOBAYASHI, Kazushige. *Whose liberal international order? The remaking of Eurasia and the shifting balance of international ideas*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- KOFMAN, Michael. *Great power competition in the 21st century*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- KOHN, Hans. *The Idea of Nationalism: A Study in its Origins and Background*. Routledge, 2005.
- KOLDUNOVA, Ekaterina. *Russia as a Euro-Pacific power: Dilemmas of Russian foreign policy decision-making*. *International Relations*, 2015, p. 378-394.
- KONSTANTAKOPOULOS, Dimitris. *Lessons of the Greek tragedy*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- KOROLEV, Alexander. *Australia's approach to cooperation with Russia*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- KUBÁLKOVÁ, Vendulka. *Foreign Policy in a Constructed World*. Routledge, Nova York, 2015.
- KUCHINS, Andrew; ZEVELEV, Igor. *Russian Foreign Policy: Continuity in Change*. *The Washington Quarterly*, 2012, p. 147-161.
- KUZNETSOV, A. & IVANOVA, K. *De-dollarization in the EAEU member states: key trends and prospects*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- KUZNETSOV, Vasily. *The Islamic state: an alternative statehood?* Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- LA NEUVILLE, Thomas. *Winter and spring together, geocultural signs of renewal throughout Europe*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- LACHMANN, Richard. *Anti-elite protests and the future of democracy*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- LADI, S.; LAZAROU, E.; HAUCK, J. *Brazilian think tanks and the rise of austerity discourse*. *Policy and Society*, 2017, p. 222-242.
- LANKOV, Andrei. *The summit in Singapore and the failure of Donald Trump's diplomacy*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- LEGVOLD, Robert. *Into the unknown: US-Russian relations unhinged*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

LEGVOLD, Robert. *Russian Foreign Policy in the Twenty-first Century and the Shadow of the Past*. Studies of the Harriman Institute Columbia University. Columbia University Press, 2007.

LEICHTOVA, Magda. *Misunderstanding Russia: Russian Foreign Policy and the West*. Ashgate Publishing Limited, 2014.

LEVADA Center. *Complaints against the actions of the government. Moscou, 1999-2018*. Disponível em: <https://www.levada.ru/en/2019/01/25/complaints-against-the-actions-of-the-government/>. Acesso em: 29/08/2022.

LEVADA Center. *National Identity and Pride*. Moscou, 1992-2018. Disponível em: <https://www.levada.ru/en/2019/01/25/national-identity-and-pride/>. Acesso em: 29/08/2022.

LEVADA Center. *Maidan and Russia-Ukraine relations*, 2016. Disponível em: <https://www.levada.ru/en/2016/04/05/maidan-and-russia-ukraine-relations/>. Acesso em: 20/10/2021.

LEVY, Philip. *The future of the global trading system*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

LISSOVOLIK, Y. & IVANOVA, K. *Keynes revisited: delivering growth impulses in the global economy*. Valdai Papers, 2020. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

LISSOVOLIK, Y. & UZAN, M. *The new global governance: towards a more sustainable framework*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

LISSOVOLIK, Y. & ZHANG, H. *Globalization: new pathways along the south-south axis*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

LISSOVOLIK, Yaroslav. *BRICS-plus: alternative globalization in the making?* Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

LOSEV, Alexander. *Trumponomics: early results. The erosion of pax americana and slowdown of globalization*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

LUKIN, Alexander. *Shanghai cooperation organization: looking for a new role*. Valdai Papers, Special Edition. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

LUZZANI, Telma. *Another history (story) of Latin America*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

MACKINDER, Sir Halford John. *The Geographical Pivot of History*. Place of publication not identified: Cosimo Classics, 2020.

- MAFFETTORE, Sebastiano. *Just war and humanitarian intervention*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- MANKOFF, Jeffrey. *Russian Foreign Policy: The Return of Great Power Politics (Council on Foreign Relations Books (Rowman & Littlefield))*, 2009.
- MANNING, Robert. *US Indo-Pacific strategy: myths and reality*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- MARCHETTI, Raffaele. *Civil society in conflicts: from escalation to militarization*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- MARKEDONOV, Sergey. *Russia-Turkey relations and security issues in the Caucasus*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- MARYASIS, Dmitry. *Economic integration in the Middle East: problems and prospects*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- MASLOVSKY, Mikhail. *Russia against Europe: A clash of interpretations of modernity?* European Journal of Social Theory, 2019, p. 533–547.
- McCONNELL, Bruce. *The network and the role of the state*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- McDONNELL, Lawrence. *Russia's world cup and its legacy*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- MEARSHEIMER, John J. *The Tragedy of Great Power Politics*. W.W. Norton & Company, Nova York, 2014.
- MESTRUM, Francine. *Social commons: a new alternative to neoliberalism*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- MILLER, Alexei. *The Russian Revolution of 1917: history, memory, and politics*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- MITZEN, Jennifer. *Ontological Security in World Politics: State Identity and the Security Dilemma*. European Journal of International Relations, 2006, p. 341–70.
- MYERS, Steven Lee. *O Novo Czar – Ascensão e reinado de Vladimir Putin*. Barueri, Editora Manole, 2018.
- NATIONAL Security Archive. *NATO Expansion: What Gorbachev Heard*. Disponível em: <https://nsarchive.gwu.edu/briefing-book/russia-programs/2017-12-12/nato-expansion-what-gorbachev-heard-western-leaders-early>. Acesso em: 15/07/2021.



NATO, *Member Countries*. Disponível em: <https://www.nato.int/nato-welcome/index.html>. Acesso em: 07/09/2022.

NAUMKIN, Vitaly. *Middle East crisis: foreign interference and an orgy of extremism*. Valdai Papers, 2014. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

NAYDENOVA, Natalia. *Holy Rus: (Re)construction of Russia'' Civilizational Identity*. Slavonica, 2016, p. 37-48.

NIKOGHOSYAN, Hoyhannes. *Great power interventions and the future of responsibility to protect*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

NOCETTI, J. & CHERNENKO, E. *A cyber revolt in the making*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

NOGUEIRA, João P., e MESSARI, Nizar. *Teoria das Relações Internacionais. Correntes e Debates*. 28º ed. Rio de Janeiro: Editora Atlas, 2021.

OUR WORLD IN DATA. *Russia's GDP per capita*. Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/gdp-per-capita-worldbank?tab=chart&country=RUS>. Acesso em: 07/08/2022.

OUR WORLD IN DATA. *Russia's unemployment rate, 1991 to 2021*. Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/unemployment-rate?tab=chart&country=RUS>. Acesso em: 07/08/2022.

PARET, Peter. *Makers of Modern Strategy*. New Jersey: Princeton University Press, 1986.

PARIZ, Tiago. *Índice de commodities do BC fecha 2012 com alta de 10,5%*. G1, 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/01/indice-de-commodities-do-bc-fecha-2012-com-alta-de-105-2.html>. Acesso em: 01/11/2022.

PATRICK, Stewart. *Multilateralism à la carte: the new world of global governance*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

PERON, Alcides. *'No Boots on the Ground': Reflections on the US Drone Campaign through Virtuous War and STS Theories*. Contexto Internacional, vol. 40 (1), 2018.

PERTSEV, Andrey. *Putin, the anti-colonialist. The Kremlin's new model of Russian 'soft power' will fuel anti-western resentment in Southern Europe, South America, Africa, and Asia*. Meduza, 2002. Disponível em: <https://meduza.io/en/feature/2022/11/11/putin-the-anti-colonialist>. Acesso em: 12/12/2022.

PETRÓLEO tipo Brent encerra 2012 com preço recorde. Folha de São Paulo, 2012. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/mercado/2012/12/1208505-petroleo-tipo-brent-encerra-2012-em-preco-recorde.shtml>. Acesso em: 01/11/2022.

PIFER, Steven. *Arms control, security cooperation and US-Russian relations*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

POLETAEV, Dmitry. *From mistrust to solidarity or more mistrust? Russia's migration experience in the international context*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

PREIHERMANN, Yauheni. *Infrastructure connectivity and political stability in Eurasia*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

RADCHENKO, Sergey. *'Nothing but humiliation for Russia': Moscow and NATO's eastern enlargement, 1993-1995*. Journal of Strategic Studies, 2020.

RASZEWSKI, Slawomir. *Global energy and the political dynamics in the Middle East*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

REINHARDT, Roman. *Tweets vs. the officialese: how the language of Russian diplomacy is changing amid the global transition*. Valdai Papers, 2020. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. *Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória*. ALEA, 2005, p. 305-322.

ROGSTAD, Adrian. *Stigma Dynamics: Russia and the Crisis of Liberal Ordering*. Global Studies Quarterly, 2022, p. 1-11.

ROMANOVA, Tatiana. *EU's crisis and its future*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

RÚSSIA, *Address by the President of the Russian Federation*, 2022. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/67828>. Acesso em: 25/01/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club participants*, 2012. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/16717>. Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2013. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/19243> . Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2014. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/46860> . Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2015. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/50548> . Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2016. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/53151> . Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2017. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/55882> . Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2018. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/58848> . Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2019. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/61719> . Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2020. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/64261> . Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2021. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/66975> . Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA, *Meeting with Valdai International Discussion Club*, 2022. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/69695> . Acesso em: 01/02/2023.

RÚSSIA *torna-se o 156º membro da OMC*. G1, 22/08/2012/. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2012/08/russia-torna-se-o-156o-membro-da-omc.html> Acesso em: 25/08/2022.

RUSSIA *Votes*. Centre for the Study of Public Policy University of Strathclyde. Disponível em: [https://www.russiavotes.org/president/presidency\\_result.php](https://www.russiavotes.org/president/presidency_result.php). Acesso em: 06/11/2022.

RÚSSIA, *Speech and the Following Discussion at the Munich Conference on Security Policy*, 2007. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>. Acesso em: 29/09/2022.

RÚSSIA. Presidente (2000 – 2008, 2012 - atualmente: Vladimir V. Putin). *Direcionamento à Assembleia Federal*. Moscou, 4 de dezembro de 2014. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/47173>. Acesso em: 09/09/2021.

RÚSSIA. Presidente (2000 – 2008, 2012 - atualmente: Vladimir V. Putin). *On the Historical Unity of Russians and Ukrainians*, 12 de julho de 2021. Disponível em: <http://en.kremlin.ru/events/president/news/66181>. Acesso em: 22/10/2021.

RUSSIA'S *Dangerous Decline*. Andrea Kendall-Taylor e Michael Kofman. Foreign Affairs, 2022. Disponível em: [https://www.foreignaffairs.com/ukraine/russia-dangerous-decline?utm\\_medium=newsletters&utm\\_source=twofa&utm\\_campaign=Russia's%20Dangerous%20Decline&utm\\_content=20221104&utm\\_term=FA%20This%20Week%20-%20112017](https://www.foreignaffairs.com/ukraine/russia-dangerous-decline?utm_medium=newsletters&utm_source=twofa&utm_campaign=Russia's%20Dangerous%20Decline&utm_content=20221104&utm_term=FA%20This%20Week%20-%20112017). Acesso em: 04/11/2022.

RYAZANTSEV, Sergey. *Labour migration from Central Asia to Russia in the context of the economic crisis*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SAID, Edward. *Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente*. 12a ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2021.

SAKWA, Richard. *'New Cold War' or Twenty Years' Crisis?* Russia and International Politics. *International Affairs*, nº 2, 2008, p. 241–267.

SAKWA, Richard. *Jeremy Corbyn and the politics of transcendence*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SAKWA, Richard. *Putin: Russia's Choice*. 2º ed, 2007.

SAKWA, Richard. *Russia against the rest*. The post-Cold War order. Cambridge University Press, 2018.

SAKWA, Richard. *The new Atlanticism*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SAKWA, Richard. *Trumpery and knavery: looking for the virtuous*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SAROTTE, M. E. *Not one inch. America, Russia, and the making of post-Cold War stalemate*. Yale University Press, 2021.

SAUNDERS, Paul. *US foreign policy after the November 2014 elections*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SCHWARTZ, Herman M. *US policy and globalization: before and after the global financial crisis*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SCHWELLER, Randall. *Rising Powers and revisionism in emerging international orders*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SEGRILLO, Angelo de Oliveira. *Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas (elementos dos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e uma aplicação à análise da Rússia atual)*. Tese de Livre Docência – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

SEGRILLO, Angelo de Oliveira. *De Gorbachev a Putin: A Saga da Rússia do Socialismo ao Capitalismo*. 1º ed. Editora Prismas, 2014.

SERGEEV, V. & ALEKSEENKOVA, E. *Discipline and punish again? Another edition of policy state or back to the Middle Ages*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SHAOLEI F., HENG C. *Developing the Far East and Chinese-Russian relations: new perceptions and new practices*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SHAOLEI, Fend. *The background and prospects of the evolution of China's strategies in the new century*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SHAPIRO, Jacob. *Russia-US relations and the future of Syria*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SHARIKOV, Pavel. *'Russian hackers' in the US election: myths and reality*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SHEIKH, Nourhan. *Arab uncertainty after the 'spring'*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SHOUMIKHIN, Andrei. *Nuclear Weapons in Russian Strategy and Doctrine* in Russian Nuclear Weapons: Past, Present and Future. Strategic Studies Institute, US Army War College, 2011.

SILAEV, N. & SUCHENTSOV, A. *Russia's allies and the geopolitical frontier in Eurasia*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SIMONS, Greg. *Crisis in 21<sup>st</sup> century political warfare*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SPANGER, Hans-Joachim. *Russia's turn eastwards, China's turn westward*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

STENT, Angela. *Restoration and Revolution in Putin's Foreign Policy*. *Europe-Asia Studies*, Vol. 60, No. 6. Agosto, 2008, p. 1089-1106.

STENT, Angela. *The Limits of Partnership: U.S. – Russian Relations in the Twenty-First Century*. New Jersey, Princeton University Press, 2015.

STOVACHEV, Kancho. *A new global common: does global public opinion exist?* Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

STUENKEL, Oliver. *O mundo pós-ocidental. Potências emergentes e a nova ordem global*. Rio de Janeiro, Zahar, 2018.

STUENKEL, Oliver. *The G7 and the BRICS in the post-Crimea world order*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SUSLOV, Dmitry. *Regionalization and chaos in interdependent world*. Global Context by the beginning of 2016. Valdai Papers, 2016b. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SUSLOV, Dmitry. *Without a "common space": a new agenda for Russia-EU relations*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SUSLOV, Dmitry. *World order: quo vadis? In search of a global Westphalia*. Valdai Papers, 2016c. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

SUSLOV, Mikhail. “‘Russian World’ Concept: Post-Soviet Geopolitical Ideology and the Logic of ‘Spheres of Influence’”. *Geopolitics*, 2018, p. 330–353.

TEBIN, Prokhor. *A tranquilizer with a scent of gunpowder. The balance between Russian and NATO forces in Eastern Europe after 2014*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

THAKUR, Ramesh. *Governance for a world without world government*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

TIMOFEEV, Ivan. *A pyrrhic victory: the history of the sanctions war against Iran*. Valdai Papers, 2018. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

TOLSTUKHINA, Anastasia. *EU technological sovereignty and its limits*. Valdai Papers, 2022.

TOLZ, Vera. *Russia: Inventing the Nation*. A & C Black, 2001.

TSYGANKOV, Andrei. *A strong state: theory and practice in the 21<sup>st</sup> century*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

TSYGANKOV, Andrei. *Crafting the State-Civilization: Vladimir Putin's Turn to Distinct Values*. *Problems of Post-Communism*, vol. 63, p. 146-158, 2016.

TSYGANKOV, Andrei. *If Not by Tanks, then by Banks? The Role of Soft Power in Putin's Foreign Policy*. *Europe-Asia Studies*, 2006, p. 1079-1099.

TSYGANKOV, Andrei. *New Challenges for Putin's Foreign Policy*. *Orbis*, 2005, p. 153-165.

TURCHIN, Peter. *Canaries in a coal mine: why the United States is experiencing an epidemic of indiscriminate mass murder*. Valdai Papers, 2017. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

UNNIKRISHNAN, N. & PURUSHOTHAMAN, U. *Indian approaches to multilateral cooperation and institutions in Eurasia*. Valdai Papers, 2019. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

VALDAI Club Foundation. *Valdai Discussion Club*, 2022. Disponível em: <https://valdaiclub.com/about/valdai/>. Acesso em: 08/11/2022.

VAN HERPEN, Marcel. *Putin's Propaganda Machine: Soft Power and Russian Foreign Policy*. Rowman & Littlefield, 2016.

VAN HERPEN, Marcel. *Putinism: The Slow Rise of a Radical Regime in Russia*. Londres, Palgrave Macmillan, 2013.

- VILLAFRANCA, A. & VILLA, M. *Reforming global economic governance: 'public goods' and the role of Russia*. Valdai Papers, 2014. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- VINOKUROV, E. & TSUKAREV, T. *Agenda for the EEU economy*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- VUCETIC, Srdjan. *Identity and Foreign policy*. Oxford Research Encyclopedia of politics, 2017.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *Semi-Peripheral Countries and the Contemporary World Crisis*. Theory and Society, 1976, p. 461–83.
- WATSON, A.; BULL, H. *The Expansion of International Society*. Oxford, Oxford University Press, 1984.
- WEBER, Robert P. *Basic Content Analysis*. Sage Publications, 1990.
- WENDT, Alexander. *On constitution and causation in International Relations*. Review of International Studies, 1998, p. 101–17.
- WENDT, Alexander. *Anarchy is what States Make of it: The Social Construction of Power Politics*. International Organization, Vol. 46, No. 2. 1992, p. 391-425.
- WENDT, Alexander. *Social Theory in International Politics*. Cambridge University Press, [s.d.].
- WHITE, Stephen & MCALLISTER, Ian. *The Putin Phenomenon*. Journal of Communist Studies and Transition Politics, 2008, p. 604-628.
- WOHLFORTH, William. *The return of realpolitik: stability vs. change in the US-led world order*. Valdai Papers, 2015. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- WORLD Trade Organization. *China*, Geneva. Disponível em: [https://www.wto.org/english/thewto\\_e/acc\\_e/a1\\_chine\\_e.htm](https://www.wto.org/english/thewto_e/acc_e/a1_chine_e.htm). Acesso em: 08/09/2022.
- \_\_\_\_\_. *Russian Federation*, Geneva. Disponível em: [https://www.wto.org/english/thewto\\_e/acc\\_e/a1\\_russie\\_e.htm](https://www.wto.org/english/thewto_e/acc_e/a1_russie_e.htm). Acesso em: 08/09/2022
- YARLYKAPOV, Akhmet. *Russian Islam and the situation in the Middle East*. Valdai Papers, 2016. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- YERMAKOV, Alexander. *There's a country for old planes. Why Cold War era fighter jets do not retire and are set to share the skies with drones*. Valdai Papers, 2022. Disponível em: <https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.
- ZEHFUSS, Maja. *Constructivism and Identity: A Dangerous Liaison*. European Journal of International Relations, 2001, p. 315–48.

ZHEBIT, Alexander. *A Rússia na ordem mundial: com o Ocidente, com o Oriente ou um pólo autônomo em um mundo multipolar?* Revista Brasileira de Política Internacional, 2003, p. 153-181.

ZONOVA, Tatiana & REINHARDT, Roman. *Main vectors of Russia's foreign policy (1991-2014)*. Rivista di Studi Politici Internazionali, 2014, p. 501-516.

ZYGAR, Mikhail. *The Russian Reset that Never Was*. Foreign Policy, 09/12/2016. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2016/12/09/the-russian-reset-that-never-was-putin-obama-medvedev-libya-mikhail-zygar-all-the-kremlin-men/>. Acesso em: 28/09/2022.

ZYGAR, Mikhail. *Todos os homens do Kremlin*. Os bastidores do poder na Rússia de Vladimir Putin. São Paulo, Vestígio, 2018.















APÊNDICE G - Nuvem de palavras dos *Valdai Papers* publicados em 2020



Fonte: Criação nossa, com base em VALDAI PAPERS, 2020. Disponível em:

<https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.

APÊNDICE H - Nuvem de palavras dos *Valdai Papers (Special Issues)*



Fonte: Criação nossa, com base em VALDAI PAPERS. *Special Issues*. Disponível em:  
<https://valdaiclub.com/a/valdai-papers/>. Acesso em: 18/10/2022.